

AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

MAYA BANKS



DELÍRIO

LIVRO DOIS DA TRILOGIA *BREATHLESS*

*Quinta Essência**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Ficha Técnica Copyright © 2013 Maya Banks

Todos os direitos reservados.

Versão brasileira © 2013, Texto Editores Ltda.

Título original: Fever

Diretor editorial: Pascoal Soto Editora executiva: Maria João Costa Editora assistente: Denise Schittine Assessor editorial: Bruno Fiuza Preparação de texto:

Thais Lopes Revisão de texto: Beatriz Sarlo Design de capa: Rita Frangie / Adaptação: Trio Studio Produção Gráfica

Direção: Marcos Rocha

Gerência: Fábio Menezes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Banks, Maya

Delírio / Maya Banks; tradução de Débora Salles. – Rio de Janeiro: LeYa, 2013.

Título original: Fever

ISBN 9788580448894

1. Literatura americana 2. Relação homem-mulher - ficção 3. Ficção erótica I. Título
13-0525 CDD 813.6

2013

Todos os direitos desta edição reservados a TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil www.leya.com.br

*Para os amigos realmente fantásticos que sempre me apoiam.
Vocês sabem quem são. Amo vocês!*

capítulo 1

Jace Crestwell cutucou Gabe Hamilton no ombro e, quando Gabe se virou, Jace sorriu.

– Você monopolizou a minha irmã por tempo suficiente. É a minha vez de dançar com ela.

Gabe não parecia contente com a interrupção. Ele estava intensamente grudado a Mia durante a última hora, mas deu um passo relutante para trás e Mia sorriu radiante quando Jace tomou o lugar de Gabe.

O salão inteiro do Hotel Bentley foi decorado com temas natalinos, um indício de que, acima de tudo, Mia amava o Natal, e também do fato bem conhecido de que Gabe faria qualquer coisa para ver sua noiva feliz.

E, bem, Gabe se move rápido quando quer alguma coisa. Começou a planejar a festa de noivado no momento em que colocou o anel no dedo de Mia. Como se tivesse medo de que ela mudasse de ideia se não agisse imediatamente.

Era muito engraçado para Jace ver seu amigo enlouquecido por uma mulher. O fato de que a mulher em questão era a sua irmã tornava um pouco estranho, mas Mia estava feliz e isso era tudo o que ele poderia querer.

– Você está se divertindo, menina? – Jace perguntou enquanto a fazia girar na pista de dança.

O rosto dela se iluminou.

– É fantástico, Jace. A coisa toda. É absolutamente mágico. Eu não posso acreditar que Gabe organizou isso tão rápido. É simplesmente... *perfeito*.

Jace sorriu.

– Estou satisfeito por você estar feliz. Gabe vai ter que ser bom para você ou vou chutar o traseiro dele. Já deixei isso bem claro.

Os olhos da moça se estreitaram.

– Se ele não for bom para mim, não é com você que vai ter que se preocupar. Eu é que vou dar um pé na bunda dele.

Jace jogou a cabeça para trás e riu.

– Disso não tenho dúvida. Você fez ele se esforçar. Tenho que admirar isso.

O rosto de Mia ficou sombrio e Jace franziu a testa, imaginando o que poderia tê-la deixado tão séria em uma noite em que deveria estar pulando de felicidade.

– Sei que você abriu mão de muita coisa por mim – ela disse com a voz calma. – Eu sempre me perguntei se eu fui a razão pela qual você nunca se casou e teve filhos.

Ele olhou para Mia como se ela tivesse perdido a cabeça.

– Talvez agora possa parar de se preocupar tanto comigo, e, você sabe...

– Não, não sei – disse ele, sacodindo a cabeça. – Você é louca, Mia. Primeiro, só porque está se casando não significa que eu vou parar de me preocupar e de cuidar de você. Isso é um

fato, portanto, supere isso. Segundo, não acha que se eu tivesse me casado antes, especialmente quando você era mais jovem, teria facilitado as coisas? Para você e para mim? Você teria uma figura materna em vez de ficar presa a um irmão arrogante e superprotetor como sua única base.

Mia parou a dança e jogou os braços ao redor do irmão, abraçando-o com força.

– Eu não questiono nada na maneira como você me criou, Jace. Nada. Você fez um trabalho maravilhoso e sempre serei muito grata por todos os sacrifícios que fez por mim.

Ele retribuiu o abraço, ainda balançando a cabeça. Louca. Totalmente louca. Ela estava irradiando felicidade pelo casamento iminente com Gabe e queria que todos com os quais se importava estivessem envolvidos no mesmo brilho. Deus o ajude. Jace e Ash deveriam estar se esquivando e correndo.

– Não foi nenhum sacrifício, Mia. Eu também não me arrependo de nada. Alguma vez você pensou que eu não *queria* me casar e ter filhos?

Ela se afastou com uma careta e depois lançou um olhar furtivo para onde Ash estava parado com Gabe, do outro lado da sala.

– Sim, acho que sim.

Jace mal conteve um suspiro. Era óbvio que Mia tinha uma noção muito clara das preferências sexuais dele e de Ash, do gosto que tinham por *ménages* com a mesma mulher. Não era exatamente algo que gostaria de dividir com a irmã, mas estava lá. Ele não ia pedir desculpas pelo seu estilo de vida, nem ia entrar em uma conversa sobre o assunto com a sua irmãzinha.

– Curtir pra valer e viver livre – disse ele, tentando se explicar.

Mia franziu a testa e inclinou a cabeça para cima.

Jace riu.

– É o nosso lema. Nós três. Gabe, Ash e eu. Só você mudou o jogo para Gabe. Não significa que Ash e eu estejamos ansiosos para seguir o exemplo.

Ela revirou os olhos.

– Pelo amor de Deus. Você faz Gabe parecer tão gay.

Jace limpou a garganta.

– Se a carapuça serviu...

Mia bateu no seu ombro.

– Pode ter certeza que vou contar para ele o que você disse!

Jace riu de novo.

– O cara provavelmente vai admitir ser um frouxo completo quando se trata de *você*. E isso não é uma coisa ruim. Eu quero que ele te trate bem.

Foram interrompidos quando Ash entrou em cena, tomando Mia em seus braços.

– Minha vez – Ash proclamou. – Gabe não vai esperar tanto tempo antes de recuperá-la, então vou garantir minha dança agora, enquanto seus pais o mantêm ocupado.

Jace se inclinou e beijou Mia na testa.

– Esta é a sua noite, menina. Quero que você se lembre dela para sempre. Divirta-se.

O sorriso de Mia iluminou a sala inteira.

– Obrigada, Jace. Te amo.

Ele acariciou sua bochecha e depois saiu, enquanto Ash a arrastava para longe.

Jace caminhou para o outro lado da sala e ficou de longe observando o que acontecia na festa. Era pequena – como Gabe e Mia queriam –, uma noite para celebrar o amor dos dois.

Parecia brega para caramba, mas só era preciso olhar para eles para saber que estavam completamente apaixonados. Ele ainda não tinha decidido o que sentia sobre o seu melhor amigo ficando com sua irmã caçula. Havia 14 anos de diferença entre o casal, e Jace sabia muito bem quais eram as exigências sexuais de Gabe.

Encolheu-se, lembrando da cena que tinha visto quando foi ao apartamento de Gabe sem avisar algumas semanas atrás. Quase precisou de água sanitária para os olhos, porque há certas coisas que uma pessoa nunca, *já*, deveria ver a sua irmãzinha fazendo.

Ele ainda não sabia se Mia percebia em que diabos ela estava se metendo, mas Gabe era um coração mole quando se tratava dela. Porra, o homem tinha se humilhado na frente de metade da cidade de Nova York para conquistá-la de volta, então Jace supôs que Mia seria capaz de lidar com o que Gabe aprontasse.

Jace resolveu que não ia pensar mais nisso.

Ele suspirou enquanto seu olhar vagava pela multidão e pelo ambiente festivo. Mia tinha ocupado um papel central na sua vida desde que seus pais morreram em um acidente de carro. Ela foi fruto de uma gravidez acidental, já tardia na vida de seus pais, mas era adorada por eles. Quando morreram, as vidas de Jace e de sua irmã foram completamente transformadas.

Numa época em que ele estava na faculdade, focado em cervejas, garotas e diversão com Gabe e Ash, foi forçado a assumir a responsabilidade por Mia, de apenas seis anos. Os amigos tinham sido uma enorme fonte de apoio para ele e, talvez, de várias maneiras, Mia tenha fortalecido a amizade do trio. Assim, ele supunha que era justo entregá-la aos cuidados de seu melhor amigo, já que era uma adulta e construía sua própria vida.

Seria um ajuste para ele, agora que Mia não era apenas sua responsabilidade. Ele não planejava ir a nenhum lugar, mas as coisas eram diferentes agora. Ela estava em um relacionamento sério e buscaria o irmão caso tivesse problemas. Deveria ser um alívio, mas, em vez disso, Jace sentiu a tristeza se alojar no seu peito ao perceber que sua irmã caçula já não precisava dele como antes.

Seu olhar pousou sobre uma jovem mulher pegando copos e pratos das mesas. Foi a segunda vez que os seus olhos repararam nela naquela noite, embora a mulher não aparecesse muito, apenas vez ou outra para fazer a limpeza. Ela não estava servindo as pessoas. Ele não a tinha visto circular com bandejas de canapés ou champanhe. Estava vestida com calça preta, camisa branca e um avental.

Jace a estudou por um longo momento antes de perceber o que o tinha interessado. Ela parecia completamente deslocada. E ele não sabia exatamente o que tinha lhe dado essa impressão. Quanto mais tempo olhava para ela, mais pensava que deveria ser uma convidada da festa. Não deveria estar limpando a bagunça dos convidados.

Seu cabelo estava preso em um coque bagunçado, como Mia usava às vezes, amarrado com um clipe. O resultado era uma massa sexy de fios despenteados, que implorava pela mão de um homem para puxá-los e libertá-los. Pretos como a noite, seus cachos rebeldes fugiam do clipe e caíam em seu pescoço.

Ela era pequena, não tão curvilínea como Jace gostava. Tinha quadris estreitos e seios pequenos, mas com curvas suficientes para forçarem a camisa branca de botões e serem tentadores. O resto de seu corpo era pequeno. Delicado. Quase frágil.

Quando a mulher se virou, permitindo a ele a visão de seu rosto, Jace prendeu a respiração. Sua estrutura óssea era pequena. Delicadamente desenhada. Maças do rosto altas e salientes, como se ela estivesse abaixo do peso, e um queixo pequeno. Mas os olhos dela. Jesus, os olhos dela. Eram enormes para aquele rosto minúsculo. Um tom de azul brilhante. Azul chocante, como olhar para o gelo. Eles eram surpreendentes diante do preto azeviche de seu cabelo.

Ela era hipnotizante.

Então a mulher saiu correndo, com os braços tensionados com o peso da bandeja que segurava todos os pratos que ela recolheu das mesas. O olhar de Jace a seguiu através da sala, até que ela desapareceu pela porta do pessoal da cozinha.

– Não é sua escolha típica – Ash murmurou ao seu lado.

Jace saiu de seu devaneio e virou-se para ver que Ash já tinha terminado sua dança com Mia. Um breve olhar para a pista de dança mostrou que Gabe já tinha recuperado a noiva e os dois estavam intensamente colados de novo. Os olhos de Mia estavam iluminados por sua alegria e parte da tensão anterior que Jace sentira se aliviou. Ela estava em boas mãos. E estava feliz.

– O que diabos você está falando? – Jace disse, com um tom seco na voz.

– A garota limpando as mesas. Vi você olhando. Cacete, você estava praticamente comendo ela com os olhos.

Jace franziu a testa e ficou em silêncio.

Ash encolheu os ombros.

– Eu topo. Ela é gostosa.

– Não.

A negação saiu mais enfática do que Jace gostaria. Ele não tinha certeza de onde a ênfase veio ou por que de repente estava tenso.

Ash riu.

– Relaxa. Já tem um tempo. Eu vou melhorar o meu charme.

– Não se aproxime dela, Ash – Jace grunhiu.

Mas Ash já tinha saído em direção à cozinha, deixando Jace ali de pé, com punhos cerrados nas duas mãos. Como diabos ele poderia explicar para o seu melhor amigo, com quem ele normalmente compartilhava mulheres, que ele o queria a pelo menos um quilômetro de distância daquela mulher?

capítulo 2

Bethany Willis esfregou as mãos nas pernas da calça desgastada e fechou os olhos brevemente, balançando-se de frente para a bacia que continha toda a louça que ela recolheu do salão de baile.

Ela estava cansada. Cansada para caramba. E com fome. A melhor parte deste trabalho – além do pagamento em dinheiro – era a comida. Ela foi autorizada a levar as sobras e, a julgar pela quantidade de comida entrando e saindo dali, ia ser mais que suficiente.

Os ricos sempre exageram. Obviamente o número de pessoas convidadas não justificava a quantidade de comida e bebida que era oferecida. Ela não se importava. Pelo menos teria uma refeição decente, mesmo que a comida fosse muito chique para o seu paladar.

Também seria o suficiente para Jack.

Uma onda de tristeza a envolveu e rapidamente veio a culpa. Ela não devia se sentir assim porque Jack tinha reaparecido. Ele é que fez isso. Sumia por dias e então reaparecia, geralmente quando precisava de um lugar para dormir, um rosto amigável. Comida. Dinheiro... Especialmente dinheiro.

Seu peito apertou, porque ela sabia para que ele pedia dinheiro, mesmo que odiasse fazer isso. Ele nunca olhou nos olhos dela. Em vez disso, baixava o olhar e falava: “Bethy... tem essa coisa. Eu preciso...” E era tudo o que dizia. Ela dava o dinheiro porque não podia fazer mais nada. No entanto ela odiava a forma como ele dizia “Bethy”. Odiava esse apelido que antes, quando pronunciado por alguém que se importava com ela, tinha adorado.

Jack. A única pessoa no mundo que já tinha tentado protegê-la de alguma coisa. A única pessoa que já tinha lhe dado a mínima atenção.

Seu irmão. Não de sangue, mas de todas as maneiras que contam. Era dela como ela era sua. Como poderia virar as costas para ele?

Não podia. Não faria isso.

Houve um som na porta lateral, a que dava para o beco onde o lixo era colocado. Ela se virou naquela direção e encontrou Jack encostado na soleira, com a cabeça inclinada para trás para que pudesse olhar para o beco. Aquele era o Jack. Sempre com um olho na fuga. Nunca entrou em qualquer situação incauto e sem a rota de fuga planejada.

– Bethy – ele disse em uma voz calma.

Ela se encolheu, por saber por que ele veio. Não disse nada e, em vez disso, buscou no bolso da calça o maço de notas que tinha guardado lá. Recebera metade no início. A outra metade viria quando ela saísse do trabalho, à noite. Jack iria ficar com essa metade. A outra teria de alimentá-la até encontrar outro trabalho, que ela não sabia quando haveria.

Apressando-se em sua direção, ela pressionou as notas na mão do rapaz e observou desconfortável o olhar dele fugir para o lado, sem fazer contato visual ao enfiar o dinheiro no

jeans rasgado. Sua postura era desconfortável. Sabia que ele odiava isso. Ela também odiava.

– Obrigado – ele sussurrou. – Você está bem? Tem algum lugar para dormir esta noite?

Ela não tinha, mas não ia contar para ele. Então mentiu:

– Sim.

Parte da tensão do rapaz passou e ele acenou com a cabeça.

– Ótimo. Estou trabalhando nisso, Bethy. Vou arranjar um lugar para nós dois em breve.

Ela balançou a cabeça em negação, sabendo que era o que ele sempre dizia, e sabendo também que não iria acontecer.

Jack se inclinou e beijou sua testa. Por um longo momento, ela fechou os olhos e imaginou circunstâncias diferentes. Mas foi inútil. As coisas eram o que eram e desejar que fossem diferentes era um desperdício de tempo.

– Vou ficar de olho em você – disse ele.

Bethany assentiu com a cabeça. E então, quando ele começou a sumir de volta para dentro das sombras do beco, ela olhou para cima e disse:

– Tenha cuidado, Jack. Por favor?

Seu sorriso era tão sombrio como a noite.

– Sempre, querida.

Enquanto ela o observava partir, o nó na sua garganta cresceu ainda mais. Droga. Ela sabia que raiva também era uma emoção inútil. Seus dedos se dobravam e desdobravam nas duas mãos e uma coceira a invadiu. A necessidade, o desejo. Ela lutou contra, mas foi uma batalha dura. Uma vitória que não estava completamente concretizada. Ela não pensava sobre as pílulas há muito tempo, mas esta noite a necessidade estava lá, abrigada na fome e na dor emocional.

A necessidade de esquecer. Apenas uma curta janela de tempo quando tudo parecia melhor e mais maleável. Quando as coisas pareciam boas, mesmo que por poucas horas.

Ela não podia voltar para aquilo. Batalhou muito para sair e perdeu tudo no processo. Alguns poderiam dizer que seria mais razoável se permitir deslizar devagar de volta para o passado sujo. Mas ela tinha que ser forte. Não era mais aquela pessoa.

– Seu namorado?

A pergunta seca a assustou e ela se virou com o coração acelerado ao perceber que havia um homem do outro lado da cozinha olhando para ela.

Era um dos ricos. Um convidado. Mais do que apenas um hóspede, pois Bethany o tinha visto perto do casal comemorando seu noivado. E Deus, o homem era lindo. Suave. Polido. Como se tivesse acabado de sair de uma revista dedicada exclusivamente a tudo que é bonito e rico. Um mundo ao qual ela com certeza não pertencia.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça cara e continuou a olhar para Bethany, sua pose indolente e arrogante. Aqueles olhos verdes a chicoteavam como se a julgassem, como se ele estivesse avaliando a possibilidade de considerá-la digna. De quê? Da sua atenção? Era um pensamento ridículo.

Tinha cabelos loiros. Ela nunca tinha sido atraída por homens loiros, mas seu cabelo não era simplesmente loiro. Ele tinha pelo menos quatro tonalidades diferentes, variando de lama para o trigo e passando por todos os tons entre eles. Ele era tão lindo que doía olhar para ele.

– Você vai me responder? – ele perguntou suavemente.

Ela balançou a cabeça em silêncio e, para sua surpresa, ele riu.

– Isso é não, você não vai me responder, ou não, ele não é seu namorado?

– Ele não é meu namorado – ela sussurrou.

– Porra, obrigado – ele murmurou.

Ela piscou em completa surpresa, seus olhos se estreitaram quando notou que ele avançava em sua direção. Bethany caminhou para o lado para não ser esmagada contra a porta. Não podia ir embora, portanto correr não era uma opção. Precisava muito da outra metade do seu pagamento e daquela comida.

Movendo-se tão rápido quanto ela, o homem a cercou novamente, chegando ao seu lado e fazendo o seu coração disparar. Bethany começou a ver a porta para o beco, já indiferente se havia sido paga ou não.

– Qual é o seu nome?

Ela o encarou.

– Uhm, e isso importa?

Ele fez uma pausa, inclinou a cabeça para o lado e então disse:

– Sim. Importa.

– Por quê? – ela sussurrou.

– Porque nós não temos o hábito de foder com mulheres que não sabemos o nome – disse ele, sem rodeios.

Uau. Havia tanta coisa errada nessa afirmação que ela não sabia nem por onde começar. Levantou a mão para se defender antes que ele pudesse chegar mais perto.

– Nós – ela reclamou. – Nós? O que você está falando? Quem diabos é *nós*? E eu não vou foder com ninguém. Você. Nós. Eles. De jeito nenhum.

– Jace quer você.

– Quem diabos é Jace?

– E eu já decidi que quero você.

Ela quase não reprimia seu rosnado de raiva. Quase. Cerrou os dentes e, em seguida, partiu para o ataque.

– Não vou tolerar sofrer assédio sexual no trabalho. Vou dar queixa e cair fora.

Para aumentar sua surpresa, ele apenas sorriu e, em seguida, estendeu a mão para tocar seu rosto.

– Fica fria, querida. Não estou te assediando. Estou fazendo uma proposta. Grande diferença.

– Talvez no seu vocabulário – ela ressaltou.

Ele deu de ombros como se não se importasse com a resposta dela.

– Quem diabos é Jace? – ela repetiu. – E quem é você? Você faz uma proposta sem me dizer o seu nome. E tem problemas em não saber o nome da mulher antes de ir para a cama com ela? O que está errado com você? Você nem sequer se apresentou.

Ele riu de novo, e seu riso foi um zumbido tão quente que ela desejou se ater a ele para sempre. Era um som descontraído que a fez se ressentir amargamente, tão ciumenta que quis queimar de inveja. Era um homem que não tinha problemas. Não tinha preocupações, exceto

quem era a próxima que ele queria foder.

– Meu nome é Ash. Jace é o meu melhor amigo.

– Sou a Bethany –, disse ela, relutante. Em seguida seus olhos se estreitaram. – E vocês dois “*me querem*”?

Ele acenou com a cabeça.

– É. Não é tão incomum. Nós dividimos mulheres. Muito. Ménages. Você já fez? Porque, se não, eu garanto que vamos fazer dessa uma experiência que você não vai esquecer.

Suas narinas se alargaram.

– É. Já fiz. Nada de especial.

Algo cintilou nos olhos dele. Ela sabia que o tinha surpreendido, mas tudo bem. Ele deveria esperar uma réplica quando fazia propostas tão ultrajantes.

– Então talvez você esteja fodendo com os homens errados.

Seus olhos se arregalaram. O que ela poderia dizer em resposta? Não restava dúvida de que ela fodia com os homens errados. Não foi nenhuma descoberta de fazer a terra tremer.

– Ash.

O som era explosivo na área restrita da cozinha e Bethany levantou o rosto para ver um outro homem que estava na porta, de olhar escuro e sinistro, ardendo na carne direto até os ossos de Ash. Ash não pareceu muito incomodado com o fato desse cara estar obviamente chateado.

Bethany se incomodou.

Esse cara era o que a observava quando saiu para limpar as mesas. Duas vezes. Ela sentiu seu olhar. Gravando um caminho sobre sua pele até fazê-la tremer com a intensidade. Enquanto Ash era mais leve, despreocupado, todo o típico estereótipo de *sou rico e sei disso e não tenho que fazer nada a não ser o que eu quero*, este homem era... Era o oposto de Ash.

Intenso não era a palavra certa. Não chega nem perto de o descrever. Parecia um tipo bem durão, e ela conhecia os durões. Tinha muita experiência com os homens na rua e das ruas, e teve o pensamento repentino de que preferiria se arriscar com o diabo que já conhecia a fazê-lo com esse homem penetrando seu olhar através dela.

Olhos escuros, cabelos escuros. Cabelos realmente incríveis. Eram despenteados e rebeldes e razoavelmente longos. Um cacho caiu sobre sua testa e ela o imaginou empurrando-o impaciente de volta sem se importar se ficaria mais desarrumado. Ele descia pela gola, dando-lhe uma aparência indomável e selvagem que provavelmente faria com que as mulheres tentassem domá-lo. Pele bronzeada. Não o falso bronzeado que alguns meninos metrossexuais e bonitos estavam usando. Havia uma aspereza nele mesmo esbanjando riqueza e polidez como Ash. Tinha um tipo diferente de polidez.

Enquanto Ash usava sua riqueza como uma pele, como se tivesse sempre sabido disso, esse outro cara parecia que tinha acumulado sua riqueza mais tarde na vida e ainda não estava tão seguro com isso.

Foi uma avaliação ridícula, mas lá estava ela. Havia algo de perigoso sobre esse outro homem. Algo que a fez se levantar e reparar.

– Jace – Ash retornou suavemente. – Essa é a Bethany.

Oh merda. Merda. Merda. Merda.

Esse era o cara do ménage? O melhor amigo do Ash? Um homem envolvido na proposta

escandalosa que Ash tinha acabado de fazer a ela?

Os lábios de Jace se apertaram e ele andou para a frente. Bethany recuou instintivamente.

– Você está assustando ela – disse Ash, com repreensão.

Para surpresa de Bethany, Jace parou abruptamente, mas ainda olhava furiosamente para Ash. Pelo menos, não era para ela que ele estava olhando.

– Eu disse para não fazer isso – Jace disse em uma voz calma, porém raivosa.

– Sim, bem, eu não ouvi.

Bethany estava completamente confusa. Mas então Jace se virou para ela, algo em seu olhar a fez prender a respiração.

Interesse.

Não apenas um olhar que um homem dá a uma mulher quando quer foder com ela. Era algo diferente e Bethany não conseguia dizer exatamente o quê. Mas ele a havia observado por toda a noite. Ela sabia porque também o havia observado.

– Sinto muito – Jace começou.

– Essa oferta inclui jantar? – ela falou sem pensar.

Ficou imediatamente envergonhada, mas, no momento em que ele olhou para ela, Bethany já não queria que ele fosse embora. Não esta noite. Hoje à noite, ela queria uma noite no sol. Onde era quente e coisas ruins não aconteciam. Queria uma noite para esquecer sua vida, Jack e todos os problemas.

Este homem poderia oferecer isso. Ela estava absolutamente segura. E, se ele viesse com Ash, ela simplesmente ia ter que aceitar.

Ela não queria sair do hotel para o frio e de volta para o que a esperava.

– O quê?

Jace olhou em sua direção como se tivessem crescido duas cabeças nela. Suas sobrancelhas se uniram e seu olhar tornou-se ainda mais penetrante, como se fosse descascá-la de dentro para fora.

Ela fez um gesto em direção a Ash. – Ele disse que vocês dois queriam um ménage. Estou perguntando se a oferta vem com jantar.

– Bem, sim – disse Ash, seu tom sugerindo que ele foi insultado.

– Ok, então – concluiu Bethany, antes que pudesse mudar de ideia.

Ela sabia que era estúpido. Sabia que era uma das coisas mais estúpidas que já tinha feito, mas não ia voltar atrás.

– Eu tenho que terminar aqui primeiro – disse, enquanto Jace ficou ali, em silêncio e pensativo, seu olhar sem deixá-la um único momento. Sem olhar para Ash. Sem desviar o olhar da mulher. Fixo nela.

– Não, você não precisa – disse Ash. – Você pode dar o fora daqui a qualquer momento.

Ela negou com a cabeça.

– Recebo a segunda metade do meu pagamento quando terminar. Eu tenho que terminar.

– A festa está prestes a acabar. Gabe não vai ficar aqui fora em uma porra de uma pista de dança quando o que ele realmente quer é a Mia em casa, na sua cama – disse Ash. – Eu te pago a segunda metade.

Bethany gelou e deu um passo para trás, a frieza tomando conta do seu rosto. Em seguida

balançou a cabeça.

– Mudei de ideia.

– Que porra é essa? Ash perguntou.

E Jace ainda estava lá. Silencioso e proibitivo, observando-a o tempo todo. Era enervante e de repente a porta do beco parecia a melhor opção.

– Eu não estou à venda – disse ela, em voz baixa. – Sei que eu perguntei pelo jantar. Não deveria ter feito isso. Você estava oferecendo sexo. Mas não vou ser paga por sexo.

Uma dor rastejou sobre ela. Memórias distantes que não diminuem. Escolhas. Consequências. Tudo veio junto até formar uma escuridão melancólica e impenetrável ao seu redor. Um dia. Apenas um dia no sol. Mas o sol não era para ela. Nunca tinha sido.

Um xingamento murmurado e baixo escapou dos lábios de Jace. O primeiro som que ele tinha feito. Então a boca se apertou. Ele estava puto.

Seu olhar se voltou para Ash e foi então que ela percebeu que ele estava puto com ele. Realmente puto.

– Eu disse para não fazer isso – Jace chiou. – Foda-se, cara. Você deveria ter me escutado.

A situação estava piorando. Evidentemente Ash queria alguma ação. Jace não. Ash queria se aproximar dela. Jace não. Poderia ficar mais humilhante?

– Eu tenho que voltar para o trabalho – disse ela, rapidamente se afastando até que sua rota de fuga para a porta que conduz ao salão ficasse segura.

E, com a mesma rapidez, Jace estava lá, deslizando, uma barreira para a sua liberdade. Estava tão perto que ela podia sentir o seu cheiro, podia sentir o calor ao seu redor, e era tão bom que quis fazer algo realmente estúpido e se inclinar em direção a ele. Só assim ela poderia senti-lo se encostar à sua pele.

Em seguida, os dedos dele deslizaram debaixo de seu queixo, um toque tão suave que ela não podia deixar de responder, levantando os olhos junto aos dele.

– Você termina o seu trabalho. Nós esperamos. Então vamos jantar. Tem alguma coisa em especial que você quer? Quer sair ou comer no quarto do hotel?

As perguntas foram formuladas suavemente. Soaram íntimas. Ele não olhou para Ash nenhuma vez. Seus olhos estavam solidamente fixos e ela estava muito hipnotizada para desviar o olhar. Esqueceu logo que tinha mudado de ideia sobre dormir com eles.

Jogando-se na intensidade do momento, olhou para baixo, levando sua roupa em consideração. Não tinha como ir para casa e mudá-la. Nenhuma casa. Nenhuma roupa. Certamente nada que ela pudesse vestir seria adequado para os lugares onde esses dois pisavam.

Bethany limpou a garganta.

– Hotel está bom, e eu não me importo. Se estiver quente e gostoso, eu como. Nada muito metido a besta também. Na verdade, o que eu realmente quero é um hambúrguer. E batatas fritas.

Ela mataria por isso agora.

– E suco de laranja – completou com pressa.

A diversão brilhou nos lábios de Ash, mas Jace ainda estava totalmente sério.

– Hambúrguer. Batatas fritas. Suco de laranja. Eu acho que posso lidar com isso – Jace disse. Então ele olhou para o relógio. – As pessoas vão sair em quinze minutos. De quanto

tempo você precisa para terminar?

Ela piscou. – Uh, nem todos vão dar o fora em quinze minutos. Quero dizer, mesmo se os convidados de honra saírem, as pessoas sempre saem depois. Especialmente quando há comida e bebida.

Ele a cortou antes que ela pudesse dizer mais.

– Quinze minutos, Bethany. Eles terão ido embora.

Era uma promessa. Não era uma especulação.

– De quanto tempo você precisa? – perguntou ele, impaciente.

– Trinta minutos, talvez? – ela supôs.

Ele a tocou de novo, deslizando os dedos sobre sua bochecha e até sua têmpora, onde ele brincou com fios soltos que haviam caído de seu clipe.

– Então nós nos vemos em 30 minutos.

capítulo 3

Vinte e cinco minutos foi o tempo que demorou para que ela percebesse que estava perdendo a cabeça. Vinte cinco minutos para saber que tinha cometido um grande erro.

Bethany lavou as mãos e checou o bolso novamente para sentir as notas dobradas. A cozinha havia ficado quieta, e a maior parte da equipe tinha partido, exceto por aqueles que ficaram para trás nos serviços de limpeza. Não era sua área, felizmente. O trabalho dela estava pronto.

Ela hesitou enquanto olhava entre a porta que dava para o beco e a porta que levava de volta para Ash e Jace.

Jace não havia mentido. O salão de dança ficara vazio em quinze minutos. Ela não tinha certeza de como tinha conseguido aquele feito, mas ele de fato parecia o tipo de homem que sempre alcançava o que queria.

Agora, tudo que estava entre ela e uma noite de sexo quente e comida boa era aquela porta.

A porta para o beco se abriu quando um dos rapazes arrastou um saco de sobras para a lata de lixo. Uma brisa de ar frio soprou para dentro, penetrando Bethany até os ossos. Ela tremeu e calafrios percorreram os seus braços.

Aquela era sua opção. Frio. Solidão. Mais uma noite de incerteza.

Posto dessa maneira, a outra porta parecia a única escolha lógica.

Ela empurrou a borda do balcão em que estava encostada e andou a caminho da saída. Ao chegar lá, respirou fundo e seguiu.

Jace a esperava de pé, suas mãos nos bolsos, um ombro encostado contra a parede. Seu olhar a encontrou e a penetrou tão sorrateiramente quanto o ar frio um momento antes. Mas dessa vez, ao invés de um calafrio profundo até os ossos, foi calor que se espalhou pelo seu corpo como fogo selvagem.

– Tá pronta?

Antes mesmo que respondesse, ele se mexeu, afastando-se da parede e colocando-se ao lado dela, a mão deslizando por sua nuca, o polegar roçando na pele delicada próxima à raiz de seus cabelos.

Cacete, como o toque desse homem era letal.

– Ash está no quarto arrumando o jantar.

Ela olhou para Jace, pela primeira vez seus olhares se encontraram diretamente.

– A gente vai ficar aqui?

Um sorriso percorreu os cantos de sua boca.

– O hotel é meu. Parece um bom lugar para passar a noite.

Ele era o dono do hotel. Ok, não é como se ela não soubesse que ele e Ash estavam completamente fora do seu alcance, mas essas palavras, *o hotel é meu*, apenas reforçavam que ela deveria ter escolhido o frio ao invés do calor temporário.

– Obviamente, eu não me preparei para isso – ela murmurou enquanto eles se encaminhavam para os elevadores. – Eu não tenho roupas ou... qualquer coisa.

Ela queria rir porque toda aquela conversa era absurda. Mesmo se ela soubesse, não teria se preparado porque não tinha nada. Nada além da esperança de que o próximo dia seria melhor que o anterior.

Novamente, os lábios de Jace se contorceram e seus olhos cintilaram enquanto ele a conduzia para o elevador.

– Você não precisa de roupas. Ou... qualquer coisa.

As mãos dela tremiam e os joelhos sacodiam. Essa era a última chance de desistir. Ele se inclinou para frente para apertar o botão do último andar. A porta ainda estava aberta. Ainda seria fácil de sair, dizer que havia mudado de ideia e deslizar noite fria adentro, abraçando a *realidade*.

Jace subitamente a encarou, seu olhar em busca, como se ela estivesse transmitindo seus pensamentos em tempo real. Encarou-a por um longo momento, seus dedos pressionados contra o botão do andar. Como ela não se mexia, ele se endireitou contra a parede mais distante, ainda a estudando enquanto as portas se fechavam.

– Você está nervosa – disse, ainda a encarando.

Ela fez uma cara de *óbvio* e ele sorriu de novo. Tinha um sorriso arrasador. Não era fácil e charmoso como o de Ash. Sorrir parecia algo natural para Ash, como se fizesse parte de sua composição ser esse cara fácil de se lidar, paquerador, que todas as mulheres desejavam. Bethany não achava que Jace fosse tão risonho. Ele parecia bem mais sério que Ash. E, se tivesse que ser honesta, aquela personalidade ranzinza, com pinta de mal, mexia com todos os seus brios. Porque esse era o tipo de homem com quem ela se sentia segura para passar a noite. Um homem com o qual as mulheres se sentiam protegidas.

– Não há razão para ficar nervosa – ele murmurou enquanto o elevador parava.

Quando ela começou a caminhar, Jace esticou o braço para fazê-la parar, puxando-a para si. Ela aterrissou em seu tórax e o rosto dele estava abaixado de maneira que suas bocas ficaram próximas. Tão próximas que ela podia sentir a forte expiração de seu fôlego.

– Bethany, não há motivos para ficar nervosa – Jace disse de novo, sua boca tentadora fluando perto da dela.

Ele passou o dedo pela sua bochecha até o canto de sua boca no instante em que o elevador começou a apitar por estar com as portas abertas por muito tempo. Jace ignorou o ruído, focando-se nela, observando-a como se quisesse ler os seus pensamentos.

– Estou bem – ela murmurou.

E então Jace sorriu. Sorriu de verdade. Não uma dessas contrações dos lábios que pareciam estar sendo forçadas ou combatidas. Foi um sorriso completo, com dentes a mostra. E, cara, ele tinha belos dentes. Perfeitamente alinhados. Muito brancos. Um sorriso de um milhão de dólares. Mas claro, tudo nele era de primeira... de cima a baixo, até os sapatos.

Tão fora do alcance dela. Tão fora que não era sequer engraçado.

Visões de *Uma Linda Mulher* dançavam em sua cabeça. *Cinderela*. Um conto de fadas de uma noite. Mas era muito esperta para sonhar com finais felizes. Contos de fada eram bons para ler. Era bons para se pensar sobre. Mas não eram nem um pouco realistas. Contos de fada

não aconteciam com garotas como Bethany.

Então ela aproveitaria aquela única noite e amanhã voltaria a fazer o que fazia de melhor. Vivendo um dia de cada vez, da maneira que viessem. Sobrevivendo.

Jace fez um gesto para que Bethany saísse do elevador, e, assim que ela pisou fora, ele acompanhou seu passo, com o braço em torno da sua cintura para passar segurança. Ela se sentia bem. Bem demais. Era muito fácil cair na fantasia. Esse homem não ligava o mínimo para ela. Queria transar. Ela queria calor, comida e uma maneira de esquecer a sua existência de merda. Esse era um acordo com o qual ela conseguia lidar.

Um momento depois, Jace abriu a porta para uma suíte enorme. Ela hesitou antes de entrar quando viu Ash colocando os pratos de comida na polida mesa de jantar. Ele havia posto três lugares e era óbvio que Bethany ficaria entre eles. O suco de laranja estava próximo a um prato com um hambúrguer e batatas fritas e em ambos os lados haviam pratos com filés.

O aroma veio até ela e seu estômago se contorceu imediatamente. Estava faminta e nunca havia sentido um cheiro tão bom na vida.

Ash virou-se e deu aquele sorriso preguiçoso para ela, os olhos brilhando com charme.

– Pronta para comer? – perguntou.

Ah, sim. Ela estava pronta para comer. Tudo que ela conseguia fazer era acenar calmamente para não se jogar em cima da mesa e começar a devorar aquele hambúrguer.

Jace colocou as mãos em suas costas e a guiou para a mesa. Apertando os dedos para disfarçar seu tremor, ela pegou sua cadeira e a puxou para perto da mesa e do delicioso prato posto em sua frente. Ainda assim, manejou o copo de maneira casual, como se não estivesse faminta e pudesse esperar para mergulhar na comida. Ela bebeu um gole do suco e repôs o copo sobre a mesa quando o líquido atingiu duramente seu estômago vazio.

Talvez fosse melhor comer primeiro.

Hambúrguer, fritas e até suco de laranja eram um luxo – e ela ia aproveitar cada segundo.

Enquanto Ash e Jace tomavam seus lugares, ela pegou uma batata, mergulhou-a no pote de ketchup ao lado e jogou-a em sua boca.

– Tem certeza de que não quer filé? – Ash perguntou, apontando para o seu prato.

Quando viu o pedaço suculento de bife no prato dele, sua boca ficou aguada. E o cheiro. Deus, aquele cheiro delicioso iria matá-la.

– Hmm – ela começou.

Sem mais uma palavra, Ash cortou um pedaço de seu filé e o colocou no prato dela com o garfo. Estava um pouco mais mal passado do que ela gostava, mas e daí? Sequer se importava com o gosto. Era comida.

– Obrigada – murmurou.

Bethany estava ciente do olhar de Jace o tempo todo enquanto comia e teve que se controlar para demorar um certo tempo e não parecer ansiosa demais. Ela mastigou cada pedaço com cuidado. Bebericou do suco e ficou grata porque, quando o terminou, Ash serviu mais.

Ela queria comer tudo, mas seu estômago se rebelou. Havia passado um longo tempo sem comida suficiente e estava acostumada a sobreviver com pouco. Seu estômago se recusava a aceitar outra mordida antes mesmo que ela chegasse à metade do hambúrguer, e tinha dado poucas mordidas no filé.

– Você não está comendo muito – Jace observou quando ela empurrou o prato para longe.

– Fiz um lanche com a comida da festa mais cedo – ela mentiu. – Mas estava muito bom. Obrigada.

Ele a estudou por um longo momento e Bethany se mexia desconfortavelmente. Ele parecia não acreditar nela, mas não insistiu. E por que ele deveria se importar se ela comeu ou não? Ela estava aqui porque queriam sexo. Eles queriam satisfazer um desejo, embora Bethany nunca fosse compreender por que com *ela*. Duvidava que eles tivessem problema em levar a mulher que queriam para a cama, o que significava que podiam ser tão exigentes quanto quisessem.

– Umas coisas que você precisa saber – Ash disse.

Bethany notou que ele tinha perdido aquele olhar brincalhão, paquerador. Seus olhos estavam sérios. Cheios de um tesão que tirou o seu fôlego. Nesse momento, se parecia muito com Jace. Muito mais sedutor e... durão. O que era meio estranho considerando que durão era uma palavra que nunca era usada para descrever Ash.

– Nós damos as ordens no quarto. O que a gente disser, vale. Nós vamos cuidar de você. Vamos atender suas necessidades. Vamos nos certificar de que seja bom para você. Mas nós estamos no controle. Se você tem um problema com isso, é melhor dizer agora, antes que a gente comece.

Uma emoção inebriante tomou conta do seu corpo. Ele estava brincando? Ela repreendeu sua resposta avassaladora àquela declaração e forçou-se a ser esperta. Claro, ser cuidada durante a noite não reduzia seu tesão. Abrir mão de poder e controle por uma noite em que ela não precisaria pensar, não teria o que fazer, nada para fazer além de sentir? Não era um impedimento.

Mas precisava saber exatamente o que um acordo como esse poderia incluir e até aonde a esquisitice deles iria.

– Acho que depende do que vocês querem – ela disse em voz baixa. – Não gosto de nada que chegue remotamente perto de brincar com a minha vida.

Jace franziu a testa e atirou para Ash um olhar sufocante.

– Você a assustou pra caralho, cara. Eu te disse para ficar calmo e deixar eu resolver.

– Ela merece saber no que está se metendo – Ash disse calmamente. – Eu não menti para ela e não vou enganá-la.

– Eu aprecio isso – Bethany disse secamente.

Jace pegou a mão dela, enrolando os dedos ao redor dos seus. Foi... doce. E destoante do seu olhar maldoso e sedutor. Ela esperava que o discurso de Ash viesse desse homem. Que ele botasse as cartas na mesa e lhe dissesse que era do jeito dele ou de jeito nenhum.

– A gente não vai te machucar, Bethany. O que Ash quis dizer é que a gente gosta de estar no controle. A gente gosta de... submissão. Sem que isso signifique que essa noite vai ser só sobre isso. Mas estamos falando logo de cara.

– Eu entendo –, ela disse com suavidade.

– E? – Jace perguntou.

– E o quê?

– Você está de acordo? Pode lidar com isso?

Ela respirou fundo e assentiu.

– Eu estou de acordo.

– Então, foda-se – Ash murmurou. – Se o bate-papo acabou, podemos pular para a parte pelada?

– Ash.

Jace pronunciou o nome de seu amigo como um aviso. Então se dirigiu a Bethany, sua mão ainda confortavelmente enrolada na dela.

– Vá para o quarto. Pode usar o banheiro para ficar confortável, fazer o que você precisar fazer. Tire sua roupa e nos espere na cama.

As palavras suaves sussurraram sobre sua pele, fazendo seu corpo todo vibrar com excitação. O homem foi letal.

Sem dizer nada, ela se viu obedecendo ao comando e se levantando devagar da cadeira. Sua mão escorregou da dele enquanto se afastava e então ela se virou, separando o seu olhar do dele enquanto caminhava em direção ao quarto.

capítulo 4

Estava sentada nua no meio da cama, puxando os lençóis enrolados ao seu redor para cobrir sua nudez. Jace foi o primeiro a entrar, seu olhar imediatamente a encontrou. Ash o seguiu, seus dedos já abrindo os botões da camisa.

Mesmo enquanto Ash se despia, sem fazer segredos sobre seus desejos, o olhar dela estava fixo em Jace. Preso em uma reverência silenciosa e interminável. Suas narinas se dilataram, e sua mandíbula estava retesada e fechada. Naquele quarto havia um homem deslumbrante e seminu e tudo o que ela conseguia fazer era encarar o que estava completamente vestido, esperando e ansiando tanto que doía.

– Deixe o lençol para lá – ele disse numa voz macia. – Eu quero ver você.

Foi delicado, mas ainda assim era uma ordem que provocava calafrios em sua pele. Cuidadosamente, ela deixou o lençol escorregar de seus dedos nervosos. O tecido deslizou corpo abaixo e se acumulou na sua cintura, desnudando os seus seios diante do olhar perfurante de Ash.

– Fique de joelhos – ele disse. – Deixe o lençol de lado. Eu quero ver você inteira.

Se ela fosse inteligente, teria medo desse homem. Dessa situação. Havia sido uma decisão impulsiva nascida da desolação e da necessidade de uma fuga temporária da sua realidade. Ninguém sabia que ela estava ali, à mercê desses dois homens. Ninguém ligava. Ninguém ia se preocupar se ela simplesmente desaparecesse. Exceto Jack. E como ele saberia? Ela não contou nada para ele, exceto que tinha um lugar para passar a noite, o que naquela altura era uma mentira.

– Está arrependida?

Bethany olhou para cima e viu que Jace a estudava com uma expressão indecifrável. Desviou sua atenção para Ash, que estava de pé, maravilhoso, sua ereção projetada para frente. Quando se voltou para Jace, ele franziu as sobrancelhas, como se desaprovasse o seu breve desvio de olhar.

Ela lambeu os lábios secos e balançou a cabeça.

– Não.

Era outra mentira. Tinha dúvidas o suficiente sobre o que estava prestes a fazer, mas continuava a desejar o esquecimento encontrado em um tipo diferente de droga. Queria ficar aquecida. Ter um momento de paz. Isso era pedir muito?

Jace moveu-se em direção à cama enquanto ela ficava de joelhos, permitindo que os lençóis caíssem completamente de seu corpo. Quando ele chegou à beirada, a alcançou e a puxou para os seus braços, sua boca descendo com uma pressa voraz em direção à dela.

Bethany fechou os olhos e se rendeu, derretendo-se naqueles braços fortes. O ar crepitava ao seu redor. O desejo era uma entidade viva e suspirante, que ganhava enormes proporções.

Ele empurrava a língua, macia e aveludada, para dentro, sobre a dela. Um conforto que chegava até a alma. Suas mãos deslizavam para baixo nos braços dela, segurando-a com força e puxando-a ainda mais para perto enquanto o som quente do beijo crescia e preenchia os seus ouvidos.

E então Ash estava lá, tirando sua atenção do momento. Suas mãos escorregaram por suas costas nuas, e a cama desceu quando ele se posicionou atrás dela. Bethany se apertou contra Jace e então a boca de Ash encostou na curva de seu pescoço, ajudando-a a relaxar. Ele estava indo devagar, sem oprimi-la. Parecia contente em permitir que Jace liderasse.

Jace se afastou, e a boca de Bethany formigou devido à sua possessão rude. Olhou para ela, os olhos negros queimando sua pele. A respiração dela parou. Olhou de volta para ele, seu peito apertado com ansiedade.

As mãos de Ash escorregaram por seus ombros, sua boca no pescoço dela, mas Bethany tinha olhos apenas para Jace enquanto esperava que fosse buscar o que era seu. Ela queria as mãos dele sobre o seu corpo. Sua boca encostando em sua pele. Ele dentro dela, cobrindo-a. Jace era um homem que sempre iria fazer uma mulher se sentir segura em seus cuidados, e ela queria se sentir segura.

As mãos de Ash desceram por seus braços e depois subiram de volta com força para agarrar seus ombros novamente. Jace começou a desfazer os botões de sua camisa. Ash a puxou para trás, contra seu peito, aprisionando-a em seu corpo enquanto Jace se livrava de suas roupas.

A consciência do ato ferveu em seu ventre quando o calor de Ash a envolveu. As mãos deslizaram por sua barriga até seus seios. Ele os levantou e sentiu o peso de suas protuberâncias delicadas, roçando os polegares em seus mamilos, fazendo com que ficassem instantânea e dolorosamente eretos.

Ela engoliu o fôlego quando a calça de Jace caiu no chão e ele ficou na sua frente apenas de cuecas boxer pretas. Elas eram apertadas, guardando coxas musculosas e uma silhueta bem definida, marcando a rígida extensão de sua ereção.

O homem era belo de uma maneira “ai-meu-deus” assustadora, como ela nunca havia visto. Claro e escuro. Ash e Jace. Duas personalidades completamente diferentes.

Jace era intensamente sombrio, devorava a mulher com o olhar enquanto alcançava a cintura de suas cuecas. Ela se esqueceu de respirar. Esqueceu o assalto sensual de Ash em seus seios. O pau de Jace emergiu da cueca e apontou para cima, grosso e pulsante.

Jace deu um passo a frente, inclinou-se para baixo e a arrancou, bruto, da pegada de Ash para os seus braços. Ela caiu sobre ele, um choque de peles. Os joelhos dela quase não tocavam os lençóis enquanto Jace a segurava em um beijo. Os braços envoltos seguramente em torno dela, uma mão estendida possessivamente sobre sua bunda e a outra entre suas omoplatas.

Seus peitos estavam espremidos contra a dura parede daquele tórax, e ela logo esqueceu as mãos de Ash, que tão gentilmente acariciaram e provocaram os seus mamilos. Todo o seu corpo estava em chamas. Era... insano. Superava simples luxúria ou necessidade. Ela não sabia nada sobre esse homem e ainda assim sabia que precisava dele como nunca precisara de nada no passado.

– A boceta dela é minha.

Bethany piscou quando ouviu o rosnado grave da garganta de Jace. Suas palavras eram murmúrios no silêncio, e então o riso de Ash ressoou em seus ouvidos.

– Você não costuma ser tão egoísta, cara – disse Ash, o divertimento ainda evidente na sua voz. – Mas posso lidar com isso. Ela tem a boca macia e aposto que o cu é ainda mais.

Jace se mexeu e a girou com força por seus braços. Ela esperava que ele a jogasse na cama e a comesse até que ela ficasse inconsciente, mas seu toque era extremamente gentil ao repousá-la sobre a cama. Havia uma reverência na sua pegada que a confundia.

Suas costas encontraram o colchão e as mãos dele deslizaram por seu corpo, acariciando e tocando como se não as pudesse controlar. As mãos passearam por cima de seus seios e por sua barriga, chegando finalmente aos seus quadris. Ele a posicionou de maneira que sua bunda estivesse bem na borda da cama e suas pernas se pendurassem para fora.

Para o seu máximo choque, ele se ajoelhou no carpete, entre as suas pernas. Seu fôlego desapareceu enquanto via ele baixar a boca.

Meu deus.

– Vou provar essa sua boceta doce – ele murmurou.

Quando a língua atingiu o seu clitóris, todo seu corpo se contraiu. Usando os dedos para abri-la mais, ele a lambeu novamente, fazendo-a tremer quando o prazer passou pelo seu corpo.

Enquanto isso, Ash passava a mão delicadamente sobre sua mandíbula, virando-a para perto de si. Os lábios dela encontraram a ponta do seu pau e Bethany hesitou.

– Abre a boca, coração – Ash disse.

Apesar de pronunciada com doçura, a frase não fora um pedido. Não havia nada remotamente bajulador em sua voz. Era uma ordem e ela não pensou em recusar. Seus lábios se abriram e ele encaixou o pau em sua boca, entrando lentamente enquanto segurava a cabeça dela com a mão, para que ficasse no lugar.

– Isso. Chupa – Ash disse enquanto enfiava mais fundo.

Seu gemido quieto aumentava, e seus dedos se apertavam contra o crânio dela. Bethany abriu os olhos, deixando que Ash ditasse o ritmo. Tudo bem, porque ela não tinha concentração para ficar no controle. Jace a estava destruindo com sua boca. Com a perversa dupla de boca e língua.

Jace não experimentava muito. Golpeava a língua contra o seu clitóris e descia até a sua entrada, empurrando-a para dentro, chupando e lambendo como se fosse algo delicioso. Ash se inclinou sobre ela, para uma posição mais dominante, e a partir de então não havia escolha senão aceitar seu pau tão fundo quanto ele quisesse.

A língua de Jace a abandonou por um breve momento.

– Não a machuque, Ash.

O homem parou imediatamente. Uma tensão passou pelo corpo dela. Ele endureceu e saiu, e Bethany pode vê-lo virar na direção de Jace com uma expressão de fúria.

– Quando foi que eu machuquei uma mulher, Jace?

Havia muito na sua voz. Um irritado e grosseiro macho alfa vindo à tona. Sua atitude brincalhona de flerte havia sumido, e em seu lugar estava algo completamente diferente.

– Caralho, cara! Sério? Você diz uma merda dessas? Que diabos você está pensando?

Bethany tentou se sentar, subitamente não queria mais estar no meio desses dois homens. Mas Jace pousou a mão firme e gentil sobre sua barriga, mantendo-a abaixada. Sequer olhou para ela, mas mantendo a mão ali dava uma ordem silenciosa.

– Foi só um aviso – Jace disse em uma voz calma. – Eu não quero oprimi-la.

Ash estava quieto e os dois homens trocaram olhares duros. Os lábios de Ash franziram e ele pareceu ler algo na expressão de Jace que o fez desistir. O semblante de Ash ficou calmo, e ele abaixou a boca até a de Bethany, beijando-a para reconfortá-la e deixá-la segura.

– Não vou te machucar – sussurrou contra sua boca.

– Eu sei – ela sussurrou de volta. E sabia. Porque Jace não deixaria.

– Mãos e joelhos – Jace disse, interrompendo o breve momento de ternura.

Ela se virou para ver a intensidade no olhar de Jace e seu corpo tremeu por completo novamente.

Mesmo quando foi se posicionar, Jace estava lá, as mãos contra sua pele enquanto a ajudava. Assim que ela se ajeitou, Jace deu um beijo apertado na parte baixa de suas costas.

– Preciso pegar uma camisinha, baby.

Ele se afastou e o ar frio roçou a pele dela, despertando calafrios.

Ash mergulhou os dedos no seu cabelo, penteando os fios para trás repetidamente com movimentos gentis enquanto se posicionava de frente para ela. Apoiado nos joelhos, ele inclinou o pau e o escorregou de volta para dentro de sua boca. Ele manteve uma das mãos no cabelo dela, e com a outra acariciava sua bochecha e mandíbula, brincando e persuadindo Bethany, enquanto os centímetros avançavam por seus lábios.

O cheiro dele preenchia as suas narinas e o gosto preenchia a sua boca.

E então Jace estava de volta, as mãos cobrindo e acariciando sua bunda. Ele beijou suas costas outra vez e deixou a língua deslizar por sua coluna. Ela tremeu até os pés e fechou os olhos enquanto Ash enfiava mais fundo na sua boca.

Ela queria Jace dentro. Precisava. Queria que ele a preenchesse repetidamente, afastando as sombras, esquentando-a de dentro pra fora.

Finalmente, Jace apoiou uma das mãos em sua bunda, e com a outra guiou o pau para a entrada dela. Esfregou a ponta coberta pela camisinha da boca de sua boceta até o clitóris, e depois voltou para cima deslizando em sua umidade. Ele estava testando, certificando-se de que estava pronta. Bethany conseguiu ar para pedir *por favor* com o pau de Ash na boca.

Jace parou. Ficou tão estático que por um momento ela pensou ter feito algo errado. E então ele empurrou para dentro. A mão apertava sua bunda fazendo-a perceber a dificuldade que tinha em se controlar. Ele parecia tão receoso de machucá-la. Ela pareceria tão frágil? O que ele havia visto para tratá-la com tanta reverência, a ponto de insultar seu melhor amigo?

– Linda – Ash murmurou enquanto socava dentro da sua boca novamente.

– Linda – Jace ecoou.

Ele enfiou à máxima profundidade, as bolas pressionadas contra seu monte de vênus. Então segurou ali, passando suas mãos pelas costas dela, fazendo com que tivesse calafrios profundos. Ela fechou os olhos, amando a sensação de estar sendo preenchida, tão preenchida que se esticava ao redor da ereção dele. Cada movimento pelos tecidos extremamente sensíveis fazia ela se contorcer e palpitar.

Ele retirou e veio com força para frente novamente, lento e sensual, extremamente controlado. Ela não queria controle. Queria que ele ficasse louco. Que se enterrasse com força e ferocidade. Queria se perder, imergir tão profundamente na experiência que não pensasse em nada além do prazer de tirar o fôlego que já sabia que eles iriam proporcionar.

Ela se apertou contra Jace, sua boca escorregando pelo pênis rígido de Ash, o gosto duro, masculino em sua língua.

Jace deu uma palmada em sua bunda, assustando-a, mas a sensação arrancou um gemido de sua boca, vibrando no pau de Ash.

– Paciência, baby – Jace murmurou. – Quero fazer direito. Você é gostosa pra cacete. Não quero que termine rápido demais.

– Porra – Ash gemeu enquanto a língua dela lambeu o entorno da cabeça de seu pau. – Não vai durar muito desse jeito. Ela tem uma boca de seda.

Ela riu, subitamente confiante na habilidade de fazê-los enlouquecer da mesma maneira que eles a estavam enlouquecendo.

– Querida, continue trabalhando com a sua boca em volta do meu pau desse jeito, e eu vou gozar com tudo na sua língua, e, como Jace disse, não quero que termine muito rápido. Quero foder a sua boca pelo maior tempo possível.

As mãos de Jace enrijeceram na sua bunda. Todo o corpo dele estava tenso mas ela sabia que ele estava se segurando para não ir rápido demais. Parecia... agitado. Toda vez que Ash falava, Jace ficava tenso. Como se quisesse esquecer que o outro homem estava presente. O quão estranho era isso? Ficou óbvio, pelo jeito com que Ash falava, que essa prática não era incomum entre eles. Bethany indagou brevemente se eles jogavam nos dois times, mas viu que mantinham uma distância segura um do outro. Não havia nenhum indício de que fossem remotamente atraídos um pelo outro. Mas ela? Por ela estavam definitivamente atraídos – ao menos fisicamente.

Jace reiniciou suas estocadas cuidadosas, o pau crescendo a cada empurrão. Ele parecia perto de explodir e ela se perguntava se seria capaz de acomodá-lo se crescesse muito mais. A sensação de tanto pau recheando sua boceta era extraordinária.

Ele retirou, arrastando a cabeça de seu pau para a borda de sua boceta e então retrocedeu de maneira que somente a ponta resvalasse na sua abertura. Então enfiou tudo. Rápido, forte, quente.

Ela ofegou e todo seu corpo teve um espasmo. Tremia descontrolada, as mãos subitamente fracas e incapazes de aguentar o seu peso. Seus braços se dobraram e Ash a segurou, sentando-se de maneira a manter a ereção firme na sua boca. Ele acariciou seu cabelo. Uma das mãos em seu queixo, a outra passando por suas mechas. Era... bom. Eles pareciam tão atenciosos, o que era estúpido de se pensar. Eles não davam a mínima. Ela era apenas uma boceta. Uma bundinha.

– Eu não disse que você não podia gozar, coração – Ash disse rispidamente. – É só que Jace e eu queremos durar um pouco mais. Você vai gozar de novo. Eu garanto. Não se segure. Eu quero essa boquinha trabalhando no meu pau enquanto você goza e Jace quer que sua bocetinha o agarre como um punho.

– Ash... Cala a boca – Jace resmungou.

Quando Ash ficou em silêncio, o corpo dela se enrolou, como se tivesse sido libertado por aquelas palavras roucas. O orgasmo acendeu, como chama em madeira seca, ardente e crepitando fora de controle. Ela não conseguia ficar parada. As mãos de Ash apertaram seu queixo quando ela ameaçou deixar o pau escapar de sua boca. Ele enfiou mais fundo, procurando espaço enquanto ela escapava desesperada em direção a Jace.

– Por favor – ela arfou no pau de Ash. – Mais forte, Jace. Eu preciso de mais força. *Por favor.*

– Porra, Jace. Dá nela – Ash disse numa voz tensa.

As mãos grandes de Jace esticaram-se pelas costas dela, massageando com reverência antes de agarrarem sua bunda em concha, numa pegada deliciosamente possessiva. Ele começou a enfiar mais forte. Rápido. Estocando fundo, a fricção tão gostosa que o quarto começou a rodar em torno dela.

Ela fechou os olhos e sugou Ash mais fundo, a boca se fechando. Todo seu corpo balançava com a força da posse de Jace. A pressão era insuportável. O ímpeto partiu debaixo de seu ventre, vindo para o seu coração, se intensificando perversamente, girando, e batendo como um chicote, espalhando-se como um incêndio incontrollável.

– Merda! – Ash gemeu. – Foda-se, eu vou gozar.

Justo quando o orgasmo dela começava a lampejar, uma fagulha que rapidamente virava uma explosão completa, o primeiro jato de sêmen quente atingiu sua garganta. Ela gritou, mas o som foi rapidamente abafado quando Ash empurrou para cima, os lábios dela resvalando nos pelos despenteados da sua virilha.

Ela se contorcia incontrollavelmente enquanto ouvia Jace xingar. As mãos dele apertavam sua bunda com tanta força que ela sabia que deixariam marcas. Mais rápido, molhado, os sons escorregadios do pau dele mergulhando em sua boceta marcavam o silêncio.

Ela engoliu o líquido quente que saía do pau de Ash e um pouco respingou sobre seus lábios. Então ele cuidadosamente levantou a cabeça e saiu devagar de sua boca. Gentilmente, ele pôs a cabeça para baixo de maneira que sua bochecha descansasse no colchão e continuou a massagear seu cabelo, enquanto Jace continuava o ataque incessante a seus sentidos.

Ele se forçava para dentro dela, aumentando a velocidade, os quadris batendo contra a sua bunda. Ela fechou os olhos e se manteve ali, esgotada, totalmente saciada, deliciando-se nas ondas remanescentes do orgasmo enquanto Jace continuava a estocar.

Então ele ficou rígido contra a sua bunda, enterrando fundo e segurando-se enquanto seu corpo balançava e tinha espasmos. Seu corpo caiu sobre o dela, agasalhando as costas da mulher com o seu calor. Ele deu um beijo tenro no seu ombro. Foi... bom. Tão gentil. Amável.

– Eu não queria que fosse tão rápido – Jace murmurou contra a pele dela. – Mas porra, meu bem, você é gostosa demais.

As palavras dele a atingiram, aquecendo-a mais do que o seu toque e o orgasmo. Adentraram o seu coração, revelando sentimentos que preferia não examinar. Sexo não era uma experiência nova para ela. Sexo sem significado era sem dúvida algo de que havia ficado adepta nos dias em que preferia lidar com a dor de maneira insensata e buscava respostas em lugares onde não havia perguntas. Mas isso...

Era preciso dar um fim a essa maneira estúpida de pensar. Isso não significava nada. Não

era diferente das outras ocasiões de sexo insignificante e entorpecente. Pensar que era distinto apenas a abria para dor e miséria.

Ash baixou a cabeça, seus lábios roçando no rosto dela.

– Vou pegar algo para você beber. Quer mais suco?

– Sim – disse em uma voz sonhadora, ainda revelando a sensação de Jace dentro dela, o seu calor a envolvendo e o seu corpo rígido formando uma concha protetora sobre ela.

Ash caminhou para longe da cama e, quando se foi, Jace beijou o ombro dela novamente. Para o espanto de Bethany, ele se levantou e foi para longe. Um ruído de protesto que ela não queria que escapasse saiu por seus lábios.

– Tenho que jogar a camisinha fora, baby – ele sussurrou. – Eu volto logo.

Ela se esfriou instantaneamente quando o calor dele a deixou. Fria por dentro. Virou-se sobre a barriga, espalhou-se pela cama, sem saber o que deveria acontecer em seguida. Devia se levantar e ir embora? Eles esperavam que ela dormisse lá? No passado, soubera o *script*. Mas essa noite estava totalmente fora do seu escopo de experiência. Além do mais, ela não tinha para onde ir. Apenas voltaria para o frio. Ela não queria que a noite terminasse. A tristeza a possuiu. Nunca deveria ter concordado com isso. Foi uma reprimenda temporária e uma fuga bem-vinda da solidão em sua vida, e ela sabia que iria penar se fosse forçada a ir embora.

Jace engatinhou de volta para cama e Bethany levantou a cabeça, receando o que veria. Ela abriu a boca para perguntar se devia partir, mas ele a puxou para seus braços, embalando-a contra seu corpo.

Ok, então talvez ele ainda não quisesse que ela fosse embora. Isso bastava.

Ela se aconchegou no seu corpo, o calor dele era um luxo que se recusava a negar.

Um momento depois, Ash voltou, ajeitando-se do outro lado dela. O abraço de Jace imediatamente se apertou, os braços como uma barreira para que Ash não a tocasse de nenhuma forma.

– Trouxe seu suco – Ash disse.

Jace cuidadosamente a levantou para uma posição sentada, mas veio junto, com os braços ainda sólidos ao seu redor. Era um pouco bizarro estar sentada entre dois homens nus enquanto bebia suco de laranja, mas também dava uma sensação boa.

Ela bebeu o suco agradecida, a boca seca e um pouco sensível por acomodar o tamanho de Ash. Outras partes também ficariam doloridas. Fazia tempo desde a última vez. Mas era uma sensação que ela iria guardar bem próxima, a memória de uma noite longe da realidade da sua vida.

– Eu devia ir agora? – perguntou sem graça, enquanto devolvia o copo para Ash.

Os lábios de Ash endureceram e os braços de Jace se reforçaram como uma fita de aço em torno da sua cintura.

– De maneira alguma – Jace resmungou. – A gente não está nem perto de terminar. Você vai ficar por aqui. Está frio pra cacete para ficar na rua hoje à noite e está tarde. Não quero que você vá para lugar nenhum a essa hora.

Ela se esforçou para controlar um suspiro de alívio, mas o seu corpo caiu contra o de Jace e ele a beijou no topo da cabeça.

– Dê um minuto para a gente se recuperar e vamos de novo – Ash disse.

O desejo perpassou os seus olhos verdes. Ele a estudou por um momento enquanto as mãos de Jace subiam por seu peito, conformando-se em seus pequenos montes, o polegar gentilmente roçando em seus mamilos. Acabara de sentir o melhor orgasmo de sua vida e seu corpo já queria mais.

– Você disse que já tinha feito um ménage antes – Ash falou casualmente. – Acha que aguenta Jace na sua boceta e eu no seu cu? Já fez isso antes?

Suas bochechas rosaram, o calor chamuscando em sua face. Ela balançou a cabeça, envergonhada demais para vocalizar uma resposta. A imagem que a pergunta evocava ardia em sua mente. A ideia de tomar os dois homens daquela maneira e ao mesmo tempo lhe causava uma tontura de desejo.

– Quer tentar? – Ash perguntou com um sorriso irônico.

– Você não precisa – Jace murmurou perto de seu ouvido.

– Se você já fez um ménage, como foi se você não estava dando para dois homens ao mesmo tempo? – Ash perguntou curioso.

Suas bochechas ainda ardiam e Bethany não conseguia sequer encará-lo de volta. Para alguém tão experiente em sexo, sentia-se como uma virgem estúpida.

– Como antes – ela disse numa voz baixa. – Como a gente acabou de fazer.

– Ah – falou Ash. – Um na sua boca enquanto o outro comia sua boceta.

Ela acenou que sim.

– Já fez sexo anal, então?

– Ash – Jace rosnou em aviso. – Porra. Dá um tempo. Você está envergonhando ela.

Ash encolheu os ombros.

– Não tem do que se envergonhar. Nós estamos aqui sentados com a bunda de fora e acabamos de trepar.

Isso era verdade.

– Sim, eu já fiz anal – disse.

– Você gostou? – Ash perguntou.

– Na verdade, não – admitiu.

– Então a gente não vai fazer – Jace falou com firmeza.

A mandíbula dele estava tensa e o olhar fixo em Ash como se o desafiasse a seguir com o assunto.

Ela limpou a garganta, nervosa.

– Eu gostaria de tentar. Quer dizer, o cara com quem eu experimentei não era exatamente... bom. Vocês sabem, nada como vocês dois.

Ash deu uma risada abafada.

– Não, baby – Jace disse em um tom quieto. – Você não precisa fazer nada só porque é o que a gente quer.

– Vocês fariam bem feito – sussurrou.

– Com certeza – Ash falou, os lábios torcidos, como se ela o tivesse insultado. – Não vou te machucar, docinho. A gente vai devagarinho e gostoso e, se você não gostar, a gente para. É sexy pra cacete.

Sim, ela podia perceber. Que mulher não gostaria que homens como Ash e Jace a iniciassem

em uma situação como essa?

– Tá com fome? – Jace perguntou. – Você não comeu muito. Quer comer alguma coisa antes de a gente fazer de novo?

Ele ajeitou uma mecha do cabelo dela, prendendo-a atrás da orelha enquanto falava. Ela olhou de baixo para Jace, sentindo seus belos olhos cor de chocolate.

– Eu poderia comer algo – murmurou. E era verdade. De repente percebeu-se faminta e a ideia de terminar os restos de seu hambúrguer era atraente.

– Vou pedir mais serviço de quarto – Ash disse, pegando o telefone na mesinha de cabeceira.

– Não precisa – ela protestou. – Eu deixei metade do meu hambúrguer.

– Você vai comer algo fresco e quente – Jace disse, abaixando-se para beijar o canto de sua boca.

– Você quer hambúrguer ou outra coisa? – Ash perguntou, segurando o telefone próximo ao ouvido.

– Qualquer tipo de sanduíche – ela respondeu, não querendo parecer exigente. – E um chocolate quente, se não for abusar.

Ash sorriu.

– Abuso nenhum.

capítulo 5

Jace observou Bethany enquanto ela sentava de pernas cruzadas sobre a cama comendo o sanduíche que eles tinham pedido pelo serviço de quarto. Ela parecia saborear cada uma das mordidas, abocanhando a comida com um respeito ao qual ele não estava acostumado. Não tinha pressa, mas uma urgência em seus movimentos que ele não conseguia entender.

Ela tomou um pouco do chocolate quente, seu rosto parecia sonhador a cada gole. Ele desejou que tivessem pedido mais do que um copo.

Eles não queriam que ela se vestisse – Jace a queria aqui, em sua cama, onde ele pudesse vê-la, senti-la e tocá-la quando quisesse. Ash tinha se vestido quando fora atender o serviço de quarto.

Seria fácil dizer a Ash que saísse, para que Jace pudesse aproveitar o resto da noite a sós com Bethany. Ele gostou da ideia de serem apenas os dois, aqui e nus, curtindo um ao outro e deslizando em um fazer amor tão duradouro quanto eles quisessem.

– Estava muito bom – disse Bethany ao drenar as últimas gotas do chocolate quente. – Obrigada.

– De nada – Jace respondeu em voz baixa.

Ash limpou os pratos, levando-os de volta para a sala de estar. Quando retornou, ele tirou imediatamente a roupa, e Bethany prendeu a respiração com a expectativa que a invadia.

Jace a observou de perto, procurando sinais de que ela estivesse hesitante sobre o que iria acontecer em seguida. Se parecesse minimamente relutante, ele iria cancelar toda aquela maldita ideia, e não se importava se Ash fosse ficar puto ou não. Toda a noite tinha sido estranha demais. Ele não queria o seu melhor amigo ali, dividindo sua mulher.

Sua mulher.

Jace já tinha ciúmes, mas estava prestes a deixar que Ash a comesse. Novamente. Depravação sequer começar a descrever a confusão que ele sentia.

– Fique de joelhos e use sua boca em Jace, querida. Não quero apressar nada. Eu vou fazer devagar e com calma, te deixar excitada para que a gente não te machuque...

Seus olhos arregalaram e os sentidos de Jace entraram em alerta. Porra nenhuma que ele ia deixar Ash comandar o show. Seria do jeito de Jace, mesmo que isso não fosse o que Ash queria em primeiro lugar.

Jace balançou a cabeça, interrompendo Ash em seu caminho para a cama.

Então ele simplesmente se virou para Bethany, beijando sua boca doce, acariciando sua língua. Sentiu o gosto do chocolate que ela tinha acabado de beber. Quente e doce. Sua respiração escapou em pequenos arquejos, explodindo na boca dele. Ele queria mais. Muito mais.

– Vou te deixar excitada – disse, reafirmando a declaração de Ash. – Mas vou fazer do meu

jeito. Quero você quente e molhada. E vou me certificar de que isso vai acontecer te lambendo até que esteja prestes a gozar.

Ela estremeceu, todo o seu corpo sensível às palavras dele. Respondia tão bem aos estímulos que Jace gostava de pensar que era assim só com ele. Não tinha imaginado que ela fosse focar toda a sua atenção nele. Talvez fosse apenas uma ilusão, mas ele não estava errado. Ash estava lá, sim, mas a conexão entre Jace e Bethany havia sido intensa. Não restava dúvida quanto a isso.

– Deite-se e abra as pernas para mim – Jace disse, inserindo um tom de comando em sua voz. Ela respondeu bem à sua voz autoritária mais cedo, e fez o mesmo dessa vez. Os olhos dele escureceram e a expressão de Bethany se amaciou com a submissão.

Esquecendo Ash – Jace sequer notava sua presença naquele momento –, ele viajou no corpo de Bethany, beijando e chupando seu pescoço, seus seios, traçando um caminho preguiçoso por sua barriga lisa até as curvas suaves entre as suas coxas.

Jace inalou, saboreando seu aroma perfumado de excitação. Ela já estava úmida e brilhante quando ele separou suas dobras aveludadas. Rosas e perfeitas, pequenas e tão delicadamente desenhadas quanto o resto de seu corpo. Foi como abrir as pétalas de uma flor e achar orvalho no seu interior. Soprou suavemente sobre seu clitóris e viu como ele se contraiu e se ergueu.

Em seguida, bateu sua língua sobre o botão enrijecido, saboreando a contorção imediata do corpo de Bethany. Ele o circundou suavemente, tomando cuidado para não ser muito brusco com as partes mais sensíveis da mulher. Explorou cada centímetro de seu calor aveludado, deslizando para baixo para dar a volta em sua abertura com a língua e em seguida encaixar-se nela com seus lábios.

Ela se contorceu incontrolavelmente sob ele, arqueando-se para cima para buscar mais de sua boca. Ele olhou para ela, querendo saber se respondia apenas ao seu toque e se satisfazia em ver que Ash apenas agora começava a se posicionar em seus seios. Não a tocara ainda. Suas reações pertenciam unicamente a Jace.

Ele voltou sua atenção para a boceta, deslizando sua língua para dentro dela, a penetrando com movimentos rápidos e curtos. Ela ficou molhada em sua língua, a doce vibração preenchendo sua boca. Jace poderia fazer aquilo a noite toda. Amava o seu gosto. Adorava a sensação de tê-la em sua língua. Macia. Sedosa. Como nada que ele jamais imaginara.

Ele sabia que ela estava chegando ao gozo. Seu corpo ficou tenso e sua respiração acelerou. Jace olhou novamente para ver a boca de Ash se fechar em torno de um mamilo ereto e, por um momento, o assistiu. Podia não gostar de dividir Bethany com Ash, mas a visão de seu amigo chupando os mamilos dela era sensual demais. Assistir a outro homem dando prazer a mulher que ele estava fodendo era uma sensação que nunca ficava velha.

– Você gosta do que ele está fazendo, Bethany? – Jace perguntou, seu tom rouco e áspero de desejo. Não, ele não queria Ash ali, mas naquele momento poderia se perder no puro erotismo de assisti-la reagir a dois homens chupando o seu corpo. – As nossas bocas te dão prazer, baby?

– S-sim – ela sibilou. – É tão bom, Jace. Nada nunca foi melhor.

A satisfação tomou conta dele. Ela podia ter feito vários ménages – sexo enlouquecido – o que diabos fosse que a interessava antes, mas nenhum homem proporcionara o tipo de prazer

que ele daria. Ia garantir isso.

Jace esfregou o polegar sobre o clitóris e depois deu um beijo em sua entrada, empurrando a língua bruscamente para dentro, dando-lhe um pouco de vertigem. Ele a queria perto. Queria que ela perdesse os sentidos antes que ambos a tomassem simultaneamente. Machucá-la não estava na programação. Ele gostava de dor. Ash gostava de dor. Gostavam de infligir dor. Com a mulher certa. Não que Bethany não fosse essa mulher. Havia muitas coisas que Jace adoraria fazer com ela e para ela. Mas não essa noite. Hoje era reservado a prazeres simples. Não o tipo que acompanha dor aguda e inebriante, infligida da maneira certa.

Haveria tempo de sobra para isso mais tarde. E definitivamente ele ia querer repetir mais tarde. Não era aventura de uma noite só. Teria Bethany de volta em sua cama. Amanhã à noite, na verdade. Mas seria só com ele e ninguém mais. Sem Ash. Sem ninguém. Apenas ele e Bethany, explorando as muitas, *muitas* maneiras que ele queria transar com ela.

Jace chupou uma última vez o clitóris e depois se levantou de joelhos, as mãos segurando as pernas dela para conter seu tremor.

– A gente vai fazer assim, baby. Ash vai brincar com o seu cuzinho um pouco. Facilitar para você. Enquanto isso, você vai usar sua boca em mim. Ele vai entrar em você, certifique-se de que pode aguentá-lo dessa maneira. Quando estivermos certos de que você está acompanhando o ritmo, você vai subir em cima de mim e eu vou entrar na sua bocetinha. E então Ash vai meter no seu cu. Você ainda quer tentar?

Ash se afastou para que Jace pudesse ver o rosto de Bethany. Os olhos dela estavam brilhando com paixão. Nebulosos, um tanto zonzos, mas ardendo de desejo.

Ela lambeu os lábios e depois acenou com a cabeça.

– As palavras, baby. Eu quero ouvir as palavras. Eu quero ter certeza de que você está comigo nisso.

– Sim – ela murmurou com a voz rouca. – Eu estou contigo.

– Graças a Deus, porra – Ash murmurou. – Mal posso esperar para entrar nessa bundinha. Eu vou ser gentil, Bethany. Você vai gostar dessa vez.

Sua boca tremeu em um sorriso torto e ébrio.

– Eu já sei que vou.

Jace se arrastou até a cama e depois ajudou Bethany a ficar de joelhos.

– Fique entre as minhas pernas, baby. Bunda para o alto, para o Ash.

Ela se posicionou entre as suas pernas, e ele olhou para a cabeça escura tão perto de seu pau. Ele estava prestes a gozar em seu rosto e ela ainda não tinha sequer envolvido sua boca melada em torno dele. Ia precisar de muito controle para fazer isso durar até que estivesse dentro dela.

Ash foi ao banheiro e voltou com lubrificante antes de rastejar para atrás de sua bunda. O olhar de Jace cruzou com o de Ash sobre o corpo de Bethany, enviando ao amigo um aviso silencioso. Ash revirou os olhos e soltou um suspiro antes de começar a espremer o gel entre seus dedos.

No momento em que os dedos de Ash tocaram Bethany, ela congelou. Levantou a cabeça de maneira que pudesse ver Jace e o fogo queimando em seus olhos. Seus dedos se enroscaram em torno do seu pau e ele imediatamente saltou, crescendo e ficando ainda mais duro ao seu toque.

– Chupa – ele murmurou. – Lento e fundo.

No momento em que a sua boca se fechou em torno da cabeça, deslizando a língua como um veludo áspero sobre o lado sensível, ele fechou os olhos e estendeu as mãos para enfiá-las em seu cabelo.

Então ela parou novamente, sua boca apertando em torno dele. Jace olhou para cima e viu que Ash se posicionava, guiando seu pênis para dentro das nádegas de Bethany.

– É demais, baby? Se precisar que ele pare, me avise.

Ela negou com a cabeça, sua língua lambendo por cima de seu pau. Bethany fechou os olhos e o tomou mais fundo, com doce afeição até encostar nas suas bolas, sem faltar nada. Caralho, a sua boca era perversamente talentosa.

Então ela engasgou. Sua cabeça subiu em alarme, os olhos arregalados. Um olhar para Ash indicou que ele tinha entrado. Jace colocou a palma da mão no rosto dela, acariciando suas bochechas com os polegares.

– Olhe para mim, baby. Concentre-se em mim e respire fundo. É isso aí. Não lute contra. Deixe acontecer. Ele vai se mexer devagar. Permita-se sentir como é bom e depois pense em como será quando ambos estivermos dentro de você.

Seus olhos escureceram e ela respirou fundo. Então eles se aproximaram e ela soltou um suspiro. Ash não parecia nada diferente, com a cabeça jogada para trás, as mãos apalpando a sua bunda enquanto empurrava para a frente os centímetros que restavam.

– Meu Deus – ela sufocou. – Vocês dois são tão grandes!

Ash riu.

– Fico feliz que a gente te agrade, querida.

Os movimentos de Ash eram lentos e suaves, duas coisas que ele normalmente não era. Mas Jace apreciava que Ash diminuísse um pouco o ritmo com Bethany. Ash podia parecer o mais descontraído dos dois, mas quando se tratava de sexo gostava de ferocidade, aspereza e de estar no total comando. Eles sempre escolhiam as mulheres que não se importavam com isso, porque nenhum dos dois era fácil. Mas essa noite Jace se viu indo contra cada instinto. Ele queria ser gentil e carinhoso, facilitar a experiência para Bethany. E exigia que Ash fizesse o mesmo.

Com qualquer outra mulher, Ash já estaria enfiando até as bolas em sua bunda, fodendo de maneira suja.

– Como está se sentindo? – Jace perguntou. – Acha que está pronta para dar para nós dois ao mesmo tempo?

Seus olhos se abriram e ela engoliu todo o seu pau, deixando-o enlouquecido.

– Caralho, baby, se você me chupar assim de novo nunca vou durar tempo suficiente para colocar em você.

Ela sorriu e sugou o seu pau, permitindo que ele deslizesse quase para fora de sua boca. Então, rodou a língua ao redor da cabeça, provocando-o.

– Eu estou pronta – disse em uma voz sussurrante e animada. – Quero vocês dois.

Ash imediatamente se retirou, a impaciência queimando em seus olhos. Ele queria voltar para dentro dela tanto quanto Jace queria penetrá-la.

– Vem cá – Jace ordenou, estendendo a mão para ela.

Ela se arrastou por cima do seu corpo, hesitando em seus quadris. Jace estendeu a mão para segurar o pau, agarrando a base enquanto ela se levantava sobre os joelhos e ele se posicionava.

– Vá gostoso e devagar, baby. Não quero te machucar.

Ela colocou as mãos sobre sua barriga, seu toque como fogo em sua pele. Então desceu lentamente e ele observava cada flash de expressão em seu rosto enquanto deslizava para baixo, o envelopando em seu calor de seda.

Os olhos dela ficaram semicerrados, o azul se esfumando gradualmente enquanto fazia o seu caminho para baixo. Ela parou por um momento, seu olhar arregalado enquanto forçava os últimos cinco centímetros para dentro.

Bethany olhou para baixo, verificando o progresso, e então, decidida a enfiar todo o resto, olhou para cima com uma determinação feroz. Inclinou-se para a frente, ajustando o ângulo, e fez ele entrar com um empurrão firme.

Jace estava mergulhado em seu fogo, um prazer líquido ao redor dele, encharcando-o, puxando-o e apertando-o como uma boca gulosa.

Ele moveu a mão e agarrou seus quadris, os dedos se enrolando em suas costas macias. Em seguida, incapaz de permanecer parado, ergueu as mãos, deslizando ao longo da lateral do corpo dela até que alcançou os seus seios. Segurou e os acariciou, brincando com os seus mamilos até que ficassem bastante eretos.

– É muito? – ele perguntou com a voz rouca.

– Caralho, espero que não – disse Ash em uma voz igualmente rouca.

O olhar de Jace desviou por cima do ombro de Bethany para ver Ash de joelhos, sua feição tensa. Os olhos de Ash brilhavam com calor e luxúria e, em seguida, ele estendeu a mão, colocando-a no meio das costas de Bethany. Ela se encolheu, reagindo ao toque dele. A resposta de Jace foi imediata. Ele a puxou para mais perto de si, não queria as mãos de Ash sobre ela. O que era risível, considerando que Ash colocaria uma parte muito mais íntima de si próprio dentro do corpo de Bethany, em questão de segundos.

Ainda assim, Jace encontrou o olhar de Ash, silenciosamente alertando-o para tomar cuidado. Ele não se importava se ia deixar seu amigo puto. Bethany era importante demais. Ela não era um de seus típicos casos de uma noite. Planejava ficar perto dela por muito tempo e garantiria que ela estivesse em sua cama. A última coisa que Jace queria era que a assustassem ou a fizessem jurar não manter qualquer contato com ele.

– Preciso que você relaxe para mim, amor – disse Ash, com as mãos nas costas de Bethany novamente. Suas palmas patinaram sobre seus ombros, apertando-os de uma forma tranquilizadora.

– Eu vou te comer tão devagar quanto você precisar. Vai ficar muito mais apertado com Jace aí dentro. Seu corpo não vai querer me deixar entrar.

Bethany prendeu a respiração, o que foi evidente pela forma como seu corpo ficou parado e seu tórax deixou de se mover. Não havia medo em seu olhar, mas Jace podia ver incerteza, como se ela duvidasse de que Ash seria capaz de empurrar como fizera antes.

Jace esfregou as mãos para cima e para baixo no corpo dela, sobre seus seios, acalmando-a e acariciando-a, tentando fazer com que relaxasse mais. Ele acenou para Ash e então puxou

Bethany em sua direção para que o ângulo facilitasse a penetração de Ash.

Ash esfregou lubrificante sobre a camisinha esticada em seu pênis e gentilmente dedou Bethany, aplicando o gel dentro e fora, esticando-a com os seus dedos.

– Ok, amor, eu vou colocar. Empurre contra mim se puder e não lute contra. Não quero que doa mais do que tem que doer. Quando eu estiver dentro vai ficar gostoso. Eu prometo.

Seus olhos se arregalaram e ela soltou um gemido quando Ash começou a pressionar. Jace pôde sentir imediatamente um aumento na pressão. Ele gemeu quando a boceta de Bethany se apertou no seu pau. Os lábios dela afinaram e ela fechou os olhos, o esforço evidente em sua testa franzida.

– Você está bem? – Jace sussurrou.

Seus olhos se abriram e ela suspirou:

– Sim. Bem. Não parem.

– Claro que não – disse Ash. – Agora eu não paro mais. Respire fundo, querida. Vou empurrar tudo de uma vez. Estou quase lá. Melhor meter logo.

Mesmo antes que ela pudesse prender a respiração, Jace sentiu o choque de seu corpo se abrindo para a invasão de Ash. Sentiu o aperto delicioso de sua boceta contraindo em torno dele. A pressão era inacreditável, de repente sua boceta estava apertada como um punho. Ele não sabia como diabos iria se mexer, mas achou melhor deixar Ash fazer a maior parte dos movimentos.

– Porra, ela é apertada – Ash respirou. – Eu sabia que esse cuzinho seria doce, mas isso é incrível. Ash parou, totalmente enfiado nela. Inclinou-se sobre suas costas, esfregando o nariz contra seu pescoço, dando-lhe tempo para se ajustar à sensação de ter duas picas enterradas nela de uma vez.

– O que eu faço? – Bethany sussurrou. – Quer dizer, o que eu devo fazer? Sinto que não posso nem me mexer ou eu vou desmontar.

Jace segurou seu rosto e esfregou o polegar de maneira tranquilizadora sobre sua bochecha.

– Você não tem que fazer nada, querida. Nós vamos fazer todo o trabalho. Só quero que você relaxe e aproveite.

– Ok – ela respirava. – Posso fazer isso.

Ash recuou, fazendo com que sua boceta ondulasse sobre o pau de Jace. Ele apertou a mandíbula, inalando pelo nariz enquanto lutava contra a ejaculação. Então Ash empurrou para a frente, suave e lentamente. Bethany gemeu e se inclinou mais para Jace, os seios quase tocando seu tórax.

Jace colocou as mãos em sua cintura, fechou os dedos abaixo de sua bunda e a ergueu um pouco, arqueando-se enquanto ela levantava. Logo, ele e Ash encontraram o ritmo ao qual estavam acostumados e se revezavam, colocando e tirando.

– Nunca imaginei – ela disse em uma voz tensa. – Nunca foi tão bom assim antes.

Ash riu.

– Eu disse, querida. Você está dando para os homens errados.

Ela endureceu momentaneamente e Jace queria chutar o traseiro de Ash por trazer à tona o que, evidentemente, era um assunto delicado para ela. Mas qual mulher gostaria de ser lembrada dos outros homens com quem tinha dormido enquanto transava com outra pessoa? E a última coisa que Jace queria era ser lembrado dos outros homens que tinham possuído

Bethany.

Jace levantou a cabeça e tomou sua boca, beijando-a profundamente, imitando seu pau já enfiado bem no fundo de sua vagina. Ele enrolou a mão ao redor de sua nuca, em seu cabelo, enquanto a ancorava contra sua boca, aprofundando sua posse. Queria estar dentro dela de tantas maneiras quanto fossem possíveis. Boca, língua, pica. Ele queria estar dentro dela e não apenas fisicamente.

A boca de Bethany se moveu para cima e para baixo sobre a dele ao mesmo tempo em que Ash colocava mais força em seus golpes. Ela engasgava cada vez que Ash ia até o fundo, o suspiro delicado escapava para dentro da boca de Jace. Ele o tragava, sugando o ar que ela respirava.

Suas bolas doíam, seu pau estava inchado e rígido, pronto para mergulhar fundo e explodir. Ele resistiu, porque a queria consigo, queria garantir que ela recebesse prazer antes dele.

As mãos de Ash deslizaram entre ela e Jace, acomodando-se nos seios de Bethany. Ele brincou com os seus mamilos e o beijo dela se tornou mais urgente contra a boca de Jace. Ela se contorcia e se controlava, tanto quanto podia, recheada de dois paus enormes. Jace sabia que ela estava perto, porque tinha ficado incrivelmente molhada, permitindo que ele metesse com mais facilidade.

– Tá doendo – ela gemeu. – Mas, meu Deus, é tão bom.

– Pode ter certeza que é – Ash concordou.

Jace se recusou a se afastar de sua boca para dizer alguma coisa. Ele se recuperou no minuto em que ela se calou, e se arqueou para cima, metendo até as bolas.

– Jace – ela sussurrou, engolindo seu nome.

Mas Jace escutou e uma onda de triunfo ardeu em suas veias, deixando-o orgulhoso. Ela não tinha dito o nome de Ash no calor da paixão. Disse o seu.

– Eu vou gozar – ela disse entre dentes. – Vem comigo. Vamos juntos.

Suas mãos, que estavam plantadas firmemente contra o peito de Jace, de súbito deixaram sua pele e mergulharam em seu cabelo, segurando os fios com força. Ela o beijou de maneira quase selvagem, tomando a boca de Jace tão intensamente quanto ele tinha tomado antes a dela.

Sem fôlego, frenética, quente. Suas línguas se enrolavam e se confrontavam, os lábios se arqueando e moldando-se um contra o outro.

Seu grito foi agudo, ecoou pela sala. A cabeça para trás, o tórax arqueado para a frente. Ela fechou os olhos e soltou outro gemido, ficando molhada em torno dele. Sua libertação catapultou a de Jace.

Ele a seguiu, seu próprio grito misturado com o dela. Ouviu vagamente o rosnado de Ash e toda a cama balançava enquanto o homem batia forte no traseiro dela, forçando-a para a frente, contra o peito de Jace.

Jace a segurou, envolvendo os braços firmemente ao seu redor, abraçando-a enquanto Ash enfiava nela de novo e de novo. Ela se aninhou em seu pescoço e se pendurou nele como se temesse cair. E então Ash ficou imóvel, seu rosto mostrando uma tensão agonizante. Ele se inclinou, pressionando seu peito contra as costas de Bethany, e os três ficaram ali, quietos, tremendo, ainda tendo calafrios no rescaldo daqueles orgasmos explosivos.

Putá merda, mas Jace sentiu como se estivesse virado do avesso. Ele tinha gozado tão forte, que parecia que cada gota de líquido em seu corpo havia sido ejaculada naquele preservativo. Nunca se ressentiu tanto por ter usado um preservativo. Ele queria gozar dentro de Bethany. Senti-la espremendo cada gota de sêmen de seu pênis.

Jace estendeu a mão para uma mecha de cabelo da mulher, brincando distraidamente com ela enquanto tentava recuperar o controle de seus sentidos despedaçados. Não tinha certeza do que exatamente havia acontecido ali. Tudo o que sabia era que Bethany representava uma completa virada de jogo.

Ela estava deitada sobre o seu peito, prensada entre os dois homens. Seus olhos estavam fechados e o seu peito arfava enquanto lutava para respirar. Ash soltou um gemido e, finalmente, se alavancando para cima, deu um beijo no ombro de Bethany e escorregou para fora da sua bunda, aliviando a pressão intensa ao redor do pênis de Jace, que ainda estava enterrado na vagina de Bethany.

Ela gemia baixinho e Jace imediatamente passou os braços ao seu redor, cobrindo a extensão de suas costas nuas, agora que Ash se fora.

– Eu estou destruído – disse Ash. – Longo dia, longa noite. Vou deixar vocês dois aqui e desmaiar no outro quarto.

Jace assentiu, aliviado. Ash nunca ficava no final. Ele nunca dormia com as mulheres. Ele as comia e depois as deixava para Jace. Jace não se permitia os típicos momentos de carinho, mas pelo menos compartilhava a cama com algumas de suas parceiras depois do sexo.

Ele não fez nenhum movimento para se separar de Bethany. Gostava da sensação de tê-la em torno dele. Ainda estava duro, mesmo após o orgasmo entorpecente, e sabia que tinha de se retirar logo, antes do preservativo vaziar ou estourar sob a tensão, mas não conseguia fazê-lo. Ainda não. Queria mais alguns momentos com ela em seus braços, seu corpo inerte e quente abraçado docemente ao seu.

Ela se moveu contra ele, e Jace acariciava seus cabelos, beijando sua testa enquanto ela palpitava ao redor dele. Deus, estava ficando ainda mais duro.

– Eu preciso tirar a camisinha – disse ele.

Quando ela ia se levantar, Jace passou os braços em torno dela e fez com que Bethany ficasse por baixo. Em seguida, saiu lentamente de sua boceta, lamentando cada centímetro que se afastava.

Os olhos de Bethany eram uma mistura de sonolência e confusão, como se não conseguisse processar o que acabara de acontecer. Aliás, os dois estavam assim. Jace também não entendia o que tinha acontecido. Ele poderia dizer com segurança que nunca se sentiu tão... *possessivo* por uma mulher, muito menos alguém que só havia conhecido há algumas horas e sobre quem não sabia nada.

Era uma situação que ele remediaría imediatamente.

Sua natureza era a de controlar. Entrar, assumir. Era o que desejava agora. Foi seu primeiro instinto. Estabelecer os termos, informar a Bethany que ela era sua e que iria cuidar dela agora.

Havia vários problemas que zumbiam fortemente em sua cabeça enquanto ele se levantava da cama, tirava a camisinha e se desfazia dela. Sem se incomodar em vestir sua cueca, ele

voltou para a cama e puxou Bethany para os seus braços antes de puxar o cobertor sobre ambos.

Ele não a queria assustar e tinha o palpite de que ela não era como as outras mulheres. Era diferente. De alguma forma, mais frágil. A última coisa que queria era pressioná-la demais e assustá-la.

O outro problema era... Ash. O que diabos faria com o seu melhor amigo? Um amigo com quem dividia tudo, até mesmo as mulheres, sem problemas.

Nunca mais iria dividir Bethany com Ash.

Ele fechou os olhos, inalando o aroma doce da mulher enquanto a cercava com seu corpo, com seu toque. Que merda, a quem estava enganando? Não era ele que a estava cercando. Não, estava se cercando... *dela*.

Jace suspirou, sabendo que não seria fácil. Provavelmente seria confuso para cacete. Ele falaria com Ash de manhã. Deixaria o amigo saber como ele se sentia e levaria a partir dali. Não tinha ideia de como Ash responderia. Isso nunca aconteceu com eles. Estavam sempre em sintonia. Jace nunca teve de se preocupar se cansaria de uma mulher antes de Ash, ou vice-versa. Ou se ele iria querer uma mulher e Ash não. Estavam em sincronia. O vínculo que tinham era mais profundo do que uma simples amizade.

Só que agora as coisas mudaram de maneira brutal. Ash era seu amigo. Seu irmão. Tão próximo dele quanto Mia. E, no entanto, pela primeira vez, Jace o queria fora de cena. Não pretendia deixar nada para Ash quando se tratava de Bethany. Era uma merda. Ele sabia que era. Mas não mudava absolutamente nada.

Jace só esperava que Ash entendesse. Ele tinha que entender.

Olhou para Bethany, sabendo que estava quieto havia muito tempo. Não disse nada para ela desde que Ash os deixara, exceto que precisava cuidar da camisinha. Não era exatamente romântico.

Foda-se. Ele estava preocupado em ser romântico?

Não deveria se preocupar. Bethany dormia profundamente, os cílios fechados suavemente sobre seu rosto. Jace prendeu o fôlego quando reparou como ela parecia vulnerável. Foi imediatamente atacado por uma onda protetora feroz que desafiava qualquer explicação.

O que havia entre eles não estava esmaecendo. Estava aqui, tangível e sólido. Agora ele só tinha que descobrir como faria, porque quando chegasse a manhã não a deixaria partir.

=====
Conteúdo disponibilizado gratuitamente por Le Livros
=====

capítulo 6

Jace despertou sem a nitidez que normalmente possuía. Costumava acordar cedo. Ele nem sequer possuía um despertador. Acordava todas as manhãs no mesmo horário, não importava se era um dia de trabalho ou não.

Esta manhã, porém, despertou a contragosto, o corpo mole e saciado, o contentamento correndo por suas veias. Ele tentou alcançar Bethany no mesmo instante, querendo a sensação da sua pele sob seus dedos.

Encontrando apenas um espaço vago, franziu a testa e acordou completamente, apoiando-se sobre o cotovelo para ver o vazio ao seu lado. A única prova de que alguém havia estado lá era o travesseiro recuado, apesar de Bethany ter passado a maior parte da noite com a cabeça aninhada em seu ombro, seu corpo enrolado em seu lado.

Como diabos ela tinha saído da cama sem que Jace percebesse? Ele balançou a cabeça e jogou as pernas sobre a borda do colchão. Levantou-se espreguiçando e foi em busca da mulher.

Caminhou em direção à sala de estar da suíte, esfregando a mão pela nuca e pelo cabelo. Tudo estava completamente silencioso. E vazio.

Seu olhar encontrou a porta fechada do outro quarto e Jace foi atingido pelo pensamento de que Bethany poderia estar ali dentro. Na cama com Ash. Ele cerrou os punhos e respirou fundo. Atravessou a distância que faltava e hesitou ao chegar à porta, a mão pairando sobre a maçaneta.

A última coisa que queria ver era Bethany nos braços de Ash. A raiva correu quente em seu sangue. Ele prolongou a respiração em uma tentativa de manter o controle. Sua mão se apertou em torno da maçaneta até que os nós dos dedos ficassem brancos.

Ele torceu a maçaneta com brutalidade e empurrou a porta para dentro, procurando imediatamente a cama. Seu olhar se estreitou e suas sobrancelhas se juntaram quando viu Ash deitado. Sozinho. Nenhum sinal de Bethany.

Ash se mexeu e abriu os olhos. Levantou a cabeça e fez uma careta quando viu Jace.

– O hotel está pegando fogo?

Jace não respondeu e a cabeça de Ash caiu para trás sobre o travesseiro.

– Não? Então volte para a porra da cama e me deixe em paz – Ash resmungou. – Ainda está cedo para caralho.

– Estava procurando a Bethany – Jace disse calmamente.

Ash voltou a cabeça, seu olhar afiado.

– Eu deixei ela com você, cara.

– Mas ela não está lá. Não está em nenhum lugar da suíte.

Ash se apoiou nos cotovelos, o lençol enrolado na cintura.

– Ela deu o fora?

Os lábios de Jace se apertaram.

– Não sei. Talvez só tenha descido por algum motivo.

Ash levantou uma sobrancelha como se dissesse que Jace era um idiota. Jace soltou a respiração e saiu do quarto de Ash.

– Espere um segundo, cara, vou te ajudar a procurar.

– Pode deixar.

O olhar de Jace varreu a sala novamente, procurando algo. Uma pista. Algo que mostrasse que ela voltaria. Quando voltou para o quarto onde ele e Bethany haviam dormido, percebeu que nenhuma das suas roupas estavam onde tinham sido deixadas na noite anterior. Não havia nada que sugerisse que ela havia estado ali.

– Jace, ela deixou um bilhete.

Jace caminhou de volta para a sala e encontrou Ash de pé na frente da mesa de café, segurando um dos cartões com o logotipo do hotel. Ash o entregou na mão que Jace estendeu.

Ele franziu a testa ao ler a letra cursiva e feminina que traçava a superfície.

Obrigada por uma noite maravilhosa e pelo jantar. Você a tornou especial. Eu nunca vou esquecer de ontem nem de você.

– Filha da puta – Jace murmurou.

Ele se afastou e depois jogou o bilhete com raiva do outro lado da sala. O papel bateu na parede e voou para o chão. Ela foi embora! Sem dizer uma palavra. Sem o acordar. Simplesmente saiu da cama e foi embora. Ele não sabia nem a porra do sobrenome dela. Ou onde morava. Ou como encontrá-la.

Jace pensou que teria tempo para descobrir todas essas coisas. Tinha planejado conhecer o máximo possível sobre ela durante o café da manhã. Tinha idealizado tudo. Café da manhã na cama. Mimá-la ridiculamente. Fazer amor novamente, de preferência depois de Ash ir embora. E depois deixá-la saber, em termos inequívocos, que se encontrariam outra vez.

– Qual é o problema, cara? – Ash perguntou.

Jace se virou.

– Ela foi *embora*. Esse é o problema.

Os lábios de Ash se apertaram e ele lançou um olhar inquisitivo para Jace.

– O que exatamente você queria? Outra noite? Duas? E depois? Até parece que nós temos algum relacionamento longo. As coisas podem não ter acontecido do jeito que queria, mas você tem que apreciar a ironia de ter sido ela quem foi embora. Geralmente o que nós fazemos. Ela facilitou para caramba a nossa situação.

Os dentes de Jace se cerraram e as narinas se dilataram quando a raiva vermelha e quente chegou até a sua espinha. Precisou de cada pinga de controle para não atacar o seu amigo. Exalou com força e em seguida ergueu o olhar para encarar Ash.

– É. Mais fácil.

Não conseguia evitar que o desgosto transparecesse em sua voz. Nem se importava. Ele se virou e voltou ao quarto para se vestir. Vestiu a calça e a camisa, sem se preocupar em tomar banho ou fazer a barba. Não sabia há quanto tempo Bethany tinha saído e queria perguntar à equipe no lobby e ao porteiro.

Sua mente já pensava em opções quando ele caminhou até a porta.

– Jace? – Ash chamou.

Ele parou e se virou para ver que Ash ainda estava de pé na sala de estar, com uma expressão preocupada no rosto.

– O que está acontecendo, cara? Você agiu de forma diferente desde o momento em que a viu na festa. Nós comemos um monte de mulheres juntos, mas noite passada você não pareceu tranquilo com o que a gente estava fazendo.

– Eu não estava.

– Então, por que você fez?

Jace olhou para ele por um longo momento.

– Porque era o que eu tinha que fazer para ficar com ela.

Sem esperar por uma resposta, Jace saiu da sala. Entrou no elevador, apertou o botão para o lobby inúmeras vezes e ferveu com impaciência enquanto esperava as portas se fecharem.

Sim, Ash ia pensar que ele tinha perdido a porra da cabeça. Talvez tivesse. Certamente não podia explicar o que estava acontecendo... Nem sabia como chamar tudo *isso*. Obsessão?

Ele sabia que não era simples luxúria. Essa ele experimentara muitas vezes. Luxúria era indiferença. Era sobre saciar uma necessidade de sexo. Liberação física sem envolvimento emocional.

Mas como poderia pensar que tinha um vínculo afetivo com Bethany, se não sabia nada sobre ela?

Jace saiu do elevador com determinação. Ela podia ter fugido, mas ele ia trazê-la de volta com certeza.

Meia hora depois, estava pronto para enfiar seu punho em uma parede. Havia questionado cada funcionário e não tinha conseguido absolutamente nada. O porteiro relatou ter visto ela caminhar para fora do hotel logo após o amanhecer. Não tinha pedido que chamasse um táxi nem tinha buscado um na rua. Simplesmente saiu andando.

Sem a porra de um casaco.

Estava meio que chovendo, meio que nevando. Frio para cacete. E ela saiu sem um casaco.

O que o frustrou ainda mais foi que ele queria rastrear o serviço de buffet e procurar informações sobre Bethany, mas era domingo, o que significava que até segunda-feira não conseguiria nada.

capítulo 7

Jace saiu de seu carro depois de pedir ao motorista para dar uma volta e esperar e, em seguida, puxou a gola do casaco para evitar que a garoa deslizesse por seu pescoço. Correu para o abrigo de mulheres que ficava prensado entre uma igreja católica antiga e um restaurante de sopa nas fronteiras do bairro de Hell's Kitchen.

Escureceria em breve e isso o irritou, não por causa da noite que se aproximava, mas porque ele tinha levado o dia todo para reunir as informações que queria. E só agora conseguiu localizá-la.

A única informação que o serviço de buffet tinha no arquivo era o nome completo da mulher e esse endereço. Bethany teria listado outro emprego como a sua informação de contato? Ele poderia ter ligado para o abrigo para obter alguma informação, mas no momento em que encontrou uma indicação mínima de onde ela poderia estar saiu de seu escritório e direto para lá.

Jace se enfiou porta adentro e sacudiu a água da chuva. Uma mulher mais velha olhou surpresa por cima de onde estava sentada, em uma mesa pouco distante da porta. Ele supôs que não era uma ocorrência comum a aparição de um homem no abrigo para mulheres, e, se a reação dos funcionários indicava alguma coisa, tendo estado pensativo e mal-humorado o dia inteiro, tinha certeza de que não parecia muito simpático.

– Posso ajudar? – a senhora perguntou, aproximando-se.

Jace percorreu o interior do abrigo com os olhos, atendo-se à pequenez, à escassez do quarto – era apenas um quarto. Camas portáteis preenchiam a maior parte do espaço. Havia uma área de convívio atrás, com um sofá em ruínas e algumas cadeiras estranhas situadas em torno de uma televisão.

Havia cerca de dez mulheres à vista e ele ficou chocado com o silêncio entre elas. As idades variavam desde muito jovens a bastante velhas e todas tinham um olhar cansado, sem esperança, o que fez o intestino de Jace revirar.

Era isso o que a sua Bethany fazia? Será que era voluntária aqui e depois fazia bicos para ganhar um dinheiro extra? Ele sentiu uma onda de orgulho. Lembrou-se da reação dela quando pensou que ia ser paga pelo sexo. E ela foi embora mesmo estando óbvio que ele e Ash tinham dinheiro. Ash estava certo sobre uma coisa. Geralmente eram eles que terminavam com as mulheres. Nenhuma outra mulher tinha ido embora sem a expectativa de lucrar com eles.

Mesmo vestindo um bom casaco, o interior do abrigo era frio. Seu olhar se estreitou quando viu que a maioria dos ocupantes usava mais de uma camada de roupa. Mesmo a mulher mais velha, de pé na frente dele, vestia casaco e luvas.

– Por que diabos o aquecedor não está ligado? – ele perguntou.

A mulher olhou assustada. E então riu. Jace piscou, não esperava esse tipo de resposta.

– Você vai ter que reclamar com a prefeitura – respondeu a senhora, com raiva vibrando em sua voz. – Eles cortaram tanto o financiamento que não podemos nos dar ao luxo de consertar o aquecedor, que está quebrado desde a semana passada. Tudo o que temos são algumas unidades de aquecimento portáteis, e as usamos à noite para que as mulheres possam pelo menos dormir aquecidas.

Jace xingou.

– Há algo em que eu possa ajudá-lo, senhor...?

Ele estendeu a mão. – Crestwell. Meu nome é Jace Crestwell, e sim, há algo em que você pode me ajudar. Estou à procura de alguém que trabalha aqui. Seu nome é Bethany Willis.

A mulher apertou a mão dele, mas franziu a testa.

– Eu sou Kate Stover. É bom conhecê-lo, Sr. Crestwell. Mas não tem nenhuma Bethany trabalhando aqui.

As sobrancelhas dele se uniram.

– Ela colocou esse como seu endereço de contato em um documento de trabalho.

Sra. Stover franziu os lábios por um momento e então suspirou.

– Muitas das mulheres usam esse endereço. Ajuda quando estão tentando conseguir um emprego. As empresas não estão muito interessadas em contratar uma mulher sem-teto.

Jace olhava para ela sem compreender completamente o que estava sugerindo. Não. Não podia ser. Mas se fosse... A Sra. Stover retribuía o olhar com desconfiança e seus lábios tinham se apertado, como se já tivesse se arrependido da pouca informação que tinha dado.

Ele limpou a garganta e fez o máximo de esforço para não parecer ameaçador, como se não tivesse sido atingindo pela informação que recebera.

– Sra. Stover, estou interessado em contratar a Bethany. É um trabalho muito bem remunerado e certamente melhoraria suas circunstâncias. Se você está preocupada que eu seja um ex-amante ciumento, um atual ou antigo marido maluco, posso te garantir que não sou nada disso. Vou deixar o nome da minha empresa e uma série de referências e você pode ligar para os meus sócios ou para a recepcionista e verificar minha identidade e minhas intenções.

Enquanto falava, entregou seu cartão de visitas e viu os olhos da mulher se arregalarem de surpresa. Ela o encarou, analisando-o por um longo tempo. A incerteza era evidente enquanto lutava com a possibilidade de confiar nele. Jace prendeu a respiração, esperando. Até que ela finalmente pareceu relaxar e seu olhar perdeu o peso quando leu o seu cartão.

– Você disse que o nome dela é Bethany. Pode descrevê-la para mim?

Jace limpou a garganta, mal conseguia falar após o nó que havia aparecido lá.

– Pequena. Muito magra. Jovem. Uns vinte e poucos anos? Cabelo preto na altura dos ombros. Ela o estava usando preso em um clipe. E tem olhos azuis muito vívidos. Inesquecíveis.

Com essas informações os olhos da mulher brilharam de reconhecimento e seu rosto se suavizou.

– Sim, eu conheço Bethany. Ela esteve aqui sábado de manhã para ver se tinha uma cama para a noite. Foi lamentável, mas eu tive que negar.

A tristeza pesava no rosto da velha. Ela levantou a mão para afastar os fios prateados do seu cabelo de seu rosto.

– É a coisa que eu mais odeio em ser voluntária aqui, quando tenho que mandar as mulheres embora porque não temos espaço. Um trabalho certamente seria bem-vindo nas circunstâncias em que a Bethany está, tenho certeza. Ela falou que ia usar este endereço para dar aos potenciais empregadores, mas eram bicos. Um trabalho permanente seria maravilhoso.

Jace abriu a boca em choque. Não era isso o que ele esperava ouvir. Queria refutar a hipótese de Bethany ser uma sem-teto, apesar de sua suspeita ter aumentado no momento em que ele começou a falar com a Sra. Stover. Voltou a pensar na noite de sábado. No desalinho da roupa que ela vestia. O olhar cansado em seus olhos. O jeito como ela perguntou se o jantar fazia parte da proposta. Santa Maria, mãe de Deus. Ele se sentiu mal até os ossos. Será que ela aceitou a oferta de Ash por que era a única maneira de arranjar um lugar para dormir? Será que ela pensou que não tinha outra escolha?

– Você a viu desde então? – Jace perguntou firmemente.

A Sra. Stover sacudiu a cabeça, pesarosa.

– Não. Mas ela aparece aqui de tempos em tempos. Já ficou aqui antes.

– Sabe alguma coisa sobre ela? Qualquer coisa que me ajudasse a encontrá-la? – disse isso de maneira urgente. Então ele ponderou sua ansiedade e adotou um tom mais calmo. – Eu prefiro contratá-la, mas não posso manter a vaga aberta para sempre. Tenho que localizá-la o mais rápido possível.

Jace ia para o inferno por enganar uma idosa, especialmente a que dirigia um abrigo para mulheres que, provavelmente, foram abusadas por bastardos que mentiam assim como ele. Mas de jeito nenhum iria machucar Bethany. Se pudesse encontrá-la, faria de tudo para garantir que ela não passasse outra noite nas ruas. A ideia de que ela podia estar lá agora o fez querer socar a parede, e isso definitivamente não era uma atitude adequada em um abrigo de mulheres.

– Sinto muito, mas não. Ela é muito calada quando está aqui. Fica muito na dela. Eu dei o nome de outros abrigos, mas tenho certeza que ela está familiarizada com todos eles.

– Eu quero esses nomes – Jace disse sem rodeios. – Quanto tempo?

As sobrelanceiras da mulher se levantaram questionadoras.

– Há quanto tempo ela vem aqui?

– Eu só trabalho aqui há um ano, mas nesse tempo ela veio talvez uma meia dúzia de vezes.

O peito de Jace se apertou até que ficou difícil respirar. Bethany – sua Bethany – era uma sem-teto. Esteve segura em seus braços por uma noite e, apesar de toda a sua riqueza e capacidade de fornecer a única coisa de que ela precisava de verdade, ele a tinha deixado escapar. De volta para o frio e a incerteza.

Deus! Nesse mesmo instante ela devia estar em algum lugar nas ruas. Sem um casaco. Com frio. Fome. Sem proteção.

– Faça-me um favor, Sra. Stover.

Ele mostrou o seu cartão novamente, fechando os dedos dela em torno do papel.

– Se você a encontrar novamente, me ligue. De dia ou à noite. O meu número de celular está aqui. Ligue no momento em que a encontrar e não a deixe fora de sua vista até eu chegar aqui. Você pode fazer isso por mim?

A Sra. Stover franziu a testa e o encarou com estranhamento. Jace foi rápido em se

desculpar pela sua urgência, antes que ela suspeitasse de algo outra vez e mandasse a sua história para o inferno.

Era o fim. Ele soou como um namorado degenerado, demente e abusivo, obcecado em caçar a sua amante fugitiva. Jesus. Se Ash pudesse vê-lo e ouvi-lo, traria Gabe aqui e os dois o imobilizariam fisicamente e o tirariam dali. Depois provavelmente pediriam a ajuda da porra de um psiquiatra.

– Eu sou simpático à sua situação, Sra. Stover. Ela é uma candidata qualificada e agora que sei de suas circunstâncias é ainda mais importante que seja a única a receber a minha oferta. Eu poderia contratar alguém, mas ela precisa do emprego. Você pode entrar em contato comigo, por favor?

Ele estava orgulhoso de seu tom de voz tranquilo. Até conseguiu se convencer de que não tinha perdido a porra da cabeça.

A Sra. Stover relaxou e sorriu, colocando o cartão no bolso.

– Eu ligo para você se a encontrar.

– Obrigado – disse Jace.

Ele olhou ao redor do quarto, para as mulheres amontoadas nas camas portáteis, nas cadeiras e no sofá. Tentou controlar a raiva que corria em suas veias.

– Você vai ter a sua calefação, Sra. Stover.

Seus olhos se arregalaram.

Quando se encaminhou para voltar ao seu carro, puxou o celular do bolso e começou a fazer algumas ligações.

capítulo 8

Bethany tremeu violentamente ao tropeçar em um cruzamento. Precisou de toda a sua concentração para não cair. Um pé na frente do outro. Se caísse agora seria atropelada. Os motoristas de Nova Iorque não eram exatamente amigos dos pedestres.

Ela ergueu a cabeça, sua respiração saindo como uma névoa, e viu a igreja a apenas um quarteirão de distância. Estava quase lá. Uma oração sussurrada saiu de seus lábios. *Por favor, Deus. Faça com que eles tenham espaço hoje.*

Um pouco da dormência tinha passado. Parte do choque se foi e a realidade apareceu. Ela virou as palmas das mãos para cima, vendo os machucados e o sangue. Suas calças estavam rasgadas nos joelhos e no quadril, onde havia arranhões também. O sangue estava grudado em sua pele, colando o jeans ao seu corpo e fazendo suas pernas congelarem.

Lágrimas brotaram no canto do olho. Como Jack podia ter feito isso? Sua visão ficou turva e ela prendeu a respiração, determinada a andar a última quadra até o abrigo. Mesmo que só pudessem oferecer refúgio por uma hora, um lugar para se aquecer, limpar seus arranhões e descansar o corpo dolorido, seria o suficiente.

Ela não tinha dinheiro. Não tinha absolutamente nada. O dinheiro que havia juntado tão cuidadosamente se foi. Jack devia a pessoas extremamente sórdidas e eles tinham vindo cobrar. Dela. Enquanto estava deitada e atordoada no chão gelado, arrancaram as notas de seu bolso. Um deles chutou suas costelas e então a deixaram, com a lembrança de que Jack devia *muito* mais e ela teria apenas uma semana para pagar.

Bethany mordeu os lábios quando mais lágrimas ameaçaram cair. Estava exausta, doente até a alma. Sofria e sentia tanto frio e fome que só queria se enrolar e morrer.

O alívio a enfraqueceu quando chegou à porta do abrigo. Por um momento, teve medo de entrar porque se fosse mandada embora não teria forças para sair de novo.

Fechando os olhos e inspirando profundamente, ela colocou a mão para fora e abriu a porta.

Foi imediatamente atingida por uma rajada de ar quente, tão boa que ela ficou fraca e murcha ali mesmo. Não estava tão bem aquecido da última vez que veio. A calefação não estava funcionando.

Lá dentro pôde ouvir o burburinho das outras mulheres. Elas soavam quase... *felizes*. E abrigos não eram lugares alegres. Aromas irresistíveis chegaram às suas narinas. Ao senti-los, seu estômago roncou. Seja lá o que estivessem comendo, cheirava maravilhosamente bem.

Bethany deu um passo hesitante, permitindo que a porta se fechasse atrás dela. O calor era tão bem-vindo que por um bom tempo ela não pôde se mover, com a sensação das mãos e dos pés começando a voltar. O calor era bem-vindo e indesejável ao mesmo tempo, porque trouxe também a dor.

– Bethany? É você, querida?

A cabeça de Bethany se ergueu, franzindo a testa. Não tinha deixado o seu nome aqui, ou tinha? Buscou em sua memória, mas não podia se lembrar se já tinha dito algo à voluntária.

Mesmo assim acenou com a cabeça, sem querer fazer nada que diminuísse suas chances de poder ficar.

– O que diabos aconteceu?

A voluntária engasgou quando se aproximou dela, e Bethany estremeceu com a expressão da mulher.

– Eu estou bem. Só caí. Esperava... – Sua garganta ameaçou se fechar com um nó. – Esperava que houvesse espaço para mim essa noite.” Na hora em que terminou de falar, ela se preparou para a rejeição, incapaz de suportar a ideia.

– É claro que tem, filha. Venha e descanse. Vou pegar uma xícara de chocolate quente e você pode comer assim que estiver aquecida.

O alívio que sentiu era impressionante. Percorreu seu corpo, quase a derrubando onde estava. Bethany viu calor e bondade nos olhos da mulher e relaxou, com a euforia se instalando. Eles tinham espaço essa noite! Ela teria um lugar quente para dormir, e comida! Foi o suficiente para fazê-la querer chorar.

Bethany se arrastava atrás da voluntária e franziu a testa quando reparou nas ocupantes. Parecia haver mais mulheres hoje do que da última vez que ela tinha vindo buscar abrigo. E não havia espaço para ela naquele dia. Eles se expandiram? Arranjaram mais camas?

– Eu sou a Kate – disse a mulher, assim que parou perto de uma cadeira. – Sente aqui. Vou pegar seu chocolate e depois vamos arranjar alguma coisa para você comer. Precisamos dar uma olhada nesses cortes.

– Obrigada, Kate – Bethany disse com voz rouca. – Estou realmente agradecida.

Kate a tranquilizou e, em seguida, afagou sua mão.

– Volto já. Tudo vai ficar bem, querida.

Sem entender a promessa estranha, Bethany afundou na cadeira e imediatamente desfaleceu, tinha perdido toda a sua força. As mãos tremiam e ela as enrolou em sua fina camisa, tentando se aquecer mais rápido. Os cortes doíam, mas não eram graves.

Seu olhar encontrou Kate enquanto ela se movimentava pela cozinha preparando o chocolate quente. Estava em seu telefone celular e era óbvio que conversava sobre algo urgente. Depois de um momento, colocou o telefone de volta no bolso e tirou um copo do micro-ondas. Trouxe a caneca fumegante para Bethany e gentilmente a colocou em suas mãos.

– Aqui está, querida. Beba. Está quente. Tudo vai ficar bem. Eu não quero que você se preocupe.

Foi a segunda vez que ofereceu uma garantia cega para Bethany, mas ela estava cansada demais para se questionar. Se não estivesse com tanta fome e frio iria se enrolar em uma das camas e dormir pelas próximas vinte e quatro horas. Ou até a expulsarem novamente.

*

Jace estava em seu escritório olhando pensativo para a pilha de documentos diante dele. Haviam passado duas semanas de merda desde que Bethany escapara, e ele não estava mais perto de encontrá-la agora do que estava na primeira manhã. Não foi por falta de tentativa.

O trabalho estava sofrível. A maioria dos empregados o evitava. Mesmo Gabe e Ash mantinham distância. Felizmente, Mia estava tão envolvida em seus planos para o casamento que parecia alheia à preocupação e ao mau humor de Jace.

O Natal estava a apenas uma semana de distância e ele não podia suportar a ideia de que Bethany passaria a noite com frio e sozinha, sem cama, sem comida. Sem nada.

Ele fechou a mão em um punho e teve vontade de fazer um buraco na mesa.

Sua porta se abriu e ele estava prestes a rosnar uma demissão para quem interrompesse sua privacidade quando viu Ash entrar. Alguma coisa na expressão do amigo freou sua réplica.

Ash estava... bem, estava o Ash típico. Irreverente. Não dava a mínima. Raramente era sério. Hoje, porém, parecia... cauteloso. Como se tivesse algo em mente.

– Porra, a sua família está te assediando com essa coisa de Natal? – Jace grunhiu.

Só uma coisa mexia com Ash. Sua família. Ash passava a maior parte do tempo – e das festas de fim de ano – com Jace e Mia. Levaram-na para o Caribe no feriado de Ação de Graças, apenas algumas semanas atrás, para ajudá-la a cuidar de seu coração partido quando Gabe terminou o relacionamento – graças a Deus, a rejeição havia sido de curta duração – mas a verdade é que Ash passava muito mais tempo com Gabe, Jace e Mia do que com sua própria família.

– Tem uma coisa em que você deveria dar uma olhada – disse Ash com um tom calmo e grave, que não era típico dele.

Um alerta subiu pela espinha de Jace e prendeu seu pescoço em uma chave de braço.

– É algo com o Gabe e a Mia? – perguntou. Ele mataria o desgraçado se partisse o coração de sua irmã novamente.

Ash jogou uma pasta sobre a mesa de Jace.

– Você provavelmente vai ficar irritado comigo por causa disso, mas sou seu amigo e é isso que os amigos fazem. Você faria a mesma coisa por mim.

Os olhos de Jace se estreitaram.

– Do que diabos está falando, Ash?

– Enquanto você passou as últimas duas semanas procurando por Bethany Willis, eu busquei informações *sobre* ela. Precisa deixar isso para lá, cara. Pula fora. Ela não é boa coisa.

Um calor correu nas veias de Jace quando olhou para Ash.

– Vou fingir que você não disse para eu esquecer a mulher sem-teto com quem nós transamos. Uma mulher de quem a gente claramente se aproveitou, estando cientes disso ou não. Uma mulher que não tem abrigo nem comida, não tem a porra de um casaco para se aquecer.

Ash levantou a mão.

– Leia o maldito relatório, Jace.

– Por que *você* não me diz a razão de ela não ser boa coisa? – perguntou Jace acidamente.

Ash suspirou.

– Ela tem um antecedente por posse de drogas. Nunca teve um emprego estável. Nunca. Esteve em um orfanato a maior parte da sua vida. Se formou no colegial, mas nunca foi para a faculdade.

A mandíbula de Jace estalou e ele olhou para a pasta em cima da mesa. Em seguida levantou

o olhar para Ash, que o encarava.

– E você não acha que são razões muito boas para ajudá-la?

– Se você fosse só ajudar, sim – disse Ash. – Mas nós dois sabemos que a intenção não é só essa. Porra, você está *obcecado*, Jace. Nunca vi você assim. Precisa dar o fora. Nós fodemos com ela, sim. Nós fodemos com um monte de mulheres. Não sei por que ela se destaca do resto.

Jace se levantou, pronto para arrancar a cabeça de Ash, quando seu celular tocou. Ele o puxou, verificando o número do telefone, mas esse não era familiar nem estava marcado em seus contatos. Normalmente iria ignorá-lo, mas não tinha deixado de atender uma única chamada desde que saiu à procura de Bethany.

– Jace Crestwell – disse rapidamente, ainda olhando para Ash.

– Sr. Crestwell, aqui é Kate Stover do Abrigo Santo Antônio para Mulheres.

O pulso de Jace acelerou e ele caiu em sua cadeira, mandando Ash ir embora.

– Sim, Sra. Stover, como vai?

– Ela está aqui – Kate disse sem rodeios. – Acabou de entrar. Está... machucada.

Seu estômago se revirou e o medo engrossou na garganta.

– O quê? O que aconteceu?

– Eu não sei. Ela acabou de chegar. Falei para ela se sentar e estou preparando uma xícara de chocolate quente nesse minuto. Bethany não parece bem, Sr. Crestwell. Está claramente assustada e exausta e, como eu disse, está ferida.

– Sente-se em cima dela, se for preciso – Jace grunhiu. – Não importa o que você tenha que fazer. Não deixe ela ir embora antes de eu chegar.

Ele guardou o telefone no bolso e disparou para fora de sua cadeira. Quando passou por Ash, a mão do amigo tentou agarrar o seu braço.

– Que merda, cara! O que está acontecendo?

Jace libertou seu braço do aperto de Ash.

– Estou indo buscar Bethany. Ela está ferida.

Ash xingou e sacudiu a cabeça.

– É uma má ideia.

Jace saiu do escritório em direção ao corredor. Podia ouvir Ash correndo atrás dele quando alcançou o elevador.

– Vou com você – disse o amigo, com uma voz sombria.

Jace entrou no elevador e, quando Ash tentava segui-lo, colocou seu braço para bloquear a passagem. Com a outra mão apertou o botão para o andar térreo e, em seguida, empurrou Ash para trás.

– Fique fora disso – Jace advertiu em um tom suave. – Isso não te diz respeito.

As narinas de Ash se dilataram e seus olhos arderam por um momento. Jace sabia que era algo horrível de se falar, mas Ash tinha sido um merda de qualquer maneira.

– Sim, tem razão. Você não me diz respeito – disse Ash, com um forte sarcasmo misturado à sua voz.

Ele permitiu que o elevador se fechasse, afastando-se com os lábios apertados enquanto Jace desaparecia de vista.

capítulo 9

Jace mandou seu motorista ir para o abrigo e disse para ele correr. Não podia ter certeza de que Bethany ia ficar por lá e não estava disposto a se arriscar. Não sabendo que ela já tinha desaparecido uma vez.

Kate disse que Bethany estava ferida e sua mente estava cheia de imagens, nenhuma delas era boa. Eles não tinham entrado em detalhes. Jace estava muito impaciente para chegar até ela. Como diabos tinha se machucado?

Uma mulher sozinha nas ruas... Havia mil e uma maneiras de ela se machucar e todas faziam o intestino de Jace apertar.

Quando o carro parou na frente do abrigo, ele pediu para o motorista esperar. Provavelmente não demoraria, mas ele queria estar preparado para tudo.

Caminhou em direção à entrada, o vento cortante passando por seu casaco. Quando abriu a porta seu olhar imediatamente varreu a sala, procurando por Bethany. Então, finalmente, a encontrou. Na parte de trás. Em um canto afastado das outras. Estava sentada em uma cadeira, pálida e parecendo perdida. Ainda assim, Jace ficou fascinado com a visão dela, aliviado além das palavras por ela estar lá. Podia ver que suas calças estavam rasgadas nos joelhos e na lateral. Também notava as manchas de sangue em suas roupas e os arranhões inflamados nos cotovelos. Que diabos?

Antes que pudesse começar de novo, Kate apareceu na sua frente, o rosto enrugado de preocupação.

– Vai levá-la com você, Sr. Crestwell?

– Ah, sim. Ela virá comigo. Eu vou cuidar dela, prometo.

A expressão de Kate se acalmou.

– Ótimo. Eu me preocupo com ela. Com todas elas.

Ele começou a avançar, ansioso para chegar até ela e ver o quanto estava machucada, mas Kate o interrompeu mais uma vez.

– Quero agradecer – ela disse em uma voz suave. – Por tudo. O aquecimento. A comida. A doação generosa. Olhe ao seu redor, Sr. Crestwell. Todas as mulheres têm comida e um lugar quente para dormir graças a você.

Jace fez uma careta, desconfortável com a gratidão. Acenou com a cabeça brevemente e, em seguida, dirigiu-se para Bethany. Os olhos dela estavam fechados. Parecia estar dormindo sentada. Ele aproveitou a oportunidade para observá-la mais de perto e se odiou por causa do que viu.

Ela parecia ainda mais magra, se possível. Tinha olheiras sob os olhos. Estava pálida.

E sofria.

Ele se ajoelhou silencioso à sua frente. Assim que ela percebeu sua presença, seus olhos se

abriram e ela se encolheu para longe, com o pânico disparando em seus olhos.

– Está tudo bem, Bethany – murmurou.

Seus olhos se arregalaram e ele ficou satisfeito em ver que seu medo desapareceu, sendo rapidamente substituído pela confusão.

– Jace?

Seu nome saiu num sussurro cauteloso, como se ela não acreditasse que era ele ajoelhado ali. Então Bethany se endireitou e virou as mãos para dentro, escondendo os arranhões e o sangue.

– O que está fazendo aqui? – ela perguntou com a voz trêmula.

A expressão de Jace endureceu e ele ficou de pé. O olhar da mulher o seguiu e, sem dizer nada, ele simplesmente estendeu a mão e levantou seu peso ligeiro da cadeira.

Ela pousou suavemente em seu peito e Jace a embalou possessivamente, determinado em não permitir que mais nada a machucasse. Em seguida, ela endureceu e sua boca se abriu com um suspiro.

– O que você está fazendo? – sibilou.

Ele caminhou em direção à porta, firmando o abraço quando ela tentou se desvencilhar.

– Estou tirando você daqui – ele proferiu.

Ela começou a protestar e Jace percebeu o olhar preocupado de Kate. Ele acenou para tranquilizar a senhora e então apertou o abraço ainda mais.

– Chega – afirmou. – Não lute contra mim. Você está deixando a Kate preocupada. Não vou te machucar. Eu prometi a ela que ia cuidar de você. Não faça uma cena. Você quer assustar as mulheres?

Ela mordeu o lábio e ficou inerte. Lentamente, balançou a cabeça.

– Não – sussurrou. – Mas você não pode simplesmente me levar daqui, Jace.

– Preste atenção, então.

Abriu caminho para fora da porta e a explosão de ar frio a fez tremer instantaneamente. Ele xingou sob sua respiração, irritado por ela não estar mais abrigada do frio. Sua roupa não era nenhuma barreira contra o mau tempo.

– Você está me assustando.

Ela falou com a voz baixa e ele pôde sentir seu tremor em seus braços. Se de frio ou de medo, ele não tinha certeza.

– Não vou te machucar, você sabe muito bem.

Seu olhar estava assombrado quando ela o encarou. Ele parou no meio-fio enquanto seu carro se aproximava, ignorando os olhares dos transeuntes.

– Como é que eu sei disso?

Os lábios de Jace se contraíram.

– Se ainda não sabe, logo vai saber.

O carro parou e o motorista saiu apressado para abrir a porta de trás. Jace se inclinou para acomodar Bethany no banco e, em seguida, deslizou para o seu lado. Ela suspirou no momento em que entrou em contato com os bancos aquecidos.

Momentos depois, o carro entrou no trânsito e o silêncio pairou sobre o banco traseiro.

– Para onde vamos? – perguntou Bethany, o tremor ainda evidente em sua voz.

Ele pegou suas mãos, observando suas palmas para examinar os arranhões.

– O que aconteceu, Bethany?

Ela ficou tão paralisada que ele teve de olhar para ter certeza de que estava respirando. Havia tanta escuridão em seus olhos – *desesperança* – que tirou o seu fôlego. Ele sabia, sem dúvida, que tinha feito a coisa certa. Não importava os demônios contra os quais ela tinha lutado, em que circunstâncias, atuais ou passadas. Ele tinha feito a coisa certa ao procurá-la e levá-la embora.

Bethany puxou suas mãos para longe de Jace e virou o rosto para a janela. O que ele estava fazendo? Como a encontrou? *Por que* a procurou?

Vê-lo no abrigo foi um choque enorme. Algo que a havia deixado incapaz de realizar o mais simples raciocínio. Ela quase não protestou quando ele a carregou para longe, levando-a para o banco traseiro do seu carro. Aquilo não seria um sequestro?

– Bethany, olhe para mim.

Apesar de seu tom ser delicado, não restava dúvida de que era uma ordem. Tinha um tom de voz impossível de não obedecer. Ela levantou o queixo e olhou para ele por debaixo de suas pestanas, sua respiração ficou presa na garganta.

Era um homem tão bonito. Tão sombrio e pensativo. Emanava poder. Qualquer um seria um tolo de não perceber a sua força. Era óbvia, para todos verem. Usava de sua autoridade como se tivesse nascido para isso.

Embora tivesse pensado que ele era um homem que sempre fazia uma mulher se sentir segura, neste momento ela estava uma pilha de nervos. Os seus olhos sugeriam que ela não estava nem um pouco segura, embora não tivesse certeza do que exatamente a ameaçava.

Ele não a machucaria. Disso tinha certeza. Mas existem muitos outros tipos de dores além das físicas.

– Não tenha medo de mim.

Os lábios se torceram.

– Isso não é algo que você pode ordenar, simplesmente. Dizer para alguém não ter medo não faz com que isso se concretize!

Seu olhar endureceu.

– Eu dei algum sinal de que vou machucar você?

– Você acabou de me tirar do abrigo contra a minha vontade! O que fez foi um sequestro! Por que você estava lá, Jace? Como e por que me encontrou? Eu não entendo. Suas palavras saíram muito mais altas do que ela pretendia. Havia uma estridência em sua voz que externalizava seu pânico

Ele colocou os dedos em sua bochecha, pressionando apenas o bastante para ela sentir seu toque e não virar o rosto.

– Você precisa de mim – disse simplesmente.

A boca de Bethany se abriu e ela olhou espantada. Não tinha ideia do que dizer depois disso. O que poderia dizer?

Então, ele se inclinou para a frente e pôs os lábios em sua testa, no mais delicado dos beijos. Bethany fechou os olhos, saboreando a doçura do gesto. Esse homem era um problema com letra maiúscula. *Ela* estava com problemas. Muito, muito grandes.

– Essa noite você vai voltar para o meu apartamento – disse Jace, enquanto se sentava novamente no banco. Falou com a calma que ela com certeza não sentia. – Amanhã vou te levar para o apartamento da minha irmã. Ela não o está usando mais. Está mobiliado, de modo que você não vai precisar de mais nada.

A boca de Bethany se abriu novamente diante da certeza de sua voz. Não era uma pergunta. Ele não estava pedindo nada. Falou como se tudo já estivesse decidido. Como se ela não tivesse absolutamente nada a acrescentar sobre o seu destino.

– Isso é loucura – sussurrou. – Você não pode simplesmente reorganizar minha vida dessa maneira. Eu não posso ficar no apartamento da sua irmã.

Ele levantou uma sobrancelha e apontou o olhar firme para ela, de uma forma que a fez se sentir estúpida.

– Você tem outro lugar para ficar?

Ela corou.

– Você sabe que não.

– Então não vejo por que isso é um problema. Mia não está usando o apartamento. Está morando com Gabe até eles se casarem. Sua colega de quarto se mudou para a casa do namorado. O lugar está vazio e pago. Você vai ficar lá, pelo menos por agora.

Sua testa se enrugou com a adição do “por agora”.

Ele sorriu como se percebesse a razão de sua confusão.

– Eventualmente você vai morar comigo, mas eu entendo que precisa de um tempo para se ajustar à nossa... situação.

– Você é louco – ela murmurou. – Fui sequestrada por um louco.

Jace fez uma careta quando pararam na porta de um arranha-céu ultramoderno em frente ao Central Park. Caía uma chuva constante. Ele estendeu a mão, puxando-a na direção da porta enquanto saía.

– Depressa para você não se molhar – disse, à medida que corria em direção à entrada.

Bethany foi forçada a correr para acompanhá-lo e, quando chegaram lá dentro, ela estava sem ar. Fez uma careta quando o jeans, furado nos joelhos, se rasgou, roçando os arranhões outra vez.

Jace viu sua expressão de dor e xingou ao ver a sua calça rasgada. Tomando-a pelo braço, ele a guiou em direção ao elevador e a conduziu para dentro. Apesar de seus esforços para entrar antes de ficarem molhados, as roupas tinham grudado úmidas no corpo dela e Bethany se arrepiou.

O elevador levava ao elegante hall de entrada com piso em mármore e com um enorme lustre de cristal suspenso no teto. Ele a impulsionou para a frente com uma cutucada e Bethany caminhou hesitante por seu novo apartamento.

– Precisamos tirar essas roupas e eu tenho que cuidar dos seus ferimentos – disse Jace severamente.

Sua declaração fez com que ela o abraçasse mais apertado, como se pudesse manter suas roupas assim. Sim, ele a tinha visto nua, mas a ideia de ficar pelada na frente dele de novo fez Bethany se sentir extremamente vulnerável.

Ela o chamou de louco, mas era mais maluca do que ele porque estava permitindo tudo isso.

Pode-se dizer que ele tinha lhe dado pouca escolha, mas Bethany não lutou contra *tanto* assim.

– Precisamos conversar, Jace – ela gaguejou. – Isso é loucura. Não posso ficar aqui com você. Eu nem sei por que você estava naquele abrigo ou como descobriu que eu iria para lá!

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela e sua expressão não admitia discussão.

– Teremos muito tempo para falar sobre a nossa situação depois que você tomar um banho quente e eu der uma olhada nesses arranhões. Você está certa. Temos coisa para caramba para conversar, e acredite, nós vamos chegar lá. Mas a minha prioridade é garantir que você seja cuidada.

Ela olhou para si mesma, enlameada, e decidiu que um banho quente seria definitivamente bem-vindo. Não importa qual fosse a explicação de Jace, ela lidaria muito melhor com isso quando estivesse quente e seca.

– Tudo bem – murmurou.

A boca do homem se contorceu, desconfiada.

– Viu? Isso não foi tão difícil, foi?

Ela franziu o cenho.

– O quê?

– Me dar o controle. Vou avisar desde já, Bethany. Estou muito acostumado a conseguir o que eu quero.

Que p...? Ela não tinha dito nada sobre ceder o controle!

Bethany abriu a boca para dizer exatamente isso, mas Jace baixou os lábios até os dela e a beijou, fazendo-a se calar completamente no processo.

=====
Conteúdo disponibilizado gratuitamente por Le Livros
=====

capítulo 10

Bethany sentou no balcão do banheiro enquanto Jace examinava minuciosamente cada arranhão e corte no seu corpo. Era metódico. Ela estava completamente nua e Jace não deixou nem um centímetro da sua pele sem ser examinado.

Seus lábios estavam fechados formando uma linha fina, mas ele permaneceu em silêncio enquanto cuidava de suas feridas. Ela ainda sentia frio. Estava com frio por dentro. Com frio até os ossos. Parecia que não se sentiria aquecida novamente.

Depois de passar vários minutos tremendo, Jace xingou – uma coisa que fazia com frequência perto dela – e a levou para fora do balcão.

– Vou ligar o chuveiro. Você precisa se aquecer. Depois que sair, vou colocar curativos nos arranhões. Não acho que você precise de pontos em nenhum dos cortes, mas vou passar uma pomada antibiótica para não inflamarem. Enquanto você estiver no chuveiro vou preparar o jantar para a gente.

Não esperou que ela concordasse. Seria ridículo, já que não havia pedido a sua opinião uma vez sequer. Ele se inclinou, ligou o chuveiro e depois voltou para onde Bethany estava parada, sem roupa alguma. E pensar que ela tinha acreditado que o dia não poderia ficar mais bizarro.

Ele deslizou a mão por seu braço nu até o ombro, que apertou de modo tranquilizador. Depois saiu do banheiro. Ela caiu contra o balcão e, em seguida, se virou para examinar seu reflexo no espelho. Parecia uma versão menos triste da morte. Cansada. Pálida. Preocupada. Assustada.

Havia um milhão de palavras girando em sua mente.

Ela fechou os olhos e balançou precariamente até se agarrar à borda do balcão para se firmar. Esta noite, pelo menos, estava segura. Mesmo sem ter ideia do que tinha acontecido com Jace, ela ficou aliviada por ter sido trazida aqui. Onde ninguém poderia encontrá-la. Mesmo Jack não saberia onde ela estava.

Um alívio. Que, apesar de pequeno, ela acolheu.

Sabendo que estava desperdiçando água quente, entrou no chuveiro e gemeu com o calor em cascata sobre seu corpo dolorido. Era pura felicidade. A coisa mais maravilhosa que já havia sentido.

Jogou a cabeça para cima, deixando o jato de água lavar o seu rosto e abaixo do pescoço. Seus arranhões doíam quando a água quente os tocava, mas Bethany teve o cuidado de limpar todos os cortes em sua pele.

Permaneceu no chuveiro até seu corpo ficar pesado e letárgico pela longa exposição ao calor intenso. Depois de enxaguar o cabelo uma última vez, desligou a água com relutância e saiu.

Ar quente tocou seu corpo, surpreendendo-a. Ela olhou para cima para ver que Jace tinha

ligado o aquecedor do banheiro, o que foi agradável e acolhedor depois do seu banho de meia hora. As toalhas que tinha eram luxuosas. Enormes e macias, tão macias que ela se sentiu cercada por uma nuvem. Quase a enrolava duas vezes ao redor de seu corpo.

Foi um desperdício pecaminoso, mas ela usou duas toalhas, uma para o corpo e outra para embrulhar o cabelo. Era um luxo frívolo que deu uma sensação vertiginosa de conforto para ela aproveitar.

Bethany piscou surpresa quando percebeu uma muda de roupas em cima do balcão que não estava lá antes. E um manto espesso pendurado na parte de trás da porta. Havia também um par de chinelos. O homem tinha pensado em tudo.

Observou a roupa de novo e franziu a testa. Ele simplesmente guarda roupas femininas em seu apartamento?

Ela pegou a calça jeans e a camiseta e logo viu que ambas as peças eram grandes. Não muito, e sinceramente, há mais ou menos um ano teriam servido. Bethany não estava tão magra nessa época. Era mais carnuda. Tinha uma forma mais verdadeira.

Agora, fora reduzida a peitos e não muito mais. Sem quadris. Uma bunda que não era lá grandes coisas. Feições angulosas, devido à perda de peso. A vida nas ruas era difícil. Envelhecia a pessoa antes do tempo.

Depois de tomar o tempo para se secar completamente, ela puxou a calcinha presa entre o jeans e a camiseta, envergonhada por usar as roupas íntimas de outra mulher. Não havia sutiã e ela concluiu que realmente não importava. Possuía apenas dois e ambos estavam quase caindo aos pedaços. O que tinha tirado, ou melhor, o que Jace tinha tirado, era sujo e rasgado. Não era aproveitável.

Não era como se ele nunca tivesse estado perto e íntimo de seus peitos. Vê-la sem um sutiã não seria um choque.

Ela puxou a camiseta sobre a cabeça e deixou que caísse folgada sobre seus quadris. A roupa nem sequer se esticou apertada sobre os seios. O que significava que a dona da camisa era mais bem-dotada do que ela.

Depois de vestir as calças jeans, ela tirou a toalha de sua cabeça e arrastou os dedos pelos cabelos em uma tentativa de corrigir o visual de gato molhado. Foi apenas parcialmente bem-sucedida e não estava disposta a vasculhar as gavetas de Jace para pegar uma escova emprestada.

Bethany soltou um suspiro profundo, alinhou os ombros e, em seguida, caminhou para a porta. Ela hesitou, sua mão segurando a maçaneta. Totalmente covarde. A ideia de enfrentar Jace a aterrorizava. Não porque achasse que ele a machucaria, mas porque sabia que não tinha a menor chance contra ele.

Pior, ela não tinha certeza de que queria ficar com ele. Era muito mais fácil lhe permitir assumir o comando. Ser cuidada era tão raro que a oferta a deixou tentada. Balançava diante dela como a cenoura na frente do burro, naquele antigo provérbio.

Ela deu um pulo quando a porta vibrou contra sua mão.

– Bethany? Já terminou?

Engolindo em seco, ela abriu a porta para ver Jace de pé a poucos metros de distância. Ele olhou para baixo e franziu a testa.

– Eu preciso que você tire o jeans outra vez. Eu devia ter feito os curativos antes de você se vestir.

– Eu esqueci – disse ela, em voz baixa. – Já que você tinha deixado a roupa lá, pensei que você queria que eu me vestisse.

– Não tem problema. Vem para a sala de estar. Vamos fazer isso lá.

Ele estendeu a mão para tocar seu cotovelo e a guiou para fora do banheiro, atravessando o seu quarto e, em seguida, chegando à extensa sala de estar.

Jace tinha uma visão espetacular da cidade, com janelas panorâmicas.

– Tire o seu jeans – disse. – E fique confortável no sofá. O jantar está quase pronto. Quando eu tiver terminado de te ajeitar, podemos comer.

Sabendo que era inútil discutir, ela desabotoou a calça, deixando-a cair pelas suas pernas.

– Eu sei que são muito grandes – Jace disse, enquanto ela as chutava para longe. Ele pegou a sua mão e a puxou para se sentar ao seu lado. – Nós vamos comprar o que você precisar amanhã. A primeira coisa que você vai comprar é a porra de um casaco. Está congelando lá fora e você tem percorrido esta cidade maldita sem uma roupa adequada. Essa merda acaba agora.

O seu tom era duro como aço e, mesmo assim, uma parte da frieza que lhe era típica começou a dar lugar para a preocupação. Ele falou como um homem que realmente se preocupava com seu bem-estar.

Ela se freou mentalmente porque esse tipo de fantasia era território perigoso. Tinha aprendido da maneira mais difícil que não podia confiar em absolutamente ninguém, a não ser em si própria, para cuidar dela. Já tinha se decepcionado consigo mesma. Com todos os outros também.

Ele se inclinou para a mesa de centro, onde estava um pequeno kit de primeiros socorros. Houve um longo momento de silêncio, enquanto Jace aplicava pomada em cada um dos arranhões e, em seguida, fixava a gaze e os esparadrapos nos curativos grandes e band-aids sobre os cortes menores.

Antes que ela percebesse sua intenção, Jace a empurrou de volta para o sofá e levantou sua camiseta.

– Eu não tenho nenhum corte aí! – reclamou quando a mão dele deslizou sobre sua barriga.

A expressão de Jace era sanguinária quando seu olhar encontrou o dela.

– Não, mas você tem contusões. O que aconteceu lá fora, Bethany? Quem fez isso com você?

Parecia tão irritado que ela se acovardou com a raiva em sua voz. Seu instinto foi se retirar. Autopreservação.

Um assobio baixo escapou de seus lábios apertados.

– Porra, Bethany, eu não vou te machucar. Nunca vou te machucar. Mas quero saber quem foi o filho da puta que fez isso.

– V-você está s-soando tão b-bravo.

– Claro! Estou furioso! Mas não com você, baby. – Sua voz suavizou quando a chamou de *baby*, e algo dentro dela também amoleceu. – Estou chateado com o idiota que colocou as mãos em você. E quero que me diga exatamente o que aconteceu.

Ela ficou pálida e seus olhos se arregalaram.

Então, quando pensava que ele não podia fazer mais nada para surpreendê-la, Jace se inclinou sobre ela e baixou a cabeça diante de suas costelas. Deu um beijo apertado em cada uma das contusões, sua boca tão suave que ela mal sentiu a pressão.

Meu Deus, como iria resistir a esse homem?

– Você precisa de algo para a dor? – ele perguntou.

– Eu estou bem – Bethany sussurrou. – Só estou com fome.

Jace imediatamente levantou a cabeça, a boca contraída outra vez. – Quanto tempo faz que você não come? Não minta para mim.

Ela engoliu a seco, mas não mentiu.

– Três dias.

– Puta que pariu!

Sua mandíbula inchou e ele se virou se controlando antes de enfrentá-la novamente. Quando voltou o rosto, havia fogo em seus olhos e ele ainda parecia como se fosse explodir a qualquer segundo.

– Você precisa me dar um minuto – murmurou.

Jace inspirou e expirou visivelmente pelo nariz antes de finalmente se levantar do sofá. Abaixou a mão, com a palma para cima, esperando que ela a pegasse e se levantasse também. Quando Bethany permitiu que ele a ajudasse a se levantar, Jace estendeu a mão para pegar sua calça jeans. Em seguida, guiou as mãos dela até seu braço e disse para ela se pendurar ali enquanto colocava as pernas dentro da calça.

Depois que fechou o botão, ele tomou sua mão novamente e a guiou para a cozinha. O apartamento era um ambiente aberto com um cômodo levando para o seguinte. A sala de jantar, ou melhor, área de jantar, ficava na frente da cozinha, com a sala de estar ao lado. A organização do espaço da cozinha era como um bar, que permitia a quem estava cozinhando ver a sala de jantar e a sala de estar.

Ele a levantou sobre o banco do bar, de espaldar alto, e depois caminhou ao redor do fogão, onde três panelas diferentes estavam no fogo. Bethany observou com interesse enquanto ele drenou a massa e, em seguida, jogou-a na panela com o molho. Ele deu um toque de especialista e acrescentou tempero antes de servir os dois pratos. Por fim, espetou um peito de frango que tinha sido salteado na última panela e cortado em pedaços finos para ser colocado sobre a massa.

– Voilà – declarou, enquanto passava pelo bar o prato para ela.

– Estou impressionada – disse Bethany, com sinceridade. – Está com uma cara ótima e o cheiro é maravilhoso. Eu não imaginei que você cozinhasse.

Jace levantou uma sobrancelha.

– Por que não?

Ela sentiu o calor florescer em suas bochechas.

– Não vejo um monte de solteiros ricos e desejados cozinhando para si próprios.

Ele riu.

– Eu criei a minha irmã mais nova e naquela época não podíamos nos dar ao luxo de comer fora ou pagar alguém para fazer a comida. Eu era apenas um pobre estudante universitário tentando sobreviver.

– Onde estavam os seus pais?

Seus olhos brilharam.

– Eles morreram em um acidente de carro quando Mia tinha seis anos de idade.

Bethany franziu a testa concentrada.

– Você deve ser bem mais velho que ela, então, se já estava na faculdade.

– Quatorze anos – confirmou Jace. – Ela foi um bebê acidental, nascida quando minha mãe estava na casa dos quarenta anos. Já eu nasci quando meus pais eram jovens e pensavam que iam parar por aí.

– É muito legal que você tenha criado a sua irmã – ela disse calmamente.

Jace deu de ombros.

– Não havia muito o que fazer. Eu não ia abandoná-la. Sou a única família que ela tem.

Ele andou em volta, segurando seu próprio prato e sentou próximo a Bethany, no banco ao lado. Ele viu que ela ainda não tinha dado uma mordida e franziu a testa.

– Come, Bethany.

Ela cavou seu garfo na massa de aparência suculenta e inalou seu aroma enquanto levava a garfada aos lábios. Cheirava divina.

Quando bateu na língua, ela fechou os olhos e suspirou.

– Bom?

– Delicioso.

De repente, Jace se levantou e ela o viu sair e pegar dois copos que estavam no balcão. Ele pôs um copo de suco de laranja na frente dela e Bethany amoleceu. Ele se lembrou do seu pedido do suco de laranja naquela noite.

Ela saboreou cada mordida, cada gole, até ficar mais que satisfeita. Empurrando o prato, deu um suspiro de satisfação.

– Obrigada, Jace. Estava maravilhoso.

Ele a observou por um longo e silencioso momento.

– Eu gosto do jeito que você diz meu nome.

Bethany franziu as sobrancelhas. O que deveria responder?

Sabendo que tinham muito o que conversar – ela definitivamente tinha que dizer que não ia se mudar para esse apartamento! –, Bethany enroscou os dedos nervosamente em torno deles mesmos e olhou para o homem.

– Jace – disse suavemente. – Nós precisamos conversar.

Ele acenou com a cabeça, seus lábios pressionados juntos.

– Pode apostar que sim. Vamos voltar para a sala. Tenho perguntas que ainda não têm respostas.

Ela piscou e depois juntou as sobrancelhas. Antes que pudesse dizer o que estava planejando, ele puxou sua cadeira e colocou uma mão firme em suas costas para guiá-la para a sala de estar.

Depois de se instalar ao seu lado no sofá, ele acendeu a lareira. Bethany suspirou quando as chamas lambeiram para cima. Deu à sala uma sensação acolhedora, e ela teve que balançar a cabeça diante do absurdo desse pensamento. O que ela sabe sobre um lar? Lar é o que você constrói, e com Jack tinha contruído lares em lugares muito inóspitos.

Com frieza, ela se lembrou dos lugares, ou melhor, dos abrigos, que eles tinham transformado em lar ao longo dos anos. Em alguns casos, Bethany tinha tido a sorte de conseguir um emprego e eles realmente chegaram a viver em um motel surrado. Não tinha sido muito, mas ela ficava feliz de ter uma residência permanente e não uma em que eles tinham que entrar e sair de acordo com a lotação.

– Por que você está balançando a cabeça? – Jace perguntou carrancudo.

Ela percebeu que ele tinha deslizado no sofá para o lado dela. Estava perto – a um toque de distância –, seu calor e seu cheiro estavam em volta dela, aquecendo-a de dentro para fora.

Sem pensar nas consequências, Bethany foi instintivamente honesta.

– Pensava que o fogo faz a sala parecer acolhedora, e então percebi o quão ridículo era esse pensamento uma vez que eu não sei nada sobre o que constitui um lar.

Bethany ouviu a tristeza escapando em sua voz, antes mesmo de perceber que ela estava ali. Imediatamente mordeu o lábio, sabendo que não deveria ter dito coisa alguma.

Jace reagiu como se alguém tivesse dado um soco no seu rosto. Em seguida, soltou outro xingamento. Foi longo e cruel e gerou um arrepio que deslizou pela espinha da mulher.

Ela estremeceu quando ele estendeu a mão para tocar o seu rosto e então mudou o alvo para a sua cintura, onde a camisa cobria os hematomas. Ele encontrou o ponto que doía mais e pousou sua mão sobre ele.

– Quem fez isso com você, Bethany? O que aconteceu na rua? E não minta para mim. Quero a porra da verdade.

Ela prendeu a respiração, os olhos arregalados. Não podia contar. Como seria? Ele a expulsaria tão rápido que sua cabeça ia girar. Mas não era isso que ela queria? Ser capaz de ir embora? Jace obviamente não poderia ficar com ela. Mas mesmo quando pensou nisso ela teve dúvidas. Ele parecia tão... determinado.

Jace olhava fixamente para ela, silencioso e aflito. Não ia deixá-la escapar dessa conversa.

– Não posso te contar – respondeu, com a voz embargada. – Por favor, não me pergunte, Jace.

Os lábios dele se afinaram ainda mais e a raiva brilhava em seus olhos.

– Vamos esclarecer algumas coisas, ok? Eu já sei bastante sobre você. É uma sem-teto. Tem uma antiga acusação por porte de drogas. Não come há três dias. Não tem dinheiro nem um lugar para dormir e alguém colocou *as mãos de merda em você*.

Todo o seu sangue foi drenado para fora do rosto. Seu estômago deu um nó cruel e a vergonha rastejou pelos seus ombros, apertando o seu pescoço. Ela lançou um olhar aflito, sua humilhação tão penetrante que tinha vontade de chorar.

Jace subiu a mão por seu abdômen até tocar seu rosto. Roçou o polegar carinhosamente sobre sua bochecha, o olhar amaciando ao compreender o seu horror.

– Bethany – disse em uma voz calma. – Eu sabia de tudo isso antes de ir atrás de você. Será que isso não quer dizer nada?

– Eu não sei – ela sussurrou, incapaz de encará-lo por mais tempo.

Ela abaixou o olhar, fechando os olhos. Sentia-se tão... indigna. E odiava essa sensação. Odiava-a com paixão. Passou a vida se sentindo indigna, indigna de ser amada. Não era boa o suficiente.

– Olhe para mim – disse Jace, firmemente.

Quando Bethany hesitou, ele levantou o seu queixo com a mão até que seu rosto estivesse direcionado a ele. Mas os olhos ainda estavam fechados.

– Abra seus olhos, baby.

Quando ela o fez, sua visão estava obscurecida pelo brilho das lágrimas que ameaçavam escapar.

– Não chore – disse Jace com a voz rouca. – O que significa é que isso não importa para mim. Eu sabia sobre você e ainda assim fui até o abrigo. Estive te procurando por duas malditas semanas. Percorri todas as merdas de abrigos que consegui encontrar, esperando para cacete encontrá-la em um deles. Quando não achei você em nenhum desses lugares, fiquei preocupado, porque eu sabia que você estava por aí, na porra das ruas, com frio, fome e sozinha. Onde eu não podia te proteger. Onde eu não podia garantir que você teria o suficiente para comer. Onde não havia sequer um casaco de merda para mantê-la aquecida.

Apesar de ele ter dito para Bethany não chorar, uma lágrima deslizou pela bochecha dela e caiu sobre a mão dele. Jace se inclinou e deu um beijo no seu rosto e, em seguida, beijou o caminho da lágrima, removendo o traço úmido.

– Agora me diz quem fez isso com você – a raiva vibrava em sua voz. – Quero saber de tudo. Eu vou cuidar de você, Bethany, mas tenho que saber onde estou me metendo.

Ela balançou a cabeça com firmeza.

– Não pode, Jace. Eu não posso me mudar para o apartamento da sua irmã. Você não pode simplesmente aparecer e assumir o controle. A vida não funciona assim. Nunca funcionou.

A impaciência brilhava nos seus olhos escuros.

– A vida funciona da maneira que você fizer funcionar. E foda-se que eu não posso assumir o controle. Não quero ferir seus sentimentos, baby, mas você não tem feito um bom trabalho em cuidar de si mesma. Eu vou mudar isso.

– Mas por quê? – ela explodiu. – Não entendo. Eu era um caso de uma noite só para você e Ash. Não posso fazer isso de novo. Você foi a minha recaída. Não posso voltar para esse caminho. Eu não vou. Trabalhei muito duro para chegar até aqui.

Ela tremia ao final de sua explosão. E estava profundamente envergonhada por ter deixado escapar tudo aquilo. Não era ruim o suficiente que ele soubesse sobre sua prisão? Agora achava que era uma prostituta, além de viciada.

– Que lugar? – Jace perguntou. – Um lugar onde você não tem casa? Onde não tem nada para comer?

– Um lugar onde eu posso ter de volta a minha autoestima.

Ela chegou para trás no sofá, pronta para fugir pela porta. Jace parecia saber exatamente no que ela estava pensando. Moveu-se com rapidez, antes que ela pudesse sequer piscar. Estava bem ao lado dela novamente, o braço ao redor de sua cintura. Ela não ia a lugar algum. Estava presa.

– Comece a falar. Tudo, Bethany. Explique o que você quis dizer com ‘recaída.’ E então pare de evitar a pergunta que eu já te fiz quatro vezes. Quero saber quem foi o desgraçado que colocou as mãos em você – disse ele, ameaçador.

Não sabendo mais o que fazer, Bethany se inclinou sobre o peito dele, enterrando a cabeça

em seu ombro. Jace pareceu surpreso, mas depois passou os dois braços firmemente ao seu redor, rodeando-a com sua força e calor. Esfregou a mão para cima e para baixo por suas costas e beijou seu cabelo.

E esperou. Ele sentou com a mulher firme em seu abraço e permaneceu quieto, como se pudesse vê-la lutando para arranjar a coragem de dizer a ele o que queria saber.

Era impossível que Jace continuasse gostando dela depois que contasse tudo. De jeito nenhum. Por um lado, ela estava aliviada. Isso resolvia a questão do controle e da intromissão em sua vida. Mas, por outro, Bethany sentiu como se uma parte dela fosse devastada.

Jace era tentação pura. Ele fazia e dizia todas as coisas certas. Coisas que foram direto para o seu coração, e pior, inspiraram a única coisa da qual ela tinha desistido há muito tempo. Esperança.

– É uma história muito longa – disse contra a camisa dele.

– Eu não vou a lugar nenhum, baby. Temos a noite toda. Estou aqui. Estou ouvindo.

Deus, ele era bom demais para ser real. Ela fechou os olhos e respirou fundo, inalando o seu perfume. E então finalmente ele se afastou.

– Por que você não me deixa pegar um cobertor? Nós vamos ficar confortáveis no sofá e sentados em frente ao fogo. Você fala e eu escuto. Combinado?

Ela respirou fundo e depois decidiu arriscar.

– Combinado.

capítulo 11

Jace a puxou para seus braços e Bethany se aconchegou ao seu lado, aninhando-se no seu ombro. Ele ajeitou o cobertor sobre eles e enfiou as pontas firmemente sobre o corpo dela. Ao terminar beijou o topo de sua cabeça e ela soube que a hora havia chegado.

Era a hora de despir a sua alma. De contar todos os seus segredos vergonhosos. As coisas que assombravam o seu sono até hoje. Ele fervia de impaciência – estava daquele jeito a noite toda – e mesmo assim tinha apresentado um controle notável. Também estava pronto para estrangulá-la, mas aquilo não era fácil para Bethany e talvez ele soubesse disso.

– Desde que eu me lembro, sempre fomos Jack e eu – disse calmamente.

Jace ficou tenso.

– Quem é Jack, cacete?

– Meu irmão – ela respondeu com sinceridade. Não mentiu, ele era mesmo seu irmão. Não importava se não compartilhavam o pai. Jack era o seu anjo da guarda. E agora Bethany era o anjo dele.

O abraço em torno dela se afrouxou um pouquinho e Jace voltou a alisar a palma de sua mão para cima e para baixo no braço dela.

– Ninguém nos quis quando éramos crianças e, por isso, entrávamos e saíamos de lares adotivos. Às vezes nos separávamos. Outras vezes, ficávamos juntos. Principalmente em abrigos coletivos de algum tipo. À medida que ficamos mais velhos, nos rebelávamos, especialmente se precisávamos ficar afastados. Nos metemos em confusão. Para caramba.

Jace beijou seu rosto e deixou seus lábios colados nela por um longo momento, oferecendo um apoio silencioso.

Ela ponderou por um momento qual seria a melhor maneira de contar os podres de seu passado sem gastar horas em detalhes. A história não era bonita. Definitivamente não era sobre coraçõezinhos e flores. A última coisa que desejava era que Jace sentisse pena dela. Mas ele precisava saber o suficiente para entender no que estava se metendo. Era isso que ele queria. Bethany sabia que não ia mais gostar dela depois de descobrir o caos de sua vida. Mas ao menos teria outra noite de descanso, quando as coisas fossem diferentes para ela.

A tristeza a invadiu e ela sabia que isso estava claro em sua expressão. Jace roçou os dedos pelo rosto dela e Bethany podia ver seu semblante severo pelo canto do olho.

– Diga, Bethany. Não vai fazer a menor diferença.

Mas ela sabia que faria. Sempre fez. Sempre faria.

Ela respirou fundo e se inclinou para a frente. Melhor acabar com isso de uma vez. Como arrancar um curativo em vez de tirá-lo lentamente.

– Quando eu tinha dezoito anos, sofri um grave acidente de carro. Fiquei no hospital por meses. Quebrei as duas pernas. Foi realmente horrível. Tive basicamente que reaprender a

andar. Fiz muita fisioterapia. A dor era esmagadora. Fiquei viciada em analgésicos. No início, eu os tomava por necessidade médica legítima. Com os comprimidos tudo era melhor. Sem dor. Me faziam ficar confiante, capaz de enfrentar o mundo. Eles faziam a vida não parecer tão ruim e sem esperança. Então eu comecei a precisar deles não para a dor física, mas para o meu bem-estar emocional. Quando tentei largar, foi horrível.

Um grunhido baixo escapou da garganta de Jace e ela piscou para conter as lágrimas. É claro que ele desaprovava. Provavelmente estava desgostoso com a sua fraqueza. Jace não a considerava uma pessoa que precisasse de alguma coisa ou alguém. Ele era forte. Ela não. Nunca tinha sido.

– Foi por isso que recebi a acusação por porte de drogas – murmurou. – Eu não consegui mais obter a receita do meu médico e a dor e os efeitos psicológicos eram péssimos. Eu simplesmente não conseguia lidar com isso. Então fiz algo estúpido e comprei... ilegalmente. O ruim é que eu nem sequer cheguei a utilizá-los. Fui pega em uma batida. Não tinha a receita. Fui presa por ter um remédio de tarja-preta. Saí com um castigo leve, mas foi uma lição difícil de aprender. Mesmo que tenha sido bastante tranquilo, me ferrou muito. É difícil conseguir um emprego quando se tem uma passagem pela polícia no seu registro. Ninguém quer contratar um viciado.

Jace a apertou contra si e ela o sentiu tremer. Seria raiva? Ela não conseguia olhar para ele. Não suportaria a censura em seus olhos. Ela se criticou o suficiente ao longo dos anos. Não ia deixar mais ninguém fazer isso com ela.

– Você disse que Ash e eu éramos uma recaída. Naquela noite falou que já tinha feito um ménage antes. Onde é que ele entra nessa história? – Jace perguntou com calma.

Mais vergonha fez seus ombros relaxarem, até que eles despencaram e os seus lábios caíram em desânimo.

– Baby – Jace disse com uma voz dolorida. – Me conte *tudo*, não vamos falar sobre isso novamente, a menos que você queira. Mas você precisa colocar essa merda para fora. É como veneno. E até você perceber que isso não muda nada para mim, vai te consumir. Você sempre vai se preocupar. Então, vamos tirar esse veneno, deixá-lo para lá e seguir em frente. Ok?

Ela assentiu com a cabeça, um zumbido em seus ouvidos. Não podia acreditar no que ele estava dizendo. Não sabia de tudo. Ele estava tentando ser nobre, mas não se sentiria assim quando ela terminasse.

– Quando eu estava tentando largar os remédios, passei por um momento muito ruim em que fiz um monte de coisas para lidar com a abstinência e a dependência psicológica das drogas. Eu usei o sexo como um escape, só que nunca funcionou. Só fazia eu me sentir pior comigo mesma. Eu tive vários parceiros durante esse tempo – disse com dor no tom de voz. – Ménages. Sexo normal. Realmente não importava para mim. Eu estava apenas procurando algo para aliviar a dor. Só precisava de uma maneira de fugir por um tempo. Eu queria ser... desejada. *Amada*.

Jace a abraçou ainda mais apertado, segurando-a contra seu peito de forma que ela não podia nem se mover.

– Eu não era tão estúpida a ponto de não usar preservativos. Os caras provavelmente estavam preocupados em pegar alguma coisa de mim. Eu tinha uma reputação, Jace –

sussurrou. – E não era boa.

Ela quase engasgou com as palavras. Odiava admitir. Odiava desabafar dessa maneira. Mas não ia mentir. Jace merecia saber de tudo. Era um bom rapaz. Bom demais para ser verdade. Não merecia se envolver com alguém como ela.

– O que diabos está passando por sua cabeça agora? – Jace exigiu saber, sua voz cortando os pensamentos sombrios dela.

– Você merece coisa melhor.

Jace xingou violentamente.

– Você é honesta. Direta. Eu gosto disso. Porra, adoro. Aprecio a honestidade e alguém que fala a verdade sem levar em conta as consequências. Mas porra, Bethany. *Eu mereço coisa melhor?* Que porra é essa? E o que *you* merece? Já pensou sobre isso alguma vez?

Ela não tinha uma resposta para essa pergunta.

Jace balançou a cabeça e a abraçou com firmeza.

– Não importa quanto tempo vai levar, baby. Você vai se ver como eu te vejo. Vou enfiar na sua cabeça que você merece coisa melhor. E vou fazer de tudo para você conseguir o que merece.

Ela engoliu em seco e segurou as lágrimas. Como poderia vê-la como alguma coisa que prestasse? Ele não a conhecia.

– O que mais? – Jace perguntou. – Me conte tudo. Me explique como você chegou até aqui.

– Não há muito o que dizer – ela murmurou. – Após a acusação de porte de drogas e a sequência de parceiros sexuais sem importância, as coisas simplesmente se desintegraram. A culpa foi minha. Eu poderia ter feito melhor. Poderia ter sido mais responsável. Mas eu não fui e paguei por isso. Ninguém queria me contratar e eu não tinha dinheiro para ir à escola e batalhar por uma vida melhor estudando. O acidente tomou tantos meses da minha vida. Eu estava cansada e abatida. Não podia pensar além do dia seguinte, muito menos olhar anos à frente para ver o que fazer da minha vida.

– Jesus – Jace murmurou. – Quantos anos você tem agora?

Ela franziu as sobrancelhas.

– Você não descobriu na sua investigação?

– Eu te disse que sabia muito. Não disse que sabia tudo – disse Jace secamente. – Meu foco eram os pontos importantes. Sua idade não significa merda nenhuma para mim, a menos que você diga que ainda é menor de idade.

A tentativa de uma piada a animou, injetando um pouquinho de leveza em seu peito.

– Eu tenho 23 – disse, encolhendo-se. Era velha demais para estar na merda. Velha demais para ser sem-teto, sem educação e sem emprego.

– Ainda é um bebê.

Bethany também quis saber:

– Quantos anos você tem?

– 38.

Seus olhos se arregalaram. Havia uma diferença de quinze anos entre eles. Quinze!

– E Ash? – ela engasgou.

– Também. – De repente, a voz de Jace foi cortada e ele não parecia feliz em ouvi-la mencionar Ash.

– Uau – Bethany murmurou. – Eu nunca ia imaginar que você tem 38. Você é quinze anos mais velho do que eu.

– E daí?

Ela piscou diante da resposta contundente. Viu o desafio nos olhos de Jace.

– Isso te incomoda? – ele perguntou, apesar de seu tom sugerir que não se importava com a opinião dela. Parecia determinado e resolutivo.

– Isso não *te* incomoda? – ela perguntou hesitante.

– Você certamente podia ter mulheres mais sofisticadas. Educadas. Mais velhas. *Melhores*. Jace apertou as mandíbulas.

– Agora você está só querendo me irritar.

Ela suspirou com tristeza.

– Você não respondeu minha pergunta. Incomoda? – ele insistiu.

O que poderia dizer? Se ela fosse sincera ia apenas terminar de selar seu destino. Se ela dissesse que se incomodava, Jace poderia não se importar. Ou poderia, e ela ia ficar parecendo uma vagabunda superficial.

– Bethany?

– Não. Não me incomoda. A diferença de idade, eu quero dizer. Mas isso não significa que nós podemos fazer essa loucura ou que você deveria ter alguma ligação comigo. Eu sou tão errada para você, Jace. Você tem que perceber. Nós vivemos em mundos completamente diferentes. Tão diferentes que eu não consigo sequer imaginar o quanto. Eu nunca vou chegar perto da sua vida.

– Há apenas *um* mundo – Jace disse, a raiva perceptível em sua voz. – Nós vivemos na *mesma droga* de mundo, Bethany. Mais importante ainda, você está aqui. Eu vejo você. Quero você. Você está aqui na minha frente. Se isso não é o suficiente para fazer parte do meu mundo de merda, então eu não sei o que é.

O pulso de Bethany acelerou até ela ficar tonta, se esforçando para puxar o ar para dentro dos seus pulmões.

– Agora que esclarecemos os outros assuntos que estavam no caminho, você *finalmente* vai me dizer quem colocou as mãos em você e *por quê*.

Ele soou irritado novamente, só que desta vez Bethany sabia que Jace não estava zangado com ela. Mas estava furioso, sem dúvida. A escuridão e a raiva em seus olhos a faziam tremer.

Ela mordeu os lábios e desviou o olhar, o estômago revirando. Jace nunca iria entender. Até agora, Bethany tinha evitado explicar boa parte de seu relacionamento com Jack, revelando apenas que eram irmãos e próximos. Jace nunca entenderia. Nem em um milhão de anos. Não se importaria com o que Jack tinha feito por ela, nem que ela lhe devia que faria qualquer coisa para pagar essa dívida. Até mesmo ir ao inferno e voltar.

– Bethany.

O nome dela saiu como um grunhido de advertência. Ele estava perdendo a paciência, e até agora tinha se mostrado muito tolerante. A essa altura poderia tê-la estrangulado. Ela sabia que Jace não estava acostumado a ouvir “não”. Era um homem que conseguia o que queria. As pessoas não lhe negavam nada. Não se valorizassem a própria vida.

Ela soltou um suspiro desesperado.

– No que você está metida? – Jace perguntou baixinho.

Bethany abriu os olhos e encontrou o olhar de sinceridade e súplica que o homem lançava para ela.

– Não estou metida em *nada*.

A sua resposta foi tão veemente que Jace a aceitou como verdadeira. Ele relaxou um pouco, mas ainda havia fogo em seus olhos.

– Conta, Bethany. Não me faça pedir de novo.

A autoridade naquela voz fez a pulsação de Bethany acelerar. Ele emanava poder. Seu coração bateu dolorosamente contra sua caixa torácica e ela lambeu os lábios algumas vezes, como se tomasse coragem para contar a última parte.

– O Jack deve dinheiro.

O olhar Jace se estreitou instantaneamente.

– Como é?

Ela limpou a garganta.

– O Jack deve dinheiro. Eles estão cobrando. Jack não pode pagar. Eles me ameaçaram. Disseram que eu tinha uma semana para arrumar a grana.

Ela falou rapidamente, sem permitir que Jace respondesse. Estava com medo da resposta dele, e por isso avançou de forma imprudente, falando acelerada. Provavelmente estava sendo incompreensível, mas no momento ela não se importava.

– Eu não consigo arrumar essa quantia de dinheiro em um mês, muito menos em uma semana! Está difícil de encontrar emprego agora. Todo mundo arruma bicos durante as férias. E não é como se eu fosse conseguir coisa melhor. Eles levaram todo o dinheiro que eu tinha. Era tudo que eu tinha para sobreviver até conseguir outro trabalho. Eu não sei o que fazer, Jace. Estou aterrorizada por Jack.

A boca de Jace se abriu e ele a observou incrédulo.

– Você está preocupada com o Jack.

Ela assentiu com a cabeça.

– Você está preocupada com o Jack. – repetiu com mais ênfase.

Novamente ela concordou.

– Puta que pariu! Esses filhos da puta vieram até *você*. Eles te *machucaram*. Te *ameaçaram*, porra! E você está preocupada com o *Jack*.

– Sim – ela sussurrou.

Jace explodiu em uma ladainha de xingamentos enfurecidos que a fez estremecer. Ele se virou, deixando-a solta enquanto sentava de frente para o sofá, as mãos apertadas entre as coxas.

– Puta que pariu – ele retrucou. – Alguma vez pensou em se preocupar com você mesma?

Ela engoliu seco e assentiu.

– Depois de hoje, sim.

Ele se reaproximou em seguida. Os olhos acesos pela raiva.

– O que eu quero saber é como eles sabiam de você – falava com a voz suave, porém furiosa.

Era uma pergunta que Bethany tinha feito a si mesma. Repetidamente. Desde que a empurraram no chão, roubaram seu dinheiro e chutaram suas costelas. Por que vieram atrás dela? Como eles sequer sabiam de sua existência?

Jack não... Bethany balançou a cabeça porque estava sendo estúpida. Como mais eles poderiam ter descoberto? Como saberiam onde a encontrar? Jack tinha que ter contado para alguém. E isso partiu seu coração.

Lágrimas brotaram de suas pálpebras e arderam. Era como se tivesse ácido em seus olhos.

– Conte o que aconteceu, Bethany.

Jace a abraçava novamente. Ela se recostava em seu peito, embalada por seus braços. Os lábios dele estavam pressionados contra seu cabelo e ele tinha um tom de voz suave e infinitamente macio.

Ela fechou os olhos e deixou que as suas lágrimas molhassem a camisa de Jace.

– Eles sabiam onde me encontrar – falou por entre engasgos. – Eu não sei como. Estava mentindo. Ela sabia. Foi a primeira mentira que contou para Jace, mas admitir a verdade seria irrevogável. E ela não podia lidar com a verdade agora. A negação era mais gentil.

– Eles me empurraram no chão. É por isso que eu fiquei com os arranhões e cortes. Disseram que eu tinha uma semana para conseguir o dinheiro que Jack está devendo. Depois roubaram a quantia que eu tinha no bolso. Foram embora e disseram que iam me procurar em uma semana e que não havia nenhum lugar onde eu pudesse me esconder. Disseram que me encontrariam. Não importa o que aconteça.

– Filhos da puta – Jace esbravejou. – Filhos da puta, covardes de merda. Batendo em uma mulher indefesa, em vez do idiota que pegou o dinheiro emprestado. E Jack *deixou* que eles fizessem isso.

Ela se mexeu, pronta para defender Jack, mas Jace a abraçou com mais força. Um aviso para permanecer calada.

– Nem tente, baby. – Seu tom era gelado. Tão forte que ela imediatamente obedeceu. – Não ouse defendê-lo quando o que ele fez é indefensável.

Ela se deixou cair sobre ele, fechando os olhos mais uma vez. Escondeu o rosto em seu peito, segurando-o com as duas mãos.

– Quanto ele deve? – Jace exigiu saber.

Bethany se afastou o suficiente para que suas palavras não fossem distorcidas.

– C-c-cinco mil dólares.

Poderia ser um milhão. Cinco mil dólares era tão impossível de se conseguir quanto dez milhões de dólares para ela.

– Eu pensei em tentar traficar – ela quase engasgava com as palavras. – Já vi outras pessoas traficando e elas ganham um bom dinheiro. Só tenho uma semana, então eu teria que trabalhar duro. Agora talvez você entenda por que não posso me mudar para o apartamento de sua irmã.

– Entendo o cacete!

Jace explodiu de repente, seu corpo pulsando com a tensão. Sentou-se ereto, levando-a com ele. Empurrou-a para uma distância de onde pudesse ver bem os seus olhos, para que Bethany percebesse o quando estava irritado. Muito, muito irritado. Seu rosto ficou vermelho e os lábios brancos por estarem tão ferozmente pressionados.

– Você vai ficar aqui e acabou. Não vai colocar os pés de volta nas ruas. Você perdeu a cabeça completamente, se acha que vou deixar você voltar com esses imbecis te caçando.

O sangue se esvaiu do rosto dela.

– Eles vão machucar o Jack. Eu não posso deixar que isso aconteça, Jace.

– Deixe o Jack comigo – ele rosnou.

Ela balançou a cabeça com uma histeria crescente. A situação estava saindo de seu controle muito rápido e isso precisava parar agora. Ela se levantou antes que Jace pudesse segurá-la e deu passos apressados para trás, para que não a seguisse.

– Eu tenho que ir – desabafou. – Obrigada. Por tudo.

E então saiu correndo, rezando para que o elevador se abrisse imediatamente.

capítulo 12

Jace disparou para alcançar Bethany, mas ela simplesmente escapou de sua mão em um movimento louco e errático em direção ao elevador. A maldita mulher não estava sequer de sapatos. Onde diabos ela pensava que estava indo?

A porta do elevador se abriu imediatamente e Jace saltou à frente com o braço estendido para impedir que as portas se fechassem. Não conseguiu por dois centímetros.

Ele queria bater a cabeça contra a porra da parede. Em vez disso, pegou o telefone e ligou para a portaria.

– Aqui é Jace Crestwell. Há uma mulher descendo pelo elevador. Ela não está usando sapatos. Sob nenhuma circunstância você deve permitir que ela deixe este edifício. Vou descer assim que o elevador voltar para o meu andar.

– Sim, senhor – foi a concisa resposta.

Satisfeito em saber que Bethany não escaparia, ele apertou o botão do elevador e aguardou ansioso enquanto esperava que subisse. Nesse intervalo, processou tudo que Bethany tinha dito.

Estava enfrentando uma batalha difícil. Bethany não achava que era digna dele. O que era ridículo. Ele não era nenhum santo. Junto com Ash, tinha fodido com metade de Manhattan por pura vontade.

Como poderia julgar Bethany por usar sexo como um mecanismo de escape quando ele fazia essencialmente a mesma coisa? E Bethany certamente havia tido uma vida muito mais difícil do que Jace. Pelo menos ela tinha uma desculpa. Jace não poderia dizer o mesmo.

As portas do elevador se abriram e ele se apressou, apertando o botão para a portaria com o polegar.

A situação com Jack era bem complicada, mas não intransponível. Tudo o que tinha que fazer era manter Bethany fora disso e se certificar de que estava segura. Nem sobre seu cadáver ela correria para salvar o maldito Jack. Ela não falou a respeito, não admitiu, mas ele viu o reconhecimento em seus olhos. A tristeza esmagadora de perceber que tinha sido traída por alguém que amava e em quem confiava.

Jack a entregou aos lobos. O idiota tinha usado a irmã como garantia para uma dívida que ele nunca teve a intenção de pagar. Jace foi tomado pelo desejo de caçar o filho da puta e aplicar a justiça à moda antiga.

Quando o elevador finalmente chegou no primeiro andar, ele correu para fora olhando para os dois lados em busca de um sinal de Bethany. Para seu alívio, ela estava sentada no canto do lobby, sob os cuidados do porteiro e do segurança.

Um sorriso se desenhcou nos lábios de Jace quando viu que ela estava segurando um copo de isopor com café e que o porteiro tinha puxado uma conversa casual. Como se ver uma mulher

descalça fugindo de um edifício no inverno fosse uma ocorrência diária.

O olhar de Bethany cintilou quando viu Jace se aproximar, o medo fervia na brilhante profundidade azul. Ele ficou estarelecido. Ela estava com *medo* dele.

– Bethany – tranquilizou-a. – Vamos voltar lá para cima e deixar estes dois senhores voltarem ao trabalho.” Então, para os dois homens ele disse: “Muito obrigado por tomarem conta da minha Bethany. Eu não gostaria que ela saísse no frio da maneira que está vestida.

– Não, claro que não, senhor – o porteiro disse rapidamente. Ele sorriu calorosamente para Bethany. – Foi bom te conhecer, senhorita Willis. Espero vê-la novamente em breve. Se precisar de alguma coisa, não hesite em pedir.

– Obrigada, Roger – disse Bethany com um sorriso.

Jace levantou uma sobrancelha. Ele vivia ali há algum tempo e nunca soube o nome do porteiro. Se envergonhou desse fato agora, já que a mulher tinha aprendido o nome dele em menos de cinco minutos.

O segurança deu um aceno curto para Jace e sorriu na direção de Bethany antes de regressar ao seu posto. A mulher suspirou e se levantou, empurrando o copo em direção a Roger.

– Obrigada – disse novamente. – Foi uma tolice da minha parte. Obrigada por ter me acalmado e por ser tão gentil.

Jace colocou a mão de Bethany dentro da sua e a guiou para o elevador. Não disse nada a ela durante o percurso de volta para o apartamento. Apenas a segurou de perto, colada ao seu lado. Ele gostava da sensação de tê-la contra si. Macia e dócil. Um complemento perfeito para o seu corpo rígido.

Mas então ele franziu a testa ao perceber que Bethany estava complacente, porque fora... derrotada.

Ah não, caralho. Ela não ia voltar para o apartamento dele como um cachorrinho espancado.

Quando as portas do elevador se abriram, Jace apertou-a contra seu peito e inclinou o seu queixo para que ela fosse forçada a encará-lo.

– Você vem para este apartamento de cabeça erguida – disse ele. – Você não vai entrar aqui derrotada nem com medo. Este é o seu lugar. Seu santuário. É o único lugar, acima de todos os outros, onde você está absolutamente protegida do mundo exterior. De julgamento e de danos. Entendeu?

Bethany olhou para ele por um longo momento, seus olhos sombrios e pensativos. Mas o que mais o machucou foi que, por um breve momento, a esperança cintilou no olhar dela e rapidamente sumiu. Como se fosse um conceito tão estranho que ela não se permitia ter.

Então, finalmente, ela assentiu com a cabeça e sussurrou:

– Entendi.

Ele beijou sua testa, sentindo-a tremer.

– Não, você não entendeu, baby. Mas logo entenderá. Eu prometo.

Ele a levou para o apartamento e deixou as portas do elevador se fecharem atrás deles. Ela parecia exausta. Física e emocionalmente. Estava cedo para os seus padrões, mas no momento ele não podia pensar em nada que gostaria de fazer mais do que levá-la para a cama e deixá-la dormir em seus braços. Queria que ela se sentisse protegida. Segura. E, o mais importante, cuidada. Para perceber que era importante.

Bethany não tinha experiência com nenhum desses sentimentos. Era evidente na releitura dolorosa de sua infância e de seus anos como adulta. Jace não podia mudar o passado dela, mas poderia, com certeza, mudar o presente e o curso do seu futuro.

– Vamos para a cama. Você está esgotada.

O olhar dela deslizou nervosamente até o dele. Seus olhos estavam arregalados em seu rosto, dando-lhe uma aparência assombrada. Era realmente muito magra, mas sua beleza... brilhava como um farol. Havia algo impressionante em seus olhos e em seu rosto. Ele não podia explicar por que ficou tão inevitavelmente atraído por ela na noite em que a viu pela primeira vez, na festa de Mia. Mas sabia desde então que ela era sua.

– Baby, eu não vou pular em você – Jace garantiu.

Ele tomou suas mãos e esfregou os polegares nelas, fazendo círculos de carinho.

Ela engoliu em seco e concordou:

– Estou cansada.

– Está esgotada – repetiu Jace.

Ainda segurando a mão dela, Jace a levou em direção ao quarto e, uma vez lá, fechou a porta. Então se virou e agarrou a bainha da camisa dela, despindo-a pela cabeça.

Ela se tapou com um braço, os olhos queimando com alarme.

Jace esperou um momento, olhando fixamente em seus olhos.

– Baby, naquela cama não há nada entre nós. Nenhuma roupa, nenhuma barreira, nada. Eu prometi que não ia pular em você e é verdade. Não tem por que eu mentir. Mas você não vai usar essas roupas na cama. Além do fato de que não te servem direito, sempre que dormir na minha cama você estará nua.

– Eu vou ficar com frio – disse Bethany com uma careta.

Ele sorriu com a desculpa improvisada e com a tentativa de manter essa barreira. Ela aprenderia logo que ele não ia permitir.

– Vou te manter aquecida.

Ela mordeu o lábio em consternação e então suspirou, baixando o braço em um gesto de rendição.

– Lembre-se – ele disse suavemente. – Você não veio para cá abatida e derrotada. Está com a cabeça erguida. Submeter-se a mim não significa que você é inferior. Eu sou um filho da mãe exigente, não há dúvida. Mas a última coisa que quero é que você seja um fantoche sem vontade própria.

Uma confusão nublou seus belos olhos azuis.

– Eu acho que não entendo. Nada disso. Estou confusa, Jace. É tão... *opressor*.

Ele beijou seu nariz e depois, lentamente, puxou sua camisa para cima.

– Nós temos todo o tempo do mundo. Quero que você confie em mim. Contanto que consiga fazer isso, tudo vai dar certo. Eu vou cuidar de você e nunca vou fazer nada para te oprimir.

– Mas eu acabei de dizer que me sinto oprimida! – protestou.

Ele sorriu e puxou a camisa dela até o fim, deixando os seios – e os hematomas – à mostra, para deleite do seu olhar.

– Eu quero você nua e só. Opressor seria se eu fodesse com você esta noite. Isso vai ser amanhã. Esta noite é para você se ajustar ao apartamento.

Sua boca se abriu:

– E você não considera isso opressor?

– Não.

– Evidentemente você e eu temos opiniões diferentes sobre o que significa a opressão – Bethany murmurou.

– É assim que eu gosto – disse Jace com satisfação.

Ela levantou uma sobrancelha quando ele se concentrava no zíper da sua calça jeans.

– Você está sendo petulante. Sei que tem fogo, Bethany. Não o perdeu. Você é perfeita para mim, porra.

– Você é louco – ela murmurou de novo. – Ou talvez eu é que seja.

– Enquanto nós formos loucos juntos, eu estou bem.

Ela levantou as mãos à medida que ele puxava o jeans por suas pernas.

– Honestamente, você sempre consegue o que quer, não é?

Ele sorriu novamente e a ajudou a sair da calça.

– Eu já disse isso. Nada que vale a pena ter é fácil, baby. E você não consegue as coisas sem lutar por elas. – Ele se inclinou e roçou sua boca em cima da ferida em suas costelas. – Fique ciente. Eu estou lutando por você e não tenho nenhuma intenção de perder.

Quando levantou a cabeça, ele viu um flash de esperança passando outra vez pelos olhos da mulher – e desta vez a esperança permaneceu. Bethany olhou para ele com admiração, seu corpo inteiro tremendo. Ele podia ver que estava finalmente convencida de que isso era real e de que ele estava falando sério.

– Tire a calcinha – disse Jace.

Dessa vez ela não ofereceu qualquer resistência. Houve apenas uma breve hesitação quando ela deslizou os polegares pelo cóis do pequeno pedaço de seda. Um momento depois, a calcinha se enrolou no chão e ela a chutou para longe com os dedos do pé.

– Vá para a cama e me espere lá – disse Jace, firme. – Eu vou tomar banho e depois me juntarei a você. Fique confortável. Ok, Bethany?

Ela levantou o rosto para vê-lo, em resposta à chamada.

– Não tente ir a lugar algum. Eu tranquei o elevador e mesmo que você consiga chegar ao lobby, não vão deixar você sair sem mim.

– Eu sou uma prisioneira, então? – ela perguntou com a voz rouca.

Ele sorriu.

– De jeito nenhum. Mas eu vou fazer o que for necessário para garantir a sua segurança. Mesmo que isso signifique ter certeza de que você não pode sair enquanto estou no chuveiro. Agora vá para a cama para não ficar com frio. Vou ajustar a calefação.

Deixando-a ali, Jace entrou no banheiro e ligou o chuveiro. Ele propositalmente deu um tempo para ela ficar na cama sozinha e superar o nervosismo antes de ele se juntar a ela.

Bethany ia demandar muita paciência – muito mais do que ele estava acostumado a dar a uma mulher. Antes, se a mulher não estava totalmente afim, Jace cortava os vínculos rapidamente. Sabia o que queria e não tinha nenhum desejo de se envolver com uma mulher que lhe desse menos.

Ela também exigiria mão firme, mas com isso ele não se importava nem um pouco. Adorou a

ideia de cuidar dela. Ela ia aprender rapidamente do que ele gostava, e ele iria aproveitar cada minuto dispensando cuidados e proteção para ela. Com o tempo, o zelo seria mútuo.

Havia coisas de que precisava cuidar. Ele reviu mentalmente sua lista durante o banho. A segurança era a prioridade máxima. Não poderia deixar Bethany desprotegida quando os filhos da puta não teriam pudores em persegui-la por dinheiro.

E ela precisava ser vestida dos pés à cabeça. Havia a questão do apartamento de Mia, embora Jace soubesse que a irmã passaria pouco ou nenhum tempo lá. Ele estava tentado a simplesmente colocar Bethany lá de uma vez, mas não queria dominá-la por completo desde o início.

Ela precisava da sensação de independência antes que Jace a colocasse totalmente sob seu controle. Mesmo que, às escondidas, ele controlasse todos os aspectos dessa independência. Tinha agido de maneira um pouco estranha – ok, muito estranha –, mas queria que ela recuperasse sua autoconfiança. Ter pelo menos a ilusão de estar fazendo suas próprias escolhas, dentro de um ambiente completamente seguro.

Ela teria seu próprio teto. Eles namorariam. Jace a encheria de carinho. Eles passariam um tempo juntos. Eventualmente, quando ela estivesse mais segura do seu papel na vida dele, mudariam para o mesmo apartamento. A partir daí? Era o máximo em que ele tinha pensado. E sabia que, enquanto Bethany estivesse vivendo em sua casa, ele não iria descansar.

Até lá, tinha de garantir que os problemas dela desaparecessem. Franziu a testa quando saiu do chuveiro para se secar com a toalha. Jack era um grande problema. Ela, obviamente, era muito leal a ele enquanto o rapaz não era flor que se cheirasse. Jace não podia permitir que Jack interferisse em sua vida e a colocasse em risco. Isso significava que Jace teria que se intrometer. Algo que Bethany não iria gostar.

Sem se preocupar em se vestir, ele enrolou a toalha ao redor de seu quadril e caminhou de volta para o quarto.

Seu olhar se suavizou e ele abriu um sorriso quando viu que a mulher já estava dormindo. Seus cílios descansavam delicadamente sobre suas bochechas. Sua cabeça estava sobre o travesseiro, ou melhor, no meio do monte de travesseiros, e ela se aconchegou debaixo das cobertas, que tinham sido puxadas até seu queixo.

Tudo nesta imagem estava certo. Ela pertencia à sua cama. Jace nunca havia sentido uma sensação tão aguda de satisfação com uma mulher em sua cama. Estava certo. *Ela* era a mulher certa.

Ele deixou a toalha cair e depois puxou as cobertas para deslizar para dentro delas. Bethany se moveu ligeiramente, emitindo um som cansado que vibrou de forma agradável em seus ouvidos. Ele a trouxe para perto, curvando seus braços de forma protetora em torno do seu corpo, e então ajustou sua cabeça para que ela descansasse em seu ombro.

Ele enganchou a sua perna por cima dela para que ficasse solidamente moldada ao seu corpo. Então, e só então, relaxou e caiu no sono.

capítulo 13

Bethany acordou ao lado de um corpo duro e masculino envolto firmemente em torno dela. Por um momento entrou em pânico enquanto recobrava os sentidos. Ela estava desorientada e não compreendeu imediatamente seu arredor. Então, enquanto as pálpebras se abriram, viu o olhar de Jace sobre ela, observando-a despertar, e o dia anterior voltou em um *flash*.

Ela olhou para Jace sem dizer nada, incomodada pelo fato de que ele tinha essencialmente tomado controle sobre sua vida. E o quanto sua vida mudara em menos de 24 horas. Ela não podia sequer entender aquilo tudo. Parecia irreal. E mesmo assim... bem-vindo.

Mesmo sabendo que devia resistir, uma grande parte dela estava aliviada. Ela ficou sozinha, cuidando de si mesma e suportando uma existência espartana por muito tempo, e a aparição desse homem com promessas de cuidar e proteger era estonteante. E muito tentadora.

Sua vida não era grande coisa. Mas era com o que ela estava acostumada. Como deveria ajustar o seu mundo ao dele?

Sim, Jace tinha sido inflexível sobre eles viverem no mesmo mundo, mas ela sabia que não era bem assim. Eles podiam ocupar o mesmo universo, mas suas vidas eram tão diferentes que Bethany não podia sequer compreender o abismo entre eles. Ele tinha riqueza e poder. Uma vida bem organizada e padrões exigentes. O que diabos queria com ela? *Por que* queria ela? Não fazia sentido. Desafiava toda a lógica.

– Em que diabos você está pensando? – Jace murmurou.

– Que eu não entendo por que você está tão determinado a se envolver com os meus problemas – ela sussurrou de volta. – Eu não entendo por que um homem como você quer alguém como eu. É loucura, Jace. Não consigo entender nada. É como uma reviravolta bizarra da história da Cinderela – só que, para garotas como eu, não existe felizes para sempre.

– Estou começando a me arrepender quando pergunto no que você está pensando – ele resmungou. – Você é honesta demais. Eu esperava que você dissesse estar pensando em quão lindo eu sou. Ou que você acordou fantasiando que eu ia te comer enquanto você ainda está meio adormecida. Essas outras merdas que você está pensando são apenas besteiras, e eu juro, nem que demore uma eternidade, eu vou tirar isso da sua cabeça.

Bethany riu, relaxando sobre o travesseiro. Seus olhos brilharam e ela sorriu quando o abraço apertou em torno dela.

– Deus, você tem uma bela risada – disse Jace, brincalhão. – E o seu sorriso. Jesus, me deixa sem ar.

Seu corpo inteiro reagiu ao olhar que ele lançava.

– Você não pode falar assim comigo – ela respirou. – Ninguém diz coisas como essas para uma mulher que acabou de conhecer. É uma loucura.

– Eu acabei de dizer. E pretendo continuar repetindo até você acreditar em cada palavra.

Ela balançou a cabeça, tentando afastar a confusão enlameada que girava em sua mente. A qualquer momento esperava despertar no abrigo e tudo isso não passaria de um sonho.

– Você é real – ela sussurrou.

Jace deslocou seu corpo para cima, de forma que visse os olhos de Bethany. Seu corpo se acomodou, cobrindo o dela enquanto os lençóis se torciam em torno de seus quadris. Ele manobrou até que as coxas de Bethany estivessem afastadas e ela pudesse sentir sua pesada ereção no meio de suas pernas.

– Eu sou real, baby. Isso é real. Nós somos reais. Quanto mais cedo você aceitar, mais cedo poderemos seguir em frente e você vai ser feliz. Eu quero que você seja feliz. Quero que esteja contente. Aquecida. Que não precise se preocupar com a sua próxima refeição. Acima de tudo, quero que você saiba sem sombra de dúvida que eu vou cuidar de você. De todas as maneiras. Eu tenho você inteira e não vou te deixar ir embora.

– Como você pode me querer depois de tudo que eu contei ontem à noite? – ela sussurrou.

Ele se inclinou para beijá-la, empurrando seu corpo mais firme contra o dela. Com uma das mãos deslizando sob o travesseiro, buscou um preservativo. Ela assistiu em choque enquanto Jace levantava seu corpo e rasgava a embalagem com os dentes, embainhando-se com o látex. Tudo aconteceu tão rapidamente, tão habilmente, que tudo o que Bethany podia fazer era ofegar quando ele deslizou totalmente para dentro dela.

Então ele parou, ainda olhando para ela, com os olhos estranhamente doces.

– Tudo o que sei é que quando vi você no salão, naquela noite da festa, tudo mudou para mim. Houve um reconhecimento instantâneo. Eu não sabia nada sobre você naquele momento, mas sabia que você ia ser minha. Quanto a essa besteira sobre eu não te querer depois do que você contou, bem, é isso. Uma bobeira. Todos nós cometemos erros, baby. Ninguém é perfeito. Eu não sou. Você não é. Seria chato para cacete se fôssemos.

Lágrimas surgiram sob suas pálpebras e ele beijou o canto do seu olho antes que alguma pudesse escapar.

– Não chore, Bethany. Não na nossa cama. Não comigo dentro de você. Eu quero que você esqueça de tudo, exceto de mim e de você, de como eu faço você se sentir. Esqueça tudo menos *isso*.

Ele se afastou e depois entrou devagar, empurrando suavemente até que ficasse todo dentro de novo.

Sua voz mudou, tornando-se mais séria, mas seu olhar nunca a deixou.

– Não estou dizendo que isso vai ser fácil. Eu vou cometer erros. Você vai cometer erros – a maioria na tentativa de chamar a atenção para as diferenças entre nós. Sei que vai demorar para você superar essa mentalidade de que você não é boa o suficiente para mim. Isso me deixa puto, mas eu entendo que não se pode mudar uma vida inteira do dia para a noite. Mas eu vou trabalhar nisso e vou ultrapassar sua resistência, por isso, fique avisada. Eu sou um filho da mãe persistente e nunca desisto de alguma coisa que quero, seja nos negócios ou na minha vida particular.

Ela estendeu a mão, envolvendo os braços em volta do pescoço dele e o puxou para baixo para encontrar seu beijo. Jace pareceu surpreso com o gesto súbito e deixou que ela tomasse o controle do beijo.

– Cala a boca e me beija – sussurrou contra sua boca.

Ele sorriu, seus lábios curvando contra os dela.

– Isso eu posso fazer, querida.

Eles ficaram em silêncio enquanto suas línguas se enrolavam e se confrontavam, torcendo e deslizando até que ela estivesse sem fôlego e ofegante. Ele gemeu baixo em sua garganta e empurrou os braços para debaixo dela para que ele pudesse apertá-la mais contra o seu corpo.

Os quadris do homem arqueavam com fluidez, seu pau deslizando para dentro e para fora do corpo dela até que estivesse tonta de prazer. E ele estava tão perto. Não havia uma parte do seu corpo que ele não estivesse tocando de alguma forma. Seu corpo foi pressionado contra o dela e Bethany podia sentir cada contração, cada vez que seus músculos se mexiam e se estendiam com o esforço de seus movimentos.

Ela entendeu quando ele separou sua boca da dela e percorreu com beijos sua mandíbula até o pescoço, que isso não era nada como o sexo sem significado que ela tinha experimentado. Não havia nada de sujo e não era desprovido de emoção.

Não era como o ménage que ela tinha feito com Jace e Ash.

Pela primeira vez na sua vida, estava fazendo amor.

E isso soou absurdo. Parecia banal, piegas e toda uma série de outras palavras que lhe escapavam. Fazia com que ela parecesse uma idiota, que não podia separar sentimentos de sexo.

Mas a verdade era que os únicos sentimentos que tinha experimentado anteriormente eram de vergonha, autoaversão, constrangimento, desesperança...

Ela não sabia como processar o bombardeio de emoções que Jace havia evocado. Ela foi esmagada, e não como no dia anterior. Ele a cercava, a tocava, a preenchia. Preenchia lugares que há muito haviam sido deixados vazios e doloridos. Chegou no fundo do coração dela e espalhou calor e contentamento.

Ela o agarrou contra si, não querendo que mínimos centímetros os separassem. Se controlou enquanto ele se balançava para dentro dela, mais profundo, mais duro, penetrando sua alma.

Avassalador? Definitivamente. Tudo sobre Jace sacodia os alicerces da sua existência. Ele mudou sua vida em uma questão de horas e ainda assim ela não entrou em pânico. Talvez devesse. Estava de volta à sua cama – apenas poucas horas depois de reencontrá-lo – e ainda assim não se sentia errada. Não parecia banal. E não era isso que importava?

Ela fechou os olhos, ainda agarrada ferozmente a ele. Foi totalmente destruída pela importância do que estava acontecendo, mesmo que ela não compreendesse por completo.

– Baby. – A voz tenra de Jace a trouxe de volta dos seus pensamentos dispersos. – Olhe para mim, baby.

Ela abriu os olhos para ver que ele a encarava fixamente. Tinha uma expressão preocupada e um olhar de ternura que combinavam com seu tom.

– Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça, não confiava em si mesma para vocalizar uma resposta.

– Tem certeza?

Ela concordou outra vez e o abraçou com mais força.

– Me beija.

– Você não tem que pedir por isso.

Ele a beijou. Feroz. Possessivo. Ela estremeceu e arqueou o corpo, querendo estar mais perto dele.

– O quão perto você está?

– Quase lá.

– Me diz do que você precisa.

– De você – disse ela. – Só você.

Seus olhos brilharam e sua mandíbula se apertou. Então, ele a beijou novamente. Mais forte. Quente. Até que ela respirasse o seu ar, e ele respirasse o dela.

Estavam presos um ao outro, tão apertados que ela nem sabia como Jace conseguia continuar metendo. Seu orgasmo crescia devagar e profundamente – tão profundo que parecia que ela estava sendo virada do avesso.

Era assustador e grandioso, avassalador da melhor maneira possível. Ela não tinha medo. Não dessa vez. Parecia tão certo. Isso deveria tê-la assustado também. Foi então que percebeu que não importa o quão ridículo soava, ela confiava nele. Confiava que ele iria cuidar dela. Não importava que não o conhecesse realmente. Que só estiveram juntos duas vezes e apenas por algumas horas. Ela sabia que Jace não a machucaria. Simplesmente sabia.

– Eu confio em você – ela sussurrou.

Tinha que dizer isso a ele. Sabia o quanto era importante. Ele queria a sua confiança e, ao mesmo tempo, reconhecia que conquistá-la demandaria tempo. Mas queria dar essa confiança a ele agora, porque ele também estava dando muita coisa para ela. Sua confiança era tudo o que Bethany tinha para oferecer. Nada mais. De resto, ele já tinha tudo. Exceto Bethany. Não era o suficiente, mas era o que ele queria – o que ele disse que queria – e era a única coisa que ela tinha para oferecer.

– Ah, querida – ele gemeu. – Assim você me desarma.

Ele começou a se mover mais rápido, mais forte. Era como se as palavras o tivessem enlouquecido. Seu controle foi embora e Bethany se divertiu com a ferocidade da sua posse.

Ela foi ficando molhada ao redor dele e Jace se movia com mais facilidade, empurrando para dentro até que ela engasgasse com o seu comprimento.

E então ela começou a se desfazer. Tudo o que tinha controlado com força dentro de si por tanto tempo começou a se soltar.

Era demais. Ele disse que Bethany o desarmava, mas, na verdade, ela era a única sendo completamente desarmada.

Apertou-o com força, nunca mais queria deixá-lo ir. Queria viver nesse momento onde nada podia lhe atingir, onde nada mais importava. Era tão fácil esquecer da vida, da sua situação. Porque nos braços de Jace ela era forte. Era digna.

Ofegando seu nome, Bethany fechou os olhos para entancar as lágrimas, mas mesmo assim sentiu que elas deslizavam livremente por suas bochechas. Nunca tinha sido tão devastada por um orgasmo, e essa parecia uma palavra de mau gosto, completamente incapaz de descrever o que estava acontecendo.

O mundo ficou turvou em torno dela. Tudo o que podia sentir era ele. Dentro. A boca em sua pele. O pênis lá no fundo. Duas metades de um todo.

Ela flutuava, seu corpo sem peso, a mente completamente à deriva. Não tinha certeza se estava consciente.

E então se deu conta do peso de Jace sobre ela. Ele estava frouxo e seu peito arfava com o esforço. Era uma sensação tão boa, senti-lo sólido sobre ela. Bethany nunca mais iria querer que ele se movesse.

Ela apertou os lábios contra o recuo côncavo da clavícula dele e saboreou esta conexão. Saboreou a sensação de ser desejada. De ser valorizada e cuidada em um nível afetivo.

Ele mudou de posição e ela começou a protestar, mas então viu sua expressão e parou. Ele levantou o suficiente para levar a mão ao rosto dela e perceber que suas bochechas estavam molhadas de lágrimas.

– Ei. O que é isso?

Ela estava envergonhada da sua reação. Como poderia explicar a grandeza daquele sentimento? Tentou desviar o olhar, mas ele não permitiria. Baixou a cabeça e beijou o rastro úmido, fazendo-o secar. Em seguida levantou a cabeça para olhar em seus olhos mais uma vez.

– Bethany?

Havia preocupação em sua voz, o que a fez se sentir ainda mais boba.

– Estou bem – deixou escapar.

– Está mesmo?

– Nunca estive melhor.

Ele pareceu entender. Sorriu e a beijou novamente.

– Vou tirar a camisinha e depois precisamos conversar.

Alarmada, ela o deixou seguir para longe dela e esperou enquanto ele descartava o preservativo. Logo ele estava de volta à cama, trazendo-a para perto de si.

Acariciou o cabelo de Bethany, silencioso enquanto a abraçava.

– Eu não quero que haja nada entre nós dois – disse finalmente.

Sem entender exatamente o que ele quis dizer com isso, a mulher ficou quieta.

– Precisamos marcar uma consulta para que possamos fazer exames e você precisa tomar contraceptivos. Eu não quero usar camisinha. Não quero nenhuma barreira entre a gente. É claro que vou continuar usando até que seja seguro, mas você é minha e eu quero acesso irrestrito ao seu corpo. Quero você inteira. Tudo bem?

Mesmo que ela já soubesse – certamente já tinha ficado claro –, ao ouvir que ele tinha a intenção de fazer amor com ela regularmente fez sua cabeça dar voltas. Tudo aquilo parecia tão... permanente. E Bethany sabia que um relacionamento dos dois poderia ser tudo, menos isso.

– Baby? Fale comigo. Você está muito quieta. Está assustada? Estou sendo muito apressado?

Ela quase riu. Agora ele se preocupava se estava indo muito rápido? Bethany já achava que ele não tinha qualquer noção do que era apressar as coisas.

– Não tenho nenhum problema com o contraceptivo. Mas, Jace, temos que conversar.

Ele a beijou, silenciando-a.

– Não precisamos conversar sobre nada que não seja conseguir o que você precisa. O que a gente precisa – emendou. – É um fato que você vai continuar na minha cama. Eventualmente no

meu apartamento. Estou tentando dar um tempo para resolvermos isso. Não quero te sobrecarregar, mas precisa saber que estou falando sério. E vou lutar contra qualquer declaração sua que comece com a hipótese de não ficarmos juntos.

– Uau.

– Você precisa falar mais alguma coisa? – Jace perguntou, divertindo-se.

– Acho que não – ela murmurou.

– Ótimo. Então vamos tomar café da manhã e depois vou te levar às compras.

– Mas, Jace, e o seu trabalho? Você não pode simplesmente me levar para fazer compras.

– Há vantagens em ser o chefe – ele disse com o ar satisfeito. – Uma delas é que poder tirar algumas horas de folga. Não é como se fossem me demitir.

– Bom, tudo bem, então.

Jace deu um tapinha na bunda dela e depois pulou para fora cama, deixando-a deitada de lado.

– Vou tomar um banho rápido e então você terá o banheiro para você, enquanto eu preparo o café da manhã. Parece bom?

Ela assentiu com a cabeça, incapaz de impedir que um sorriso se desenhasse em seus lábios.

Ele sorriu de volta, com os olhos brilhando.

– Você precisa sorrir mais vezes. Mas você vai, se eu conseguir.

Bethany franziu a testa, perplexa.

– Conseguir o quê?

– Te deixar feliz.

capítulo 14

Fazer compras com Jace era uma experiência emocionante, cansativa e completamente *desconcertante*. Ele varria as lojas de departamento e as boutiques como um homem determinado em sua missão, e era exigente na sua busca. Ocorreu a Bethany que ele parecia ter muita experiência em fazer compras para mulheres e ela não gostou do ciúme que a invadiu. Até que Jace comentou com certa ironia que tinha feito incontáveis passeios de compras com sua irmã mais nova ao longo dos anos.

Quando se tornou evidente que Bethany não iria escolher nenhum dos itens terrivelmente caros que Jace estava convencido de levar, ele deixou de pedir opinião e assumiu o comando. Deixou um rastro de destruição pelas lojas, apontando o que queria nos tamanhos dela e fazendo com que a vendedora separasse peça por peça.

Após vesti-la para todas as ocasiões, indo de calcinhas – o que era terrivelmente embaraçoso – e sutiãs – igualmente embaraçoso – até calças jeans, camisas e vestidos, que ela não tinha ideia de quando poderia precisar, ele começou a comprar suéteres, dois casacos – um curto e um longo – e três pares de botas forradas de pele.

– Não quero mais ver os seus pés descalços no frio – disse a ela.

Bethany estava chocada e ao mesmo tempo derretida com o cuidado que ele demonstrava na escolha de cada item.

Ao final da maratona de cinco horas, a cabeça da moça girava e o motorista teve que ajudar a carregar todas as compras até o carro. Havia uma verdadeira montanha de sacolas e caixas no porta-malas e ainda tiveram que empilhar muitas no banco da frente.

Bethany afundou no assento, perplexa com a forma que o dia tinha assumido. Sim, ele disse que a levaria às compras. Imaginava que ele compraria um casaco – uma vez que estava tão irritado por ela não possuir um – e talvez outros artigos de necessidade. Mas nunca iria esperar um guarda-roupa inteiro com roupas suficientes para todos os dias durante um mês, sem repetição! Não queria nem saber o quanto aquilo tudo tinha custado. Recusou-se a olhar para as etiquetas de preço depois de cometer o erro de espreitar a primeira. Quase tinha desmaiado e Jace imediatamente a repreendeu, mandando que olhasse para outro lugar.

Jace alcançou a sua mão e a apertou.

– Está tudo bem?

Ela assentiu com a cabeça.

– Eu nunca tinha feito isso antes. Quer dizer, óbvio que sim, mas não chegou nem perto do que fizemos hoje. A maioria das minhas compras – se é que você chamaria de compras – são em brechós e lojas de caridade.

Ele fez uma careta.

– Esses dias acabaram, Bethany. Eu quero que você os esqueça.

Ela suspirou. Acabaram até que ele tivesse de seguir adiante, o que tinha que esquecer era a sua... Ela nem tinha certeza de como chamar a atração que Jace sentia por ela. Fosse o que fosse, não duraria para sempre e ela teria que voltar para a sua vida, que será ainda mais difícil. Antes, aquela vida era tudo o que ela conhecia, mas e agora? Jace lhe oferecia o sabor de coisas novas e diferentes.

Eles pararam em frente a um edifício elegante, de aparência moderna, no Upper West Side. Jace saiu do carro, estendendo a mão para ajudá-la a descer. Depois de instruir o motorista a carregar as sacolas para cima, ele guiou Bethany para a entrada.

Uma vez lá dentro, ele a apresentou ao porteiro. Evidentemente Jace já o tinha notificado que ela iria ficar no apartamento porque falou como se ela fosse conhecida sem dar detalhes sobre a nova situação.

Então Jace a levou para um passeio pelas instalações do edifício. Ela não podia se imaginar usufruindo de nenhuma. Possuir um apartamento de verdade era um luxo que ela não podia sequer compreender. Todas essas regalias extras confundiam sua mente.

Ela ficou aliviada quando finalmente entraram no elevador e subiram até o apartamento. Seus nervos estavam abalados. Estava exausta com todas as compras e queria desesperadamente um lugar tranquilo para relaxar.

Jace destrancou a porta e a manteve aberta para Bethany passar.

– Vamos ver o seu apartamento, baby.

Seu apartamento. Ela ainda não acreditava que estava ganhando um apartamento inteiro. Era uma loucura. Jace estava louco. Mas isso ela já tinha entendido.

Ao entrar, sua respiração parou e ela congelou no meio da sala. Observou o espaço. As lágrimas desceram e um soluço escapou pela sua garganta.

Jace passou o braço ao redor dela e a apertou.

– Baby.

Ele pronunciou aquela palavra com uma voz dolorida que fez o coração de Bethany bater mais forte.

– É lindo, Jace.

– É?

– É perfeito.

Ele sorriu e a beijou no nariz.

– E você ainda não viu tudo.

– Eu já vi o suficiente para saber que é perfeito.

E era. A sala de estar e a cozinha se uniam em um grande cômodo com uma planta ampla que ela amava. Mas era o esquema de cores que o fazia absolutamente perfeito. Feito em tons de terra, o quarto – e todo o apartamento – tinha uma sensação aconchegante e acolhedora, que era a realização de tudo o que ela sempre quis em um lugar para viver.

E a cozinha era uma obra de arte. Aparelhos de aço inoxidável. Um fogão de chef. E parecia ser totalmente abastecida com panelas e talheres. Suas mãos coçavam para entrar ali e cozinhar.

– Vamos lá – disse ele. – Vou te mostrar o resto enquanto esperamos as caixas chegarem.

Eles fizeram um breve tour pelos quartos e banheiros e quando voltaram havia uma pilha

crescente de sacolas sendo depositada porta adentro. Momentos depois, um homem alto e forte atravessou a porta, seguido por um homem ligeiramente mais baixo e atarracado. Ambos pareciam saídos de uma revista de musculação. Os braços bem definidos. Simplesmente *pareciam* durões.

O homem na liderança usava óculos escuros e Bethany instintivamente chegou mais perto de Jace em busca de proteção. Esses homens a lembravam demais do encontro com os caras que queriam o dinheiro de Jack.

– Eles não vão te machucar – Jace murmurou.

Ele colocou o braço ao redor dela e a apertou contra seu corpo. Imediatamente ela se sentiu... melhor. Mais segura. Não importava que aqueles homens tinham o dobro do tamanho de Jace. Eram verdadeiras montanhas e pareciam... questionáveis, na melhor das hipóteses. Ela estava ao lado de Jace e ele não permitiria que ninguém a machucasse.

Com as palavras de Jace, o homem da frente parou de súbito e franziu a testa. Levantou a mão para segurar o outro e ambos ficaram a uma curta distância, tomando o cuidado de manter distância entre eles e Bethany.

– Sr. Crestwell – disse o homem mais alto. – Eu sou Kaden Ginsberg e este é Trevor Dixon.

Jace estendeu o braço e deu um passo à frente para apertar as mãos dos dois.

– Obrigado por virem.

Ele se virou e empurrou Bethany para a frente. Hesitante, ela deu um passo na direção de Jace e olhou para os dois recém-chegados com cautela.

Jace deu a mão para Bethany e ela deslizou seus dedos pelos dele. Ele a trouxe para frente para que ficasse outra vez ao seu lado.

– Esta é a sua equipe de segurança.

Ela não conseguia formular uma resposta. Equipe de segurança? Por que diabos ela tinha uma equipe de segurança? Ela lançou um olhar perplexo na direção de Jace.

“Para quê?”

Aquelas palavra saíram rachadas e roucas.

Seus lábios se apertaram em um gesto de impaciência. Então ele se virou para Kaden e Trevor.

– Vamos nos sentar na sala de estar. Temos muito o que conversar. Eu quero a garantia absoluta de que Bethany estará segura em seus cuidados quando eu não puder estar com ela.

Kaden assentiu.

– É claro.

Jace colocou uma mão em volta de Bethany e lhe indicou o sofá. Sentou-se ao lado dela, as mãos juntas. Estavam tão próximos que suas coxas se tocavam. Ela se inclinou mais para perto enquanto observava com cautela Kaden e Trevor. Eles se sentaram em frente ao sofá em duas cadeiras que pareciam muito pequenas para os seus corpos volumosos.

– Vocês parecem lutadores profissionais. Dizendo isso, sentiu-se como uma completa idiota e baixou os olhos para as suas mãos entrelaçadas com as de Jace.

Kaden riu, fazendo com que ela olhasse outra vez para cima. Ele tinha uma risada muito agradável. Não soava nem um pouco maldosa. Era macia e vibrou através de suas orelhas. Foi... bom.

– Isso ajuda na minha profissão, senhora.

– Ah, sim – Bethany murmurou.

Jace apertou mais a mão e, em seguida, dirigiu sua atenção para a equipe de segurança. Ela se sentia ridícula chamando-os assim. Tudo aquilo parecia tão bizarro que ela não conseguia compreender.

Jace explicou para Bethany, com os olhos sérios:

– Kaden e Trevor irão acompanhá-la a todos os lugares quando eu não estiver com você. Serão a sombra de cada movimento seu – e quando eu digo todos é sério. Quando você estiver aqui, eles também estarão. Se você sair, eles vão com você.

Bethany arregalou os olhos.

– Mas por quê? Não entendo. Jace, isso é loucura. Eu não sou ninguém. Ninguém se importa comigo. Eu não tenho nada, então ninguém vai se preocupar em me roubar. Não há nada a ganhar me sequestrando ou Deus sabe no que mais você está pensando.

Jace suspirou.

– Não está se esquecendo que um dia atrás aqueles filhos da puta te puseram no chão? Que eles te chutaram e ameaçaram? Deram o prazo de uma semana para você pagar a dívida. O que acha que vai acontecer quando essa semana passar, Bethany? Acha que eles vão simplesmente esquecer de você, porque não puderam encontrá-la onde você costuma estar? Eu vou garantir que eles não cheguem perto de você e parte dessa garantia é que o Kaden e o Trevor estejam com você quando eu não estiver. O que significa que você não vai a lugar algum sem eles. Entendeu?

– Você realmente acha que eles vão me encontrar aqui? – ela sussurrou.

– Vamos dizer apenas que estou minimizando os riscos.

Kaden limpou a garganta.

– Minha senhora – disse educadamente. – Homens como esses não desistem facilmente. Eles têm um ponto a provar. Se não fazem isso, perdem credibilidade nas ruas. Se perceberem que eles desistiram de cobrar uma dívida, mais pessoas vão deixar de pagar. Eles operam na base do medo e da intimidação. Se as pessoas deixam de temê-los, então eles são ineficazes e vão sair do negócio. Eles não deixarão isso acontecer, então sim, vão fazer um esforço para vir atrás de você. Trevor e eu garantiremos que eles não tenham sucesso.

Sua boca formou um O silencioso e Bethany olhou com os olhos arregalados para Jace.

– Você entende agora? – ele perguntou com calma.

Ela assentiu com a cabeça, mas ainda estava se recuperando de todas as mudanças repentinas em sua vida.

O motorista de Jace trouxe uma pequena sacola, que entregou a ele. Bethany não a reconheceu, embora fossem tantas que ela tinha perdido a referência.

Jace tirou uma caixa, abrindo-a para revelar um celular novo. Colocou a bateria, apertou o botão de ligar e mexeu nele por longos minutos. Então puxou o próprio celular e apertou algumas teclas antes de finalmente entregar o telefone para Kaden.

– Programe seus números no telefone dela. Quero que tenha vocês na discagem rápida para o caso de alguma coisa dar errado.

As sobrancelhas de Bethany se juntaram enquanto Kaden e Trevor digitavam os números antes de devolver o telefone a Jace.

– Eu já programei o meu número. É o número um na discagem rápida. Kaden é o dois e Trevor é o três. Meu escritório está no número quatro e meu apartamento no cinco. Carregue este telefone com você em todos os momentos e, se não quiser me ver pirar pensando que você está morta em um beco, é melhor atender quando eu ligar. Entendeu?

Entorpecida, Bethany assentiu. Puta merda, seu cérebro estava dando voltas. Ela mal podia respirar e sua cabeça começava a doer terrivelmente. Contos de fadas não aconteciam para meninas como ela e ainda assim estava metida no meio de um. Mas sua história não estava destinada a um final “feliz-para-sempre”. Esses só existiam na ficção. Ela estava familiarizada com o funcionamento das coisas na vida real. A vida real era uma merda. Mas era real. Ela não se desculpava. Não dava explicações. Simplesmente era.

Jace se inclinou e beijou sua testa.

– Tenho que correr para o escritório. Há uma reunião que eu não posso perder, mas não vou demorar. Kaden e Trevor ficarão contigo até eu voltar. A comida vai ser entregue em breve. Certifique-se de que um dos dois atenda a porta e fique fora de vista, até que eles confirmem que está tudo bem. E o que quer que você faça, escute o que eles disserem. O trabalho deles é mantê-la segura. Coopere para tornar as coisas mais fáceis, ok?

– Certo.

– Se precisar de algo, me ligue. Vou deixar o celular ligado durante a reunião.

Ela assentiu mecanicamente.

Ele a beijou novamente.

– Nós vamos sair para jantar. Use uma das suas roupas novas e não se esqueça de levar o casaco, cacete. Deve nevar mais tarde. Então vamos passar a noite aqui, para você ir se acostumando ao seu novo apartamento.

Ela ficou maravilhada com a maneira arrogante como ele dizia que ia ficar com ela. Também a impressionava o fato de ele não o corrigir. Não argumentar. E, por fim, ficava maravilhada com o alívio que surgia em seu sangue quando percebia que já não estava sozinha.

Perdida. Ela já estava perdida por ele. Tão completamente imersa que não tinha certeza se encontraria o caminho de saída novamente. Quando ele decidisse ir embora, isso a destruiria mais do que qualquer. Em toda sua vida. Mais do que seu vício. E seus problemas.

Ele tinha um poder sobre ela que Bethany nunca imaginou que uma pessoa pudesse ter. E isso a assustava mais do que a lembrança das drogas, do sexo e dos homens que a tinham ameaçado.

capítulo 15

Jace entrou no prédio que abrigava os escritórios do HCM e subiu pelo elevador. Se não tivesse essa maldita reunião, hoje ele teria abandonado o trabalho por completo. Não gostava de deixar Bethany sozinha tão cedo, depois de tê-la conseguido de volta.

Não, tecnicamente ela não estava sozinha, mas ainda assim não gostava de deixá-la cuidando de si própria.

Quando entrou no escritório de Gabe, poucos minutos depois, viu que Ash já estava lá – assim como o próprio Gabe – e pela forma como o cunhado olhou para ele, pelo brilho de preocupação em seus olhos, percebeu que Ash já tinha lhe contado tudo.

A boca de Jace afinou-se em uma linha firme e ele se deixou cair na cadeira em frente à mesa de Gabe.

– Vamos acabar logo com isso – disse laconicamente.

Ash não respondeu, olhava fixamente para a frente, na direção de Gabe. Jace não se importou. Não tinha tempo para a intervenção que seus amigos provavelmente estavam tramando.

Gabe franziu a testa, mas não replicou. Jace estava cinco minutos atrasado – algo incomum para ele. Ash e Gabe deviam estar convencidos de que ele tinha perdido a cabeça.

Quando, talvez, pela primeira vez ele tinha ouvido a razão. Jace e Ash tinham partilhado as mesmas mulheres por anos. O quão perturbador era isso? Gabe não se incomodava com essa prática. Mas ia passar sermão porque Jace tinha finalmente encontrado uma mulher que não queria dividir? E Gabe não tinha a menor moral para falar nada, de qualquer maneira. Ele perdeu a cabeça pela Mia. A irmã de Jace, pelo amor de Deus. Jace não tinha cortado a cabeça de Gabe fora, embora tivesse vontade de fazê-lo. Mas o idiota foi patético o suficiente sem que Jace precisasse puni-lo.

Jace percebeu que eles já estavam há bastante tempo em reunião e piscou, sem a menor ideia do que havia sido discutido até agora. Quando o silêncio se prolongou, Jace se deu conta de que eles estavam à espera de uma justificativa sua. Merda.

Ash lançou-lhe um olhar de nojo e depois levou adiante a informação que Jace deveria ter fornecido. Tratou daquilo como um profissional, seus maneirismos charmosos, polidos, facilmente conquistaram o grupo de investidores do outro lado da linha.

Jace suspirou aliviado quando a reunião finalmente acabou. Ash arrumou suas porcarias e saiu do escritório, sem trocar uma palavra com ele. Muito maduro. Jace balançou a cabeça e preparou a sua própria saída. Já estava no lugar aonde queria levar Bethany para jantar. Ligaria para ela no caminho de volta e avisaria para ela poder se arrumar.

– Jace, me dê um minuto, se você não se importa.

O tom calmo de Gabe se infiltrou nos seus pensamentos. Jace franziu a testa quando viu a

sua expressão.

Merda.

Ele não estava preparado para um momento “venha-descobrir-Jesus” com Gabe. Por que diabos seus amigos não podiam simplesmente dar um tempo?

Mesmo enquanto pensava nisso, ele reconheceu que não faria o mesmo se as posições fossem invertidas. Tinha falado bastante na cara de Gabe durante seu tempo com a Mia. Mas, porra, Mia era sua irmã. Ele tinha um grande interesse na maneira como Gabe a tratava. Bethany não tinha absolutamente nenhuma conexão com os seus amigos. Bem, a não ser que se condidere o fato de ela ter transado com o Ash, mas Jace tentava ao máximo esquecer esse fato.

A imagem de seu melhor amigo comendo a mulher que Jace considerava ser sua estava marcada a fogo na sua mente. Talvez nunca conseguisse se livrar da visão da boca e das mãos de Ash na pele dela.

– Sejam rápidos – Jace grunhiu.

Ficou de pé, recusando-se a sentar, para não dar margem para que a conversa se estendesse. Tinha coisas melhores a fazer. Queria levar a sua mulher para jantar e depois fodê-la em casa.

– O que diabos está acontecendo com você, cara? – Gabe perguntou baixinho.

Jace fez um som de impaciência.

– Não está acontecendo nada.

– Não é o que Ash diz.

– Ash precisa manter a porra da boca calada.

A seriedade de Gabe se reforçou.

– O que está acontecendo com vocês dois? Isto não é normal. Ash é tão quieto quanto você, mas é óbvio que estão chateados um com o outro. Ele disse que você estava todo fodido por uma mulher. Tem alguma coisa que você queira falar?

– A Bethany não está em discussão – Jace disse em um tom gélido. – Além disso, se há alguma coisa que você quer saber, tenho certeza que o relatório do passado dela que Ash fez servirá de tema para as fofocas de vocês.

A expressão de Gabe passou da preocupação para a irritação em dois segundos.

– O que você enfiou na bunda, Jace? Não estou falando mal de ninguém. Não sei sobre merda nenhuma de verificação de antecedentes. Eu não sei nem quem é essa tal de Bethany então certamente não estou fofocando sobre ela com Ash. Ele não disse porra nenhuma também, se você quer saber.

Jace sabia que estava sendo um idiota. Sabia que era um tremendo hipócrita. Ele nunca deixaria seus amigos se safarem se fizessem uma merda como a que ele estava fazendo. Mas ainda assim estava puto com Ash por tentar avisá-lo sobre Bethany. E se fosse completamente honesto, ainda estava puto por Ash ter trepado com ela. Talvez nunca o perdoasse por isso, mesmo que Jace tivesse acompanhado tudo. Mesmo com seus instintos contrariados como uns filhos da puta, havia permitido que aquilo acontecesse. Odiara cada minuto, mas ainda assim tinha deixado acontecer. Talvez odiasse a si mesmo acima de tudo.

– Bethany é alguém com quem eu me importo – disse, forçando-se a falar com calma. – Isso é tudo que você precisa saber. Ela precisa de ajuda – da minha ajuda – e não há nada que me

fará virar as costas para ela.

– Você precisa da minha ajuda? – Gabe perguntou.

E lá estava. A amizade incondicional que existia desde que estavam na faculdade. Sempre ali, quando um dos dois necessitava. Já tinha tomado alguns golpes, sem dúvida. O relacionamento de Gabe e Mia tinha sido a ameaça mais recente. Mas nem mesmo o fato de que Gabe transava com a irmã de Jace – e tinha quebrado o coração dela no processo –, foi capaz de destruir os laços de amizade que existiam entre eles.

Gabe acertou as coisas com a Mia. E também se acertaria com ele.

Jace suspirou e então suas mãos relaxaram, os dedos saindo da formação de punho fechado.

– Não, cara, mas agradeço – disse em voz baixa. – Eu não sou louco. Não estou obcecado.

Ok, talvez estivesse, mas isso soava muito mais assustador do que era na realidade. – É algo que eu sinto e que *preciso* fazer. Bethany é diferente. Ela é *especial*. Eu também não entendo completamente por que ou como nesse momento. Mas quando a vi as coisas mudaram. Tudo mudou. E eu tenho que ir adiante agora ou vou passar o resto da minha vida arrependido.

– Eu entendo – Gabe disse lentamente. – Acredite em mim, entendo mesmo.

– Sim, eu acho que você entende. Tem a Mia.

– É. A Mia.

– Então você sabe que eu só preciso de espaço e tempo para lidar com as coisas do meu jeito.

Gabe assentiu.

– Entendo. Ash também entenderia, se você explicasse. Ele está chateado, Jace. Não por causa da Bethany. Nem porque você aparentemente ficou maluco. Ele está chateado porque está preocupado e você o deixou de fora. Você, mais do que ninguém, sabe que ele faria qualquer coisa no mundo para te ajudar.

Jace fechou brevemente os olhos enquanto a culpa caminhava por suas veias.

– Sim, eu sei.

Merda. Odiava quando Gabe estava certo. Filho da mãe presunçoso, metido a superior. Mesmo agora, tinha aquele brilho de sabedoria nos olhos.

– Eu tenho que sair daqui. Deixei Bethany no apartamento. Ela vai ficar no antigo apartamento da Mia.

Gabe levantou a sobrancelha em clara confusão.

– Estou surpreso por não tê-la trancado na sua casa. Ash disse que as coisas estavam bastante... intensas.

– Como diabos ele saberia? – Jace murmurou. – Eu queria dar a ela algum espaço. Algum tempo para se ajustar antes de eu assumir. E você sabe que isso vai acontecer. Eu vou assumir. É inevitável, e quero que ela se sinta segura e confiante antes que isso se transforme em algo mais sério.

Gabe assentiu. Sim, ele entendia melhor do que ninguém. Exceto Ash. A necessidade e o desejo de controle eram traços que os três compartilhavam. Não apenas em certos aspectos. Em tudo. Dentro e fora da cama. Mas *especialmente* na cama.

Bethany não tinha entendido nada do jeito como as coisas seriam com ele e ainda estava tão frágil, tão insegura de si mesma e de seu lugar no mundo, que Jace relutava em mudar as coisas rápido demais. Se a assustasse, ela daria no pé e ele nunca iria se perdoar.

– Resolva isso com o Ash – Gabe disse calmamente. – Sabe que isso vai corroer vocês dois até que conversem. E antes que você reclame que eu estou me metendo na sua vida pessoal, essa história afeta os negócios também. Não podemos fazer uma estupidez só porque você e Ash estão com essa implicância de merda. E se você não quer pensar em mim, nos negócios, em você mesmo e em como vai se sentir um completo idiota por jogar uma amizade de quase uma vida no lixo, pense no resultado dessa confusão para a Mia. Ela ama vocês dois. Pense no resultado disso para Bethany se ela descobrir que criou uma rachadura entre amigos e parceiros de negócios.

– Jesus, você é um manipulador – disse Jace, desgostoso.

O canto da boca de Gabe contraiu-se em um sorriso disfarçado.

– Mia já me disse isso uma ou duas vezes.

Jace balançou a cabeça. E mudou de assunto, porque estava cansado de ter sua vida pessoal dissecada pelo amigo.

– Já decidiu a data do casamento?

– Porra nenhuma – Gabe murmurou.

As sobrancelhas de Jace se ergueram e ele deu uma risada. Depois riu mais ainda.

– Queria que você pudesse se ver, cara. Parece que engoliu um limão. O que diabos a minha irmã está fazendo com você?

Gabe passou a mão pelo cabelo.

– Olha. Eu só quero me casar. Quero colocar o anel no dedo dela, que tenhamos o mesmo sobrenome, assinar a certidão de casamento. Todo o resto é irrelevante. Eu faria o que ela quisesse, seja dar a maior festa de casamento de todos os tempos, uma como esta cidade nunca viu, ou fugir para Las Vegas.

Jace estremeceu.

– Uh, se eu tiver algum poder de voto nesse assunto, podem desistir de uma festa como essa cidade nunca viu? Soa perturbador.

– Nem me diga – Gabe murmurou.

– Então qual é o problema? Parece que você está sendo atipicamente acomodado.

Gabe ignorou a zombaria. Sua expressão era séria quando respondeu.

– Eu a amo. Faria o que fosse necessário para que ela fosse minha. Este casamento é para *ela*. Eu já passei por isso, não queria casar novamente de jeito nenhum até ela aparecer. O problema é que a Mia ainda não decidiu o que quer. E até que decida, o casamento está na espera. Eu não sei a data, porque não há uma merda de data. Uma parte de mim quer botar o pé no chão e dizer que vamos nos casar no Ano Novo, mas a outra parte quer que isso seja especial para ela, porque é o *único* maldito casamento que a Mia vai ter.

Jace sorriu. Era engraçado ver seu amigo enrolado por uma mulher. Especialmente porque a mulher em questão era a sua irmã. Um pouco da tensão em seu peito diminuiu. Esta era a sua família. Gabe. Ash. Mia. Sempre tinha sido. Havia sido eles quatro por quase vinte anos. E família cuida da família. Porra, ele sempre ficava muito puto toda vez que os parentes de Ash enchiam o seu saco. Quase cortou a cabeça de Gabe por ferir a Mia. E depois teve pena do safado e odiou vê-lo sofrendo enquanto Mia se recusava a aceitar suas desculpas.

– Você é da família, cara – Jace sussurrou. – Nunca vou esquecer isso.

Gabe piscou, mas sua mandíbula se apertou.

– Sempre. Nós vamos ser irmãos por casamento, mas já éramos muito antes disso. Só agradeço a Deus por nunca ter visto a Mia como uma irmã mais nova – ou pelo menos essa merda parou quando ela ficou adulta.

Jace começou a rir e levantou as mãos.

– Ok, ok, podemos evitar essa conversa? Ela é minha irmã e eu não quero saber como você a vê. É nojento o suficiente ter de assistir a vocês dois juntos.

Gabe sorriu e depois ficou sombrio, mais uma vez.

– Acerte as coisas, Jace. Ash está sofrendo. A família está enchendo o saco dele. Você sabe como é nessa época do ano. Eles não dão a mínima para ele durante dez meses e então querem fingir que se importam no dia de Ação de Graças e no Natal. E agora você o repel... Eu sei que nós somos todos amigos. Nunca questiono isso. Mas também sei que vocês dois são mais próximos. Sempre foram. O que aconteceu o acertou com força. Ele não tem sido o mesmo. Está todo taciturno e silencioso. Você, eu estou acostumado. Um canalha mal-humorado e carrancudo mesmo quando está num dia bom.

Jace mostrou-lhe o dedo.

– Mas Ash? Isso não é do feitio dele. Ele é irreverente para cacete e tem o foda-se ligado. Conserta isso. Eu me preocupo com os dois e não quero ter razão para me preocupar, se é que você entende. Tudo em que eu quero pensar é no anel que vou colocar no dedo da Mia e nos bebês que eu quero fazer, se ela quiser.

Jace gemeu.

– Porra, cara, sério? Você tinha que falar sobre isso?

Gabe sorriu.

– Ei, eu não dei grandes detalhes.

– Graças a Deus – Jace murmurou. Ele suspirou. – E sobre o Ash. Pode deixar.

Ele se moveu em direção à porta, mas quando chegou lá, parou e se virou.

– Obrigado, cara – disse sinceramente. – Eu sei que provavelmente nunca disse isso. No começo estava muito irritado, mas estou feliz porque a Mia tem você. Ela nunca vai encontrar um homem melhor. Sei que você vai cuidar dela.

Por um longo momento Gabe ficou em silêncio. Sua mandíbula estalou como se ele estivesse tentando manter sua reação controlada. Então ele simplesmente assentiu.

– Isso é importante para mim, cara. Você nunca vai saber o quanto.

Jace sorriu levemente.

– Ah, eu acho que sei.

Mais uma vez ele se aprontou para sair e a chamada de Gabe o parou quando ele já alcançava o salão.

– Jace?

– Sim?

– Quando vou conhecê-la?

Jace agarrou a maçaneta do escritório e respirou fundo. Então encontrou o olhar de Gabe e disse:

– Quando chegar a hora. Vocês vão ser apresentados, certamente. Mas nesse momento há

muito em que precisamos trabalhar.

Gabe assentiu.

– Boa sorte.

– Obrigado, cara – Jace murmurou.

Então se virou e saiu em busca de Ash.

capítulo 16

Jace se inclinou contra a porta do escritório de Ash e esperou até que o amigo desligasse o telefone. Ele estava virado de costas – não fazia ideia de que Jace estava lá e abrira a porta fechada do escritório. O telefonema absorvia toda a concentração de Ash, porque ele não tinha sequer percebido a presença de Jace.

– Eu realmente não dou a mínima para o que você e o meu pai querem – disse Ash acidamente.

Jace fez uma careta. Gabe estava certo. A família de Ash estava fodendo com ele novamente. Idiotas persistentes. Jace nunca conheceu um bando de gente mais superficial e egoísta do que a família de Ash. Jace ficava impressionado com a origem do amigo, basicamente um poço de víboras. E o rapaz não havia sido moldado ou influenciado pelos parentes. Deus sabia que o resto dos irmãos não tinha se saído tão bem.

Gabe e Jace costumavam provocar Ash dizendo que ele tinha sido adotado. Era a única conclusão lógica. Ash era muito diferente de seus pais e irmãos. Quando eles eram calculistas, infelizes e egoístas, Ash era descontraído, tinha um bom coração e era leal até os ossos. Sua família? Iria apunhalar as suas costas antes mesmo que você tivesse tempo de se defender. Porra, eles te enfiariam a faca até pela frente. Não davam a mínima. Deixariam suas pegadas impressas sobre você e seguiriam o caminho deles.

– Sua manipulação não vai funcionar. Não há nada no mundo que me faça passar o Natal com a minha *amada* família. Eu prefiro ter minhas unhas arrancadas por pinça – Ash afirmou.

Jace suspirou. A mesma merda. Todo ano. Ele estava convencido de que só queriam Ash por perto para terem alguém novo a quem atormentar. Quando Ash era mais jovem, tinha tentado manter a paz, ser um bom filho e irmão. Participava das reuniões de família independentemente de como fossem.

Nos dois primeiros anos, ia sozinho. Gabe e Jace notaram imediatamente a diferença. Ash ficara mal-humorado nas semanas seguintes e levava bastante tempo para voltar a si mesmo. Após o segundo ano daquela merda, Jace e Gabe desconfiaram dos motivos de estresse e insistiram em acompanhá-lo no ano seguinte. Depois da experiência, ambos juraram nunca permitir que Ash voltasse a ficar perto de sua família sem uma sólida rede de apoio.

Pode parecer ridículo, mas aquela família era *venenosa*.

Depois de alguns anos de Jace, Gabe ou ambos acompanhando e testemunhando em primeira mão a disfunção que era a família McIntyre, Ash mandou todos à merda e não voltou mais. Não por falta de tentativa da parte deles. Jace sabia que Ash tinha ficado profundamente envergonhado por seus amigos conhecerem sua família e, em vez de seguir expondo-os àqueles encontros terríveis, simplesmente puxou o plugue. O que pareceu bom para Jace. Ash era uma pessoa melhor quando não estava na fossa. Era mais feliz.

– A conversa terminou. Não ligue de volta. Eu não vou atender a sua chamada da próxima vez – alertou Ash.

Ele desligou o telefone do escritório e, em seguida, rodou em sua cadeira. Ele completava a segunda volta quando percebeu Jace em pé na porta, e então franziu a testa.

– O que você está fazendo aqui? Pensei que tinha muita coisa para fazer.

Jace suspirou e caminhou para dentro do escritório. Largou-se sobre uma das cadeiras ao longo da sala e colocou as mãos atrás de suas costas, inclinando-se para que pudesse manter o seu olhar no amigo.

– Olha, cara, eu fui um babaca. Você sabe disso. Eu sei disso. Também sei que você acabou de falar com a cachorra da sua mãe e agora está com um humor tão ruim que está a ponto de me morder. Eu mereço, então tudo bem. O que não está nada bem é esse abismo entre a gente.

Os lábios de Ash se contraíram.

– Você que meteu isso entre a gente, cara.

– Sim, sei disso também. Estou tentando pedir perdão aqui, Ash. Não se faça de durão. Deixe eu me desculpar.

Ash se inclinou para trás e falou pausadamente, em um tom familiar que aliviou o peito de Jace,

– O poderoso, arrogante e exigente filho de Jace Crestwell está se humilhando para fazer um pedido de desculpas? Siga em frente. A isso eu preciso assistir.

– Foda-se – Jace murmurou. Mas ele já estava sorrindo.

Família.

Assim como fora no escritório de Gabe. Como ele sabia que era – sempre soubera. Esta era a sua família. Uma família que ele queria que Bethany possuísse também.

– Agora, esse é um pedido de desculpas incomum – disse Ash. – Foda-se... Sinto muito... Eles soam *quase* a mesma coisa.

Jace riu.

– Cara, você é tão idiota.

Na mesma rapidez com que se descontraíram, Jace ficou sério e encontrou o olhar de Ash.

– Sinto muito, cara. Eu fui um idiota. Eu exagerei. Sei que você estava tentando ajudar. Tentando olhar por mim. Aprecio isso. Mais do que você imagina. Mas eu estou bem, prometo. Você pode pensar que eu estou louco. Que perdi toda a perspectiva. Mas estou no controle. Estou sólido.

– O que você tem? – Ash perguntou curioso. – Você precisa ver isso na *minha* perspectiva, cara. Nós fizemos um ménage com uma mulher. Nada demais. A mulher desaparece na manhã seguinte. Nada demais. A única parte atípica desta equação é que ela foi embora, ao invés de nós metermos o pé. Então, quando você fica transtornado com isso, eu me pego pensando, bem, ele está chateado porque não foi ele quem se despediu dessa vez. E entendo. Talvez você não tivesse feito tudo o que queria com ela. Você é maníaco por controle como eu. Gosta de ditar as regras. E ela tomou o controle quando se foi. O que eu não esperava era que você virasse a cidade de cabeça para baixo procurando por ela.

Jace suspirou. Sim, as coisas pareciam mal quando Ash dava seu ponto de vista.

– Se você pudesse ver a si próprio nas últimas semanas, Jace. Você estava péssimo. Estava

distraído. A última coisa na sua cabeça era trabalho. Mia veio te ver duas vezes e você a enxotou.

As sobrancelhas de Jace se juntaram.

– Besteira. Ela não veio me ver.

Ash suspirou.

– Você não lembra dela entrando? Ou só não se lembra de ter sido um babaca?

– Cristo. Ela realmente veio me ver?

Ash assentiu. – Você foi grosso com ela, porra, o que fez o Gabe querer esmagar a sua cabeça. Eu disse para ele se afastar, que você estava tendo um dia ruim.

– Merda.

– Você foi quase inexistente nessas duas semanas. Agiu como uma pessoa insana, obcecada. Aí, eu checo algumas coisas. E quando você a encontra, sai despreparado. Eu não o vejo novamente até alguns minutos atrás e você age como se nada tivesse acontecido. Tudo isso depois de me dizer para ficar de fora porque nada me dizia respeito.

Jace soltou o fôlego e passou a mão na cabeça.

– Ok, você provou o seu ponto. Eu fui um idiota. Perdi a linha e nós dois sabemos disso.

Ash fez um barulho rude.

– Eu não dou a mínima se você foi um idiota. Acha que isso é sobre os meus sentimentos machucados? Eu estou preocupado com *você*, Jace. Preocupado com o quanto você está envolvido com essa mulher. Receio que te faça mal e você não veja porque ela está com os dedos enrolados nas suas bolas.

Jace respirava tentando controlar o aumento imediato de raiva que o atingiu. Ash era seu amigo. Estava preocupado. Ele tinha que ser racional, mesmo que isso o matasse.

– Ela precisa de mim – disse, plenamente consciente do quanto soava idiota. Mas foda-se, ele não podia nem explicar para si mesmo. Como diabos explicaria para Ash?

Ash o estudou por um longo tempo e então seus lábios se separaram com um suspiro.

– Isso vai te deixar puto, mas precisa ser dito. Eu poderia desistir, deixá-lo fazer do seu jeito, mas sabemos que se a situação se invertesse e fosse eu agindo da maneira que você tem agido, você estaria falando o que pensa na minha cara e não iria desistir. Então eu também não vou recuar por nada nesse mundo. Você é meu irmão. Mais do que o meu próprio irmão. Você e Gabe. Nós enchemos o saco dele por causa da Mia. Ele mereceu. Agora vou encher o seu saco por causa da Bethany. Porque alguém tem que fazer isso.

Os dedos de Jace se apertaram e ele estava tentado a ir embora. Mas as palavras de Ash atravessaram a sua raiva, surtindo efeito. Eles *eram* irmãos. Em todos os sentidos da palavra. E, sim, ele não estava tão puto a ponto de esquecer que certamente estaria enchendo o saco de Ash se ele amigo fizesse uma extravagância como essa.

– Diga logo então – Jace disse com resignação.

– Você cuidou da Mia por vários anos – disse Ash em um tom tranquilo. – Sempre atento a ela. Porra, foi pai e irmão. Ela precisava de você. Agora, de repente, não precisa mais. Não como antes. Ela não é mais sua responsabilidade. Ela tem o Gabe e seu foco estará principalmente sobre ele.

– Onde você quer chegar?

Ash soltou um longo suspiro.

– Você não acha irônico que dias após a Mia ficar noiva de Gabe sua cabeça esteja voltada para outra mulher necessitada? Eu não digo que ela não está vulnerável, Jace. Não sou idiota. A situação dela é bem fodida. Mas o fato é que você é um provedor. Um zelador. E Bethany é a sua kryptonita. Ela está em baixa com a sorte, é linda. E você gosta da ideia de estar com alguém que precisa de ajuda. Já pensou que você talvez precise de uma pausa nessa coisa de ser provedor e que talvez devesse viver um pouco sem ser sobrecarregado por outra pessoa?

– O que diabos é tudo isso? – Jace perguntou. – Você está ouvindo a si mesmo? A Mia não é a porra de um peso. Ela é minha irmã. Eu sou a sua única família. Jamais me resenti por ter que cuidar dela.

Ash levantou a mão.

– Você sabe muito bem que não é isso o que estou dizendo. Limpe a merda dos seus ouvidos e escute. Mia pertence a todos nós. Eu nunca sugeri, nem por um minuto, que ela era algum tipo de fardo desagradável. Eu a vi crescer. Investi quase tanto quanto você na felicidade dela, ok? Esse não é o ponto. Mia nunca foi o foco dessa conversa. O ponto é que você está desestruturado agora que a Mia tem o Gabe e não precisa mais de você da forma que precisava antes. Você se agarrou a Bethany, que é como a Mia, mas dez vezes mais necessitada. Você viu uma mulher correndo perigo e isso despertou o seu senso de provedor. Não estou dizendo que não é nobre. Não estou dizendo que você é um idiota por querer ajudá-la. O que estou sugerindo é que você está indo fundo demais nisso e precisa dar um passo para trás para ganhar alguma perspectiva. Você pode ajudar sem ficar tão envolvido emocionalmente. O que você realmente sabe sobre ela? Está agindo como se vocês fossem almas gêmeas, mas não sabe de porra nenhuma.

– Vou pedir para você calar a boca agora, antes que realmente me irrite – Jace ordenou.

– Então, eu estou errado?

Claro que sim, porra, ele estava errado. Não estava?

Merda.

Toda aquela besteira psicológica que Ash estava jorrando girava na mente de Jace. E *era* apenas besteira.

Quando tudo o mais falhar, a honestidade é sempre o melhor caminho. Ash e Jace costumavam ser honestos um com o outro. Mas a ideia de tentar dissecar o que era esse sentimento – essa *obsessão* por Bethany, como Ash tinha rotulado – o fazia se contorcer.

Jace passou a mão pelo cabelo e ficou tentado a arrancá-lo por frustração.

– Olha, Ash. Não vou te enganar dizendo que eu tenho todas as respostas, ok? Mas se está tentando dizer que eu tenho algum tipo de complexo de salvador com a Bethany, você está errado. Eu estava interessado nela desde o momento em que a vi na festa da Mia e eu certamente não sabia de toda essa merda que sei agora. Eu não sabia que ela era sem-teto nem que sua situação era tão fodida. Eu só sabia que queria ficar com ela. E isso não mudou quando descobri todas essas coisas. O que aconteceu é que eu fiquei ainda mais determinado a fazer parte da vida dela.

Ash foi ficando pensativo, mas permaneceu em silêncio enquanto Jace lutava para explicar seus sentimentos.

– Quão bizarramente superficial eu seria se me afastasse dela quando descobri que sua

situação não era a melhor do mundo? Como se, de repente, ela não fosse boa o bastante para mim? Isso não deveria importar, certo? Se eu estava interessado em me aproximar dela antes, então não deveria mudar de ideia só porque ela não compartilha da minha situação financeira e não tem um lugar para dormir.

– Cristo – Ash murmurou. – Agora me sinto com três centímetros de altura.

Jace abafou o sorriso que contraía o canto de sua boca. As coisas ficariam bem. Ash era um grande bonachão. Especialmente quando se tratava de mulheres. Podia não aparentar ser assim, mas Jace sabia que no centro de tudo aquilo estava a preocupação profunda de Ash com ele. Entendia e apreciava isso. Mas Ash tinha que entender que não se tratava de uma merda de caridade.

– Estou supondo que não serei convidado para outro ménage – Ash disse secamente.

Jace fez uma careta e Ash levantou as mãos.

– Eu entendo. Ela é sua.

– Não é uma piada – Jace disse sombriamente. – Eu gostaria de esquecer que aquele ménage aconteceu. E quando você vir Bethany – e *vai* vê-la – realmente não quero que esse seja um tema da conversa. Vai ser estranho para cacete. Não quero que ela fique envergonhada. Eu não quero dar nenhuma razão para ela se afastar. Já estou passando por um inferno para fazê-la ver as coisas do meu jeito. E realmente gostaria de esquecer que você a viu nua. Que você enfiou o seu pau em lugares que, a partir de agora, são meus e apenas meus.

Ash balançou a cabeça, sua expressão era inestimável.

– Puta merda, cara. Você está falando sério. Quero dizer, realmente sério. Eu nunca pensaria, nem em um milhão de anos, que você se apaixonaria tão fortemente em um tempo tão curto. Quanto tempo demorou? Cinco minutos? Merda, eu devia ter percebido isso aquela noite, mas como? Você nunca agiu dessa maneira com uma mulher. Você foi resmungão e possessivo desde o início, mas eu ignorei.

Ash se inclinou para frente, com os braços plantados sobre a mesa.

– Eu sei que já perguntei isso, mas agora realmente tenho que repetir. Se você se sentiu dessa maneira por ela, então por que diabos não me disse? Aquela noite nunca deveria ter acontecido. Pelo amor de Deus, *por que* me deixou fodê-la?

Jace fechou os olhos por um instante e quando os reabriu viu que Ash continuava esperando. Havia confusão nos olhos de seu amigo. E arrependimento. Como se temesse que a noite fosse para sempre um ponto de discórdia entre eles. Jace não queria que Bethany representasse isso. Talvez estivesse sendo ingênuo. Bethany e Ash iriam se cruzar novamente. Se ela se tornasse uma parte da vida de Jace – e certamente se tornaria – então os dois se veriam muito. Não estava prestes a virar as costas para uma amizade que era tão definitiva quanto qualquer laço de sangue. Mas e se aquilo tornasse as coisas constrangedoras?

Ash poderia lidar com isso. Disso Jace estava certo. Mas a incógnita na equação era Bethany. Como reagiria a Ash? Será que tinha sentimentos por ele? Será que ainda o desejava? Era óbvio que tinha ficado excitada com ambos os homens quando transavam com ela. Será que Jace teria que se preocupar sempre que Bethany olhasse na direção de Ash?

Era o suficiente para levá-lo a loucura e era estúpido ater-se a isso. Não estava sendo justo com Bethany. Era óbvio que ela estava assustada com aquela noite e com o fato de ter feito um ménage envolvendo ele e seu amigo. Não poderia assumir o pior sobre ela e criar suspeitas

sem lhe dar uma chance. O relacionamento deles estaria condenado por ciúmes e desconfiança antes mesmo que tivesse a chance de decolar.

– Jace? – Ash perguntou em voz baixa. – Por que você deixou acontecer, cara? Eu não entendo. Você precisa saber que eu teria compreendido. Eu teria ficado surpreso pra cacete, mas certamente teria recuado. Eu nunca deixaria uma mulher entre nós.

Mas Jace permitira. Porra, ele colocou Bethany entre eles porque estava desesperado e porque percebeu que ela hesitava. Tinha tanto medo de vê-la partir que apressadamente concordou com algo que era extremamente contra.

Não foi justo com Bethany e seguramente não tinha sido justo com Ash também.

– Eu fiz merda – disse em uma voz quase inaudível. – Foi completamente minha culpa. Eu pensei que era o que eu *tinha* que fazer. Antes que pudesse intervir e colocar um fim àquilo, ela concordou. E uma vez que tinha concordado, eu não senti que poderia dizer “não se preocupe, nós não vamos fazer um ménage, mas eu ainda quero te levar para casa e te comer”. Ela parecia ter dúvidas e entrei em pânico porque não queria que ela fosse embora. Foi tudo tão escroto e saiu tanto do meu controle que não tinha conserto. Eu lamento cada minuto.

Uma fagulha brilhou nos olhos de Ash e ele ficou em silêncio. Recostou-se na cadeira e olhou para longe.

– Será que isso vai mudar as coisas? – Ash finalmente disse. – Entre você e eu? Da maneira como você fala parece que a Bethany vai ficar por perto por um longo tempo. O que isso significará para a gente depois do que aconteceu naquela noite?

O desconforto rastejou sobre a pele de Jace. Se pudesse voltar para aquela noite, nunca diria merda nenhuma para Ash. Não teria chamado a sua atenção para Bethany. E com certeza nunca a teria dividido com ele.

Agora Ash expressava as mesmas preocupações que Jace possuía. Eram enormes. Ele não podia deixar o seu relacionamento com Bethany arruinar o relacionamento com outras pessoas que também significavam muito para ele. Nem poderia deixá-la partir. Tinha que fazer isso funcionar, o que significava lidar com toda a situação tão delicadamente quanto possível.

– Tudo o que isso muda é que você não vai dormir com ela de novo – disse Jace, com mais confiança do que sentia. Esperava não estar se iludindo. – Tenho certeza de que as primeiras vezes em que estivermos juntos vai ser estranho. Mas só vai continuar esquisito se nós deixarmos. Vocês dois são parte da minha vida, cara. Não estou escolhendo um só. E espero de verdade que nunca precise fazer isso. O que podemos fazer é garantir que isso não se tornará uma questão. Mas eu preciso de sua ajuda. Do seu... apoio.

Surgiu alívio nos olhos de Ash.

– Vai batizar seu primeiro filho com o meu nome?

– Jesus. Agora, quem está apressando as coisas? Pise nos freios, Ash. Não vou casar.

– Ainda – Ash murmurou.

– Há coisa para cacete para a gente resolver – Jace disse com a voz sombria.

– Alguma coisa em que eu possa ajudar? Você pediu o meu apoio, mas, cara, você já o tem. Sempre teve. Não vai mudar.

Jace hesitou por um momento, o alívio corria em seu sangue como um destilado potente. Em seguida, relatou toda a cadeia de eventos envolvendo Bethany do início ao fim. Quando

terminou, o rosto de Ash se contorcia em uma feroz carranca.

– Filhos da puta – xingou. – Eles espancaram uma mulher indefesa porque o irmão idiota dela pegou dinheiro emprestado e não tinha como pagar? O filho da puta a explorou até a fonte secar? Jesus, minha família pode ser louca mas nunca enviaria um bando de bandidos de rua atrás de mim.

Jace bufou.

– Ainda não, pelo menos.

Um lampejo de diversão iluminou os olhos de Ash.

– Verdade. Dê-lhes mais um tempo.

Houve uma longa pausa. Compreensão silenciosa.

– Eu não gosto de ver você se envolver. Eu conheço algumas pessoas. Posso fazer com que elas resolvam. Garantir que os idiotas recebam o dinheiro e uma mensagem de não mexer com Bethany novamente – disse Ash. – Quer dizer, se essa é a solução que você quer. Eu suponho que você queira a dívida paga.

– Você conhece algumas pessoas? – disse Jace, incrédulo. – Que diabos, cara? Que tipo de pessoa você conhece para lidar com essa situação? E, sim, farei o que for preciso. Eu quero que a dívida desapareça. Não é porque não dou a mínima para o irmão idiota, mas porque eu quero a Bethany segura e longe de qualquer possível ameaça.

Ash encolheu os ombros.

– Nunca se sabe quando podemos precisar desse tipo de gente. Eles me devem um favor, de qualquer maneira. Eu lhes dei boas dicas de ações. E banquei a estadia em um dos nossos hotéis.

– Eu não vou nem perguntar...

– Melhor assim – Ash disse alegremente. – Não é o tipo de gente que você convidaria para o jantar de Ação de Graças.

– Estou percebendo – Jace murmurou.

A expressão de Ash tornou-se mais séria.

– De quanto dinheiro estamos falando?

– Cinco mil.

– Isso é tudo?

Jace suspirou.

– É uma fortuna para a Bethany. Como ela disse, não faria diferença se fosse um milhão. Ela estava indo *tráfico* na rua para arrumar o dinheiro.

Ele ainda se assustava para cacete quando pensava no que poderia ter acontecido se Kate não tivesse ligado para ele no dia em que Bethany voltou para o abrigo. Ou no que teria acontecido se Bethany não tivesse ido para lá. Ela podia estar até agora nas ruas, vulnerável a Deus sabe o quê...

– Que merda – Ash deixou escapar. – Jesus Cristo. Traficando na rua?

– Sim, essa também foi a minha reação.

– Ela precisa de uma coleira – Ash murmurou.

– Figurativamente, ela tem uma. Ela não vai a lugar nenhum sem os homens que contratei para protegê-la e quando não estiver com eles vai estar comigo. Se tudo der certo, uma vez que você ajeitar as coisas para que a dívida seja paga, essa ameaça vai embora. Mas eu ainda

tenho que resolver a questão do Jack.

– Bem, não me parece que ela está convencida da ideia de vocês dois como casal – Ash disse secamente.

– Vai ficar.

Ash levantou uma sobrancelha.

– Você parece confiante.

– Não vou aceitar outra alternativa.

– E qual seria?

– Ela não fazer parte da minha vida.

Houve uma longa pausa e Ash se mexeu desconfortavelmente.

– Olha cara, estou ultrapassando bastante os meus limites.

– Como se algo o impedisse antes – Jace disse secamente.

Ash riu.

– Verdade. Não sou fã de limites, especialmente quando minha família está em jogo.

Mais uma vez essa palavra. *Família*. E, sim, Ash, Gabe e Mia eram sua família. Ele havia dito que Mia era a única família que tinha e isso não era verdade. Gabe e Ash... Eles estariam lá. Sempre estiveram. Intervindo quando os seus pais morreram. Com uma lealdade constante e inabalável, de um jeito que Jace nunca imaginara.

Talvez ele tivesse tomado aquelas amizades como parâmetro ao longo dos anos. Era um erro enorme. Outras pessoas não tinham isso. Esse apoio incondicional. Ele tinha sorte.

– Como é que vai funcionar? – Ash perguntou. – Você e Bethany. Eu te conheço, cara. Você e eu, nós somos iguais. Porra, Gabe também é. Farinha do mesmo saco. Nós gostamos de controle. Dominação. E não é de brincadeira. Podemos pegar leve e jogar, mas não muda o que é. Um jogo. No final do dia, você e eu sabemos que qualquer relacionamento sério depende de termos o controle absoluto.

Jace assentiu. Ele nem tentou negar.

– Então, como é que vai ficar com a Bethany? Ela está pronta para isso? Será que estará de acordo? Ela ao menos tem alguma pista de como essa porra vai ficar? Porque se fosse outra mulher, ficaria assustada, mas não iria longe. Ela voltaria para casa. Você saberia de onde recomeçar. Ligaria para ela ou visitaria o seu apartamento. Para resolver as coisas. Esse não é o caso da Bethany. Se ela pirar, ela some, e você nunca a verá novamente.

– Merda, você acha que não sei disso?

A resposta saiu mais explosiva do que ele pretendia, mas era um testemunho da incerteza que o assombrava quando se tratava desta mulher. Sentia-se impotente e Ash conseguia exprimir o seu maior medo.

Se não jogasse direitinho. Se chegasse com muita sede ao pote. Se fizesse qualquer coisa para assustá-la, Bethany poderia fugir. De volta para a noite. De volta para as ruas, onde aqueles idiotas – e um milhão de outros – a esperavam. Onde Jace não poderia protegê-la. Não poderia cuidar dela. Onde ele seria absolutamente incapaz de salvá-la dos perigos de sua solidão e vulnerabilidade.

– Então, o que você vai fazer? – Ash perguntou calmamente. – Como vai lidar com isso?

– Eu não sei – Jace disse, resignado. – Como diabos eu vou saber? Só sei o que eu quero. E

vou rezar pra cacete para fazer tudo certo. Tenho que manter a esperança de que isso é o que ela quer e aceita de mim.

capítulo 17

Bethany submergiu na banheira enorme cheia de água e soprou suavemente a espuma perto de sua boca. Sentia-se hedonista. Como se fosse personagem de um filme. Tinha os cabelos amarrados em um arranjo confuso que ela achou bastante sexy. Mechas presas pendiam. Havia espuma submergindo e velas acesas ao seu redor. Era um perfeito clichê, mas Bethany não se importava. Era um deleite extravagante e ela aprendeu havia muito tempo a desfrutar dos prazeres simples, independentemente de como eles viessem.

A água quente a rodeava, confortando-a e fazendo com que se sentisse relaxada e flexível. A irmã de Jace obviamente tinha um paixão por velas. Velas femininas com aromas maravilhosos. E bonitas. Velas chiques que provavelmente eram caras. Não do tipo barato que você encontra em lojas de 1,99.

E a espuma de banho. Bethany ficou nitidamente alegre quando encontrou o pote em uma das gavetas do banheiro. Isso também era caro. De uma marca que ela reconheceu. No início hesitou em usar, mas a tentação foi grande demais e ela despejou alegremente o conteúdo da embalagem em sua banheira, enquanto a enchia.

Segurou um punhado de espuma com as mãos e soprou sobre a água, rindo quando se espalhava e flutuava, parecendo folhas no outono.

– Você é tão bonita que faz o meu peito doer.

Ela engasgou e automaticamente se afundou mais na água, o olhar indo imediatamente em direção à porta onde Jace se inclinava, encarando-a. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos e seu olhar preguiçoso ia de cima a baixo pela banheira.

– Quando você chegou aqui? – Bethany chiou. – Eu esperava que fosse demorar pelo menos mais uma hora.

Ele sorriu e empurrou o batente da porta para cruzar o banheiro até que estivesse do lado da banheira.

– Você está dizendo que não estaria imersa na banheira se soubesse que eu ia chegar cedo?

– N-não – ela gaguejou.

– Que pena – Jace sussurrou. – Eu poderia me acostumar a encontrar você assim.

Ele se sentou na beirada da banheira e estendeu a mão para tocar seu rosto, passando os dedos sobre a curva de sua mandíbula e chegando até o queixo.

– Está tudo bem por aqui?

Ela assentiu, ainda inquieta com a presença dele no banheiro. Estava em uma posição vulnerável e isso a deixava envergonhada.

– Kaden e Trevor estão causando algum problema? Você está confortável com eles?

Ela balançou a cabeça e depois acenou, respondendo as duas perguntas antes de afundar ainda mais na banheira. Talvez ela não estivesse completamente confortável em ter dois

brutamontes na sua sala de estar, mas não eram um incômodo e tinham tentado bastante ser menos obscuros. Mas continuavam tão obscuros quanto duas montanhas poderiam ser, de qualquer maneira. E ela não queria parecer ingrata. O fato de Jace fazer tanto para que ela se sentisse segura a impressionava. As pessoas simplesmente não fazem as coisas como ele fez. Nada em sua experiência com a raça humana jamais a levou a acreditar que cavaleiros brancos como Jace existiam.

Jace riu.

– Baby, se você afundar mais vai se afogar.

Ele baixou sua mão, mergulhando na água. Ela prendeu a respiração quando ele curvou os dedos debaixo de seu peito e, em seguida, apertou seu mamilo. Ela respondeu imediatamente, se contraindo com uma emoção deliciosa na barriga, que se espalhava até a junção de suas coxas.

Seu clitóris pulsou e doeu. Tudo que o homem tinha que fazer era tocá-la e Bethany desfaleceria. Sua respiração irregular saiu como um soluço de sua boca e a água morna de repente pareceu insuportavelmente quente.

– Há espaço suficiente aí para dois? – Jace murmurou.

Os olhos dela se arregalaram encarando-o, e Bethany ficou sem saber se tinha ouvido direito. Caras como Jace não entravam em banhos femininos, cheios de espuma e velas. Será que entravam? E ela queria que ele entrasse?

Porque os homens só entravam em uma banheira com uma mulher, se esperassem muito mais do que um banho.

Era uma pergunta retórica.

Ela lambeu os lábios secos, deixando transparecer seu nervosismo.

– Foi uma pergunta tão difícil assim?

Ruborizando, ela balançou a cabeça e, em seguida, chocou-se a si própria, dizendo:

– Pode entrar.

Ela estava agindo de forma inconsequente. Mas se sentia... mais ousada perto dele. O que era ridículo, porque Jace causava um frio em sua barriga apenas com o olhar. Ele definitivamente a deixava nervosa – e ela ainda estava lutando com o que seriam as suas expectativas. Essa situação toda parecia... insana, por falta de uma palavra melhor. Mas de alguma forma ele conseguiu fazer com que Bethany se sentisse confiante, e isso era muito porque *confiante* nunca foi uma palavra que ela usaria para se descrever.

Cautelosa, sim. Desconfiada? Definitivamente. Ela aprendeu a analisar cada situação, cada pessoa. Sempre procurando por uma intenção escondida, porque ninguém fazia nada sem querer algo em troca. Mas e agora? A única coisa que tinha sido capaz de descobrir é que ele queria... ela. Bethany certamente não tinha mais nada a oferecer.

Tinha um olhar suave e passou o polegar sobre o mamilo dela novamente.

– Mas você *quer* que eu entre?

– S-sim – ela respondeu com a voz rouca. Mais confiante desta vez. O “sim” era uma palavra com a qual ela estava chegando a um acordo. Gostava disso. Gostava da sensação de estar segura de si mesma.

Jace ficou satisfeito. Levantou-se da borda da banheira e tirou suas roupas, jogando-as em

cima do balcão. Bethany não podia deixar de olhar para o seu físico nu. Era tão lindo. Ela se deliciou com a visão dele, memorizando cada detalhe.

O espiral apertado de músculos que marcavam seus braços, suas pernas, seu peito... O punhado de cabelos escuros que se alinhavam em um caminho atraente no peito, descendo em uma linha até a sua virilha. E a massa preguiçosa, meio bagunçada, de cabelo escuro que caía sobre a sua testa e escapulia sobre as suas orelhas, parando centímetros abaixo de seu pescoço. Os dedos de Bethany se coçaram para mergulhar naquelas mechas, entrelaçá-las em torno de suas mãos, assim como tinha feito na noite em que ele e Ash transaram com ela.

Era estranho se lembrar detalhadamente de todos os aspectos de Jace naquela noite, enquanto que se lembrar de Ash era como uma imagem turva. A boca de Jace, suas mãos, o seu pênis, a sensação de seu corpo sobre o dela, duro e exigente, passavam repetidamente em sua memória.

E agora ele avançava sobre ela, excitado e com um ar de domínio. Luxúria e autoridade passeavam naqueles olhos castanhos, de cor tão escura que era difícil separar a pupila da íris. No entanto, havia ternura em seu olhar, que era sua segunda natureza, como se ele tentasse esconder o lado exigente.

– Você malha? – ela desabafou.

Ele parou na borda da banheira, com as mão na cintura. Ele olhou para ela e depois sorriu.

– Está gostando do que está vendo, baby?

– Você é lindo.

Por um momento ele pareceu quase envergonhado. Foi absolutamente fofo ver um homem de 38 anos de idade, tão seguro e confiante, vacilar por um momento. Ela tinha causado isso. Sim, a confiança era agradável dessa vez.

– Você que é linda, Bethany. Tão linda que eu não me canso de olhar. Fiquei ali na porta te observando por um bom tempo. Poderia olhar para você todos os dias e nunca me cansar.

Um calor invadiu seu rosto e ela se encolheu conscientemente.

– Então, você malha?

– Sim. Tem academia no meu prédio e no trabalho. Tento ir todos os dias, mas nem sempre é possível.

– O seu corpo é incrível – disse ela, timidamente.

– Você faz bem para o meu ego.

Ela sorriu quando Jace jogou a perna para o lado, entrando na água. Um momento depois, ele se virou para ficar de frente para a mulher e deslizou na água, com os pés escorregando na parte externa de suas coxas até encostarem em sua cintura. Ele se estendeu, levantou os pés para que não ficassem alojados na sua virilha e os repousou sobre suas coxas.

– Assim é melhor – disse ele.

– Está tudo bem no trabalho? – Bethany tentou puxar um assunto neutro.

Jace gargalhou. A testa dela se franziu em confusão.

– O que é tão engraçado?

– Você soa tão doméstica. Perguntando ao seu homem como foi o dia no trabalho.

O calor escapou de suas bochechas. Tinha certeza de que havia empalidecido e então baixou o olhar, envergonhada por sua presunção. Tão rapidamente, a sua confiança de antes fugiu, deixando um buraco gigante e escancarado enquanto a incerteza tomava conta.

– Ei – ele disse suavemente. – Que porra é essa, baby?

Jace se inclinou para a frente, fazendo a água ondular em torno de Bethany. Gotas respingaram em seu pescoço, mas de repente o seu queixo foi levantado por Jace, que o sustentava com os dedos. Ela encontrou seu olhar com relutância.

– Bethany, eu gostei. Você tem alguma ideia do quanto eu estava ansioso para voltar para você? Eu odiei cada segundo do meu tempo longe. Conte os minutos até a maldita teleconferência acabar. Inferno, eu não queria nem ter saído daqui, para início de conversa.

O calor voltou para o seu rosto e ela sorriu, ainda mais desta vez. A confiança se arrastava de volta, removendo a palpitação de insegurança que havia ameaçado tomar conta.

Ele estendeu a mão para ela, puxando-a para si. Desajeitada, Bethany ficou de joelhos, a água escorrendo pelo seu corpo. A água chegou perto da borda quando ela montou nele.

Tinha ficado só um pouco mais alta do que Jace, mas era o suficiente para que seus seios ultrapassassem a superfície das bolhas e ficassem diretamente na frente do rosto dele. Jace não parecia se importar nem um pouco.

Ele passou os dois braços em volta dela, envolvendo com facilidade a sua cintura, e então pressionou Bethany firmemente contra o seu peito, seus corpos molhados colidindo.

Ele deslizou sua bochecha sobre a protuberância de seu peito e, quando chegou ao mamilo, chupou-o suavemente entre os dentes, dando-lhe um puxão experimental. Quando ela gemeu, ele chupou mais fortemente, encontrando um ritmo que estava destinado a deixá-la maluca.

Bethany balançou em seus braços contra o corpo dele. Estava escorregadia, mas Jace a segurou com firmeza, não permitindo nenhum espaço entre eles.

Sem nunca descolar a boca de seu peito, Jace levou uma de suas mãos para a junção das pernas da mulher, onde seu pênis estava roçando. O outro braço permaneceu firme em torno dela, ancorando-a para que não pudesse se mover.

Os dedos esbarraram na pele supersensível do clitóris enquanto miravam mais embaixo, buscando a sua entrada. Antes de brincar com ela, Jace circulou, provocou, inseriu apenas a ponta do dedo e recuou.

Bethany abriu seus ombros e, em seguida, cravou os dedos nos músculos das costas de Jace. Suas unhas arranharam a pele dele, mas o homem não protestou. Continuou chupando o peito dela, trocando para o outro para dividir sua atenção.

Um suspiro profundo escapou de Bethany. O prazer fluía como prata líquida em suas veias, se espalhando para cada parte do seu corpo. Nunca tinha imaginado sentir tesão em uma banheira cheia de espuma e água quente. Parecia pecaminoso e muito travesso. E era delicioso assim.

Era um conto de fadas. Definitivamente, uma fantasia. Alguma realidade alternativa bizarra, porque coisas assim não aconteciam na vida de Bethany Willis. Nunca aconteceram. Nunca aconteceriam. Mas era bom viver um sonho por um tempo. Enquanto durasse.

Neste sonho, ela era desejada. Era desejável. Bethany e Jace eram iguais. Não havia uma disparidade enorme em suas vidas, seus status. Ela se encaixava no mundo dele. Ela *pertencia*.

Aquilo fez seu peito arder mesmo enquanto Jace deslizava dois dedos para dentro dela, fazendo com que partes completamente diferentes do seu corpo doessem. Seu olhar se

levantou para o dela, com olhos penetrantes e intensos, enquanto ele entrava mais profundamente nela. Roçou o seu clitóris novamente antes de abrir os dois dedos, esticando-a.

Pertencer.

Ela queria pertencer a ele. Queria acreditar em algo mais do que na noite a menos nas ruas e na esperança de estar viva na manhã seguinte.

Amaldiçoou Jace por fazê-la sonhar, mesmo que por um momento. Aquilo não era real. Ele não era real. Ela não tinha ideia de que jogo estavam jogando, mas não podia acreditar. Ele iria quebrar seu coração. Ele iria quebrar *ela*.

Seus dedos deslizaram ainda mais fundo e ela gritou. Jace apertava um ponto tão sensível de seu corpo que ela quase gozou imediatamente. Estremeceu violentamente em seus braços e se agarrou mais apertado a seus ombros. Quando percebeu que suas unhas estavam quase rompendo a pele dele, tirou as mãos dali.

– Desculpa – disse em uma voz ferida.

O braço esquerdo de Jace soltou a cintura dela por tempo suficiente para segurar uma de suas mãos. Ele a levou de volta para o seu ombro e, em seguida, fez o mesmo com a outra.

– Eu gosto – disse com a voz vacilante. – Me deixa marcado, meu bem. Enfia as unhas com vontade. Eu amo a maneira como elas ficam mais afiadas quando você sente prazer.

Bethany fechou os olhos e jogou a cabeça para trás quando ele escorregou os dedos de novo, acariciando as paredes lisas de sua vagina. Encontrou o ponto G novamente e exerceu a quantidade certa de pressão.

As coxas de Bethany se contraíram e ela ficou fraca, mas Jace a segurou, apoiando-a enquanto encostava a sua testa contra a dele.

– Gostaria de saber quanto tempo demora para eu te fazer gozar – ele murmurou. – Você é tão sensível. Hipersensível. Toda vez que eu te toco, você tem esse arrepio sexy que me deixa louco. Seu mamilo se contraem e ficam tão duros que tudo o que eu quero é passar a noite inteira te chupando.

Ela teve um arrepio pelo corpo inteiro com as palavras roucas e safadas murmuradas perto de sua boca. Jace sorriu. Presunçoso e bonito. Arrogante, mas tão lindo que a enfraqueceu.

– Isso, querida. Exatamente assim.

O polegar dele acariciou o seu clitóris com a quantidade exata de pressão enquanto os outros dedos continuavam a deslizar na umidade. Seus dentes roçaram no seu mamilo, brincando, provocando, e então ele chupou firmemente, puxando forte.

– Jace – ela sussurrou.

Era tudo que conseguiu dizer. Seu nome. Sua âncora.

Suas mãos deixaram os ombros dele e foram para o cabelo, mergulhando naqueles fios rebeldes. Ela amava o visual bagunçado e escuro que ele usava. Tinha um cabelo lindo. Ela enrolou os dedos na massa sedosa e agarrou com tanta força que poderia jurar que iria arrancá-los.

Bethany se levantou na espuma, a água caindo em cascata de seu corpo enquanto ela montava nos dedos dele.

– Isso mesmo. Senta na minha mão, baby. Goza para mim.

Ela se mexeu e se pressionou para baixo, querendo, precisando de mais. Ela segurou a parte de trás da cabeça dele, apertando-o contra o seu peito enquanto ele chupava e mordiscava seu

mamilo. Cada vez que Jace mordia a crista enrugada, um raio líquido de prazer queimava em suas veias como fogo.

– Meu bem gosta disso – ele dizia, com luxúria e aprovação engrossando sua voz.

Ah sim. Ela gostava.

Sua excitação aumentou bastante. Tão rápido que Bethany ficou sem fôlego e extenuada, o corpo tão apertado que doía. Ela se lançava para cima e para baixo, com o corpo buscando freneticamente o prazer final.

Ela se sentiu puxada em uma dúzia de direções diferentes. Pela boca, pelas mãos, pelo seu corpo. Jace estava em todos os lugares ao mesmo tempo. E Bethany estava se afogando em prazer. Inundada de sensações pecaminosas.

Jace pressionou o polegar sobre seu clitóris e depois fez um círculo apertado. Continuou esfregando a pele em um movimento circular tenso. A respiração de Bethany saía em soluços e depois ela prendeu um grito que escapava.

– É isso aí – disse Jace em uma voz doce. Mas as palavras seguintes contradisseram essa gentileza. Rude. Autoritário. Exigindo obediência.

– Goza para mim, Bethany. Goza *agora*.

Ela foi incapaz de se segurar. As palavras caíram sobre ela, tirando a tensão rígida que estava sendo construída e se enrolando na parte baixa de sua barriga. O prazer ecoou pelo seu corpo com força suficiente para sacudi-la por inteiro. Ela se contraiu contra ele e deslizou para baixo de seu corpo, a cabeça caindo no seu ombro.

Ele a sustentou, segurando-a para que não caísse dentro da água. Bethany enterrou o rosto em seu pescoço, sugando em respirações profundas enquanto o seu peito arfava contra o dele. Ela se arqueava e se contorcia enquanto os dedos de Jace faziam mágica. Nunca tinha tido um orgasmo tão explosivo com a mão de um homem. Tudo sobre Jace a transtornava. Ela não tinha nenhum controle.

Por um longo momento, ele a abraçou, esfregando a mão para cima e para baixo de suas costas enquanto Bethany respirava em seu pescoço. Fraca, tremendo, completamente esvaziada. Ela estava destruída. Tão mole que não tinha condição de se manter levantada.

Ele abaixou a cabeça para beijar e morder o ombro dela, enviando calafrios que percorreram as suas costas.

– Precisamos sair para eu te secar. Você está ficando com frio.

– Tá bem – ela murmurou.

Ele a acalmou novamente, a água batendo nos seus braços enquanto a acomodava de frente para si. Levantou-se e Bethany deixou escapar um som de apreciação quando viu sua ereção rígida forçando para cima. Inchada e apertada. Ela lambeu os lábios, sem saber que tinha feito isso até notar a expressão de Jace, que olhava para ela.

– Pelo amor de Deus, baby – disse ele com a voz rouca.

Ela piscou e olhou de volta, inocentemente.

– O quê?

Ele rosnou baixinho.

– Isso é provocação.

Ela sorriu quando ele saiu da banheira e pegou uma das toalhas dobradas sobre o balcão.

Mesmo indo para o trabalho, ele tinha gastado tempo para garantir que ela seria bem cuidada. Tinha havido um desfile constante de entregadores trazendo comida, produtos de higiene, utensílios domésticos e roupas de cama para o apartamento. Coisas que ela não teria sequer pensado. Mas Jace sim.

Ela balançou a cabeça. O homem era perfeito. Será que tinha algum defeito? Bem, além de sua prepotência, de sua atitude controladora, o fato de que basicamente a sequestrou e de não aceitar um não como resposta.

Quanto mais pensava sobre essas supostas falhas, mais concluía que não eram defeitos.

Jace enrolou uma toalha em volta de sua cintura e depois estendeu a mão para ela. Segurava outra toalha e quando a puxou para se levantar, ajudando-a a sair da banheira, ele a envolveu em seu calor.

Secou-a rapidamente e depois enrolou a toalha ao redor dela para que ficasse quente antes de ir para o quarto.

– Você está afim de alguma coisa em particular para hoje à noite? – ele perguntou.

Havia uma pequena mala ao lado da cama e ele estendeu a mão para abri-la, tirando uma cueca e uma muda de roupa. Bethany viu que ele vestiria jeans e uma camiseta. Bem casual. Repassou mentalmente o conteúdo de seu novo guarda-roupa. Tinha um par de jeans brilhante e uma blusa de gola alta que, com um lindo casaco de lã e cachecol, ficaria casual e bonito. E botas. Ela tinha um belo par de botas forradas de pele que ficaria incrível com o jeans.

– Petiscos – disse sem pensar. Então corou. Jace não parecia o tipo de cara que gostava de petiscos baratos. Era mais o tipo que gostava de caviar. Bifes caros, cortes de carne que ela não conseguia sequer pronunciar o nome e pratos com molhos que ela também não saberia identificar.

Mas ele continuou a conversa como se não tivesse percebido sua gafe.

– Tem um lugar não muito longe daqui. Ash e eu levamos a Mia lá há pouco tempo. É um *pub* que serve aperitivos fantásticos. Os nachos são bons. Eles têm hambúrgueres, asinhas de frango, todos os pratos de costume.

Sua boca se encheu de saliva.

– Parece perfeito. Podemos ir?

Ele sorriu e a trouxe para seus braços.

– Se veste que eu vou te levar.

capítulo 18

Jace estava em seu escritório, completamente distraído por seus pensamentos. Havia uma pilha de bilhetes de Eleanor, a recepcionista, de chamadas que deveria retornar. E-mails para responder. Finanças para estudar. Tinha uma videoconferência agendada para daqui a 45 minutos, mas a sua concentração estava abalada.

Odiava ter colocado Bethany em um apartamento separado. Na época, parecia ser a coisa certa a fazer. Não queria dominá-la logo de cara. Sabia que tinha de se mover devagar – ou pelo menos mais devagar – ou arriscaria assustá-la. Sabia que no minuto em que ela se mudasse para o apartamento dele, para seu espaço, para sua cama, estaria tudo acabado.

Então, lá estava ele, tendo a instalado no antigo apartamento de Mia, sabendo muito bem que não ia passar tempo algum longe dela – somente o mínimo necessário para fazer o seu trabalho e cumprir com as suas obrigações. Mas se ter seu próprio apartamento dava a ela uma aparência de poder e ao menos a ilusão de ter escolhas, então ele podia lidar com isso. Porque Jace sabia que ela não tinha poder nem escolha. Era sua. Pertencia a ele. Não iria mudar só por causa da aparente independência dela.

Ele esperaria o tempo passar, aguardando o momento certo de fazer a sua jogada. E então ela seria completa e totalmente sua. E de jeito nenhum iriam passar algum tempo separados.

A última semana tinha sido um inferno. Ele estava vivendo com uma pequena bolsa de viagem, passando as noites no antigo apartamento de Mia porque era onde Bethany estava. Tinha uma rotina específica, em que a deixava de manhã com Kaden e Trevor e depois os dispensava quando voltava à tarde. Mas pelo menos ela estava segura e vigiada. Até que ela estivesse instalada definitivamente no apartamento dele, Jace não iria relaxar.

Uma batida suave soou em sua porta e ele viu sua irmã de pé, hesitando na porta, com um olhar desconfiado. Ela provavelmente estava estudando o seu humor e, se Ash estava certo, tinha motivos, depois que Jace a enxotara nas duas últimas visitas que fez.

– Ei, menina – disse ele, permitindo que o afeto que sentia aparecesse na fala.

Ela relaxou, o alívio cruzando suas belas feições, e entrou no escritório.

– Graças a Deus você está de bom humor – disse.

Ele riu, mas rapidamente ficou sério, levantando-se e dando a volta na mesa para apertar a irmã em um abraço esmagador.

– Ash me disse que eu fui um idiota. Me desculpe, querida. Provavelmente isso não vai fazer você se sentir melhor, mas eu nem me lembrava que você tinha vindo me ver. Ash jura que aconteceu e também jura que eu fui um babaca, Gabe queria desfigurar o meu rosto por eu ter te chateado. E eu merecia.

A testa de Mia franziu de preocupação. Jace se afastou e indicou para que ela se sentasse.

– Está tudo bem, Jace? Você não é mais o mesmo. Não disse nada sobre o Natal, que é o

motivo pelo qual eu vim te ver. Gabe e eu queremos que você e Ash passem com a gente. Os pais de Gabe vão vir, mas pela maior parte do tempo seremos só nós. Como nos velhos tempos – acrescentou em voz baixa.

Ele realmente não tinha dado atenção ao Natal. Todos os seus pensamentos estavam ocupados com Bethany. Ele olhou para o calendário de mesa e percebeu que faltavam apenas alguns dias.

Seu primeiro Natal com ela. Bethany, que não tinha nada. Que provavelmente nunca possuíra uma árvore, presentes, nunca fora cercada pela família e por bons amigos. Em vez disso, o Natal devia ser apenas mais um dia nas ruas. Com frio, com fome. Um momento para se sentir ainda mais solitária do que nas noites comuns.

Merda, ele não tinha colocado uma árvore no apartamento! Não tinha se assegurado de que Bethany tivesse enfeites no apartamento dela. Não tinha levado a mulher para fazer compras de Natal. Não tinham ido ao Rockefeller Center, como ele ia com Mia no passado, para ver a grande árvore.

Jace soltou a respiração e ergueu o olhar para a irmã, que estava sentada observando-o, a preocupação escurecendo suas pupilas castanhas. Seus olhos eram o espelho dos olhos dele.

– Eu conheci uma mulher – ele começou.

As sobrelanceiras de Mia se levantaram e ela se inclinou para frente em sua cadeira.

– Uau, espera aí. Você conheceu uma mulher? Ou seja, não é alguém que você e Ash dividiram?

Jace estremeceu.

– Pelo amor de Deus, Mia. Não estou discutindo minha vida sexual com você. O que diabos você sabe sobre o Ash, afinal?

Ela revirou os olhos.

– Ah, por favor. Não é segredo que vocês não fazem sexo sozinhos há muito tempo.

Jace encolheu. Que inferno. Não queria era que sua irmã caçula soubesse sobre a preferência que ele e Ash tinham por *ménages*.

– Então, esta mulher. Presumo que Ash não esteja envolvido?

Jace suspirou.

– Não está mais.

Os lábios de Mia formaram um *O*.

– Então ele já esteve. Que constrangedor!”

– Bem, pode ser. Pelo menos no início. Olha, Mia, ela é diferente.

Mia assentiu conscientemente, um largo sorriso desenhado em seus lábios.

– Meu Deus. Meu irmão finalmente se apaixonou. Isso já valeu a visita.

Jace balançou a cabeça.

– Dá para ouvir, por favor?

Como se percebendo a importância da conversa, ela abandonou a implicância e sua expressão se tornou mais séria.

– O que está acontecendo, Jace? Está tudo bem?

Jace passou a mão pelo cabelo e se recostou na cadeira.

– Como eu disse, ela é diferente, Mia. Muito diferente de você e de mim, de Gabe ou Ash.

Bethany é – era – sem-teto.

A compaixão imediatamente escureceu os olhos de Mia. Sua irmã mais nova tinha um coração do tamanho do mundo.

– Como é que você a conheceu, então? – Mia perguntou.

– Ela estava trabalhando na sua festa de noivado. Claro que eu não sabia de todo esse contexto naquela altura. Para encurtar a história, Ash e eu dormimos com ela, mesmo que desde o início eu a quisesse só para mim.

– Isso é muito bizarro – Mia murmurou.

– Eu sei. Enfim, ela sumiu na manhã seguinte e eu passei duas semanas virando a cidade de cabeça para baixo, procurando por ela. Um abrigo me ligou quando ela veio em busca de um lugar para dormir, tinha sido agredida por idiotas para quem o irmão dela deve dinheiro.

A expressão de Mia foi alterada.

– Oh, não! Jace, ela está bem?

Ele acenou com a cabeça.

– Foram só arranhões. Faz uma semana. Ela está bem agora.

Sua testa franziu.

– Por que eu não a conheci? Por que ninguém a conheceu?

– Eu estou planejando as apresentações. Quero que ela passe o Natal com a gente. Não quero que fique sozinha e com certeza não vou passar o Natal com a família sem ela, para fazê-la se sentir como se não fosse nada para mim.

– Claro que não. É claro que gostaríamos que ela fosse – acrescentou Mia rapidamente. – Já estou ansiosa por isso. Ela está morando com você? Você com certeza não deixou ela voltar para as ruas.

Jace fez uma careta.

– Claro que não. Coloquei-a – temporariamente – no seu antigo apartamento.

A sobancelha de Mia se ergueu.

– Temporariamente?

– Muito temporariamente. Só até ela ir morar comigo.

A boca de Mia formou o mesmo *O* de surpresa que antes.

– Você está falando sério sobre ela.

– Você acha que eu estaria trazendo uma mulher para o Natal, se não fosse sério? Quando eu já arrisquei o que você, eu, Gabe e Ash temos trazendo alguém de fora? Vocês são a minha família, Mia. Todos vocês. De jeito nenhum eu ia deixar uma qualquer entrar nas nossas vidas.

– Então eu mal posso esperar para conhecê-la – disse Mia, contente. Em seguida ficou com uma expressão pensativa. – Ela tem algum amigo? Da maneira como você fala, soa como se não tivesse absolutamente ninguém. Quantos anos ela tem?

Jace balançou a cabeça.

– Ela tem a sua idade. Teve uma vida dura. Nunca teve uma chance, realmente. Mas é inteligente. Doce. Ilumina o ambiente inteiro. Não consigo explicar, Mia.

O sorriso da irmã se alargou.

– Ah, Jace, estou tão feliz por você! Parece mesmo que ela vai aproveitar esse momento mais menininha. Está tudo bem se eu aparecer no apartamento algum dia? Ela podia sair comigo e minhas amigas.

Jace hesitou, odiando o que tinha que dizer em seguida. Mas Ash sabia e era provável que, por isso, Gabe também soubesse. Mia teria que saber também, para que não se arrependesse depois.

– Eu não tenho certeza se é uma boa ideia – disse lentamente. – Bethany teve algumas... questões... no passado com o vício. Pode não ser boa ideia pôr álcool na frente dela e eu sei que você e suas meninas enchem a cara quando saem.

– Ela pode beber água comigo – Mia disse com firmeza. – Eu não tolero muito o álcool. O importante é ela sair com meninas da mesma idade que ela, para fazer amigos. A menos que você tenha um problema com isso?

Jace balançou a cabeça.

– Não. Sem problemas. Eu gosto disso, Mia. Você é um anjo. Tenho certeza de que Bethany vai gostar. Mas só um aviso. Ela é quieta e tímida. É fácil oprimi-la e sei que suas amigas podem ser um pouco insistentes.

Mia lançou um olhar para ele. – Elas são o melhor tipo de amigas e não vão ser malvadas com a Bethany. Eu não vou deixar, mesmo que elas fossem desse tipo de garotas.

Jace sorriu, achando admirável essa sua defesa feroz. E ela nem conhecia Bethany ainda.

– Tenho toda a fé de que você vai cuidar bem dela. Mas, Mia, há ainda outra coisa de que você precisa saber. Gabe será informado também.

Ela gemeu.

– Você tem que envolver o Gabe?

– Quando se trata da sua segurança, sim, eu tenho.

Sua testa se franziu com o nariz em uma adorável linha.

– Eu contratei guarda-costas para Bethany. Como eu já disse, alguns idiotas que querem o dinheiro do irmão dela a agrediram. Eu não vou correr nenhum risco até que a situação seja resolvida. O que significa que, se você sair com a Bethany, esses guarda-costas também vão e tomarão conta de você e das suas amigas. Fui claro?

Ela revirou os olhos, mas assentiu.

– Eu gostaria de ver o pobre coitado que tentar mexer comigo e com as minhas amigas – Mia murmurou.

Jace riu, porque ela provavelmente tinha razão. Mas, ainda assim, não quis correr nenhum risco.

Mia se levantou e, em seguida, deu a volta na mesa para envolver seus braços ao redor do pescoço de seu irmão. Ela o abraçou com força.

– Então, você e Bethany vão vir para o Natal?

Ele beijou sua bochecha.

– Sim, querida. Pode contar com isso.

Mia se dirigiu para a porta, quase colidindo com Ash no caminho. Ash colocou as mãos para fora, agarrou seus ombros e depois riu.

– Opa, querida.

– Ei, Ash – ela disse em uma voz alegre.

Ash deu um beijo carinhoso no topo de sua cabeça. – Eu preciso conversar com o Jace. Eu te vejo por aí mais tarde, ok?

Ela levantou as mãos. – Sei quando estou sendo mandada embora. Vou ver se o Gabe tem tempo para mim.

Ash bufou. – Como se ele não tivesse. Sempre.

Ela sorriu balançando os dedos e desapareceu no corredor.

Ash se virou para Jace e fechou a porta. Jace levantou as sobrancelhas de forma questionadora enquanto o amigo encaminhava para a cadeira que Mia tinha desocupado. Jogou uma pasta na mesa de Jace antes de se sentar. Jace estava começando a odiar de verdade aquelas malditas pastas. Elas nunca continham nada de bom.

– A dívida do irmão da Bethany já foi resolvida – disse Ash sem preâmbulo. – A boa notícia é que os idiotas que a agrediram não estavam interessados em nada além do dinheiro. Com juro consideráveis, é claro.

– Claro – Jace disse acidamente.

– Bethany deve ficar bem agora.

Jace assentiu.

– Obrigado, cara.

– Mas há outra coisa que deve saber. Não sei o que significa, mas você vai precisar de todas as informações que puder ter.

Os ombros de Jace se abaixaram e ele se inclinou para trás em sua cadeira.

– O que foi agora?

– O irmão de Bethany? Jack Kingston. Não é seu irmão de verdade. Não de sangue, pelo menos. Mas eles são próximos. Estão nas ruas juntos desde que deixaram a última casa de acolhimento. Bem, também não estavam na mesma casa de acolhimento. Estão juntos desde que Bethany deixou sua última casa adotiva. Jack é mais velho e estava fora do sistema por um tempo. Aparentemente foi ele quem a tirou de casa ou, pelo menos, foi resgatá-la para fugirem.”

Jace franziu a testa.

– O que você está sugerindo?

Ash levantou as mãos.

– Não estou sugerindo nada, cara. Estou te passando os fatos para que você tenha tudo à sua disposição. Bethany o chama de irmão. Pensei que você deveria saber quem ele é ou não é. Agora, quanto ao que isso significa, eu não tenho ideia. Você tem que estar ciente de que ela pode estar executando um golpe habilidoso. Ela seduz você da maneira que pode e garante que as dívidas de Jack sejam pagas.

Ele se irritou, mas tinha que ser estúpido para não considerar o que Ash estava dizendo.

– Obrigado – murmurou.

– Desculpe, cara. Sei que é uma merda. Pode até não ser verdade, mas você tem que estar ciente das possibilidades.

Jace assentiu.

– É. Eu sei.

O seu celular tocou e ele olhou para baixo para ver o número de Kaden piscando na tela. Ele levantou um dedo para Ash e pôs o telefone no ouvido.

– Sim?

Escutou por um momento, o seu sangue ficando frio. A raiva surgiu em seguida, enquanto Kaden fazia seu relatório.

– Continue focado nisso – Jace gritou. – Tente encontrá-la. Eu estou indo para aí.

Ele desligou o telefone e olhou para Ash, que escutava, confuso.

– Bethany se livrou dos seguranças e desapareceu.

– Ah, merda – Ash murmurou. – O que você vai fazer?

– Se ela quer ir embora, vai ter que dizer isso na minha cara – Jace soltou. – Ela me deve no mínimo isso.

capítulo 19

Bethany apertou o casaco ao redor de si e cruzou o Madison Square Park – tinha perdido a conta dos parques da cidade em que tinha procurado – esperando que fosse o lugar onde iria encontrar Jack. Tinha procurado em todos os cantos de costume, mas saíra de mãos vazias. Checou até os abrigos que ela e Jack frequentavam, esperando que ele talvez tivesse encontrado um lugar quente para passar a noite.

Não pretendia demorar muito. Jace ficaria irritado. Não, ele ficaria *furioso*. Ela tinha escapado de sua equipe de segurança, os fiéis cães de guarda, porque, realmente, o que poderia ter dito? Que pretendia procurar o seu irmão nas partes perigosas da cidade porque estava preocupada?

Eles teriam cancelado essa opção tão rápido que a sua cabeça teria girado.

– Bethy, o que você está fazendo aqui?

A voz de Jack chegou a ela como um chicote, e ela se virou, aliviada em vê-lo de pé nas sombras do anoitecer.

– Jack, graças a Deus – ela respirava. – Eu estava tão preocupada.

Foi até ele com a intenção de abraçá-lo, mas Jack se afastou colocando as mãos sobre os seus ombros. Seu olhar vagou de cima abaixo do seu corpo, com olhos astutos.

– Você parece estar bem – disse calmamente.

Ele não perguntou onde ela estava. Não perguntou nada. Só olhou para ela e disse que parecia bem, como se fossem velhos conhecidos que se encontravam na rua por acaso.

Bethany apressadamente cavou em seu bolso o pedaço de papel em que tinha escrito seu endereço. Em seguida, passou o papel para ele.

– Eu arranjei um lugar, Jack. É um lugar agradável. No Upper West Side. Você pode vir. Teria um lugar para ficar. Estaria seguro lá.

Ele olhou para o papel por um longo momento antes de finalmente o aceitar, enfiando-o no bolso sem muito zelo.

– Ouvi dizer que você se machucou – disse ele, a dor se fazia notar em sua voz. – Você tem que saber que eu nunca quis que isso acontecesse, Bethy.

Ela ficou rígida quando a raiva que ela queria sentir tomou conta dela.

– Como é que eles sabiam sobre mim, Jack? Por que vieram me procurar atrás do dinheiro que você devia? Por que você pegou emprestado? Como pretende pagar de volta?

Ele balançou a cabeça, tristeza e fadiga pesaram em seus ombros até eles caírem. Sua expressão era sombria. Desesperançosa e cinza como o crepúsculo ao redor deles.

– Eu sinto muito – disse simplesmente. – Eu te coloquei em perigo, Bethy. É melhor você não ficar perto de mim agora. Não sei no que você se meteu... mas parece bom. Fique longe de mim. Eu só vou te derrubar.

Ela balançou a cabeça com veemência e se inclinou para agarrá-lo em um abraço. Por vários segundos ela o segurou e Jack manteve os braços rigidamente ao lado do seu corpo antes de, finalmente, a envolver em um abraço forte.

– Sempre fomos só eu e você – disse Bethany, com a voz abafada contra seu casaco esfarrapado. – Não vou te deixar, Jack. Você nunca me deixou.

Ele se afastou e tocou seu rosto.

– Ouça-me, Bethy. Não é seguro para você aqui fora. Nunca foi seguro. A melhor coisa que você pode fazer por mim é voltar para o seu apartamento no Upper West Side. Viva a sua vida. Abrace o que vier de bom. Não faça nada para estragar essa oportunidade. E seja feliz.

Lágrimas encheram os olhos dela.

– Como posso ser feliz se você está aqui? Eu deveria estar feliz sabendo que tenho um lugar seguro para ficar, comida e uma cama para dormir, mas como, se eu sei que você está aqui fora, nas ruas?

Ele sorriu torto.

– Vou ficar bem. Eu sempre tenho uma carta na manga.

– Você não está nada bem – Bethany insistiu.

Ele suspirou.

– Talvez eu te procure.

Ela se agarrou a isso, deixando a esperança tomar conta.

– Faça isso, Jack. Me prometa. Não tem que ser dessa maneira. Eu conheci alguém. Ele é... Ele é bom para mim. As coisas podem mudar agora.

Jack sorriu.

– Estou feliz por você, Bethy. Realmente. Mas como você acha que o seu homem vai reagir a outro cara se metendo com a sua mulher?

– Se ele não puder aceitar você, então eu não quero ficar com ele – Bethany decidiu.

Jack tocou seu rosto novamente, sua respiração ofegante saía em uma nuvem visível. Começou a nevar bastante, os flocos caíam em espiral entre eles e molhavam Jack ao tocar seus ombros, escoando através do material fino e desgastado de seu casaco. O frio tinha se estabelecido, congelando a cidade em um sopro implacável. Ela não podia suportar a ideia de deixar Jack aqui, à mercê das pessoas e do clima que lhe fariam mal.

– Por favor, Jack. Vem comigo – ela implorou. – Você não pode se esconder deles para sempre.

Um canto da boca de Jack se levantou.

– O problema está resolvido. Eles têm o dinheiro. No negócio deles não é pessoal. Eles não vão vir atrás de mim, enquanto tiverem o dinheiro de que precisam.

A confusão franziu o cenho de Bethany. Ela começou a tremer com o frio que permeava até mesmo o espesso casaco que Jack tinha comprado. Seus joelhos chacoalhavam e sua respiração saía trêmula sobre os lábios dormentes.

– Volte para o seu homem, Bethy – Jack disse suavemente. – Você está com frio. Ele vai ficar preocupado. Não deveria estar aqui.

– Nem você!

– Eu vou ficar bem. Sempre fiquei.

Ela vasculhou seu olhar, à procura de qualquer indício de uso de entorpecentes. Mas os olhos de Jack estavam brilhantes. Cansaço e linhas de fadiga estavam gravadas em sua testa, fazendo-o mais velho do que os seus 25 anos. Não parecia ser um homem jovem. Parecia ter o peso do mundo sobre seus ombros. Um homem muito mais velho do que sua idade, que tinha visto e experimentado mais coisas que muita gente aos 40.

– Faça isso por mim, Bethy. Seja feliz. Fique segura. Vou te procurar um dia. Vamos conversar. É hora de você seguir com a sua vida. Eu te segurei por muito tempo.

Sua boca se abriu em choque.

– Não! – Bethany replicou. – Jack, você me salvou. Você nunca me puxou para trás. Fui eu quem te segurou. Você sempre cuidou de mim, sempre olhou por mim.

Ele balançou a cabeça e gentilmente virou as costas para a rua.

– Se você acredita nisso, você é uma idiota. Sempre foi você cuidando de mim, Bethy. Você catando as migalhas. Certificando-se de que conseguiríamos comer, de que teríamos um lugar para dormir. Eu nunca te fiz nenhum favor.

Lágrimas arderam em suas pálpebras e congelaram em suas bochechas. Isso soava muito parecido com um adeus, como se Jack a estivesse mandando embora para sempre.

– Vamos lá. Eu vou chamar um táxi para você. Tem dinheiro?

Ela assentiu atordoada. Jace tinha lhe dado dinheiro e ela se sentiu extremamente culpada por usá-lo para fugir dos homens que ele havia contratado para protegê-la. Mas agora, se queria voltar, teria que se apressar. Ele deveria estar frenético e teria que enfrentá-lo pelo que tinha feito.

Jack caminhou com ela até a rua e Bethany foi cegada pelo brilho dos faróis, que ela via em desfoque em meio às lágrimas. Jack acenou para um táxi que se aproximava e o carro diminuiu a velocidade, parando no meio-fio.

– Vai me deixar feliz pensar em você em um apartamento confortável, tendo uma boa refeição e estando aquecida.

Ela se jogou em seus braços e o abraçou com força. Lágrimas quentes escorriam pelo seu rosto quando ele a abraçou de volta.

– Eu vou sentir sua falta, Jack – ela engasgou.

E percebeu que era verdade. Mesmo sabendo dos defeitos dele. Mesmo sabendo tudo que tinham sofrido. O fato de ela ter se esforçado para garantir que tivessem comida e dinheiro para as merdas que ele consumia. A culpa invadiu sua mente, pesada e sufocante. O quanto havia contribuído para o vício de Jack?

Tudo que sabia era que não podia dizer não. Não depois de tudo que ele tinha feito por ela, tudo o que *sofrera* por ela. Uma parte de Bethany sabia que se ela não aceitasse bancar a sua droga, ele se voltaria para meios mais perigosos de conseguir o que precisava. Ela não queria isso. E, ainda assim, não teve importância. Jack tinha pedido dinheiro emprestado. Dinheiro que não foi capaz de pagar.

Ela franziu o cenho quando entrou no táxi.

– Jack?

– Sim.

– Você disse que o dinheiro foi pago. Como é que você pagou?

O medo a paralisou. O que ele teria feito?

Jack deu de ombros e começou a fechar a porta.

– Não sei. Quando encontrei com eles para negociar uma extensão no prazo, disseram que a dívida já tinha sido paga. Não vou discutir. Só quero você segura e longe daqui.

Bethany se sentou entorpecida quando ele fechou a porta e, em seguida, deu um passo para trás, desaparecendo na escuridão. Sua garganta se fechou e ela quase abriu a porta para correr atrás dele, porque temia que esta fosse a última vez que o veria.

O táxi começou a avançar, impedindo-a de agir segundo o impulso. Ela olhou para trás enquanto pôde, antes de se misturarem ao tráfego.

Ela inclinou a cabeça e apertou os braços firmemente em torno de si mesma, em um esforço para aliviar a dor crescente.

A cidade passou em um borrão de semáforos, decorações de Natal, buzinas e trânsito engarrafado. Ela não estava ciente do caminho que percorriam até o motorista avisar.

– Senhora? Chegamos.

Ela saiu de sua melancolia e sentou mais para a frente, cavando apressadamente o dinheiro em sua bolsa.

– Obrigada – murmurou antes de abrir a porta e sair para o frio.

Bethany correu em direção à entrada do apartamento e foi recebida pelo porteiro, que parecia extremamente aliviado.

– Senhorita Willis, graças a Deus.

Ela não registrou direito o que ele tinha dito, mas franziu a testa em confusão com a ideia de ele estar aliviado. O porteiro a conduziu em direção ao elevador e, quando as portas se fecharam, já tinha o telefone celular colado ao ouvido.

Bethany se arrastou para o apartamento – seu apartamento. Sentiu-se uma fraude. Ver Jack trouxe à tona o fato de que ela não pertencia àquele lugar. Não encaixava nesse mundo. Certamente não tinha feito por merecer nada daquilo. Nem sequer tinha um emprego.

Quanto tempo isso poderia durar? Até Jace se cansar da paixão? Bethany ainda não entendia o que ele tinha visto nela ou por que se importava. Havia muitas mulheres dispostas a tomar o seu lugar.

Se tinha aprendido uma coisa na semana passada, quando ela e Jace saíram, era que não havia escassez de interesse feminino. As mulheres ficavam compreensivelmente chocadas por Jace estar com Bethany. Não que elas soubessem alguma coisa de sua história, mas estava claro que ela não chegava nem perto de seu nível socioeconômico. Para todos os efeitos práticos, Jace estava baixando o nível.

Ela estremeceu, mesmo quando caiu sobre o sofá, sem se incomodar em tirar o casaco. Ainda sentia frio, mesmo no calor do apartamento. O frio vinha de dentro, algo que o aquecedor não ia simplesmente resolver.

Ela deitou a cabeça na almofada e fechou os olhos. Devia ter ligado para Jace. Ele provavelmente estava tentando encontrá-la. Mas em um momento de real estupidez, tinha esquecido o celular no apartamento. Estava tão empenhada em se esgueirar de Kaden e Trevor que o deixou sobre o balcão.

Vacilando antes do tempo pela reprimenda que ia receber, ela se levantou do sofá para sair

em busca de seu telefone. Precisava, pelo menos, enviar uma mensagem para Jace e avisá-lo que estava bem.

Mais culpa emergia. Agora, de volta ao apartamento, se estabeleceu a percepção do quão irresponsável e egoísta tinha sido. Jace não era nada além de gentil com ela. E Bethany sequer levou seu telefone para que ele soubesse que estava bem. Talvez deixar o celular tivesse sido uma decisão inconsciente, sabendo que Jace o explodiria de tanto ligar no minuto em que Kaden relatasse a sua ausência, e ela teria se sentido ainda mais culpada por ignorar suas ligações.

Ela encontrou o telefone, exatamente onde o tinha deixado, no bar da cozinha. Estremeceu quando viu a quantidade de chamadas não atendidas e mensagens. De Jace. De Kaden. E de Trevor.

Ela o empurrou para longe, não querendo nem olhar para aqueles avisos, mas ainda tinha que avisar a Jace que estava bem.

Com um suspiro, pegou o telefone novamente no mesmo instante em que a porta se abriu e Kaden e Trevor surgiram em seu apartamento. Assustada, ela largou o telefone e deu um passo apressado para trás antes que registrasse exatamente quem eram.

– Graças a Deus – murmurou Kaden. – Você está bem? Alguém te machucou?

Bethany balançou a cabeça em silêncio, assustada ao ver o olhar que Kaden e Trevor lançavam para ela. Então, sem mais uma palavra, Kaden puxou um celular do bolso.

– Sr. Crestwell. Sim, estou com ela. Já está de volta ao apartamento. Parece bem. Eu não tive a chance de questioná-la. Imaginei que o senhor ia querer saber. Okay. Nos vemos em breve.

Kaden desligou o telefone e lançou um olhar furioso na direção de Bethany. Trevor estava logo atrás, com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão terrível estampada no rosto.

Kaden avançou, aproximando-se dela até que a cozinha parecesse pequena e sufocante.

– Pode me dizer o que diabos você foi fazer hoje? – ferveu.

– Eu...

Ele levantou a mão, evidentemente não tinha terminado.

– Trevor e eu estávamos frenéticos. O Sr. Crestwell estava perdendo a cabeça. Ele nos contratou para protegê-la. Para garantir a sua segurança. Se importa em me dizer como é que nós podemos fazer isso quando a senhora nos prega uma peça como essa?

– Eu sinto muito – ela sussurrou.

Lágrimas queimaram suas pálpebras, mas ela piscou furiosamente, determinada a não desmoronar na frente desses homens.

– Você sente muito.” Ele soltou um longo suspiro. – Você poderia ter sido estuprada, morta, horrivelmente ferida. Pode escolher qual opção. E agora está *arrependida*. Jesus.

O sangue fugiu de seu rosto. Ela começou a explicar que estava perfeitamente bem quando a porta se abriu de novo e Jace entrou, suas feições duras como pedra. Ele parecia frio. Irredutível.

Lançou uma rápida olhada em sua direção antes de voltar a atenção para Kaden e Trevor.

– Obrigado. Vocês dois podem ir agora. Eu cuido disso a partir de agora.

– Devemos vir trabalhar amanhã? – Kaden perguntou.

Jace hesitou por um longo momento.

– Eu aviso a vocês.

Bethany não conseguia respirar devido ao pânico entalado em sua garganta. Era isso. Jace a mandaria embora. Estava tudo terminado entre eles. Ele estava puto. Mas tanto faz. Quanto mais tempo ela vivesse nesta fantasia, pior seria o final. Era melhor acabar logo com a ilusão, antes que ela esquecesse de como sua vida realmente era.

Kaden e Trevor deixaram o apartamento depois de dirigirem olhares significativos em sua direção. Ambos pensavam a mesma coisa. Estúpida. Tola.

Sua boca tremeu e ela segurou os lábios. Não ia fazer papel de idiota. Enfrentaria a situação com toda dignidade que pudesse reunir.

Cuidadosamente repôs o telefone de volta no bar e, em seguida, caminhou até a frente do quarto, o olhar de Jace seguindo cada passo seu.

– Só vou pegar as minhas coisas – disse calmamente. – Vou embora em poucos minutos.

Ela foi para o quarto, lutando contra a onda de lágrimas que banhavam seu rosto. E então percebeu que não tinha nada para levar. Nada para recolher. Tudo era de Jace. Coisas que tinha comprado para ela. Mesmo que as levasse consigo, não teria lugar para guardá-las.

Em seguida, uma mão firme se fechou sobre seu ombro. Ele a virou bruscamente para encará-la e ficou surpreso quando viu suas lágrimas.

– Você pode me explicar que *diabos* está acontecendo? – exigiu.

– Eu sei que você está com raiva – ela disse, em voz baixa. – Eu vou embora em alguns minutos. Eu gostaria de um táxi, mas se não, posso ir andando.

A mandíbula de Jace se apertou e inchou e ele lançou um olhar de fúria absoluta.

– Você acha que eu estou te enxotando? – perguntou Jace em um tom incrédulo.

Ela se encolheu.

– Não está?

Ele xingou.

– Porra, Bethany. Nós vamos ter uma longa conversa. Este foi um dia de merda e vou ficar muito puto se ele acabar com você desistindo de mim.

Ela piscou surpresa.

– Você não quer que eu vá?

– *Parece* que eu quero?

Sua boca ficou seca.

– Mas você está tão zangado. E-e-e não pediu para Kaden e Trevor voltarem amanhã.

– Faria alguma diferença, cacete? – ele estalou. – Você não está exatamente colaborando com o trabalho deles.

Ela corou e desviou o olhar.

– Sinto muito.

– Foda-se, Bethany, eu pensei que você tinha *me* deixado hoje. O que eu deveria pensar? Você sumiu. Nenhum bilhete, nenhum telefonema. Não atendeu o telefone nem respondeu as minhas mensagens. Eu estava em pânico, porra, porque não conseguia encontrá-la em lugar nenhum.

– Não! – disse em uma voz ferida. – Eu não estava indo embora! Só tinha uma coisa que eu precisava fazer. E voltei.

Ele acenou com a cabeça.

– Sim. Voltou. E essa é a única razão pela qual eu não estou perdendo completamente a cabeça. Mas isso não é desculpa para o fato de que você sumiu para Deus sabe onde, sem os homens que contratei para te proteger. Eu deixei bem claro que você não deveria ir a *lugar nenhum* sem eles. O que você *não* entendeu sobre isso?

Sua mão apertou o braço dela e ele a puxou contra seu peito. Bethany o encarou com olhos arregalados, as lágrimas esquecidas. Ele parecia furioso, certamente. Mas não pela razão que ela imaginara. Pensou que ela estava desistindo dele?

Ela estendeu a mão para tocar seu rosto, vendo pela primeira vez o medo que acompanhava sua raiva.

– Eu não estava te deixando – ela sussurrou.

– Porra, graças a Deus por isso – ele murmurou. – Mas Bethany, temos um monte de coisas para discutir. Eu tentei fazer isso tão delicadamente quanto era possível, mas foda-se. Não vou mais. Tá na hora de fazer do meu jeito.

capítulo 20

Jace teve que se soltar dela e dar um passo para trás, criando uma distância. Sua respiração doía, tão comprimida no peito apertado que parecia estar preso em um torniquete.

Tinha que botar a cabeça no lugar.

Primeiro, o mais importante. Antes que pudessem pensar na evolução de seu relacionamento – porra, ele estava sendo paciente há uma semana. Sim, não era muito, mas para ele? Podia muito bem ter sido a merda de um ano inteiro. Nunca esperou tanto tempo por algo que queria. Mas antes que pudessem estabelecer os termos de seu relacionamento, teriam que lidar com a razão pela qual ela tinha sumido, *sem proteção*, sem dizer *merda* nenhuma a ninguém.

Isso o deixava maluco. No espaço de algumas horas ela esteve além de seu controle. Além de sua capacidade de prover para ela, de protegê-la. Ainda não podia pensar nessas horas sem perder a aderência tênue a sua sanidade.

Talvez Ash estivesse certo. Talvez ele estivesse completamente obcecado. Mas *obsessão* parecia um termo suave para os pensamentos e sentimentos que Bethany lhe provocava.

De onde veio isso? Era assim que Gabe se sentia por Mia? Por que ele perdeu todo e qualquer controle quando se tratava dela e por que estava determinado que ninguém ficaria entre eles?

Jace não tinha uma explicação. Algumas coisas simplesmente aconteciam e assim era essa *obsessão* com a Bethany. Não a combateria. Inferno, não podia. Estava totalmente impotente quando se tratava dela e perdeu toda a razão. Toda capacidade de tomar decisões racionais.

Jesus, se é isso que o amor e a emoção fazem com um homem, ele não tinha certeza de que o queria. Mas queria Bethany. Com cada respiração. Cada pensamento consciente. Ele a queria e não iria deixá-la partir sem uma boa briga.

– Você está bem? – perguntou quando pôde se controlar.

Olhou para ela, verificando se havia qualquer sinal de que estivesse ferida ou abalada. Mas tudo o que viu foi incerteza enquanto ela o observava cuidadosamente com olhos grandes e magoados. Cristo. Ela pensou que a estava expulsando quando, na verdade, era ele que pensava que seria abandonado.

– Eu estou bem – disse em voz baixa. – Jace, sinto muito. Sei que o que eu fiz foi estúpido.

– Estúpido? Sim. Isso quase consegue definir o que você fez. Jesus, Bethany. Tem alguma ideia do que poderia ter acontecido? Eu sei que você já viveu nas ruas e é somente pela graça de Deus que você não se tornou uma estatística nessa cidade triste. Por que fez isso? Onde diabos você foi? O que achava que estava fazendo?

Ela afundou no sofá como se suas pernas não conseguissem mais segurá-la. Suas mãos tremiam e ela tirou o casaco, colocando-o em um arranjo arrumado ao lado dela. Jace não podia se sentar ainda. Não havia se acalmado o suficiente. Assim, andou para lá e para cá na

frente dela, esperando.

– Eu tinha que encontrar o Jack – disse calmamente.

– Jack.

Essa palavra foi como um explosivo na sala de estar. A porra do Jack. Ela arriscou a própria vida porque tinha que encontrar o Jack. Um homem que a tinha jogado para os lobos. Que não tinha dado a mínima quando pegou emprestado um dinheiro que ele não tinha nenhuma expectativa de pagar, deixando para ela os efeitos colaterais.

– Você tinha que encontrar o Jack – ele repetiu.

– Eu estava preocupada – disse ela quase suplicando. – Ele é tudo que eu tenho, Jace. E com esses homens...

Jace inspirou uma quantidade enorme de ar.

– Exatamente, Bethany. Esses homens são exatamente a razão pela qual você não deveria ter saído por conta própria. Alguma vez lhe ocorreu falar comigo? Falar com Kaden e Trevor, que são contratados para protegê-la? Você acha que eu os contratei por diversão? Acha que eu tenho o hábito de contratar uma empresa de segurança profissional para acompanhar pessoas com as quais eu não me preocupo?

Ela baixou o olhar e Jace continuou, precisando desabafar, livrar-se de sua raiva e das imagens mentais de Bethany deitada em uma calçada sangrando.

– E ele não é tudo que você tem. Você tem a *mim*.

Ela saltou para trás, os olhos feridos.

– Não quis dizer dessa forma, Jace. *Por favor*, acredite em mim. Eu sei que eu soei ingrata. Não tive a intenção de fazer você sentir que não é importante. Só quis dizer que ele é a única *família* que eu tenho. Por muito tempo, tem sido só eu e ele.

– Ele não é seu irmão – Jace disse firmemente, dirigindo-se para a outra questão que o atormentava.

Porra, o aviso de Ash passou o dia inteiro em sua cabeça. Bethany o estava enganando? Seria ele a vítima de um esquema planejado por dois amantes azarentos que queriam lhe passar a perna? Olhando para ela, não achava isso. Mas talvez ela fosse apenas uma boa atriz. Não havia culpa em sua expressão quando ele revelou que sabia sobre Jack Kingston. Ou talvez ele só estivesse vendo o que queria ver.

Era apenas tristeza.

– Eu estou sendo enganado, Bethany? – ele perguntou em tom perigosamente baixo. – Isso é um esquema que você e Jack estão tramando? Deu para ele o dinheiro que eu deixei para você?

Bethany ficou branca. Foi gritante, tinha um olhar de horror absoluto, e extrema repulsa se espalhou pelas suas feições. Naquele momento ele soube que estava terrivelmente errado de sugerir tal coisa, mesmo que nunca tivesse comprado a ideia para começar. Havia sido um produto de medo, raiva e frustração. Jace sentiu a necessidade de feri-la, para fazê-la sentir, apenas por um momento, o que *ele* estava sentindo. Arrependeu-se com todas as forças, enquanto a observava vacilar, seu rosto pálido mostrando que era como se ele tivesse puxado o tapete debaixo dela.

Bethany se levantou vacilante, os joelhos bambeando. Quase caiu e Jace se posicionou para

segurá-la, mas ela se levantou sozinha, a cor de seu rosto completamente desbotada. Sua expressão o assustava. Mais do que o seu desaparecimento. Mais do que a ideia de que ela o enganava. Seus olhos estavam assombrados e traídos, tão feridos que ele se questionou se ela iria se recuperar algum dia.

Hesitante, Bethany caminhou em direção à cozinha, com o andar de uma mulher muito mais velha. Seus ombros estavam curvados em uma postura derrotada e seu queixo estava abaixado. Seus braços se enrolavam como uma proteção em torno de si, como se estivesse se defendendo de um soco no estômago.

Ele observou com um crescente sentimento de pavor quando ela procurou uma das gavetas da cozinha. Um momento depois, puxou um envelope familiar. O envelope do banco que ele tinha pego quando fez o saque. Dentro havia alguns milhares de dólares em dinheiro, principalmente em notas de vinte. Ele tinha sido recheado e ainda estava lotado.

Ela o levou de volta na direção de Jace, mas não encontrou o seu olhar. Estendeu o envelope para ele, sua mão tremendo tanto que Jace a segurou para diminuir a trepidação. Quando ela tentou se afastar, ele segurou com mais força, temendo que, se a deixasse ir, nunca a tivesse de volta.

– Eu usei cem dólares – ela sussurrou. – E sinto muito. Tomei um táxi até o centro. Pensei que seria mais rápido. Não queria ficar longe por muito tempo, porque sabia que você iria se preocupar. Então eu peguei um táxi na ida e outro na volta. E dei gorjetas. Talvez eu não devesse ter dado. Mas eu sei o que é precisar de dinheiro e taxistas nem sempre conseguem boas gorjetas.

Ela estava balbuciando e Jace se sentiu ferido pela dor que havia em sua voz, sabendo que tinha sido causada por um erro de julgamento seu.

– Baby – sussurrou.

Ele a puxou para si e Bethany estava rígida contra seu corpo.

– Baby – disse de novo. – Diga-me por que você foi. Diga-me por que você não pôde falar sobre isso comigo.

Enquanto implorava, ele caminhou para trás, levando-a com ele. Caiu sobre o sofá e a puxou sobre o seu colo. Passou os braços em volta de sua cintura, para que não pudesse fugir e, a julgar por sua expressão, ainda tinha um longo caminho a percorrer antes que ela ficasse por vontade própria.

– Eu tinha que avisar a ele para ter cuidado – ela sussurrou. – Não queria que esses homens o machucassem e sabia que ele não os poderia pagar de volta. Tive que contar sobre... a gente. Ele ia se preocupar quando ficasse sem me ver. Eu basicamente desapareci e não queria que ele pensasse que eu estava morta ou que tinha mudado de vida e o abandonado.

Jace sabia que o assunto tinha sido resolvido, mas Bethany não. E agora ele estava curioso – realmente curioso – para saber por que ela tinha deixado em casa o dinheiro que ele tinha lhe dado.

– Havia dinheiro suficiente nesse envelope para pagar a dívida de Jack – Jace disse calmamente.

A voz dela era quase um sussurro.

– Sim, eu sei.

– Por que você não o levou para ele?

Ela se esticou contra o corpo de Jace, mas quando ele não disse mais nada, seus ombros caíram e ela olhou para ele, a decepção queimando nos seus olhos.

– Eu nunca faria isso – disse ela suavemente. – Não era meu o dinheiro. Eu não o roubaria de você para pagar a dívida de Jack. Foi ele quem se meteu nessa situação. Se *eu* tivesse dinheiro, daria. Sem dúvidas. O que é meu é dele. Mas esse dinheiro não era meu. Eu nunca ia tirar vantagem de você assim. Tem sido tão bom para mim, Jace. Não quero pagar essa bondade com mentiras, mesmo se o que eu fiz hoje foi um pouco disso.

Jace suspirou.

– A dívida do Jack está paga. Os homens não estão mais interessados em você ou nele. Têm o dinheiro deles e isso é tudo com o que se importavam. É por isso que eu disse a Kaden e Trevor que não tinha certeza se ia precisar deles amanhã. Não porque eu estava te chutando para fora.

O olhar dela pareceu incomodado e seus lábios se viraram para baixo em uma expressão infeliz.

– O que você fez, Jace? – ela sussurrou.

– Eu resolvi o assunto.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Isso não era problema seu. Não quero que você se envolva nisso.

Lágrimas brilhavam em seus olhos e o coração dele se apertou ao ver que ela lutava contra elas.

– Você é definitivamente minha maior preocupação – disse rispidamente. – Eu fiz isso porque esses filhos da puta viriam atrás de você. Isso eu não vou permitir. Farei qualquer coisa nesse mundo para mantê-la fora de perigo. Não há absolutamente nada que você possa dizer para mudar minha opinião quanto a isso, então economize a sua saliva.

Jace deslizou os dedos ao longo de sua mandíbula e, em seguida, moveu sutilmente a ponta de um deles sobre os seus lábios carnudos.

– Agora que tiramos isso do caminho, há mais que precisamos discutir. Mas eu quero ter essa conversa específica com você nua. No quarto. Focada apenas em mim e eu em você.

Bethany arregalou os olhos. Suas bochechas ficaram pálidas e enquanto o encarava fixamente.

– Você confia em mim o suficiente para fazer o que eu estou te pedindo, Bethany?

Foi um teste. Não porque ele estava sendo um babaca. Mas precisava saber que tinha a confiança dela. Estava prestes a dar um enorme passo adiante no que seria uma relação muito exigente. Tinha que saber se ela podia lidar com isso. Não conseguiria se segurar por muito mais tempo.

Ela lambeu os lábios e abaixou o queixo, mas Jace não permitiu que desviasse o olhar. Ele queria ver o pensamento que cintilava atrás de seus olhos. Cada reação. Cada dúvida ou pergunta.

– Você ainda está com raiva de mim? – Bethany perguntou em voz baixa.

Seus olhos estavam perturbados e ela parecia preocupada.

– Eu estou com raiva, sim. Não de você. Estou frustrado. Novamente, não com você. Nosso relacionamento é o que está me frustrando. Eu estou me segurando muito, Bethany, e isso está

me matando.

Ela inclinou a cabeça, seus olhos se estreitaram em confusão.

– Por que você está se segurando?

Ele gemeu.

– Porque eu não quero te assustar, baby. Vai ser intenso. Avassalador até. Estou tentando o meu melhor para levar as coisas devagar, porque quero cuidar de você. Me certificar de que você está comigo em cada passo do caminho.

– Eu estou com você – disse calmamente.

– Não, querida, não está. Ainda não.

– Então, me diga. Me mostra. Como posso saber o que é que você precisa de mim se não me explicar? Você está dando, Jace, mas não está recebendo. E eu preciso ser capaz de te dar alguma coisa. Não tenho nada que te falte. Não há nada que eu possa te dar a não ser eu mesma, e você não quer isso ainda.

– Eu quero isso – ele disse ferozmente. – Não há *nada* que eu queira mais. Mas, baby, você tem que ter certeza. Ainda vamos por etapas, mas esta noite daremos um grande passo se você estiver pronta.

– Como vou saber se não tentar? – ela sussurrou.

Seus sentidos entraram em alerta vermelho. Todo o seu corpo se enrijeceu e uma satisfação selvagem o agarrou pela garganta.

– Levante-se e vá para o quarto – disse Jace em uma voz comedida.

A calma se foi e ele tomou o controle. Estava na hora de fazer isso direito. Não podia estragar tudo. Não quando Bethany estava colocando toda a sua confiança nele.

– Tire sua roupa e se ajoelhe no tapete perto da minha cama. Espere por mim lá.

=====
Conteúdo disponibilizado gratuitamente por Le Livros
=====

capítulo 21

Bethany tirou a roupa do corpo, dobrando-a na cômoda antes de ir para o espesso tapete ao lado da cama, e esperou por ele. Hesitou por um longo momento enquanto olhava para o chão.

Sabia o significado de se ajoelhar. De esperar. Era um sinal de sua submissão. Ele estava pedindo para ela ser submissa, para confiar nele. Será que faria isso?

Seus pensamentos voltaram para a primeira noite. A noite em que tinha feito sexo com Jace e Ash. Quando Ash estabeleceu muito francamente os termos para estar com eles. Eram homens dominadores, mas talvez Jace fosse até mais. Ash parecia ser mais descontraído, enquanto Jace era... intenso.

Ele estava lutando contra a sua natureza o tempo todo em que esteve com ela? Tinha escondido o seu verdadeiro eu, com medo de assustá-la?

Seu humor abrandou. Ele não tinha exercido um controle rigoroso. Ok, tinha sido definitivamente enérgico e exigente. Sem dúvidas. Mas havia um limite controlado nisso e ela teve a impressão de que, se Jace não estivesse se policiando, as coisas seriam muito mais intensas.

Ela conseguiria lidar com isso? Jace controlando cada aspecto de sua vida? Ditando cada movimento seu dentro e fora da cama? Seria tão ruim?

De muitas maneiras, ela adorou a ideia de abrir mão do controle. De ter alguém – um homem forte e dominante como Jace – tomando conta e cuidando dela. Tomando decisões. Mimando-a descaradamente.

Ela nunca havia tido isso. Ansiava por isso.

Não era alguém que desejava independência e autossuficiência. Tinha sido independente desde criança. Tinha sido autônoma a sua vida inteira. Ninguém nunca tinha tomado conta dela. Exceto Jack. E ela tinha feito tanto por ele quanto ele tinha feito por ela.

Só uma vez, ela queria alguém para cuidar dela. Só dela. Para tirar o peso dos seus ombros. Para tomar decisões. Ela só queria *viver*. Desfrutar da ausência de preocupação, sem ter que pensar de onde viria a sua próxima refeição ou se teria um lugar para dormir. Ela queria ternura.

Queria... amor.

Ela prendeu a respiração diante dessa revelação específica porque era perigoso querer algo que poderia nunca ter. Jace a queria, sim. Ela não duvidava disso. Mas por quanto tempo? Ele não poderia amá-la. Ele não a conhecia. Nem mesmo confiava nela.

O que eles tinham era físico e, evidentemente, ela apelou para o lado protetor de Jace. Fazia parte de quem ele era. Mas ela sabia que eram diferentes, não importa o que dissesse. Estavam a um oceano de distância. Tão diferentes que Bethany não podia sequer se relacionar com a vida dele, e sabia que Jace certamente não se relacionaria com a dela.

Bethany olhou para o tapete novamente, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

E, então, antes que estivesse plenamente consciente do que estava fazendo, afundou lentamente de joelhos.

Jace estava na porta, observando-a. Um turbilhão de emoções atravessou o rosto de Bethany. Era óbvio que ela estava lutando para tomar uma decisão. Ele podia ver a confusão e a tristeza em seus olhos. Mas também viu vontade.

Ele nem percebeu que estava segurando a respiração até seus pulmões protestarem e queimarem. Jace inspirou pelo nariz, seu olhar fixo em Bethany. Ela não percebeu que ele estava lá, assistindo. Provavelmente a deixaria desconfortável saber que ele observava com tanta clareza a sua vulnerabilidade.

Então ela decidiu se ajoelhar e um alívio queimou em seu peito, roubando-lhe o ar.

Bethany estava se submetendo. E Jace sabia que ela tinha entendido o significado de se ajoelhar como ele pediu. Ele tinha acompanhado todo o seu processo de pensamento naqueles olhos expressivos e bonitos.

Estava enfraquecido com o alívio.

Não, não estava tudo resolvido. Ele não tinha conseguido essa proeza ainda. Eles tinham um longo caminho a percorrer, mas este já era um grande passo na progressão do relacionamento.

Era um começo.

Ele caminhou para a frente e o queixo dela se levantou, encontrando o olhar dele. Jace queria tirar o medo e a incerteza de seus olhos, mas sabia que só o tempo faria isso. Tempo e paciência. Tinha que estar disposto a esperar o tempo necessário para ela estar totalmente de acordo sobre seu lugar na vida dele.

Bethany passou vida inteira se sentindo inferior e Jace sabia que a superação desse sentimento não ia acontecer em um dia, uma semana ou até mesmo em um mês. Mas ia fazer tudo a seu alcance para deixá-la confiante de que ele não iria a lugar nenhum.

Ele estendeu a mão para tocar seu rosto, permitindo que os dedos deslizarem sobre sua pele sedosa.

– Você é tão bonita – disse com a voz rouca. – Não posso explicar a satisfação que me dá te ver de joelhos aqui, esperando por mim. Esperando pelo prazer que eu vou te dar.

Os olhos dela se aqueceram, expulsando um pouco da insegurança. Ela sorriu, hesitante, com uma doçura e timidez que fez os joelhos dele ficarem fracos.

Deus. Por que essa mulher inspirava nele uma resposta tão esmagadora? Talvez nunca descobrisse. Talvez seja isso o que acontece quando você encontra a sua outra metade.

Ele quase se encolheu com a cafonice desse pensamento, mas não poderia explicar essa química de maneira melhor. As mulheres com quem ele tinha estado antes eram preenchimento. Ele estava vendo o tempo passar, esperando. Pela Bethany.

Tinha visto Gabe em um casamento que nunca se baseou em um amor profundo e duradouro. Tinha visto o seu amigo foder pelo caminho com uma multidão de mulheres. Jace apenas viu Gabe se tornar vivo de verdade quando se juntou a Mia.

Almas gêmeas.

Gabe e Mia eram almas gêmeas. Era visível em cada olhar, cada toque. Cada vez que Gabe olhava na direção de sua noiva.

E agora todas as coisas que ele tinha achado desconcertantes na reação de Gabe à Mia estavam aqui na frente dele.

– Você confia em mim, Bethany? – Jace perguntou enquanto sua mão passeava por seu cabelo, puxando um pouco para que a cabeça dela se inclinasse mais para trás.

Seus olhares estavam presos no do outro e Jace percebeu a hesitação nos brilhantes olhos azuis. Seu interior se apertou. Ele não tinha percebido o quanto desejava a sua confiança. O quanto era importante para ele.

Bethany estava permitindo-lhe livre curso. Estava cedendo poder para ele. Estava se submetendo.

Mas sem a sua confiança, o que ele realmente tinha?

– Eu não sei as regras – ela disse em uma voz calma. – Sei que você está me pedindo para... me submeter. A você. Mas eu não sei as regras, Jace. Preciso de permissão para falar livremente? Para te dizer o que eu estou pensando? Para responder honestamente à pergunta que você me acabou de me fazer? Não sei como isso funciona e não quero estragar as coisas antes mesmo de começar.

Jace caiu de joelhos, se posicionando de modo que os olhos de ambos estivessem no mesmo nível. De jeito nenhum ele teria esse tipo de conversa em uma posição de dominação. Isso era muito importante.

Segurou o rosto da mulher com as duas mãos e beijou sua testa. Apenas um beijo suave, e se afastou.

– Você nunca tem que pedir autorização para me dizer o que está pensando.

Será que Bethany não percebeu que os pensamentos eram a sua porta de entrada para ela? Ele tinha que saber no que ela estava pensando para poder traçar o seu caminho até o seu coração e a sua alma.

Ela visivelmente engoliu em seco e, em seguida, respirou fundo pelo nariz.

– Eu acho que a pergunta mais importante é se você confia em *mim*.

Os olhos dele se arregalaram e por um momento não soube como responder.

Seus lábios tremiam e ela seguiu em frente, claramente receosa, mas determinada a falar o que pensava.

– Você pensou... Pensou algumas coisas muito terríveis sobre mim, Jace. Sei que o que eu fiz não ajudou, mas você tirou conclusões que me mostraram que você espera o pior de mim. Eu sei que nós não nos conhecemos bem. Você não me conhece. Mas daí pensar que eu estava te enganando, que eu estava te roubando...

Ela parou, inspirando profundamente para se recompor.

Então ela ergueu o rosto e o encarou diretamente, seus olhos sinceros e inundados de vulnerabilidade.

– Por que você ainda quer dormir comigo? – sussurrou. – Por que você quer... isso...? – Ela passou a mão pelo seu corpo e ao seu redor, indicando claramente sua posição. Sua submissão.

– Eu sei que esse... arranjo... esse relacionamento, seja lá o que for o que estamos fazendo, requer muita confiança da minha parte. Mas tem que envolver a sua confiança também. Além de eu não poder imaginar por que você queira fazer sexo com uma mulher que tem em tão

baixa conta, por que eu iria querer me entregar a um homem que me considera tão... repugnante?

Os dedos dele se apertaram em seus ombros e, em seguida, ele se forçou a relaxar o aperto. Assim a machucaria e nunca quis magoá-la. Tirou as mãos, sem confiar que não a apertaria ainda mais forte.

Ela pareceu magoada com o afastamento e Jace soltou um gemido. Não fazia nada certo em relação à preocupação dela. Cada toque, cada palavra que saía da sua boca. Tudo estava errado. Ele estragava tudo, mesmo que fosse muito importante.

Pela primeira vez em sua vida, Jace estava com medo. Sabia que se não agisse da maneira certa iria perdê-la. E isso não era uma opção. Não importava o que fosse necessário, não importava o que ele tivesse que fazer, Bethany tinha que ser parte da sua vida.

Meu Deus, ele estava perigosamente perto de implorar, e nunca implorou por nada.

Ele limpou a garganta e se balançou sobre os calcanhares, a garganta obstruída com tudo o que precisava dizer.

Então ele se levantou, estendendo a mão para ela. Bethany o observou perplexa, mas deslizou sua mão na dele. Mais um sinal de sua confiança. Confiança que ele não tinha sido capaz de dar em troca ou fazê-la sentir.

Jace sentou na beira da cama e puxou o corpo nu da mulher para o seu abraço, embalando-a, colocando-a em seu colo para que ficasse perto dele, tocando-o.

Ele descansou o queixo sobre o ombro magro de Bethany e então voltou sua boca para beijar sua pele. Inalou profundamente, capturando seu aroma e saboreando-o.

– Sinto muito.

Bethany ficou parada, seu olhar dirigido para a parede oposta. Jace estendeu a mão, deslizou seu dedo por debaixo do queixo dela e suavemente redirecionou seu olhar para ele.

– Você está certa. Eu disse e pensei coisas terríveis. Não foi justo com você. Eu estava com medo, Bethany. Aterrorizado – emendou. – Reagi mal. Este é um território novo para mim. Nunca estive tão... Tão louco por uma mulher antes. Estou acostumado a me controlar. Você sabe disso, ou pelo menos já tem uma ideia. No espaço dessas poucas horas, eu não tinha nenhum controle. Eu não poderia te proteger. Eu não tinha controle sobre o que acontecia. Isso me assustou para cacete. E eu descontei em você.

– Entendo – disse Bethany suavemente.

Jace balançou a cabeça.

– Não. Você não entende. E não deveria entender. Você explicou o que aconteceu, e, apesar de eu não concordar com o que fez, não tenho desculpa para as coisas das quais te acusei. Eu tenho um temperamento forte, baby. Você vai descobrir isso também. Não estou acostumado a coisas que estão fora do meu controle. Mas o que você precisa entender é que eu nunca vou te machucar. Pelo menos vou tentar muito não o fazer. Fisicamente, nunca vai acontecer. Mas às vezes vou falar merda porque estou irritado. Eu estava com medo e não lido bem com isso. Não posso garantir que nunca mais vai acontecer. Mas você precisa saber de antemão que eu não acredito nessas coisas. Sei que estou pedindo muito, mas preciso que você seja capaz de me ignorar quando estou irritado e falando merdas que te machucam. Vou tentar com todas as forças não voltar a fazer isso, mas me conheço. Meus amigos me conhecem. Eu fui um filho da mãe com as pessoas com as quais eu mais me importo. Você. Gabe. Ash. Minha própria irmã.

Mas eu sei que te machuca. Você não está acostumada comigo. Você não pode ver o que há por trás da raiva e das coisas que eu digo, no calor do momento. Mas você *vai* me conhecer, Bethany. Você vai me conhecer, porque eu não vou a lugar nenhum e isso que há entre nós só vai ficar mais forte. Eu preciso que você acredite nisso. Preciso que queira tanto quanto eu quero, porque isso vai me dizer que você vai ficar e enfrentar tudo comigo.

Seus olhos se abriram em choque. Sua expressão era de total espanto. Ela agarrou um de seus braços, seus dedos cravando fundo em sua pele, e Jace duvidou que ela soubesse que estava fazendo isso.

Seus lábios se separaram e ele esperou até que ela organizasse os pensamentos. Podia vê-la processando tudo o que ouvira. Droga, ele não sabia nem se *ele* tinha processado ainda. Este desabafo não era algo que fizesse com frequência. Não fazia nunca, para ser sincero. Jamais se sentiu tão vulnerável em sua vida e não gostou nem um pouco da experiência.

Jace se sentia como se alguém o tivesse aberto e ele estivesse sangrando escancarado diante dela.

– Então o que você quer de mim? – Bethany sussurrou. – Quero dizer, o que você realmente espera? O que eu sou para você, Jace? Uma aventura? Uma submissão temporária? Um caso de caridade? Você tem que entender que eu estou com medo também. Não sei o que você quer comigo. Já fez tanto por mim, mas eu tenho medo de aproveitar, porque tudo o que consigo pensar é que se você me mandar embora, amanhã vai ser muito mais difícil voltar para a minha vida. Eu vou preferir nunca ter te conhecido e saboreado a nossa relação a, de repente, ser despida de todo carinho e conforto e ser obrigada a voltar para a subexistência. Eu vivi assim a maior parte da minha vida. Mesmo antes de ir para as ruas, não foram anos felizes. Foram anos de sobrevivência, de esperar o melhor e, geralmente, não o alcançar. Eu estava acostumada a essa vida. Era tudo o que eu conhecia. Mas você me mostrou uma vida *diferente*.

Sua voz falhou e a dor nocauteou Jace no peito, quase o sufocando. Ele queria puxá-la para seus braços e parar o derramamento de sangue, mas sabia que ela precisava dizer isso. Ambos precisavam para que pudessem seguir em frente.

As lágrimas encheram os olhos de Bethany ela parecia estar cheia de medo de que destruíssem tudo de novo.

– Você me mostrou como as coisas poderiam ser. E eu quero isso, Jace. Não deveria querer. Não deveria nem me atrever a sonhar que algo tão belo poderia me acontecer. Mas eu quero exatamente isso. Se você for tirar tudo de mim, se é apenas temporário, uma diversão para você, então eu não quero, porque vai me matar quando eu tiver que voltar para a *minha* vida.

Lágrimas caíram silenciosamente por suas bochechas. Para sua surpresa, ele sentiu seus próprios olhos queimando, como se alguém tivesse jogado areia em seu rosto.

– Eu sei que parece loucura eu estar te pedindo isso. Nós nos conhecemos há tão pouco tempo. Não é justo eu exigir coisas de você. Mas tenho que saber, porque não posso voltar para onde eu vim depois de sonhar sobre como as coisas poderiam ser diferentes. Sonhar sobre como seria ficar com um homem como você. Alguém tão fora do meu alcance que eu não consigo nem entender. Não minta para mim. Eu preciso saber o que isso significa para você. Apenas algo para passar o tempo? Um novo desafio? Por favor, me dê o mínimo de respeito e

me deixe ir, se eu nunca for significar nada para você.

Incapaz de suportar o sofrimento na voz dela, Jace a esmagou contra si, segurando-a com tanta força que podia sentir seu coração bater contra o dele.

– Deus, Bethany. Jesus, baby, eu nem sei por onde começar.

– Pela verdade – ela disse contra o seu pescoço.

Jace a afastou, suas mãos deslizando quase que freneticamente para cima e para baixo nos braços dela. Queria dar-lhe tanto. Conforto. Garantia. As palavras giravam em uma nuvem em sua mente, mas precisava resolver isso. Devia a ela essas palavras. A verdade que pediu, mesmo que isso o deixasse completamente desarmado diante dela.

Jace respirou fundo e ergueu o olhar, esperando desesperadamente que ela pudesse ver a sinceridade em seus olhos.

– A verdade é que eu nunca me senti assim por outra mulher. A verdade é que eu estou obcecado por você, porra. A verdade é que eu quero você de qualquer maneira que eu possa te ter. A verdade é que, se você me dissesse agora que nunca poderia se submeter a mim, que nunca me daria o que eu quero, não teria importância. Eu a teria de qualquer maneira possível. A verdade é que *eu não vou deixar você ir*.

Uma esperança brilhou nos olhos da mulher, e Jace se magoou ao ver como ela a afastava rapidamente. Como se tivesse medo de permitir que a emoção aparecesse.

– Eu nunca vou deixar você voltar para a vida que levava até agora, Bethany. Não importa o que aconteça com a gente. Mesmo que decida que eu não sou quem você quer, não vou deixar que volte para as ruas. Mesmo se não ficar comigo, você vai estar sempre cuidada e abastecida. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça lentamente, o lábio inferior puxado firmemente pelos seus dentes. Sua mordida era tão apertada que ela rasgaria a pele. Jace gentilmente cutucou a boca para abri-la, liberando o lábio.

– O que você quer, Jace? – ela perguntou novamente. – Preciso saber o que você espera de mim. Não posso viver na incerteza, sem saber se estou fazendo as coisas certas ou erradas, ou se estou estragando tudo.

Ele suspirou subindo as mãos pelo seu corpo e depois descendo-as de volta. Bethany estava com frio. Solavancos marcavam seu tronco e sua pele estava fria ao toque. Todos os pensamentos de sexo desapareceram. Sua excitação tinha diminuído. Não porque ele não a queria. Não porque não estava desesperado para possuí-la. Algumas coisas eram mais importantes do que sexo e satisfação.

– Vista-se, meu bem – disse em uma voz suave.

Ela se amedrontou imediatamente.

Ele beijou sua testa.

– Você não fez nada de errado. Sei que está com frio e nós precisamos conversar. – Hesitou um momento. – Você voltaria para o meu apartamento comigo? Vou preparar um chocolate quente, a gente senta perto do fogo e conversa. Eu gostaria que você passasse a noite comigo.

Para sua surpresa, ela colocou os braços ao redor dele, pressionando o corpo nu contra o seu. Um abraço com força.

– Eu adoraria.

capítulo 22

Bethany se aconchegou no sofá de Jace e olhou para as chamas queimando na lareira. Havia tirado os sapatos e enrolou os pés debaixo de si enquanto esperava Jace voltar com o chocolate quente que tinha prometido.

No momento seguinte, ele se aproximou do sofá e lhe entregou uma caneca fumegante. Também estava descalço e Bethany achou extremamente sexy a imagem dele de calça jeans, camiseta casual e pés descalços. O homem era lindo. Da cabeça aos pés.

Seu cabelo estava despenteado, caindo sobre o colarinho, e uma mecha escura caía em sua testa, até que ele coçou a cabeça e a endireitou.

Ele se acomodou no sofá ao lado dela e deslizou para perto de forma que seus corpos se tocassem. Então ele simplesmente passou os braços em volta dela, segurando-a enquanto bebia o chocolate. No espaço de tempo entre dois goles, ele pressionava a sua boca contra a têmpora dela, beijando sua pele e deslizando sob seus cabelos, recuando quando ela levava o copo à boca.

Era um momento do qual ela se lembraria por muito tempo. A simplicidade de estarem sentados na frente do fogo, descalços, confortáveis. Relaxados. Simplesmente existindo. Não havia outro lugar em que eles deveriam estar. Sem estresse. Bem, se ela não levasse em conta a conversa iminente. Mas tinha visto o suficiente de Jace em seu apartamento para saber que iria dar tudo certo. Ela estava em paz, mesmo que ainda tivesse perguntas difíceis para fazer. De alguma forma, Bethany sabia que ia ficar tudo bem, apesar das discussões. Pela primeira vez na vida, olhou para a frente com ansiedade e não com medo. Não precisava se desligar da sua realidade. As coisas estavam *boas*.

Eles tinham coisas a discutir. Bethany queria muito saber quais eram as expectativas dele. Mas Jace tinha sido sincero sobre desejá-la. Ela acreditou nele. Talvez isso fizesse dela uma idiota, mas Bethany não tinha dúvidas de que ele estava comprometido com o que existia entre eles.

E ela também.

Bethany descansou a cabeça no ombro de Jace e suspirou contente quando ele apoiou o queixo no topo de sua cabeça. Saboreou os últimos goles do chocolate e, quando ia se inclinar para frente para repousar o copo, Jace o arrancou de sua mão e o colocou sobre a mesa de centro.

Por um momento, eles se acomodaram de volta na posição em que estavam, ela em seus braços, e uma calma se instalou enquanto observavam o brilho da lareira. Então ela se mexeu para que pudesse olhar para ele, viu a expressão no seu rosto e soube que chegara a hora.

– Posso lhe fazer algumas perguntas? – disse Bethany, antes de sua coragem a abandonar.

Ele segurou a mão dela, apertando de modo tranquilizador, e então concordou com a cabeça.

– Você pode me perguntar qualquer coisa, Bethany.

– Como foi com as outras mulheres com quem você teve esse tipo de relação?

Ele soltou a respiração num longo suspiro, e suas palavras foram ditas cuidadosamente:

– Bethany, você não é como as outras.

Ela acrescentou um suspiro ao dele.

– Ok. Entendo isso. Não acho que você pense que eu sou como as outras. Isto não é uma comparação, nem ciúmes, nem nada. Eu só queria saber o que você espera. Eu entendo que você quer que eu seja submissa e que gosta de controle. Mas isso não me diz nada. Eu preciso saber como vai ser com... *a gente*, e quando pergunto sobre as outras mulheres é apenas uma tentativa de descobrir as suas expectativas. Estou perdida aqui, e isso é o que me deixa mais nervosa. Não você. Eu não acho que você vá me machucar ou me assustar. Eu só preciso saber o que eu tenho que *fazer*.

Ele olhou desconcertado. Suspirou novamente e, em seguida, passou a mão pelo seu próprio cabelo, bagunçando-o ainda mais. Jace caiu para trás sobre sua testa e desta vez ela levantou a mão para endireitá-lo. Seu olhar suavizou quando ela o tocou, como se tivesse transferido para ele a tranquilidade necessária.

– A primeira coisa que você tem que entender é que Ash e eu... – Ele parou. – Jesus, não há nenhuma maneira de dizer isso sem soar totalmente maluco.

– Basta *dizer* – ela insistiu. – Não vou ficar com raiva. Como eu poderia? Você não usa o meu passado contra mim. Por que eu faria isso?

– Você é tão doce – Jace murmurou. – Eu não sei como fui ter tanta sorte. Quando penso no que teria acontecido se eu não tivesse te visto naquela noite. Se eu não tivesse te encontrado no abrigo... Isso me encoraja, Bethany.

Os olhos dela se iluminaram e seu coração bateu forte quando as palavras de Jace caíram sobre ela, quentes e agradáveis. Ela devia estar sonhando. Nunca imaginou encontrar um homem como Jace. Era tão honesto. Tão direto. Não tinha medo de compartilhar seus sentimentos. Não tinha medo de ser vulnerável.

Ele desviou o olhar, respirou fundo e tomou coragem.

– Ash e eu compartilhávamos mulheres. Um monte delas. Assim, era muito mais comum a gente ficar com a mesma mulher do que seguir em carreira solo. E nem sempre era uma coisa de uma noite só.

– Como eu – ela disse suavemente.

Seus olhos se estreitaram.

– Não. *Nada* como você. Você foi diferente desde o primeiro momento.

– Vá em frente – ela pediu, não querendo distraí-lo de sua conversa.

– A questão é que nós fizemos muitos *ménages*. Eu não sou nenhum santo, Bethany, e tenho a maldita certeza de que não vivi como um monge. E como Ash te disse na primeira noite, nós gostamos de controle. Em todos os aspectos. É uma fantasia. É um tesão. Mas vai mais fundo do que isso, pelo menos para mim. E talvez seja por isso que eu nunca tenha tido um relacionamento sério e monogâmico com uma mulher. Enquanto as ordens estivessem limitadas a um *ménage* depravado, pareciam se encaixar melhor. Era mais como um jogo e ninguém levava muito a sério. Mas, para mim, *é* sério. É o que eu gosto. É do que eu *preciso*.

E se você quer uma explicação do porquê, me desculpe, mas eu não sei. Simplesmente é assim. Eu nunca conheci uma mulher que me fizesse considerar suprimir essa parte de mim. Até... *você*.

O corpo dela ficou tenso e alerta, o seu protesto imediato.

– Jace, eu não quero que você seja outra pessoa por minha causa.

– Mas você não sabe no que está se metendo – disse em voz baixa.

Ela se mexeu no sofá, aliviada por estarem finalmente chegando a algum lugar. Ergueu-se, inclinando-se para mais perto dele, olhando fixamente em seus olhos.

– Então me *diga*. Me explica. Como você sabe o que eu posso ou não posso aceitar se você não me disser quais *são* os seus desejos e necessidades?

– Receio que você não vá querer as mesmas coisas que eu – ele admitiu.

– Acho que posso surpreendê-lo, Jace – ela disse em uma voz baixa. – Você sabe sobre o meu... passado. Eu disse como eram as coisas.

A mão de Jace segurou seu rosto, seus olhos de repente ferozes.

– Não, querida. Não há necessidade de repassarmos tudo. Eu não gosto de como isso te machuca e só reforça em sua mente que você, de alguma forma, não é boa o suficiente para mim. Isso é *besteira*.

Ela sorriu, aquecida pela intensidade da sua voz.

– O que eu ia dizer é que nem todo aquele sexo era sem graça. A verdade é que eu acho que tentei de tudo. Você não vai me chocar. Eu preciso saber o que você espera para pensar se eu *posso* ser essa mulher de que você precisa.

Ele se inclinou para frente até que suas testas se tocaram. Seu dedo traçou uma linha sobre a curva de sua bochecha e depois se moveu suavemente sobre os seus lábios.

– Eu quero alguém que esteja *completamente* sob meu controle. Há algo atraente em ter uma mulher dependendo unicamente de mim para seus cuidados, para seu prazer, para *tudo*. Eu gosto de cuidar e mimar, mas também sou exigente. A questão é: eu soube há muito tempo que se entrasse em uma relação permanente, o meu controle se estenderia para fora do quarto e para todos os aspectos de nossa vida juntos. Não há muitas mulheres dispostas a aceitar isso. Pelo menos, não uma mulher que aceite pelas razões certas.

Ela franziu a testa em confusão.

– Razões certas?

– Dinheiro – disse ele severamente. – Quando você tem tanto dinheiro como eu, existem muitas mulheres dispostas a aceitar qualquer coisa pelo dinheiro. Essa não é a pessoa que eu quero na minha vida ou na minha cama. Quero uma mulher que queira as mesmas coisas que eu. Que me permita estar no controle. Cuidando dela. Vivendo minhas fantasias com ela. Quero que ela *me* queira, e não o meu maldito dinheiro. Não quero que ela sofra em um relacionamento que considera abominável, só porque o preço é justo.

– E que fantasias são essas?

Jace se afastou um pouco, mas Bethany segurou seus ombros, forçando-o a olhar para ela.

– Diga-me, Jace. Você não vai me chocar.

– Eu gosto de dor – disse calmamente. – De infligir dor.

Ele parecia desconfortável enquanto estudava a reação dela e Bethany cuidava para não transparecer nada. Em vez disso, ela esperou o que ele diria a seguir.

Como ela não respondeu, ele continuou falando, seus ombros mais relaxados, como se tivesse esperado que Bethany reagisse intensamente à sua confissão.

– Eu não estou dizendo que abuso das mulheres. Deus. Me deixa puto só imaginar que você pense isso de mim. Estou soando hipócrita. Sou excessivamente protetor com as mulheres sob meus cuidados e ainda assim gosto de infligir dor.

– Como assim?

Bethany ainda estava falando com calma e Jace a estudava com afinho, como se estivesse esperando que se levantasse e saísse correndo e gritando do apartamento a qualquer momento.

– Chicotes. Palmatórias. Cintos. Eu gosto de sexo violento. Gosto de interpretar personagens. Gosto de submissão. Às vezes me sinto como um Médico e um Monstro, porque há momentos em que eu idolatro a mulher com quem estou. Saborear. Tocar, beijar, fazer amor. E outras vezes? Eu quero do meu jeito. Da maneira que eu quiser. Amarrada, indefesa. Bunda avermelhada por causa das minhas palmadas. Às vezes, o sexo é totalmente para ela ter orgasmo. Mas, às vezes, é totalmente para mim.

– Isso não soa tão ruim – disse Bethany, calmamente.

– Você entende que eu estaria no controle absoluto sobre todos os aspectos do nosso relacionamento, Bethany? Realmente entendeu isso? Que todas as decisões serão tomadas por mim. Onde nós comemos, o que nós comemos, aonde vamos, aonde você vai. Quando fazemos sexo. Quando não fazemos sexo. O que você veste. Com quem você fala. Está entendendo? Eu sou um idiota controlador e isso não vai mudar. Você está realmente disposta a aceitar uma coisa dessas?

– E se não estiver? – ela perguntou, estudando-o tão intensamente quanto ele a estudava.

– Então eu vou aceitar qualquer coisa que você puder me dar – disse calmamente.

Ela prendeu a respiração até ficar tonta. *Ah, meu Deus.* Depois de tudo o que ele tinha dito. Depois de tudo o que ele explicou. Abriria mão de quem ele era apenas para *tê-la*.

Lágrimas arderam em seus olhos e ela inspirou mais profundamente do que antes, enquanto ela piscava para se livrar do choro. Não adiantou. Elas queimaram até que finalmente transbordaram por suas bochechas. Jace parecia em pânico, sua expressão se dissolvia em autoaversão.

– Não chore, baby. Por favor, não chore – sussurrou asperamente. – Nós vamos resolver isso. Eu juro, vai ficar tudo bem.

Ela balançou a cabeça.

– Não, você não entende.

– Então me faça entender. O que há de errado? Por que você está triste? Não tem que ser assim. Eu estava apenas tentando fazer você me entender.

Bethany avançou, tomando sua boca com a dela. Jace parecia atordoado, mas não a afastou. Suas bocas se uniram quentes, as línguas molhadas se confrontando.

– Cala a boca. Cala a boca e me beija.

Ele gemeu.

– Deus, baby.

Ela arrancou a sua própria roupa, subitamente desesperada para que não houvesse nada entre eles. Depois arrancou a dele, até que Jace finalmente a ajudou e as roupas saíram

voando em todas as direções, caindo no chão, na parte de trás do sofá e na mesa de centro.

Ela o beijou avidamente, sua boca se movendo acaloradamente sobre a dele. Permitiu que todo o seu desespero se notasse no beijo, enquanto suas mãos percorriam o corpo duro do homem. Seu pau estava rígido entre eles, colado firmemente entre suas barrigas. Ela estendeu a mão para agarrá-lo e se arqueou sobre ele, querendo-o dentro dela.

Bethany registrou que era ele quem deveria estar no controle. Ele quem deveria dar as cartas. Mas, neste momento, não se importava. Ela só sabia que o desejava, que tinha que fechar essa conexão especial e torná-la algo mais permanente. Tinha que mostrar a ele, com mais do que palavras, que aceitava o que oferecia. Não só queria, mas *precisava*.

Ela o colocou entre suas pernas e não hesitou, deslizando para baixo e envolvendo-o em um movimento. O choque de sua entrada a fez ofegar e as mãos dele de repente estavam em seus quadris, aliviando a pressão ao levantá-la para cima.

– Baby, *não*, não se machuque.

Sua voz estava tensa e era evidente o quanto ele estava se controlando. Oh, não, que inferno. Isso não era o que ela queria. Ela queria tudo. Tudo o que ele tinha para dar. E não ia se contentar com nada menos.

– Você nunca vai me machucar – ela sussurrou. – Não de um jeito que eu não queira, de qualquer maneira.

Ele riu levemente e, em seguida, deslizou as mãos para a bunda dela, a agarrando enquanto ela se levantava para deixá-lo entrar mais uma vez. Desta vez, ele não a segurou e ela tomou tudo dele, até as bolas, sua bunda indo descansar no colo de Jace.

– Nossa, você é tão incrível – ele suspirou.

– Eu só quero que você fique aí sentado e aproveite – ela murmurou.

Seus olhos brilhavam quando ele olhou para ela. Em seguida, soltou seu corpo e encostou-se no sofá, relaxando.

– Posso fazer isso.

As mãos dele patinaram pelo seu corpo até seus seios, e ela gemeu quando se levantou e caiu novamente, tomando-o profundamente. Ela se inclinou para ele, seguindo-o para pressionar seu corpo contra o dele, prendendo as mãos de Jace entre os eles.

Jace era grande dentro dela, grande o suficiente para tornar o movimento difícil, mas ela se deliciava com o aperto. Cada impulso era uma doce agonia enquanto ele estocava em sua boceta inchada. Cada vez que suas bolas pressionavam contra a bunda dela, ela suspirava e fechava os olhos. Estava tão perto e eles tinham apenas começado.

– Não se reprima, baby. Eu quero ver você gozar. Você é tão bonita, que dói só de olhar.

– Não sem você – ela disse ofegante.

– Oh, eu estou lá. Eu já estava lá no momento em que a sua boceta doce deslizou pelo meu pau.

Sem precisar de mais incentivo, ela acelerou o passo, levantando-se na direção dele para ganhar potência. Jace apalpou os seus seios e, em seguida, colocou a boca em um mamilo, sugando fortemente. Então ele deixou cair as mãos de volta para a bunda dela, apertando enquanto ela estremecia.

– Eu quero esse cuzinho depois. – As palavras retumbaram bruscamente no seu peito. – Não posso esperar para enfiar lá no fundo. Eu não comi a sua bunda naquela noite. Estava muito

concentrado na sua boceta. Não queria mais ninguém lá além de mim. Mas agora ele é meu e quero comê-lo.

– Jace!

Suas palavras eróticas se estilhaçaram em cima dela, empurrando-a pelo pouco que faltava em direção à sua libertação. Seu corpo inteiro se curvou e se convulsionou. Ela não podia nem mesmo se manter levantada. Não precisava se preocupar. Os braços de Jace vieram socorrê-la, segurando-a quando ele assumiu, estocando para cima e na direção dela, mais rápido, mais forte, até que ela estivesse soluçando o seu nome.

Ele soltou um rosnado baixo. Seu aperto estava forte. Ela ficaria com contusões mais tarde e não se importava. Era o que ela queria. Sua posse.

Ela foi despedaçada. Lá, nos braços de Jace, enquanto ele assumia o poder de seu corpo, ela ficou em pedaços. Era quase doloroso. Tão intenso que a sala se turvou em torno dela, a sua visão escureceu.

Ela encostou a cabeça no ombro dele, ofegante enquanto seu corpo se convulsionava e aproveitava. Ele tomou o controle sobre ele, empurrando rapidamente, o bater de carne com carne estalando alto em seus ouvidos. Seu corpo inteiro tremeu e ele ainda estocou como se estivesse tentando se plantar nos lugares mais profundos de sua alma.

Então Jace gritou. O nome dela. *Bethany*. Era doce em seus ouvidos, roçando em sua pele como a mais fina seda. O nome dela. Ela pertencia a ele.

Jace ficou mole, aproximando-a ainda mais, até que ela não conseguia respirar. Bethany não reclamou. Não disse uma única palavra enquanto estava deitada em seu corpo. Jace beijou seu pescoço, sua orelha e depois se aninhou em seu cabelo. Ela levou um momento para perceber que ele sussurrava palavras carinhosas. Dizendo como era bonita e o quão triunfante ele se sentia por ela ser sua, por aceitar o que ele queria dela.

Ela enrolou os braços ao redor de seu pescoço, segurando-o tão firmemente como ele a segurava.

– Eu quero ficar – ela sussurrou.

Ele ficou rígido contra ela e, em seguida, caiu como se ficasse aliviado. Ele a beijou novamente, passando uma das mãos para tirar o cabelo do rosto dela. Então, a puxou de volta para que pudesse encontrar seu olhar. Seus olhos eram intensos. Quase pretos, enquanto olhava para ela.

– Vai ficar, Bethany. Você é minha agora. Ainda não sei se você sabe perfeitamente com o que concordou, mas não vou te dar a oportunidade de voltar atrás agora. Você pertence a mim. Não vou te dar de volta.

Ela colocou a mão no seu rosto como Jace tinha feito com ela tantas outras vezes. Oferecendo conforto e segurança. Ele se inclinou e roçou sua boca na dela. Uma vez, duas vezes, e uma terceira vez, como se não pudesse se afastar.

– Por que você chorou, meu bem?

Só de pensar em tudo o que ele tinha dito, quis chorar mais uma vez. No olhar alarmado de Jace, ela percebeu que *tinha* se enchido de lágrimas.

– Oh, Jace – sussurrou. – Você não pode imaginar o quanto significou para mim que você realmente esteja disposto a mudar quem é, o que faz você ser quem é, porque acha que é o que

eu quero. Você me mostrou o seu coração. Mas tem de entender, eu quero *você*. Tudo em você. Eu não quero uma versão diluída do Jace. Eu quero ele inteiro. Controlador, dominante, arrogante, carinhoso, amoroso, protetor... – Ela parou de falar, com a voz rouca de emoção e nublada com lágrimas. – Entendeu? – ela murmurou.

Ele a esmagou contra si, firmemente grudado em seu corpo. Ela podia sentir cada batida do seu coração. Ele tremia contra ela, enquanto suas mãos se enredaram em seu cabelo. Então se afastou apenas o suficiente para apoiar a testa na dela, suas bocas precariamente perto e seus olhares semicerrados e conectados.

– Não sei o que eu faria se não tivesse encontrado você – ele disse em uma voz gritante. – Me mata só pensar nisso. Não sei o que eu faria sem você. Isso me deixa louco.

– Você entendeu, Jace? Realmente entendeu? Eu quero você. Quero o seu domínio. Eu *preciso* dele.

Ele passou a mão pelo cabelo dela, alisando os fios com um movimento reconfortante.

– Você me entendeu, baby. Tudo de mim. Eu espero de verdade que você esteja preparada para isso. Já está entendendo. Tudo de mim. Cem por cento. Mas tem que me prometer uma coisa.

– O quê? – ela sussurrou.

Jace a beijou primeiro, um beijo leve, quente e sem fôlego. Quando puxou a cabeça para trás, seus olhos se iluminaram com satisfação e contentamento.

– Prometa-me que se alguma vez for muito, se você estiver sempre oprimida, se eu forçar muito ou for rápido demais, você vai me dizer. Você *tem* que me dizer. Eu não poderia viver em paz comigo mesmo se soubesse que o que eu fiz estava te assustando ou, Deus, te machucando. Nunca quero que você se sinta mal com o que fazemos.

Ela o beijou, desta vez, saboreando a sensação de estar em seus braços. Isso era verdadeiro. Ele era real. Bethany estava abalada até os ossos pela magnitude do que estava acontecendo. Jace a queria. *Ela*.

– Eu prometo – sussurrou contra seus lábios.

capítulo 23

Bethany esperou, sem fôlego de antecipação. Nervosismo. Seu estômago parecia cheio de borboletas. Jace estaria em casa a qualquer minuto. Mandou uma mensagem de texto avisando que estava saindo do escritório. Nada mais. Sem instruções. Nada sobre seus planos para a noite. E, à luz da discussão honesta da noite anterior, ela tinha uma ideia muito clara de como queria estar esperando por ele quando chegasse.

Um sinal da sua aceitação. Sua obediência. Sua vontade e desejo de se submeter. Para avançar no tipo de relação que eles tanto queriam. Não apenas o que Jace queria. Isso significava o mundo para ela – ficava sem resposta quando pensava que ele estava disposto a suprimir seus próprios desejos e necessidades se Bethany mostrasse qualquer hesitação sobre os parâmetros da relação que Jace tinha delineado.

E talvez essa fosse a grande razão pela qual estava tão disposta a aceitar, sem reservas, as coisas que ele pedisse. Porque Jace não tinha exigido. Ele não tinha lhe dado um ultimato. Apenas disse como queria as coisas, mas com a mesma rapidez a deixou ciente de que, se Bethany não fosse capaz ou não estivesse disposta a se comprometer com esse estilo de vida, *ele* seria o único a se comprometer e aceitar o que ela se sentisse confortável em oferecer.

Tudo. Ela lhe daria tudo. Queria fazê-lo feliz, porque isso é o que *a* faria feliz.

Bethany tirou sua roupa e a dispôs em uma pilha organizada em uma das gavetas que ele havia alocado para seu uso. Jace falou alguma coisa sobre a compra de móveis que seriam unicamente dela. Mas, por enquanto, usar seu espaço estava bom. Eles ainda mantinham residências separadas, embora cada vez mais seus pertences estivessem se mudado para o apartamento dele.

Ela verificou a hora e soube que ele poderia estar subindo pelo elevador agora mesmo. Apressou o passo para a sala e cuidadosamente se ajoelhou no tapete de pelúcia em uma posição que lhe proporcionava uma visão das portas do elevador. Ela iria vê-lo assim que entrasse, mas, o mais importante, a primeira coisa que ele veria seria *ela*. Esperando. Submissa. Dando-lhe o que mais queria.

Os minutos passavam com uma lentidão agonizante. Uma calma se instalou no apartamento e apenas sua respiração suave podia ser ouvida. E, em seguida, o som do elevador chegando. Seu pulso acelerou quando as portas se abriram e ela olhou para a frente, ansiosa para ver seu rosto, sua reação.

Ele entrou de pasta na mão. Fixou o olhar imediatamente nela e a pasta escorregou de suas mãos, batendo no chão com um baque surdo.

– Baby – sussurrou.

Apenas uma palavra, mas que transmitiu toda uma riqueza de significados. Surpresa. Alegria. Alívio. Um calor inundou os seus olhos e eles imediatamente ficaram escuros de

desejo. Todo o seu rosto se suavizou quando antes haviam linhas gravadas em sua testa, e sua mandíbula estava tensa. Ele parecia distraído, como se estivesse saindo de um dia agitado no trabalho.

Tudo isso se dissipou enquanto ele caminhava em sua direção, seu foco apenas sobre ela, seu olhar nunca a deixando.

Ele parou na frente de Bethany, sua mão entrando em seus cabelos, acariciando através dos fios antes de colocá-la sobre o seu rosto e acariciar a linha de sua mandíbula.

– Há quanto tempo você está esperando assim? – perguntou em voz baixa.

Ela sorriu, inclinando-se para seu toque. Estava faminta por isso. Um dia inteiro de espera e de querer. Doída com a necessidade. Querendo reafirmar o que eles já haviam decidido na noite anterior. Queria tranquilizá-lo, mas talvez precisasse daquela garantia mais do que ele.

– Não muito. Você mandou uma mensagem quando saiu do escritório. Eu esperei um pouco e, em seguida, vim para cá, para que pudesse vê-lo quando saísse do elevador. De forma que você pudesse me ver – terminou calmamente.

– Nunca vi mais bela visão ao chegar em casa do trabalho, baby. Nunca pensei que eu ia voltar para casa assim. Para você. Assim. Tão suave e doce. Você me faz esquecer todo o resto além de nós dois e o nosso mundo.

– Que bom – disse ela com voz rouca. – Eu quero fazer isso para você. Você faz tanto por mim. Quero retribuir.

Ele sorriu, seus dedos esfregando suavemente os lábios de Bethany.

– Você retribui. Já fez o meu dia. Vê-la assim. Eu nem me lembro do meu dia horroroso ou do que aconteceu no trabalho. Não dou a mínima. Porque agora estou aqui com você e nada mais importa.

– Estou às suas ordens – ela murmurou. – Diga-me o que quer, Jace.

Ele hesitou, ali de pé, com os olhos expressivos, mas permaneceu em silêncio, como se estivesse com medo de expressar seus pensamentos. Então, finalmente, falou. Cuidadoso com suas palavras.

– Eu sei que nós conversamos sobre isso ontem à noite, baby. Eu sei que você concordou. Eu sei que eu desabafei. Mas não quero apressar isso. Eu quero lhe dar um tempo para se ajustar às minhas expectativas. Quero ter certeza de que é isso que você quer. A última coisa que eu quero é te oprimir. Eu quero levar as coisas devagar. Trabalhar e dar um passo de cada vez. Não duvido de você. Não quero que você pense isso. Vou ter cuidado com você, porque eu me preocupo contigo. Eu me preocupo com a gente. E eu quero que a gente dure.

Seu coração amoleceu, a dor se intensificando. Um nó se formou em sua garganta e foi difícil falar em torno da emoção crescente.

– Você não sabe, Jace? Quando você diz coisas como essa, só me faz querer agradá-lo ainda mais. Não temos de anular todas as suas condições no primeiro dia dessa nova relação. Mas eu quero mostrar o que posso ser. O que eu quero ser. Para você. Mas não só para você. Para mim também. Eu quero isso. Você quer isso. Nós queremos isso. Então me diga como agradá-lo. Dê-me as palavras e vamos começar algo novo e especial.

– Quero foder você – disse sem rodeios. – Aqui na sala de estar. Quero que você chupe meu pau de joelhos sendo tão doce e linda, com os olhos brilhantes e suaves. E então eu quero te

colocar de quatro sobre o sofá, amarrar as suas mãos atrás das costas e te foder forte e por muito tempo. E quando eu gozar, quero te deitar e fazer amor com você, como nunca foi amada. Quero comer sua boceta e chupar seus peitos até que você esteja pronta para sair do seu corpo.

– Isso é tudo? – ela brincou.

Ele sorriu, um pouco da preocupação em sua expressão se amenizou.

– É tudo por agora. Há uma série de coisas que quero fazer para você – vou fazer com você. Mas temos todo o tempo do mundo e não precisa ser tudo no primeiro dia. Vamos levar com calma, quando eu tiver certeza de que você está comigo o tempo todo vamos chegar lá, baby. Não há dúvida sobre isso. Vou chicotear essa sua bunda, te amarrar e te foder de todas as maneiras possíveis que um homem pode foder com uma mulher. Mas, por enquanto, só quero esses lábios doces no meu pau e depois vou mergulhar nessa boceta quente e apertada.

Ela estremeceu, seu clitóris palpitou até que ela se contorceu para aliviar a dor.

Jace lhe deu um sorriso elegante e, em seguida, estendeu a mão para a braguilha de suas calças. Ele soltou o botão e em seguida abaixou o zíper, o ruído em seus ouvidos. Jace puxou seu pênis para fora, acariciando-o até que ficasse duro com movimentos firmes, e então inclinou o queixo dela para cima com a outra mão.

– Abra a boca, baby. Me coloca para dentro e me chupa. Me leve até o limite, mas eu não vou gozar até que esteja dentro da sua boceta até as bolas e você esteja inclinada sobre o braço do sofá, bunda para o alto com as mãos amarradas atrás das costas. Aí eu vou te preencher até transbordar com a minha porra, que vai descer pelas suas pernas. Eu vou te deixar dessa maneira só para me afastar e olhar para você, sabendo que é minha e que eu acabei de tomar posse do que é meu.

Ela fechou os olhos enquanto ele deslizou para dentro de sua boca, as imagens eróticas que ele descreveu bombardeando na mente de Bethany. As mãos dele eram gentis enquanto apalpavam seu rosto, mas suas estocadas não eram. Era uma contradição flagrante, seu toque *versus* a força com que fodia sua boca.

– Essa, sim, é a maneira como um homem gosta de voltar para casa – ele sussurrou. – Sua mulher esperando de joelhos, querendo apenas dar prazer a ele. À espera de seu comando. Aceitando o que ele lhe disser para fazer. Foda-se, não existe nada melhor do que essa maldição, baby.

Ela sorriu ao redor de seu pau, a satisfação a agarrando, apertando o seu coração até que ficasse sem fôlego. Ela amava o fato de que o afetava dessa maneira. Ele era tão selvagem com ela e Bethany o agradava como nenhuma outra mulher.

Ele estocou duramente e em seguida diminuiu a velocidade, correndo mais suave sobre sua língua, esfregando a ponta sobre os lábios antes de mergulhar de volta para dentro da umidade de sua boca.

– Tão linda – ele murmurou. – E minha. *Minha*, caralho. Você pertence a mim. Só a mim. Ninguém nunca vai ter isso, o que eu tenho, você de joelhos, esperando eu sair do elevador. Se outros homens soubessem o que eu tenho, seriam uns invejosos filhos da puta. Você é uma mulher pela qual vale a pena lutar, Bethany. Homens matariam para possuir o que eu possuo, mesmo que por uma hora.

Suas palavras afundaram e ela as absorveu, mantendo-as na parte mais profunda de sua

alma. Seu peito se apertou e sua garganta deu um nó, se tornando difícil para ela tomar o seu comprimento.

Ele franziu a testa e, em seguida, retirou-se, deixando apenas a ponta descansando em seu lábio inferior.

– Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça, incapaz de formular uma resposta coerente. Como ela poderia, quando estava perigosamente perto das lágrimas? Lágrimas felizes. Ela foi esmagada e não de uma maneira ruim. Da melhor maneira. Superada. Ela não tinha ideia do que dizer, de como reagir. Ela só podia mostrar o que aquelas palavras significavam para ela.

Inclinando-se, tomou a iniciativa e chupou-o profundamente, mas logo em seguida olhou para cima, avaliando a reação dele, para ver se sua ousadia lhe irritou. Jace encostou a mão sobre o rosto dela e sorriu com ternura, como se pudesse ler cada pensamento seu e soubesse exatamente como ela fora afetada por tudo o que tinha dito.

Segurando a cabeça de Bethany no lugar, ele estocou mais uma vez, mais profundamente, empurrando para o fundo da sua garganta, até que ela tremeu. Ele soltou um gemido e em seguida a liberou, puxando o pênis de sua boca. Então estendeu ambas as mãos e as enrolou em torno das dela, entrelaçando seus dedos. Ele a puxou com cuidado para ficar de pé e permaneceu naquele local por um longo momento, enquanto esperava para garantir que ela estava na sua posição.

– Para o sofá – disse, o seu comando mais forte, com mais provocação do que antes. – Quero que você se incline sobre o braço, de barriga para baixo, com a testa tocando a almofada. Bunda para cima e seus pés não tocam o chão.

Ela engoliu em seco e fez o que ele ditava, posicionando-se de acordo. Jace se afastou, retirando-se para o quarto, enquanto ela esperava ansiosamente. Quando ele voltou, carregava um pedaço de corda de seda. Seus braços já estavam torcidos atrás dela, com as mãos apoiadas na parte baixa das costas.

Ele reuniu seus pulsos e, em seguida, segurando-os firmemente, começou a enrolar a corda em torno deles. Embora a corda fosse suave e não abrasiva, ele amarrou apertado, prendendo-a de forma eficaz, de modo que ela não pudesse mover as mãos.

– Vê-la desta forma... Baby, eu nem tenho palavras. É uma visão com a qual vou sonhar à noite, quando você estiver em meus braços, dormindo ao meu lado.

Sua palma esfregou a bunda dela e, em seguida, separou-a com ambas as mãos até sua boceta estar amplamente visível.

Ele se posicionou em sua abertura, mas fez uma pausa, segurando a ponta quase dentro.

– Eu não vou pegar leve – alertou. – Quero muito te comer, baby. Estou tendo uns pensamentos muito obscuros, no estilo homem das cavernas, nesse momento. Vai ser foda. Uma foda bruta, baixa e suja. Só quando eu terminar é que vou cuidar de você. Você não vai gozar até então. Isso é para mim. Depois é para você.

Antes que ela pudesse processar o que tinha ouvido, ele enfiou profundamente, empurrando para dentro em uma estocada forte que a deixou sem fôlego. Toda a sua boceta tremeu e vibrou. Excitação martelava por suas veias. Necessidade, desejo, mais forte do que a necessidade por qualquer droga que já tinha experimentado. Como poderia passar por isso

sem gozar? Ela estava pronta para gozar *agora*. Não quando ele terminasse de saciar seus próprios desejos e cuidasse dela.

Jace deu um tapa de aviso na sua bunda quando ela tremeu descontrolada.

– Fique sob controle, baby. Você não vai gozar ainda. Se me desobedecer, eu vou esquecer tudo sobre levar as coisas devagar e vou dar umas palmadas nessa sua bunda.

Ela gemeu em frustração. Em vez de a dissuadir, a advertência só alimentou o fogo do seu desejo e ela ficou cada vez mais perto do orgasmo máximo.

Bethany mordeu o lábio e fechou os olhos, concentrando-se intensamente em não ceder ao orgasmo. Foi a coisa mais difícil que já fez. Ela estava incrivelmente excitada e cada estocada enviava ondas de prazer pelo seu corpo.

– Quero essa bunda também – ele rosnou. – Mas eu estou muito perto. Vou ter que deixar para outra dia.

Graças a Deus. Ela não duraria nem mais um minuto e ele estava estocando mais forte agora, crescendo ainda mais enquanto inchava e se apertava dentro dela. Bethany fechou os olhos e apertou todos os músculos do seu corpo para afastar o orgasmo. Um alívio correu por suas veias quando ele se inclinou para ela, seu corpo cobrindo o seu, e o sêmen começou a revestir as paredes de sua vagina.

Ela caiu sobre a ponta do sofá se sentindo retorcida, e ainda não tinha gozado. Se ele apenas a tocasse, estaria terminado. Cada terminação nervosa estava em curto-circuito. Sua pele estava hipersensível. Seu clitóris doía e se mexia. Bastava um toque. Tudo o que ele tinha a fazer era estender a mão e tocá-la e Bethany encontraria um alívio.

Ela suspirou em frustração. Estava tão no limite que sua pele parecia viva. Como se estivesse rastejando e tentando se virar do avesso.

Ele deu um beijo entre as suas omoplatas e, em seguida, saiu suavemente para fora de seu corpo.

– Não se mexa – Jace ordenou.

Ela ouviu seus passos se afastarem e se tornarem mais distantes. Um momento depois, ele voltou com uma toalha quente e limpou o sêmen entre suas pernas. Em seguida, desamarrou cuidadosamente os pulsos dela e acariciou a sua pele macia com os polegares.

– Vá ao banheiro e se limpe – ele ordenou. – Não sou fã de sentir o meu próprio gosto quando estou comendo você, baby. Quando sair, eu estarei esperando na cama. Quero que você se sente no meu rosto enquanto eu lambo essa boceta doce.

Ele a ajudou a se levantar e Bethany cambaleou com as pernas bambas até o banheiro para fazer o que ele mandou. Limpou-se cuidadosamente, tendo especial cuidado para remover toda a viscosidade. Quando voltou ao quarto, ele estava deitado nu na cama, seu pau caído de lado sobre a coxa, apenas semiereto.

Continuava bonito e seu pau ainda era impressionante, mesmo em repouso.

Entortou seu dedo para ela, apontando para a cama. Estendeu a mão para ajudá-la a subir e, em seguida, escorregou para baixo, para que seus pés ficassem pendurados para fora da cama.

– Sobe e abre as pernas em cima da minha cabeça – disse ele.

Era ridículo ficar tímida, mas estava um pouco mortificada em subir, sem a coragem que antes tinha, para sentar no rosto dele e pressionar sua boceta contra o rosto de Jace.

Ela balançava de joelhos ainda a vários centímetros da sua boca. Quando começou a se

abaixar, ele colocou a mão na cintura dela para impedi-la.

– Use sua mão e separe os lábios da sua boceta para mim – disse Jace com a voz rouca. – Eu quero a minha língua sobre cada centímetro seu e quero que você goze na minha cara.

Ela inspirou profundamente, mas ficou um desastre depois de tudo que havia acontecido na sala e agora com as suas palavras contundentes e evocativas iam direto até seus ossos e provocaram uma excitação instantânea.

Ela timidamente deslizou a mão para baixo de sua barriga e depois para os pelos entre suas pernas, encontrando as dobras carnudas. Esfregou o dedo sobre seu clitóris e gemeu.

– Eu posso sentir o quanto você está excitada – Jace grunhiu. – Sexy para caralho. Abre para mim, baby. Mal posso esperar para te provar.

Ela abriu os lábios com os dedos e se manteve assim enquanto baixava os últimos centímetros. No instante em que entrou em contato com a língua, ela empurrou e se contraiu para cima. Ele agarrou seus quadris com as duas mãos, o aperto duro, e a puxou de volta para baixo em sua boca.

Ele a comeu como um faminto. Lambendo, banqueteadando-se, sugando, deslizando sua língua dentro dela e por todas as partes entre sua entrada e seu clitóris. A deixou em um frenesi estúpido, até que a mulher montou seu rosto como se estivesse tomando seu pau.

Mas, então, ele deslizou os dedos entre suas nádegas e as separou, assim como ela separou os lábios da boceta. Seu dedo indicador se aproximou de sua abertura anal, provocando e rodeando a entrada. Ele enfiou um pouquinho. Nem mesmo uma polegada. Apenas a ponta do seu dedo, mas foi o suficiente para mandá-la violentamente até o limite.

Ela explodiu em sua boca, molhando os lábios e queixo com uma inundação repentina de umidade. Ela resistia e se contorcia, querendo mais. Querendo aqueles dedos malvados. Querendo tudo o que ele tinha para dar.

Ela caiu, os músculos ficando completamente relaxados e então percebeu, para a sua vergonha, que provavelmente o estava sufocando. Ela se impulsionou para cima, mas ele agarrou seus quadris e a acomodou abaixo do queixo, de modo que sua boca ficasse pressionada contra a sua barriga.

Os fluidos de Bethany brilhavam na região de sua boca, e ele passou a língua sobre os lábios, removendo os rastros de sua libertação. Era absurdamente provocante e excitante assistir a um homem que gostava de chupar uma mulher. Ele parecia satisfeito e extremamente presunçoso, como o gato que obteve o leite. E, bem, ela supôs que ele estava mesmo.

– Venha aqui – murmurou, puxando-a para baixo de modo que descansasse em seus braços, apoiada firmemente contra seu peito. Ele rolou até que ficassem lado a lado, ela se aninhou perto de seu pescoço, as mãos dele agarrando possessivamente sua bunda.

– O Natal é daqui a alguns dias.

Ela levantou a cabeça, porque esta era uma mudança abrupta no assunto e isso a fez desconfiar. Mas Jace a puxou de volta para baixo, segurando-a para que seu rosto ficasse mais uma vez enterrado em seu pescoço.

– Gosto de você assim – ele rugiu. – Me tocando. Tão perto que se derrete na minha pele. Como uma tatuagem permanente. Eu gosto de usar você e nada mais.

Ela sorriu contra seu pescoço.

– Meu bem gosta disso – disse presunçosamente.
– Sim, gosto – ela respirou.
– De qualquer forma, como eu estava dizendo, o Natal está chegando em breve. Vamos passar na casa do Gabe e da Mia, e os pais de Gabe vão estar lá, assim como Ash. Você tem um armário cheio de roupas, mas eu quero que escolha o que vai vestir.

Ela endureceu de surpresa. Isso não era um dos seus acordos. Ele tomava todas as decisões. Mesmo as insignificantes, como o que ela vestiria fora do apartamento. Agora, para situação normais, relaxar em casa, ir ao mercado para comprar algo, ela usava o que quisesse. Mas, quando saíam por qualquer razão juntos, Jace escolhia sua roupa e ela tinha que admitir que o homem tinha um gosto impecável.

– Quero que se sinta confortável e confiante – disse em voz baixa. – E se você não tiver nada em seu armário que sirva para a ocasião e que faça você se sentir bem, então quero que saia e compre alguma coisa. Sem discussão. Você tem cartões de crédito. Tem dinheiro. É hora de começar a usá-los.

– Obrigada – ela sussurrou. – Não por se oferecer para comprar coisas novas. Tenho certeza de que tenho o suficiente para escolher nesse closet enorme. Tenho coisas nele que ainda estão com as etiquetas! Mas obrigada por fazer um esforço para eu não me sentir estranha.

Ele a apertou contra si.

– Não quero que você, em qualquer situação, deixa de se sentir bem, baby. Portanto, compre o que precisar. Escolha uma coisa que faça você se sentir bem.

Ela levantou a cabeça, apesar do esforço de Jace para continuar segurando-a contra o seu peito, e o beijou com força, envolvendo os braços ao redor de seu pescoço enquanto deslizava sua língua sobre a dele.

– Você é tão bom para mim, Jace – ela disse calmamente. – Agradeço a Deus todos os dias por você.

capítulo 24

A ansiedade de Bethany estava nas alturas. Ela se vestira com extremo cuidado, porque não queria desapontar Jace na frente de sua família. Havia muitas roupas para escolher em seu armário, muitas, como ela disse pra Jace, que ainda conservavam as etiquetas, ainda intocadas. Ela escolheu um vestido de festa cor de prata brilhante, porque parecia festivo e apropriado para o Natal, e depois de muitas dúvidas e uma quantidade enorme de culpa, ela comprou saltos da mesma cor para combinar com ele.

Jace tinha percebido sua ansiedade e fez grandes esforços para deixá-la confiante. Enquanto Bethany estava no banheiro colocando o cabelo para cima com um prendedor que combinava com o vestido, ele entrou e passou um belo colar de diamantes em volta de seu pescoço, prendendo-o enquanto ela encarava o espelho.

– Jace! – ela protestou. – Isso é demais!

Ele sorriu e deu um beijo em seu pescoço logo abaixo da orelha e, em seguida, abraçou-a, segurando uma caixa com um par de brincos.

– Você pode achar que é muito, mas lide com isso, baby. Minha mulher não pode ir à festa de Natal da minha família e deixá-los pensando que eu não a mimo o suficiente. Eu vou perder toda a minha credibilidade. Então coloque-os. Eu gosto de ver minhas joias em você. E apesar de ser linda sem elas, quero que se sinta tão bonita quanto eu te vejo. Não há uma mulher viva que não ame diamantes. Você não pode ser uma exceção.

Posto desta forma, não havia muita coisa que Bethany pudesse dizer.

Ele a beijou novamente e, em seguida, bateu carinhosamente em seu bumbum.

– Precisamos sair em cinco minutos, então se apresse.

Ela suspirou quando Jace saiu e, em seguida, viu seu reflexo atrapalhado no espelho enquanto tentava colocar os brincos nas orelhas. Estava sorrindo. Feliz. Seus olhos aquecidos, com um brilho de contentamento. Jace sempre sabia exatamente o que fazer para ela se sentir mais à vontade. Mas ela ainda estava uma pilha de nervos.

O Natal era uma data para a qual ela nunca tinha realmente ligado. No começo, particularmente no primeiro ano em que ela estava morando nas ruas, Jack tentou o seu melhor para infundir a ocasião com a alegria da festa. Ele tinha conseguido um arbusto, que eles decoraram e colocaram em um canto minúsculo de um parque deserto usando papel de embrulho descartado de uma loja próxima.

Eles confeccionaram arcos, estrelinhas e algumas outras formas que não podiam exatamente ser classificados como símbolos reconhecíveis do Natal, mas Bethany havia amado Jack pelo esforço que tinha feito. Ele também arranhou um jantar de Natal, apesar de nunca ter dito como e de ela nunca ter perguntado.

Onde estaria hoje? Fazia frio e neve começava a cair, cobrindo as calçadas com um

cobertor branco. Será que ele tinha um lugar para ficar? Estava aquecido? Será que tinha alguma coisa para comer?

Ela se sentia extremamente culpada enquanto Jace a levou para o carro que esperava, aconchegante e confortável, em seu caminho para o apartamento de Gabe, onde eles comeriam, aproveitariam o tempo com os entes queridos de Jace e comemorariam o feriado. Ela estava bem cuidada. Jace havia pensado em cada necessidade sua. E Jack estava lá fora sozinho pela primeira vez em todos esses anos, desde que ele e Bethany fugiram juntos.

Ela colocou a mão no cabelo, pela sexta vez desde que eles deixaram seu apartamento, preocupada que o arranjo cuidadoso iria despencar pelo pescoço a qualquer momento.

Jace colocou seu braço ao redor dela, puxando-a para ele para que ele pudesse beijar sua têmpora.

– Você está linda – ele murmurou. – Pare de se preocupar. Você vai amá-los e eles vão te amar.

Ela sorriu, ou melhor, tentou. Já era ruim o suficiente conhecer sua irmã, seu noivo que, por acaso, também era um grande amigo e parceiro de Jace nos negócios, e os pais de Gabe, mas Ash estaria lá. Esta seria a primeira vez que o veria desde a noite de seu ménage e seu estômago estava dando nós por aquilo tudo.

Quão estranho seria trocar gentilezas com um homem que a tinha fodido junto com Jace? Jace não poderia estar mais confortável do que ela. Deixara seus sentimentos muito claros sobre o assunto. Ele nem gostava de discuti-lo, e então Bethany o evitou, adotando a firme negação de que aquilo tinha acontecido.

Tudo isso mudaria esta noite.

E então outro pensamento a atingiu. Um que a horrorizava. E se os outros soubessem que ela tinha dormido com ambos, Jace e Ash?

– Baby.

A voz suave de Jace interrompeu seus pensamentos e ela se virou em sua direção.

– Você está preocupada sem motivo.

Ele apertou sua mão e depois a trouxe até a boca para beijá-la. Beijou cada um de seus dedos, forçando para soltá-los do punho cerrado que ela tinha feito.

– É Natal. Eu quero que aproveite a festa. Nossa primeira juntos – acrescentou com um sorriso.

– Estou apavorada – ela deixou escapar.

O olhar de Jace suavizou e ele chegou mais perto dela.

– Não há necessidade de ficar. Eu juro. Estas são as melhores pessoas. São a minha família. Eu não a sujeitaria a qualquer situação que pensasse que seria prejudicial a você.

– Ash vai estar lá.

Os olhos de Jace piscaram, mas ele se recuperou rapidamente. Mas ela vira a reação e sabia que ele não estava ansiando que ela e Ash ficassem juntos.

– Querida, ouça-me. É inevitável que você e Ash cruzem caminhos. Vocês dois são muito importantes para mim. O que aconteceu, aconteceu. Nós não podemos mudar, não importa o quanto eu deseje o contrário. Então a única coisa que podemos fazer é enfrentar e seguir em frente. Ele não é um idiota. Não vai deixar as coisas estranhas. Ash é o melhor amigo que eu

tenho. Ele sabe o que você significa para mim. Confie quando eu digo que as coisas vão ficar bem.

Ela olhou para baixo.

– Sinto muito. Estou arruinando o Natal para você antes mesmo de chegarmos lá. Estou com medo. Não quero te desapontar. Não quero deixar você para baixo. E não quero te envergonhar na frente das pessoas que ama. Tudo o que eu consigo pensar é que eles vão dar uma olhada pra mim e vão descobrir tudo. Vão saber que eu não sou boa o suficiente para você. Vão saber que você poderia arrumar coisa melhor. E eu não vou conseguir aguentar esses olhares de julgamento. O jeito que eles vão olhar para você, se perguntando o que diabos você está fazendo.

Jace fez uma carranca instantaneamente.

– Agora você está só me irritando. Isso é um monte de besteira e, juro por Deus, Bethany, nem que seja a última coisa que eu faça, eu vou tirar esse pensamento estúpido da sua cabeça.

Ela fechou os olhos com força, determinada a não fazer algo bobo. Como chorar. Isso arruinaria sua maquiagem feita com tanto cuidado. Maquiagem que Jace precisara ajudá-la a comprar, porque Bethany não tinha ideia do que comprar ou até mesmo de como aplicá-la. Uma maquiadora muito paciente havia passado por todas as etapas com ela, mostrando-lhe o que e como aplicar, e em que ordem. Então ela mandou Bethany para casa com um saco inteiro de cosméticos, metade dos quais ela nem lembrava para que servia.

– Baby, olhe para mim.

Não era um pedido. Era um comando firmemente formulado. Ela imediatamente obedeceu. Enquanto Jace ainda estava se segurando e levando com calma o seu relacionamento, nos dias seguintes da discussão emocional sobre o curso de seu relacionamento, ele se tornou mais confortável em demonstrar o seu domínio.

Ele tornou-se progressivamente mais forte, não só na cama, mas em sua existência cotidiana. E, no início, ela realmente se perguntou se a irritaria a autoridade que ele tinha sobre ela, mas, na verdade, Bethany a abraçou. Ela floresceu nessa existência bem ordenada. Assim que Jace deu esse passo para exercer o domínio, uma parte dela suspirou de alívio. Tinha sido tão libertador entregar a responsabilidade para alguém que se importava com ela. Alguém que tomava conta dela e era insensatamente protetor.

Dava-lhe uma sensação de segurança que ela não conhecia até agora. Isso a fazia se sentir... segura.

– Você faz uma enorme desfeita para Gabe e Mia e Ash ao pensar que eles se sentiriam de tal forma sobre você. Eles não são preconceituosos. Não são esnobes. Não vão se preocupar com o seu passado ou a sua origem. Tudo o que eles querem saber é se você me faz feliz, porque se preocupam comigo. E, por extensão, por se importarem comigo, vão te amar. Tudo o que eu estou pedindo é que você lhes dê uma chance.

De repente ela ficou envergonhada, porque Jace estava certo. Não estava lhes dando chance. Já tinha um julgamento sobre eles. Exatamente a coisa que ela temia que fizessem com ela.

– Eu estou sendo uma esnobe reversa – disse calmamente.

– Você está certo. Não estou sendo justa.

Ele a apertou novamente e a beijou ao lado de sua cabeça.

– Você está compreensivelmente nervosa. Não a culpo por isso. O que estou dizendo,

porém, é que tudo vai ficar bem. Confia em mim?

Ela assentiu com a cabeça e Jace pareceu aliviado.

Chegaram poucos minutos depois e Jace a ajudou a sair do carro. Ele colocou seu braço ao redor dela e a advertiu para não escorregar enquanto corriam em direção à entrada do edifício de Gabe.

As borboletas assumiram o comando, fervilhando em seu estômago enquanto subiam o elevador para o último andar. Quando as portas se abriram, ela foi imediatamente atacada por aromas deliciosos. Uma mistura de alimentos no forno, e algo que cheirava a velas perfumadas da época de festas. Menta e pinho?

O interior do apartamento estava iluminado com velas e no canto da sala havia uma árvore enorme, brilhando com centenas de luzes. A sala inteira estava decorada festivamente e a lareira estava acesa.

– Jace!

Uma pequena mulher de cabelos escuros se apressou e imediatamente esmagou Jace em um grande abraço. O sorriso de Jace foi instantâneo enquanto a abraçava. Então ela se afastou e voltou seu sorriso caloroso para Bethany.

– Você deve ser a Bethany. Eu sou a Mia, irmã de Jace. Ouvi muito sobre você. Estou tão feliz que você está aqui!

Bethany começou a esticar a mão, mas Mia envolveu-a em um abraço semelhante ao que tinha dado em Jace. Bethany o devolveu desajeitadamente.

– Obrigada por me receber – Bethany murmurou.

– Ei, aí estão vocês.

Bethany olhou para cima para ver um homem lindo e alto andar atrás de Mia e deslizar o braço em volta de sua cintura. Ela lembrava dele na festa. Na verdade, ela se lembrava de ambos. Ela os tinha visto com melancolia, enquanto eles dançavam, pensando que pareciam bastante apaixonados. Ela não estava afim de chamar a atenção para o fato de que tinha sido parte da equipe de garçons na festa de noivado deles e por isso colou um sorriso brilhante no rosto e fingiu que esta era a primeira vez que tinha visto um ou o outro.

Gabe deu um tapa nas costas de Jace e, em seguida, virou-se para Bethany.

– Oi, Bethany. Eu sou Gabe, amigo e parceiro de negócios de Jace. Prestes a se tornar o seu cunhado, se a minha futura esposa me salvar da miséria e definir uma data pro casamento.

– Oi, Gabe – conseguiu pronunciar.

O braço de Jace a envolveu, firmando-a e oferecendo um apoio silencioso. Nesse momento, ela o amou por isso.

– Vamos lá na cozinha – disse Mia. – É onde todos estão reunidos, bebendo vinho e petiscando da bandeja de frutas e queijos.

Ela enfiou o braço de Bethany embaixo do dela, de maneira que Bethany estava ladeada por ambos, Mia e Jace, e então levou os dois para a cozinha.

O estômago de Bethany se retorceu quando encontraram Ash na porta. Ela quase esbarrou nele, mas o homem fugiu para o lado para sair do caminho.

– Ei, cara – disse Ash. – Fico feliz que vocês dois vieram.

Então ele se inclinou e beijou Bethany na bochecha.

– Olá, Bethany. Você está linda.

Ela tinha certeza de que estava corada. Por mais que tentasse, não pôde controlar sua instantânea mortificação quando olhou para Ash. Ele fingia que estava tudo bem. Jace estava fingindo também. Ela era a única a agir como idiota.

– Obrigada – disse ela, forçando um sorriso nos lábios.

Ash sorriu calorosamente e, em seguida, estendeu a mão para cumprimentá-la. Ele se inclinou para a frente, como se para beijar sua outra face em saudação, e sussurrou de maneira que apenas ela pudesse ouvir.

– Vai ficar tudo bem, Bethany. Não fique nervosa.

Com esse gesto simples, Bethany relaxou e permitiu-se respirar totalmente pela primeira vez desde que saiu do apartamento de Jace. Desta vez seu sorriso era genuíno e ela apertou a mão de Ash de volta em agradecimento.

Jace deu a Ash um olhar de gratidão e a tensão que tinha imaginado começava a se dissipar. Jace curvou o braço sobre os ombros de Ash e os dois se engajaram numa luta simulada.

– Pouca coisa muda por aqui – disse a mulher mais velha enquanto caminhava para a frente. Seu sorriso era indulgente e era óbvio que via considerava Ash e Jace com carinho. – Vocês, meninos, ainda agem como na adolescência.

Jace sorriu e puxou-a em seus braços.

– Olá, Mamãe H. – Ele beijou sua testa e então virou-se para Bethany. – Bethany, eu gostaria que você conhecesse a mãe de Gabe. Sra. H., essa é Bethany Willis.

Envolvida em mais um abraço caloroso, Bethany sentiu seus receios se esvaírem lentamente ao redor do charme contagiante da família de Jace.

– É maravilhoso te conhecer, querida.

– Ah, esse aqui é o Sr. H. – Jace disse.

Bethany olhou além da Sra. Hamilton para ver um homem mais velho se aproximar.

– Prazer em conhecê-la, jovem – ele disse em uma voz rouca. – Jace tem muita sorte.

Bethany corou e estendeu a mão. Ignorando-a, o Sr. Hamilton a abraçou. Bethany nunca estivera em torno de um grupo de pessoas tão espontâneas e chegadas a um abraço. Foi estranho, mas ainda assim era... bom.

– Então você cozinhou, Mia? Ou trapaceou e contratou um buffet?

– Jace perguntou uma voz provocante.

Mia lhe lançou um olhar de raiva.

– A mãe de Gabe e eu cozinhamos. Saiba você que está muito bom, isso eu posso dizer.

– Está com um cheiro maravilhoso – Bethany acrescentou rapidamente.

Mia sorriu.

– Obrigada. Está bom. Prometo. Então Mia se virou e fez movimentos com as mãos para que saíssem. – Ok, meninos, fora da cozinha. Vocês estão no caminho. Vão para a sala de estar e façam sei lá o que é que vocês fazem. Eu preciso de meia hora e depois poderemos comer. – Ela olhou para Bethany. – Quer ficar com a gente na cozinha? Também pode ficar com o Jace, mas a gente não morde.

Bethany se viu sorrindo em resposta à calorosa recepção da menina.

– Vou ficar.

Jace a envergonhou quando se inclinou para roçar os lábios em sua boca.

– Eu não vou estar longe – ele murmurou.

Ela corou, porque todo mundo tinha visto o beijo. Como poderiam não ter reparado?

Mia sorriu e trocou olhares conspiratórios com a Sra. Hamilton. Ambas pareciam encantadas.

Os homens foram se retirando da cozinha, deixando as mulheres.

– Tudo bem, sente-se, Bethany – Mia ordenou. – Você também, Sra. H. Não vai demorar muito tempo. Eu só preciso fazer o molho. O resto está todo pronto.

– Tem certeza de que não precisa de ajuda? – Bethany perguntou hesitante.

Mia balançou a cabeça.

– Sente-se, sente-se. Teremos nosso momento menininha. O que, por falar nisso, eu já disse a Jace, mas sei que ele não passou a informação adiante. Você precisa ir a uma boate comigo e com as minhas amigas. Você iria amá-las. São todas realmente fantásticas. Nós saímos de vez em quando, nos divertimos e então deixamos Gabe nos levar para casa depois. Eu fiz o erro de tomar um táxi para casa sozinha uma vez. Vamos apenas dizer que Gabe não ficou muito contente comigo.

Os olhos de Bethany arregalaram-se pelo convite e pelo fato de que Gabe tinha se irritado com a mulher.

Mia riu.

– Ele se descontrolou um pouco, mas superou. Para manter a paz, deixo-o fazer do seu jeito e agora vamos para casa de carro. Gabe fica feliz, então tudo funciona.

– Eu não bebo, mas gostaria de ir.

A expressão de Mia tornou-se compreensiva e ela estendeu a mão para apertar a de Bethany.

– Você e eu podemos beber água. Eu não tolero álcool muito bem. Eu tive uma ressaca da última vez.

Havia algo na expressão de Mia que incomodava Bethany. Quase como se Mia soubesse... Claro. Jace teria dito a ela. Bethany ficou quente enquanto uma onda rastejava por seu pescoço. Vergonha. Ela baixou o olhar e cruzou os braços para a frente em um gesto instintivo de proteção.

– Bethany?

A voz suave de Mia preencheu o silêncio.

– Desculpa. Foi algo que eu disse? – Mia perguntou.

Bethany levantou o olhar, respondendo à preocupação nos olhos de Mia.

– Foi a sua expressão. Ela disse tudo.

– Jace te contou sobre mim – Bethany disse sem rodeios. Ficou espantada por ser tão ousada e colocar tudo para fora. Não era típico dela. Evitava o conflito a todo custo. Certamente nunca instigara um.

Foi então que Bethany notou que a Sra. Hamilton tinha saído da cozinha discretamente. Mia caminhou ao redor do bar e subiu no banquinho ao lado de Bethany.

– Sim, ele me disse – Mia respondeu com a voz calma. – Não acho que ele teria feito isso por livre e espontânea vontade, mas quando eu sugeri que você fosse ao clube com a gente, ele

me avisou. Obviamente ele é muito protetor e sabe como as minhas amigas e eu nos comportamos quando saímos. Ele não queria que nós a empurrássemos para nada. Mas, Bethany, você tem que entender, o que ele me disse não me faz pensar mal de você. Só me faz pensar que o meu irmão encontrou uma mulher com quem ele se preocupa profundamente, e isso me deixa feliz. Você o faz feliz. Então, eu vou gostar de você, não importa o que está no seu passado.

Bethany engoliu o nó se que se formava em sua garganta.

– Espero que eu realmente o faça feliz – sussurrou. – Não tenho nada para oferecer.

Mia sorriu.

– E você acha que eu tenho alguma coisa para dar para um homem como Gabe? Como se ele não tivesse tudo o que poderia desejar ou precisar? Ele parece só querer a mim e está feliz com isso. Eu pressinto que com Jace é a mesma coisa.

Bethany sorriu de volta. Era difícil não gostar de Mia. Ela era genuína. Não tinha um pinga de falsidade.

– Ok, deixe-me terminar este molho – disse Mia, deslizando da banquetta. – Os homens da família vão começar a ficar agitados e ranzinzas.

Vinte minutos depois, todos estavam sentados à mesa formal de jantar. A peça central era linda. Belas poinsetias, vermelhas e vibrantes com elegantes velas em formato de cone de ambos os lados. Elaborados candelabros haviam sido posicionados sobre o aparador e as luzes foram contidas para lançar um brilho íntimo sobre a mesa.

Gabe e seu pai ocuparam as duas extremidades da mesa com a Sra. Hamilton à esquerda de seu marido e Mia à esquerda de Gabe. Bethany foi posicionada do outro lado da mesa de Mia entre Gabe e Jace, com Ash ao lado de Mia e transversal a Jace.

A comida estava deliciosa, mas Bethany se via perdida no fluxo da conversa. O problema de ser sem-teto e sem um centavo é que ela não tinha nada em comum com essas pessoas. Nenhum interesse em comum. Ela não tinha se mantido a par dos últimos acontecimentos. Estava desinformada sobre esportes, sobre o mundo das finanças, e tinha ainda menos noção sobre negócios.

Quanto mais a refeição se alongava, mais conspícua Bethany se sentia por causa de seu silêncio prolongado. Os outros estavam começando a olhar para ela com desinteresse e Bethany tinha colado um sorriso brilhante, balançando a cabeça e agindo como se estivesse concentrada em sua comida. E estava. Mesmo estando com Jace pelo tempo que já estivera até agora, ainda estava enraizado nela que não desperdiçasse uma refeição. Ainda vivia com a ideia de que ela nunca saberia quando seria a próxima, e por isso aproveitava ao máximo de cada uma de que gostasse.

Finalmente percebendo o seu deslocamento, Jace chegou por debaixo da mesa, esfregou a mão por sua coxa e depois espremeu levemente logo acima do joelho.

Jace se inclinou sobre ela para se encostarem e murmurou:

– Relaxe, baby.

Ela ficou mortificada quando pareceu que Gabe ouviu Jace. Ele olhou em sua direção, com os olhos suaves.

Bethany só queria que o chão se abrisse e a engolisse inteira. Melhor ainda, realmente só queria voltar para o seu apartamento. Estava com uma sobrecarga sensorial. Muitas pessoas.

Muita conversa. Não estava acostumada a ter que realizar sutilezas sociais.

Não é que eles fossem horríveis ou Bethany não gostasse deles. Era apenas estranho e fora de seu alcance. Ela se sentia completamente inadequada apesar das repetidas tentativas de Jace para fazê-la se sentir parte da família.

Isso seria por conta dela. Jace, sua família, ninguém a fizera se sentir dessa maneira. Era tarefa estritamente sua. Sua própria insegurança.

– Eu ameí a sua árvore – Bethany disse calmamente na direção de Mia.

Mia sorriu.

– Eu também. Adoro árvores de Natal. Jace sempre costumava me levar ao Rockefeller Center para ver a árvore iluminada. Era uma tradição pela qual eu ficava ansiosa. Foi onde Gabe me pediu em casamento.

O coração de Bethany pulava ao ver o calor instantâneo que se espalhava pelas feições de Gabe. O olhar dele estava preso em Mia.

– Eu também amo árvores de Natal – disse Bethany melancolicamente. – Nunca tive uma. Uma de verdade, quero dizer. Em uma casa de verdade.

Assim que as palavras saltaram de sua boca, ela quis morrer. Seu olhar de horror não pôde ser contido. Não podia acreditar que tinha acabado de soltar aquilo. Não poderia suportar ver as reações dos outros ao que havia dito.

Antes que dissesse algo a mais para se humilhar, ela pulou de seu assento. Jace tentou segurá-la, mas já estava fora de seu alcance. Ela deixou a mesa, dirigindo-se cegamente para a cozinha.

– Jesus – Ash murmurou. – Ela nunca teve uma árvore de Natal?

Jace estava de pé, dividido entre ir atrás dela e dar-lhe um momento para se recompor. Olhou para o amigo e, em seguida, para as expressões sombrias nos rostos de Gabe e Mia, e a simpatia suave nos olhos da Sra. Hamilton.

– Tem sido uma tortura para ela – Jace disse calmamente. – Todo esse dia. Merda, eu não deveria ter feito com que ela viesse.

– Será que nós dissemos alguma coisa errada? – Mia perguntou ansiosa.

– Não, minha pequena, você fez tudo certo. Eu aprecio isso. Só é difícil para ela. Não está acostumada a qualquer uma das coisas que nós tomamos como costumeiras. Ela não está acostumada a estar perto de pessoas, muito menos de pessoas que se importam. Ela estava uma pilha de nervos para encontrar todos vocês. Não queria me envergonhar – ele disse com um sorriso frágil. – Ela não acha que é boa o suficiente para mim.

– Que merda – Gabe murmurou. – Eu espero que você coloque um fim nessa palhaçada.

– Talvez devêssemos ir embora – Jace disse, lançando um olhar de desculpas para a mesa.

Mia assentiu e Gabe levantou-se, colocando a mão no ombro de Jace.

– Se precisar de alguma coisa, avise-nos.

– Pode deixar. Obrigado pelo jantar delicioso, Mia. Você se superou.

– Dê à Bethany nosso amor – disse Mia suavemente.

Jace sorriu.

– Darei.

=====

Conteúdo disponibilizado gratuitamente por Le Livros

=====

capítulo 25

Jace abraçou Bethany enquanto corriam para o frio, em direção ao carro que esperava por eles. Ela não encontrou seu olhar nenhuma vez depois que ele disse que estavam partindo. Mia e Gabe, porra, até mesmo Ash – *especialmente* Ash – tinham sido extremamente gentis com ela, abraçando-a e beijando-a em sua despedida e agindo como se nada tivesse dado errado.

Mas Bethany estava mortificada. Era evidente pelo corpo contraído e pela angústia em seus olhos.

Jace a levou para o carro e a manteve perto dele enquanto se misturavam ao tráfego. Ele já tinha dado ao seu motorista o destino quando ligou para dizer que estavam prontos para ir embora. Ela nem percebeu que tomavam a direção de nenhum dos seus apartamentos. Provavelmente pensou que Jace planejava levá-la para o apartamento dela. Pensou até que talvez ele passasse a noite com ela.

Como se ela fosse passar a noite de Natal em algum lugar que não fosse o apartamento dele.

Jace foi ficando cada vez mais impaciente com a distância entre eles. Queria que Bethany estivesse em seu apartamento, em seu espaço. Em sua cama, todas as noites. Não, não houve uma única noite desde que ele a mudou para o apartamento dela que eles tenham passado separados, mas muitas dessas noites foram na casa dela.

Sua mente lhe dizia para não mover as coisas muito rápido, para não forçar muito, que o resultado final poderia ser desastroso. Seu coração só queria... ela. Em seus braços, na sua cama, na sua vida. De qualquer maneira que ele pudesse fazer isso acontecer.

Quando eles pararam na frente da Saks Fifth Avenue, Bethany finalmente percebeu que eles não voltaram para o apartamento dela. Ela levantou a cabeça e olhou em volta, consternada.

– Onde estamos?

Ele se inclinou para silenciá-la com um beijo. Então abriu a porta e a puxou suavemente do carro.

– Jace, o que nós...

Ela parou de falar quando seu olhar foi ofuscado pela árvore de Natal que se erguia acima da pista de patinação no gelo. Lágrimas encheram os seus olhos imediatamente e isso fez com que o peito de Jace se apertasse dolorosamente.

– Oh, Jace.

Ela ficou em silêncio, com os olhos extasiados e iluminados de alegria. Observou imóvel, sua respiração condensando em uma nuvem.

– Eu vim aqui uma vez – sussurrou. – Foi o meu primeiro Natal na cidade. Meu e de Jack. Andamos quarenta quarteirões na chuva, porque eu queria ver isso, ao menos uma vez.

Jace lutava para respirar pela dor em sua voz. Suas mãos apertadas e em punhos cerrados.

– Há quanto tempo foi isso, Bethany?

Ela tinha 23 anos. Tão jovem e ainda assim parecia ser muito mais velha. Endurecida pelo tempo. Com o cinismo de alguém muito mais velho do que seus jovens anos. Ele não tinha certeza se queria saber exatamente há quanto tempo ela estava nas ruas.

– Quatro anos – ela murmurou.

Ele abafou o xingamento que escapava de seus lábios. Ela tinha vivido nas ruas de Nova York por quatro anos de merda. Ela tinha 19. Uma idade em que a maioria das meninas estavam ansiosas para o início de suas vidas. Recém-saídas da escola. Na faculdade. Se divertindo. Ganhando o mundo.

Ele estava mais determinado do que nunca a protegê-la de todas as coisas ruins em sua vida. Ele não permitiria que qualquer outra coisa a tocasse. Queria envolvê-la somente em coisas boas. Memórias felizes. Queria dar isso a ela.

– Vamos chegar mais perto – disse, com a voz trêmula de emoção.

Ela pegou sua mão, puxando-o para a frente. Ele não podia evitar um sorriso devido à animação dela. Seus olhos dançavam e seu rosto inteiro se iluminava igualzinho à árvore de Natal.

Bethany ficava tão bonita quando sorria que fazia as entranhas dele doerem. E cada vez que ela sorria, Jace ficava mais impressionado com o fato de que ela fazia isso tão raramente. Era outra coisa que ele estava determinado a mudar. Queria dar-lhe uma razão para sorrir todo santo dia.

Ela teceu seu caminho através da pequena multidão e depois parou em um local onde eles não ficariam batendo cotovelos em mais ninguém. Ela olhou para a árvore em silêncio, soltando as mãos se Jace para unir as suas diante dela.

Merda, ele devia ter garantido que traria as luvas. As mãos de Bethany estavam geladas. Aliás, ela não estava vestida adequadamente para estar do lado de fora. Ela trajava um casaco, mas era o mais leve dos dois que ele tinha comprado. Jace pensou que eles só sairiam do carro para ir para o apartamento e então de volta.

Mas ela não parecia notar o frio. Seu foco estava nos patinadores de gelo e ela exibia um leve sorriso de prazer.

De repente, seu rosto levantou e seus lábios se abriram com prazer.

– Jace, está nevando de novo!

Ela levantou as mãos, capturando os flocos à deriva nas suas palmas. Eles derretiam instantaneamente, mas ela correu atrás de mais.

Ela deu um giro, rindo enquanto a neve pousava em seu nariz e bochechas e grudava em seus cabelos. Jace ficou paralisado pela imagem dela. Tão linda que lhe tirava o fôlego.

– Sabe, essa é a primeira vez que eu fiquei animada com a neve – ela disse em uma voz melancólica. – Antes, eu sabia que se nevasse eu ficaria com frio e molhada e nunca conseguiria me aquecer. Mas agora? Eu posso apreciar a beleza e a elegância da neve caindo, porque sei que vou ficar aquecida e seca logo depois.

Aquelas palavras simples o cortavam até os ossos. Machucava-o saber que ela tinha levado uma existência espartana e solitária. Jace não sabia como ela pôde sobreviver. Se pensasse por muito tempo sobre o que poderia ter acontecido com ela, poderia perder o controle. Tentou se concentrar no fato de que o passado não importava mais. Que ela estava aqui e que

ele não a deixaria ir. Que ela nunca teria que voltar para essa vida.

Mas não era tão simples, porque aquela vida a tinha moldado, a fez quem ela era hoje. Tinha feridas que não haviam cicatrizado. Cicatrizes que corriam fundo por sua alma. Inseguranças que só o tempo iria apaziguar.

Ele a puxou bruscamente em seus braços, desejando-a contra ele, mais para reconfortar a si mesmo do que a ela. Bethany aceitava muito melhor as circunstâncias de seu passado do que ele.

– Obrigada por isso – ela sussurrou. – Eu nunca vou esquecer esta noite. A árvore é linda. E o fato de que eu vim vê-la com alguém que se importa comigo...

Se importa? Ele não se importava, porra. Ele a *amava*. Com cada parte de seu corpo. Era loucura. Insano. Lunático, até. Merdas assim não aconteciam na vida real. Você não encontra uma mulher e fica instantânea e completamente apaixonado por ela depois de a conhecer apenas por pouco mais de uma semana.

Mas aconteceu.

Jesus.

– Jace?

A voz preocupada de Bethany cortou seus pensamentos.

– Há algo de errado?

Ele deslizou a mão sobre sua bochecha e depois inclinou o pescoço para beijá-la.

– Não tem nada errado, baby. As coisas não poderiam estar mais certas.

Ela sorriu, seus olhos brilhando e refletindo as luzes. Em seguida, inclinou-se na ponta dos pés e o beijou. Era raro que ela iniciasse qualquer tipo de contato afetoso com ele. Não porque não quisesse. Mas ela era reticente. Sempre receosa em fazer a coisa errada.

Ele vivia por momentos exatamente como aquele, quando ela se esquecia das preocupações e se deixava aproveitar.

Seus lábios se moviam quentes sobre os dele, em contraste com o frio. Tão doce. Ele passou os braços em volta dela, levantando-a de maneira que suas bocas ficassem na mesma altura. Ela riu de alegria quando seus pés penderam de suas pernas. Descansando os braços nos ombros dele, enrolou as mãos ao redor de sua nuca e, em seguida, beijou-o novamente.

– Este foi o melhor Natal de todos os tempos.

Ele sorriu.

– Eu fico contente.

A expressão de Bethany ficou séria e a luz morreu em seus olhos.

– Sinto muito por ter arruinado as coisas na casa da sua irmã.

– Você não estragou nada, baby – disse ele suavemente. – Era pedir muito de você. Eu deveria tê-la apresentado a eles separadamente e antes que eu te jogasse aos lobos no Natal. Eu não estava pensando. Estava muito envolvido no desejo de que você os conhecesse e passasse um tempo com eles.

Ela pressionou sua testa contra a dele e suspirou suavemente sobre os lábios.

– Eu estou trabalhando nisso, Jace. Eu juro que estou. Estou tentando não pensar demais nas coisas e surtar. Quero ser alguém de quem você possa se orgulhar.

Ao ouvir isso a expressão do homem se fechou de maneira feroz e rápida.

– Eu tenho orgulho de você, cacete – rosnou. – Não existe nada em você de que eu tenha

vergonha.

– Ok, então talvez eu queira ser alguém de quem *eu* possa me orgulhar – sussurrou.

Ele a apertou e, em seguida, lentamente a colocou de volta no chão.

– Um dia você vai se ver como eu te vejo, meu bem. Nem que seja a última coisa que eu faça, vou fazer isso acontecer.

Bethany virou o rosto e, em seguida, colocou a língua para fora para pegar um floco de neve à deriva. Ela gargalhou quando um deles derreteu em sua boca.

De repente, ele não queria mais nada além de colocar seu pau no lugar onde aquele floco de neve estivera. Ele mesmo derretendo na língua dela. Gozando em toda sua boca.

Apesar do frio e da neve, o calor percorreu pelo seu corpo. O suor o banhava.

– Nós vamos embora agora – ele grunhiu.

– Ok – ela sussurrou.

– Minha casa.

– Ok.

– Eu vou te foder todinha, Bethany.

– O-k.

A resposta dela saiu tremida e arrastada, mas seus olhos diziam a verdade. Estava excitada. E isso era todo o incentivo de que ele precisava.

Agarrando a mão dela, Jace a puxou de volta na direção. Seria um esforço enorme para não comê-la no banco de trás do carro. Essa noite ele a possuiria à sua maneira. Não que na semana passada não tenha sido do seu jeito. Ele definitivamente ditara o ritmo, o como e o onde, mas ainda tinha sido... conservador.

Mesmo depois de ela ter sido clara que estaria disposta a participar de tudo o que ele quisesse fazer, Jace ainda se segurou, porque estava morrendo de medo de fazer merda.

Mas chega. Talvez se tivesse sido mais forte Bethany ainda não estaria tão insegura. Era uma mulher que precisava de estabilidade e segurança acima de tudo. Precisava de estrutura. Rotina. Todas as coisas que tinham sido negadas a ela.

Ela precisava de amor.

Seu amor.

Entraram no carro e todo o caminho até o apartamento foi silencioso e nervoso. A tensão sexual era palpável e estalava no ar, numa aura tangível que os rodeava. Os olhos de Bethany brilhavam na luz tênue emitida pelos postes que passavam. Seu cabelo estava deliciosamente revoltado e os lábios inchados dos beijos. Do jeitinho que Jace gostava.

Merda, ele precisava parar de olhar para os lábios dela. Seu pau já estava prestes a arrebentar para fora de suas calças. Ele tinha de se concentrar em outra coisa, porque tudo o que ele podia imaginar eram aqueles lábios inchados em volta do seu pênis.

Bethany passou a língua sobre o lábio superior, um gesto nervoso que o fazia gemer alto. Ela saltou quando um som escapou da boca de Jace e ele se estendeu automaticamente para tranquilizá-la.

– Meu deus, baby, se soubesse o que eu estava imaginando com os seus lábios e você vai e passa a língua sobre eles. Tem limite do que eu posso aguentar.

Um brilho entrou nos olhos dela.

– Quanto tempo nós temos?

Suas sobranceiras se franziram.

– De quanto tempo você precisa?

Ela deslizou a mão entre as pernas de Jace.

– Eu acho que isso depende de você.

Ele se atrapalhou para pegar o interfone.

– Pegue o caminho mais longo.

– Sim, senhor.

A mão de Bethany já tinha deslizado por dentro suas calças, para além de sua cueca. Sua respiração escapou em um longo silvo quando os dedos dela se enrolaram em torno de seu comprimento rígido. Em seguida, ela se inclinou para perto, a boca pairando perigosamente perto da dele.

– Eu tenho permissão para chupar seu pau?

Ele quase gozou no mesmo momento. O hálito quente de Bethany soprou sobre sua boca e ele precisou de todo o seu autocontrole para não rolá-la sobre banco e a foder até que ambos desmaiassem.

– Claro que sim – ele respirou.

– Me ajuda – ela murmurou enquanto puxava a braguilha.

– Feliz em ajudar.

Ele puxou as calças para baixo e ouviu o barulho do tecido. Ela as empurrou para baixo de suas coxas, permitindo que seu pau inchado e dolorido se erguesse.

– Diga-me como você quer – ela sussurrou.

Seu olhar encontrou o dele e Jace viu um brilho de incerteza. Seu coração se amoleceu. Ela estava tentando, mas também estava assustada e insegura. Ela queria que ele a dominasse. Ela precisava disso. Assim como Jace precisava dela.

A mão dele se embrenhou em seu cabelo e a trouxe para a frente, empurrando sua cabeça para baixo até a ponta do seu pau.

– Enfia tudo – disse.

A língua de Bethany timidamente encontrou a fenda de onde o fluido pré-ejaculatório já vazara e Jace gemeu quando ela traçou um caminho ao redor da cabeça de seu pau. Ele enrolou suas mãos ao redor da nuca dela, acariciando e massageando, oferecendo-a um encorajamento silencioso.

Ela deslizou a boca para baixo, por seu comprimento, engolindo centímetro por centímetro com sua boca quente e úmida. O prazer era intenso. Quase insuportável. Maravilhosamente foda.

– Quando eu disser para parar, para imediatamente, ok? – ele disse.

Ela olhou para cima, seu pau deslizando de seus lábios. Ela assentiu com a cabeça.

– Você é incrivelmente gostosa, baby. Mas se eu gozar agora, os meus planos para essa noite vão para a casa do caralho. Eu vou deixar você me excitar até chegarmos em casa. Mas aí eu vou te levar para a cama e te amarrar, te segurar, e te comer até você gritar meu nome.

Um arrepio energizou o corpo dela. Suas pupilas arderam e os lábios se entreabriram com um suspiro rápido. Seus batimentos aceleraram contra os dedos dele, ao redor do pulso. Jace

sorriu com a reação dela. Era definitivamente a hora de tomar menos cuidado. Estava pronta. Jace com certeza também estava.

Mas, ainda assim, daria a ela uma última chance de desistir. De lhe dizer caso não estivesse pronta. Ele nunca faria nada para pressioná-la demais, rápido demais.

– Se você não estiver pronta, você precisa me dizer agora, baby. Precisa entender o que vai acontecer hoje à noite. Eu me segurei porque não queria apressá-la. Não queria te sobrecarregar ou te assustar. Esta noite, porém, vai ser uma história diferente. Eu vou chicotear essa sua bundinha linda. Vou te deixar marcada. Vou ser seu dono. Vou te foder como você nunca foi fodida. Entendeu? Pode aceitar isso? Hoje à noite você vai entrar no meu mundo.

Ela assentiu lentamente, com os olhos arregalados.

– Tenha certeza, Bethany. Esteja muito certa. E em qualquer momento, se não for mais o que você quer, então me diga não. É simples assim. Você diz que não e vou parar. Instantaneamente.

– Ok – ela sussurrou.

– Você está com medo?

Bethany balançou a cabeça.

– É isso que você quer?

Ela assentiu com a cabeça.

– Baby, fale comigo. Você está começando a me preocupar.

Ela sorriu e ele sentiu um alívio esmagador. Ela não tinha medo. Ela realmente queria.

– Eu quero você, Jace. O verdadeiro. Eu não quero que se segure. O que você quer me deixa com tesão. Só espero que eu não *te* desaponte.

Ele gemeu.

– Jesus, baby, você tem que parar com essa merda. Você não vai me decepcionar. O fato de que está se dando tão docemente para mim. Que você confia em mim. Que vai me permitir fazer a merda que eu quiser com você. Isso é um sonho. De jeito nenhum, você não vai me decepcionar. Não é possível.

Ela se inclinou para beijá-lo, com as mãos enroladas em torno da sua ereção mais uma vez.

– Quanto tempo mais temos agora? – murmurou contra a boca dele.

capítulo 26

Bethany se ajoelhou no tapete do quarto de Jace, todo seu corpo tenso com antecipação. Jace caminhou ao redor dela, cercando-a como um predador cercaria sua presa. Ela se sentia deliciosamente caçada. Estava arrepiada dos pés à cabeça pensando em todas as coisas que Jace dissera que faria com ela esta noite.

Ela tinha dito a verdade quando contou que tinha tentado quase tudo durante a sua fase de sexo-para-esquecer. Esquisitice ou não esquisitice, estivera aberta a qualquer coisa. A diferença esmagadora, no entanto, era que nunca tinha feito nenhuma dessas coisas com uma pessoa que realmente se importava com ela e cuja prioridade era o seu bem-estar e prazer.

Ela estava positivamente ansiosa para experimentar tudo aquilo nas mãos de Jace. Amava o seu domínio, sua força e autoridade sobre ela. Amava sua mão firme. Mas sabia que ele estava se segurando, não dando a ela tudo o que tinha. Finalmente aquilo chegaria ao fim. Ou pelo menos ela esperava que chegasse.

A adrenalina vibrou por suas veias, embriagando-a de uma maneira que nunca havia experimentado. Nenhum comprimido ou droga tinha dado a ela algo próximo a isso. Se ao menos pudesse engarrafar aquela sensação.

Ela saltou quando a ponteira de uma chibata de couro deslizou por cima do seu ombro e desceu por entre os seios. Ela sequer tinha visto Jace indo buscá-la. Estava muito perdida em sua excitação.

Ele ainda estava vestido, e Bethany completamente nua. As mangas arregaçadas. Ela reagia a essa imagem. Jace parecia estar prestes a ir trabalhar. Trabalhar nela. Ela lambeu os lábios, subitamente nervosa, assustada, excitada e com muito tesão.

Jace, por sua vez, arrastou o fim da chibata sobre as pontas de seus seios. Seus mamilos endureciam enquanto ele os acariciava com o couro, induzindo-os a uma maior rigidez. Em seguida deixou a chibata descer para sua barriga e, em seguida, ainda mais para baixo, até que deslizou por cima do seu monte de vênus e, em seguida, por cima da curva de seu corpo entre suas pernas.

Ela engasgou quando o couro deslizou entre suas dobras, sobre seu clitóris e em sua umidade. Estava molhada. Muito molhada. Ele a esfregou levemente, indo para baixo até que tocou a abertura de sua boceta e então a trouxe de volta para cima para acariciar seu clitóris mais uma vez.

Sua respiração acelerou e Bethany fechou os olhos, arqueando-se para cima, impotente, incapaz de controlar suas reações às escovadas leves como uma pena. A chibata podia ser usada para o prazer. Tal como podia ser usada para a dor. O contraste a fascinava. A fez querer experimentar a sensação oposta. A pressão do couro contra sua pele, marcando-a como ele tinha prometido.

As marcas dele. Seu selo de posse. A prova de que era seu dono.

Deus, isso soava tão bárbaro. Tão incrivelmente delicioso e decadente. Possuída.

Protegida.

Querida.

Ela gemeu baixinho quando ele levantou a chibata através de seus pelos e de volta para seu montinho. Em seguida, Jace levou a ponta até sua boca, seus olhos arregalaram quando ela adivinhou a intenção dele.

– Lambe até secar – disse ele com voz rouca. – Lambe os seus fluidos no couro, Bethany. Prove a si mesma. Prove o seu desejo.

Hesitante, ela esticou a ponta da língua para o couro, os olhos colados a ele, buscando sua aprovação. Havia satisfação nos olhos de Jace. Nenhum sinal de desapontamento.

Ficando mais ousada, ela aprofundou a chibata em sua boca. Sem nunca deixá-lo escapar de seu olhar, ela sugou suavemente e em seguida passou a língua pela superfície, capturando o leve odor da sua umidade.

Sem aviso, ele puxou a chibata para longe e bateu-a ao lado de seu peito, acertando o mamilo e a aréola com a borda plana.

Fogo – e surpresa – a dominaram de súbito e ela engasgou, balançando-se sobre os calcanhares. Foi a sensação mais desconcertante. Dor. Instantaneamente aguda. Mas, então, era uma dor latejante que desaparecia lentamente para um zumbido quente. Estranhamente viciante que a fazia querer mais. Queria a queimadura porque sabia o que viria a seguir.

Seus mamilos estavam em chamas. Extremamente duros, enrugados e rígidos, estendendo-se para fora como se estivessem implorando a chibata. Ela seria louca? Estava praticamente implorando para que batesse nela de novo.

Ele bateu no outro seio e o fogo explodiu sobre aquele mamilo. Ela fechou os olhos e balançou, bêbada no zumbido instantâneo que se instalou em seu sangue.

– Você ficaria gostosa com piercings nos mamilos – Jace disse em uma voz sedosa.

Seus olhos se abriram de surpresa. Jace não parecia um homem que apreciava piercings em uma mulher com quem estivesse envolvido.

– Ninguém jamais os iria ver além de mim – ele murmurou. – Será o nosso pequeno segredo. E me deixaria louco saber o que estaria por de baixo de seu sutiã.

Aquilo a fez querer correr para rua e encontrar o local mais próximo para perfurá-los. Mas, ai, ia doer. Parecia doloroso e não de um jeito bom.

– Sobe na cama – ele ordenou. – Fica sobre suas mãos e joelhos, bunda para fora da borda. Mantenha a posição, não importa o que eu faça. Você não deve se mover. No entanto, tem permissão para fazer qualquer som que queira. Eu quero ouvi-los. Quer ouvir cada suspiro, cada grito, cada gemido quando a chibata atingir sua pele.

Ela se abaixou com as mãos para empurrar-se para cima, sabendo que não teria mais nenhuma chance de ficar parada. Já estava embriagada de desejo. Balançou vacilante e ele imediatamente estendeu a mão para agarrar-lhe o braço, garantindo que não caísse. Quando se certificou de que estava firme, Jace a soltou e ela se arrastou para a cama, se posicionando exatamente como tinha sido ordenado.

– Agora, coloque a sua bochecha no colchão, bunda para cima, cabeça para baixo. Coloque

seus braços para cima da cabeça e plante as palmas das mãos sobre a cama. E deixe-as lá.

Lentamente, ela baixou a cabeça, seu estômago se apertando com a vulnerabilidade da posição. Estava completamente indefesa daquela forma. Impotente.

Para sua surpresa, Jace se afastou, mas voltou com a mesma rapidez. Agarrou um tornozelo dela, puxando com firmeza, afastando mais as coxas com força, de modo que sua boceta ficasse completamente à mostra. Então, para seu choque, ele começou a passar uma corda em torno de seu tornozelo. Ela sentiu puxar tão forte que não podia sequer movê-lo e percebeu que Jace estava dando um nó na outra extremidade ao pé da cama.

Putá merda. Realmente ficaria completamente indefesa!

Quando terminou com aquele tornozelo, mudou-se para o outro e o prendeu de forma idêntica à cabeceira da cama. Ela estava estendida largamente, os tornozelos afastados e amarrados com segurança.

Bethany imaginou que estivesse terminando, mas depois ele deu a volta para o outro lado da cama e, com o canto do olho, ela viu que tinha mais corda.

Silenciosamente, ele puxou suas duas mãos, atraindo-as para cima de sua cabeça de maneira que seus braços formasse um V. Em seguida, enrolou a corda em torno de seus pulsos, prendendo-os juntos. Ele puxou a corda para baixo em direção ao chão e amarrou-a na estrutura da cama de modo que Bethany ficou esticada para a frente, seu corpo sendo puxado em várias direções diferentes.

Fora imobilizada. Não tinha escolha a não ser sofrer o que fosse que ele escolhesse fazer. Sua única defesa era a palavra *não*, e estava determinada a não usá-la. “Não” ainda não tinha sequer entrado em sua mente.

Ela queria muito isso. Queria todo o poder do desejo de Jace. Chega de se segurar. Sem mais daquela cuidadosamente orquestrada moderação.

Ela virou a cabeça para o lado, procurando-o, mas não conseguiu enquadrá-lo em seu olhar. Mas ele estava lá. Perto. Ela podia sentir. Toda aquela apertada tensão buscando uma forma de escape.

Ela estremeceu quando a ponta da chibata passou entre suas omoplatas e em seguida arrastou uma linha sedutora por sua espinha até a fenda de seu traseiro. Ele a deixou e Bethany prendeu a respiração, mas não foi golpeada imediatamente. Jace esperou, até que ela foi forçada a expirar e, então, o fogo se espalhou por suas nádegas.

Ela suspirou, se esticou e em seguida fechou os olhos quando o calor se transformou em euforia, quente e pecaminosamente prazerosa. Um zumbido inebriante entrou em sua corrente sanguínea, invadiu sua mente, sua alma.

– Fale comigo, Bethany. Eu quero saber o que você está sentindo. Cada passo do caminho.

A voz rouca de Jace fez seus olhos se abrirem. Ela piscou, lutando para ao menos encontrar as palavras. Como poderia?

Outro golpe, mais forte, mais cheio de força dessa vez. Seu gemido ficou preso na garganta e, antes que pudesse ser transmitido para um de dor, ele se transformou em um gemido de prazer, vibrando bem fundo desde o seu âmago.

– Diga-me – ordenou novamente.

– É dor – disse ela, uma dúvida em sua voz.

A chibata deixou sua bunda marcada onde encostou, sobre a pele sensível.

– Demais?

Havia preocupação em sua voz. A promessa de que, se ela dissesse a palavra, Jace pararia.

– Não!

Seu protesto foi imediato. Uma negação. Ela não queria que parasse.

– Dói, mas depois é gostoso – ela sussurrou. – Um prazer belo e delicioso. Como nada que eu já senti. A dor é apenas dor. Mas o prazer é indescritível. Me faz desejar a dor, porque eu sei o que se seguirá.

– E você quer me dar isso? Quer que eu te dê mais?

– Sim – ela respirou. – Por favor. Por favor.

Jace se inclinou para beijar a carne que ardia em suas nádegas. Seus lábios pressionaram a pele macia, enviando um arrepio tremulante através de seu corpo. Então ele se afastou e desceu a chibata, dando a ela o que queria. Dor. Calor. Fogo ardente que passava por debaixo de sua pele e se espalhava por todos os músculos e articulações.

Ela ficava fraca enquanto a onda inebriante de prazer pulsava por ela como fogo selvagem. Imprevisível. Repentina. Avassaladora.

– Você gosta da dor – ele sussurrou. – Eu gosto de causar dor. Mas dar prazer, vê-la arquear-se para o beijo da chibata, é mágico. Eu quero muito te dar mais.

Ela suspirou, fechando os olhos enquanto esperava pela próxima onda de prazer. Ele a recompensou com outra chicotada. Mais forte dessa vez. Penoso e ainda assim muito agradável.

– Vamos ver o quanto você aguenta.

A voz dele era incrivelmente sexy, atizando o fogo dentro dela. Até semelhante ao inferno, soprando selvagem, queimando sua pele. Ela não conseguia se mover. Não podia escapar. Era sua prisioneira. Sua prisioneira voluntária. E ia às alturas a cada demonstração de seu domínio.

Ele excitou sua bunda com diferentes chibatas. Algumas mais duras, outras mais suaves. Nunca no mesmo lugar duas vezes. Levou-a a um frenesi até que ficasse ofegante, implorando, pedindo mais e mais sem ter certeza do que estava pedindo.

A dor havia muito fugira. Havia só o mais doce dos prazeres. Um *êxtase* como ela nunca tinha imaginado. Ninguém nunca a havia levado em uma jornada tão incrível.

Então, mãos fortes seguraram sua bunda, tocando na carne já muito sensível. Separando-a, abrindo-a. O pau se encostou na abertura de sua vagina e pressionou para dentro, parando quando ele a esticou em torno de seu diâmetro.

Ela prendeu a respiração e se deleitou com a sensação. Esticando. Queimando. Tão deliciosamente preenchida.

Ele empurrou para dentro, as mãos deslizando até a cintura, segurando-a, mesmo sem precisar mantê-la abaixada. Ela estava impedida de se mover pelas cordas. Suas pernas estavam estendidas, com os braços presos acima de sua cabeça.

Mas seus dedos mergulhavam em sua cintura e escorregaram até os quadris, apertando enquanto ele empurrava profundamente em seu corpo.

Ele ainda não estava todo dentro. Parou, respirando com dificuldade, seus dedos pressionados contra a pele dela, marcando-a como a chibata tinha marcado sua bunda.

– Ok, baby? – sussurrou.

Ela não respondeu. Não podia. Mas não disse “não” e então ele forçou o resto do pênis para dentro, selando seus corpos juntos enquanto as bolas dele eram pressionadas contra ela.

No começo, ele a fodeu suavemente, retrocedendo apenas para enfiar com facilidade outra vez. Mas à medida que ela ficava mais molhada em torno dele, a entrada ficava mais fácil e ele acelerava o ritmo. Seus movimentos se tornavam mais poderosos. Seu corpo inteiro se balançava com a força dos golpes.

Seus quadris batiam contra a bunda dela. Ele enfiou profundamente. Tocando uma parte dela que nunca tinha sido tocada antes. Toda vez que acariciava aquele local, seu corpo inteiro chacoalhava e prazer disparava por suas terminações nervosas, deixando-a perigosamente perto de gozar.

Era como se não tivesse controle algum sobre seu próprio corpo. Ele ordenava. Ele possuía.

Jace pressionou dentro dela com um gemido profundo, forçando para cima e para dentro, seu corpo apertado com tanta força contra o dela que suas pernas se esticavam na corda.

– Você está perto? Eu quero você comigo, baby. Não vou gozar sem você.

Seu coração derreteu. Tanto daquela cena era sobre ele. Seus desejos e vontades. E ainda assim estava absolutamente focado no prazer dela. Ele verificara constantemente para se certificar de que não estava forçando demais, que ela estava bem com tudo o que fazia.

As vibrações do orgasmo dela haviam começado há muito tempo. Provavelmente já teria gozado se tivesse cedido ao impulso. Mas cerrou os dentes e o afastou, queria gozar quando ele gozasse. Juntos.

– Eu estou perto – disse baixinho.

– Diga-me o que fazer, baby. Diga-me como ajudar.

– Só me toque – ela sussurrou. – E me coma com força, Jace. Não seja suave. Eu preciso que você faça forte e rápido. Quero que você meta fundo.

O rugido dele ecoou pela sala como se suas palavras contundentes o fizessem perder os últimos vestígios de controle. Estava como um louco. Desvairado. Começou a bombear dentro dela tão forte e tão rápido quanto ela pedira.

A sala ficou embaçada em torno dela e seu orgasmo crescia e crescia e, incrivelmente, crescia um pouco mais, até que todo o seu corpo era um elástico gigante esticado ao máximo. Oh Deus, ela não poderia aguentar muito mais. Precisava se liberar e a explosão ainda não tinha acontecido. Ainda estava subindo, mais e mais alto, até que ela não podia respirar, não podia pensar, não podia processar qualquer coisa que não a tensão insuportável que se enrolava em seu ventre.

Ela fechou os olhos. Seus dedos se curvaram em punhos acima da cabeça. Seus joelhos estavam presos, e ela se curvava para trás enquanto levantava a cabeça, tentando desesperadamente conseguir alívio da dor viciosa que a atacava.

Ele enfiou novamente. Forte. Quase selvagem. Porra, *era* selvagem. Cada empurrão poderoso a deixava sem fôlego até seus pulmões gritarem por misericórdia.

Bethany cerrou os dentes, tensionada da cabeça aos pés. Ele precisava gozar agora. Ela não aguentaria mais, ia ceder.

E, em seguida, um *flash* tumultuado rugiu sobre ela como uma onda. Voraz. Poderoso.

Consumindo-a por inteiro. Seu corpo saiu voando em uma dúzia de direções diferentes. Algo dentro dela se soltou. Alívio da incrível tensão.

Bethany caiu na cama, o rosto pressionado contra o colchão. Olhos fechados, corpo mole, ela ficou deitada enquanto Jace continuava a bombear em seu corpo. Cada impulso enviava um arrepio delicado, quase insuportável, pela boceta dela. Estava hipersensível. Tanto que cada movimento era uma deliciosa espécie de agonia.

Ela choramingou, Jace ficou imóvel dentro dela e então ela o sentiu pulsar. Estava escorregadia com seu sêmen, mas ainda assim, Jace se manteve ali, seu pau se contraindo até que o fim da sua liberação fosse arrancado.

Ele se inclinou para a frente, seu corpo pressionado calorosamente ao dela. Beijou o centro de suas costas bem entre as omoplatas, enquanto suas mãos fervorosamente patinaram até a lateral dela e, em seguida, voltaram para abraçar seus quadris.

– Tão linda – murmurou. – Eu nunca vi nada mais belo do que você amarrada à minha cama, boceta aberta, esperando por mim, com a bunda vermelha da minha chibata.

Bethany estremeceu sob ele e, em seguida, Jace a empurrou para cima, retirando-se ainda molhado de dentro dela. Saiu da cama, seus passos desapareceram na distância.

Ela ficou lá, saciada, exausta, seu corpo em uma delicada vibração residual. Deixou-se levar, existindo em uma névoa entre a consciência e a inconsciência. Incerta de quanto tempo tinha realmente passado, foi despertada quando as mãos de Jace deslizaram de volta sobre sua bunda. Quando ele se inclinou, seu pênis estava rígido novamente, surpreendendo-a. Devia ter passado mais tempo do que ela percebera.

Ele a queria novamente.

Seus braços e pernas doíam de ser puxada com tanta força pelas cordas, mas Bethany não reclamou. Ele cuidaria dela depois. Nunca forçaria demais. Ele parecia muito em sintonia com os limites dela e exibira extrema paciência até aquele momento. Bethany confiava nele.

– Agora vou comer esse seu lindo cuzinho – ele murmurou perto de sua orelha. – Estive sonhando com isso. Você está em uma posição perfeita. Pernas abertas. Deitada de bruços. Impotente. Não há porra nenhuma que possa fazer. Vou gozar na sua bunda toda. Dentro e fora. Vou meter tão fundo que você vai me sentir no seu umbigo.

Um arrepio de corpo inteiro traçou um caminho dos ombros aos pés de Bethany. Solavancos gelados irradiaram por sua pele até que cada parte de seu corpo vibrou com consciência.

Ele se levantou para longe dela novamente e retornando alguns segundos depois. Algo quente escorria sobre a fenda de seu traseiro. Em seguida, Jace abriu suas nádegas e apertou mais sobre sua abertura. Seus dedos deslizavam sobre a área, espalhando o lubrificante, parando sobre sua entrada antes de pressionar para dentro.

Um dedo deslizou facilmente através da barreira, cobrindo a abertura e um pouquinho do interior. Então, ele acrescentou mais lubrificante e enfiou outro dedo, esticando-a para acomodar ambos os dedos.

Ela gemia baixinho, a ardência em seu ânus era afiada. Não muito diferente da chibata. Ambas eram prazerosas. Apenas de maneiras diferentes.

– Eu deveria passar mais tempo te preparando – disse ele em uma voz tensa. – Mas não posso. Eu quero demais. Eu preciso que você relaxe e trabalhe comigo, baby. Eu vou tentar ir devagar.

Ele retirou os dedos e em seguida acrescentou mais lubrificante suavemente ao redor da abertura. Depois, a brusca cabeça de seu pau pressionou contra a entrada. A pressão foi aumentando enquanto o corpo dela resistia, recusando-lhe a entrada.

Um rosnado baixo soou na garganta de Jace. Ela estremeceu novamente, excitada, pegando fogo, queimando. Só para ele.

– Me deixa entrar, baby. Relaxe. Não lute contra.

Bethany prendeu a respiração e deixou escapar um longo suspiro quando tentou se forçar a fazer o que ele mandava. Deixou escapar um gemido quando ele empurrou sem parar para frente, abrindo seu corpo para o avanço. Ela manteve a boca fechada, temendo que ele parasse. Mas Jace não parou. Ele parecia muito distante para perceber qualquer sinal de sofrimento dela.

Jace continuou a exercer pressão constante, empurrando, empurrando, até que finalmente o corpo de Bethany cedeu e ele se afundou até a metade do caminho. Suas mãos apertadas na cintura dela, os dedos flexionando espasmodicamente.

– Caralho, meu bem – Jace gemeu.

Ele puxou para trás, seu pau arrastando sobre a carne sensível, estendida. A abstinência era potente, extremamente agradável, o alívio enorme. Mas, então, empurrou para a frente novamente e a resistência natural do corpo dela se pronunciou, tornando difícil e doloroso enquanto pressionava para chegar às bolas.

– Porra – disse em uma voz estrangulada. – Deixa eu enfiar tudo. Caralho, Bethany. Olha o que você faz comigo.

Ele se arrastou para trás, recuando lentamente, a abertura dela pulsando em torno dele. Quase a deixou, mantendo apenas a cabeça do pênis enfiado dentro de seu ânus. Esperou a abertura se fechar, abraçada em torno da cabeça de sua pica, e então impiedosamente a abriu novamente, empurrando para frente, sua força superando a resistência.

A boca dela se abriu em um grito silencioso. Sua respiração se apressou através de suas narinas e então, incapaz de sugar o ar suficiente pelo nariz, ela desistiu e o engoliu em bocadas, o peito arfante contra o colchão enquanto lutava contra o bombardeio de sensações divergentes.

Dor. Prazer. Medo. Excitação. Impotência. Força. Prazer implacável.

Segurança.

Conforto.

Sua posse.

– Eu vou cuidar de você depois – ele murmurou enquanto ele se inclinava para frente, seu pênis empurrando pela abertura distendida. – Esta é para mim.

E então começou a bater contra a sua bunda, suas coxas batendo contra as nádegas, cada impulso enviando uma onda de choque através de seu corpo. Ele espalmou suas nádegas, empurrando-as para cima para deixar o ânus mais acessível. O movimento estendeu a apertada abertura em torno de seu pênis e ele soltou um gemido baixo.

Ele próprio se alavancou para cima e sobre ela, colocando todo o seu peso para que ficasse totalmente por cima. Acobertando-a. Cobrindo cada centímetro de suas costas enquanto seus quadris mexiam para dentro e para fora, entrando profundamente na bunda de Bethany.

Seus dentes roçaram o ombro dela. Suas mãos estenderam-se pela cabeça para encontrar as dela, com suas palmas segurou os pulsos dela que estavam presos e agarrou-a com força enquanto ele continuava a se bater contra seu corpo.

Jorros quentes de sêmen explodiram em Bethany. Ele continuou estocando, cada movimento para frente depositando mais de sua liberação profundamente em seu corpo. Assim por diante, num fluxo aparentemente interminável, ele enfiou mais fundo, até que finalmente caiu contra ela, seu corpo arfando com esforço.

Seu pau estava preso dentro do ânus e se contorcia com os últimos vestígios de orgasmo. Parte do sêmen tinha trilhado um caminho para fora com as fortes estocadas e deslizava calorosamente entre suas pernas.

Ele ficou ali por um bom tempo, dentro dela, enquanto sua respiração se acalmava e sossegava. Ele beijou seu ombro e depois alisou seus braços com as mãos e, em seguida, para baixo pelos lados dela.

– Tão linda – sussurrou. – Minha. Você é minha, Bethany. Você pertence a mim. Apenas a mim.

Ela não ia discutir. Estava perfeitamente satisfeita em ser sua por quanto tempo ele desejasse. E tentou não pensar em quão curto esse espaço de tempo poderia ser.

capítulo 27

Jace levantou-se calmamente da cama, com cuidado para não acordar Bethany. Ela estava dormindo profundamente. Não tinha feito nenhum movimento desde que ele a desamarrou e a levou para o banheiro, para um banho, cuidando dela antes de colocá-la na cama. No momento em que a sua cabeça atingiu o travesseiro, ela adormeceu. O que era bom, já que, para que Jace pudesse realizar a sua surpresa da manhã de Natal, ele definitivamente precisava que ela estivesse alheia.

Jace tinha ficado com um nó no estômago ao ouvir que ela nunca teve uma árvore de Natal, mas o que o machucava mais era que ele ainda não tivesse decorado uma no apartamento. Na casa deles. Ele não tinha sequer colocado uma árvore para ela no outro apartamento onde ela passava parte do seu tempo. Árvores natalinas eram uma das coisas que sempre tinha feito, sem falta, por Mia enquanto ela crescia. Ele a levava para ver a iluminação da árvore no Rockefeller Center. Mas quando ela ficou mais velha e passaram a viver em residências separadas, Jace deixou de se preocupar em enfeitar uma árvore para si. Simplesmente não fazia qualquer sentido quando era apenas dele, e por isso ainda não tinha pensado em colocar uma árvore para a Bethany.

Depois que chegaram em casa, e que Bethany adormeceu, depois de terem feito amor, ele fez algumas ligações de emergência, e Gabe, Mia e Ash vieram trazendo uma árvore artificial e enfeites com os quais eles calmamente decoraram a sala de estar. Jace deixou as luzes piscando de maneira que Bethany pudesse vê-las quando entrasse na sala na manhã seguinte. Ele mal podia esperar para ver seu rosto. Além do mais, iria se certificar de que ela nunca mais ficasse sem uma árvore.

Ele foi até a sua cômoda e abriu a gaveta de cima, tirando o pequeno presente embrulhado para Bethany. Então voltou para a cama, olhando para a janela, enquanto os primeiros raios de luz iluminavam delicadamente o quarto.

Ela ficava bonita na pálida luz do amanhecer. Seus cabelos espalhados sobre o travesseiro, seus dedos segurando os lençóis. Na cama dele. O lugar ao qual ela pertencia.

Ele se arrastou de volta para a cama, colocando o presente entre eles, enquanto se apoiava nos próprios cotovelos, contente em observá-la enquanto dormia. Ele podia esperar. Amava vê-la acordar, com os olhos sonhadores e contentes. Embaçada de sono, um sorriso suave no rosto. Era o jeito que despertava todas as manhãs. Como se ela fosse grata por cada momento longe de sua antiga vida.

Doía saber que ela em algum momento viveu essa vida. Ele daria qualquer coisa para ser capaz de apagar o passado de Bethany. Mas não podia mudá-lo. Ele, no entanto, podia com certeza mudar o futuro.

Depois de alguns momentos, incapaz de resistir à tentação, esticou os dedos para desenhar

as linhas suaves do rosto dela. Seguiu a curva de sua bochecha, apreciando a pele acetinada.

Os cílios de Bethany se agitaram e seus olhos se abriram, imediatamente encontrando o seu olhar. Seus olhos eram suaves e doces, nublados mas agradecidos, como se fosse a mulher mais satisfeita do mundo. Que homem não amaria que sua mulher acordasse com esse tipo de olhar no rosto? Como se não houvesse outro lugar na Terra em que preferisse estar.

– Feliz Natal – murmurou enquanto se inclinava para beijá-la.

– Feliz Natal – ela devolveu.

Jace empurrou a caixa sobre a cama para que ficasse bem na frente dela.

– Eu comprei um presente para você. Bem, é apenas um dos presentes que comprei.

Seus olhos se arregalaram.

– Jace, nós concordamos em não trocar presentes.

Ela parecia genuinamente angustiada e o peito de Jace pesou. Ele pousou o dedo sobre os lábios dela para a silenciar.

– Não, *você* concordou em não trocar presentes. Eu nunca fiz qualquer acordo desse tipo – disse gentilmente.

– Mas eu não tenho nada para te dar – disse em agitação.

Ele sorriu, todo o seu coração amolecendo.

– Depois do que você me deu na noite passada, pode honestamente dizer isso?

Ela corou e baixou o olhar. Jace não permitiria isso, no entanto. Ele inclinou o queixo dela para cima com o dedo, forçando-a a olhar para ele de novo.

– Bethany, você me deu algo mais precioso do que eu jamais vou poder dar. Deu sua confiança. Deu-se a mim.

Suas bochechas ficaram cor-de-rosa, mas foi prazer que brilhou em seus olhos.

– Agora, abra o presente. Eu queria dar esse para você separadamente.

Ela se levantou, para que pudesse sentar de pernas cruzadas na frente da caixa. Olhou para o embrulho como se fosse mordê-la. Então, hesitantemente puxou o laço do topo e rasgou o papel.

Precisou de duas tentativas antes de conseguir abrir a caixa e, em seguida, segurou uma intrincada gargantilha de couro com uma enorme lágrima de diamante bem no meio, projetada de forma que descansasse na concavidade de sua garganta.

Ele passara muito tempo procurando pela joia ideal. Não era apenas um colar. Longe disso. Era um selo de sua posse. Um sinal de que era sua propriedade. Era uma... coleira. Não que ele fosse dizer isso a ela. Mais tarde. Quando ficasse mais confortável naquele relacionamento. Por enquanto, ficava contente em saber que só ele sabia o que era e que Bethany iria usá-la.

Ele pesquisou por gargantilhas de diamante. Viu pedras preciosas lindamente dispostas em uma variedade de padrões decorativos. Mas nada tinha se destacado como sendo algo adequado para Bethany. Até que viu aquele design de couro rústico. Mandou adicionar a lágrima de diamante, pois isso elevava a gargantilha de couro simples à mais elegante e cara. Algo mais digno da mulher que ele considerava sua.

– Jace, é linda – ela sussurrou. – Coloca em mim?

Enquanto falava, estendeu a gargantilha, quando ele a tomou, ela se virou, apresentando-lhe

suas costas. Bethany chegou para trás e levantou o cabelo e Jace prendeu a joia em volta do seu pescoço, travando-a nas costas. Encaixou perfeitamente, abraçado ao esbelto pescoço de Bethany.

Quando ela se virou, ele foi capaz de ver o efeito completo e era magnífico. Seu pau inchou e seu corpo ganhou vida ao ver seu colar em volta do pescoço de Bethany. Ela era sua e agora o mundo saberia.

As faixas de couro fluíam em um padrão delicado, cruzando-se pelo caminho que traçavam em torno de seu pescoço. O diamante oscilava no centro, fazendo o colar parecer elegante e delicado. Exatamente como a Bethany. Ficou perfeito. *Ela* era perfeita.

– Eu quero que você use isso sempre – disse em voz baixa. – Nunca tire. Prometa.

Ela arregalou os olhos, mas seu rosto estava corado de felicidade.

– Eu prometo.

Jace se inclinou para a frente, tomando sua boca, roubando-a com a língua até que ambos ficassem sem fôlego.

– Ponha um dos meus roupões para não ficar com frio. Eu vou ligar a lareira e você pode abrir o resto dos presentes.

Seus lábios se torceram em uma careta infeliz.

– Queria que você não tivesse me comprado presentes.

Ele sorriu.

– Difícil, baby. Você precisa se acostumar com o fato de que eu vou mimá-la em todas as oportunidades. Comprar presentes de Natal para você é o *meu* presente. Vê-la feliz é o melhor presente que poderia pedir. Assistindo a você abrir as coisas que eu comprei faz desse o melhor Natal que já tive.

Ela o surpreendeu ao lançar-se em seus braços. Agarrou-o e o jogou de costas na cama. Abraçou-o com força, salpicando o seu rosto de beijos.

– Obrigada. Você não tem como saber o que isso significa para mim – ela sussurrou.

Ele sorriu ternamente para ela enquanto tirava o cabelo do seu rosto.

– Não tanto quanto você significa para mim. Isso eu posso garantir.

Ele deu um tapinha na bunda dela e, em seguida, disse:

– Agora vamos levantar. Tem uma surpresa na sala de estar.

Ela soltou um suspiro exagerado.

– Jaaace. – Seu nome saiu como um uivo lamentoso, mas ele apenas sorriu e a tirou de cima dele.

– Vamos lá. É manhã de Natal. Hora de mexer sua bunda para fora da cama, para que possamos comemorar.

Ela sorriu, os olhos brilhando de emoção. Apesar do fato de que tinha sido afirmativa ao dizer que ele não deveria comprar presentes, não havia maneira de não aproveitarem ao máximo o primeiro Natal que passavam juntos.

Ele entregou um roupão para que ela não sentisse frio. Não a queria vestida porque planejava que passassem o dia na cama logo depois que ela visse a árvore e abrisse os presentes.

Parando apenas para colocar a calça do pijama, ele puxou a sua mão e a guiou para a sala.

Ela chegou a parar completamente quando viu a árvore com centenas de luzes brancas e os

presentes empilhados abaixo. Lágrimas imediatamente encheram os seus olhos e sua boca se abriu.

Ela se virou para ele, com uma expressão de alegria e surpresa.

– Como você fez isso? Oh, Jace, é lindo! Eu amei!

Ele a puxou em seus braços e a beijou na testa.

– Feliz Natal, baby. Agora vamos abrir seus presentes.

Ela por pouco não correu para a árvore como uma criança ansiosa na manhã de Natal. O coração de Jace doía ao pensar que ela nunca tivera essa experiência, mas estava loucamente feliz por ser o homem que dava isso para ela.

– Eles são tão bonitos que eu não quero nem abrir – disse Bethany em um tom abafado, reverente.

Ele riu.

– A diversão está em rasgar o papel o mais rápido possível.

Sem precisar de incentivo maior, ela rasgou os pacotes, exclamando em deleite quando descobria o conteúdo de cada um. Seus favoritos foram os sapatos. Ele comprou vários pares de sapatos sexy, de salto alto e brilhantes. De todas as coisas que ela amou quando foi levada para fazer compras pela primeira vez, os sapatos foram o que mais chamaram a sua atenção. Bethany olhou melancolicamente para vários pares e depois se encolheu com os preços nas etiquetas.

Em segundo lugar na sua lista de favoritos estava a enorme cesta de chocolate quente gourmet em uma variedade de sabores, de chocolate ao leite a chocolate escuro.

Depois que abriu todos os presentes, ela se lançou em seus braços e os dois acabaram no chão, Jace deitado de costas rindo enquanto Bethany salpicava o seu rosto com beijos novamente.

Ele olhou para ela, observando seu belo sorriso e a alegria que ardia em seus olhos.

– Tenho que dizer, este é o melhor Natal de todos os tempos – disse em voz baixa.

– Espere, essa é a minha fala – protestou ela. – E como pode dizer isso? Eu não te comprei nada!

Ele balançou a cabeça solenemente.

– Tudo que eu queria está aqui nos meus braços. Você sorrindo e olhando para mim como se eu tivesse acabado de te entregar o mundo. Nunca vai haver um presente melhor do que esse, baby.

capítulo 28

Bethany se agitou quando Jace escorregou por debaixo dos lençóis. Ele se inclinou para beijar-lhe a testa e murmurou:

– Durma, baby. Eu tenho que ir ao trabalho hoje. Você pode ficar aqui.

Ela se sentou, puxando os lençóis para cobrir os seios. Era uma ideia absurda pensar que devia tentar se esconder. Bethany tinha passado a maior parte do Natal nua. Nos braços de Jace. Ele fez amor com ela até os dois caírem em um sono exausto.

Mas agora ela se sentia autoconsciente e um pouco nervosa. Sua mão escorregou para a gargantilha que ele tinha lhe dado e ela traçou as linhas do desenho do couro com a ponta do dedo.

Não se sentia confortável em ficar no apartamento de Jace durante todo o dia, quando ele não estava lá. Nenhuma das suas coisas estavam lá. Era o lugar de Jace. Definitivamente o apartamento de um solteirão. Tinha aparência e odor completamente masculinos. E, enquanto ela não tinha muito, pelo menos o apartamento em que estava hospedada parecia feminino. Estava confortável lá. Estava começando a parecer como algo dela.

– Na verdade, eu pensei em voltar para o meu apartamento, se você for para o trabalho – disse em voz baixa.

Jace franziu a testa, mas se recuperou rapidamente.

– Se é isso que você quer. Eu passo por lá depois que terminar no escritório. Podemos passar a noite lá, se quiser.

Ela assentiu com a cabeça. Apesar de ter seu próprio apartamento, eles não tinham passado uma noite longe um do outro desde que se conheceram. Na verdade, fora o tempo que Jace passava no trabalho, eram inseparáveis.

– Se você quiser, eu te deixo lá no meu caminho para o trabalho.

– Não vou te atrasar?

Ele sorriu.

– Eu sou o chefe, esqueceu? Sempre posso ir na hora em que eu quiser.

– Ok. Eu gostaria disso.

– Dê-me cinco minutos no chuveiro e, em seguida, o banheiro é todo seu.

Ela o observou andar nu em direção ao banheiro, toda a sua beleza masculina em exposição. Seu cabelo, que estava despenteado graças aos seus infindáveis atos de amor, só o fazia parecer ainda mais delicioso.

Ele parou na porta do banheiro e olhou para trás, os olhos brilhando com fogo, quase como se soubesse a direção dos pensamentos dela. Então sorriu, seu rosto se transformando. Ela prendeu a respiração, porque seu sorriso era extraordinário. Jace não sorria com frequência. Tinha uma aparência mais sombria. Quase sempre sério. Preocupado. Mas, quando sorria, ela

não conseguia respirar.

Bethany sentou quando ele desapareceu dentro do banheiro. Jace deixou a porta aberta, no entanto. Um convite? Ela lambeu os lábios, a boca subitamente seca.

Se tomassem banho juntos, eles ficariam prontos na metade do tempo. Ou talvez não. Porque se ela entrasse com ele, não tomariam apenas banho.

O que não era necessariamente ruim.

Não, isso seria uma coisa muito, muito *boa*.

Tirando os lençóis, ela se arrastou para fora da cama, tremendo levemente ao deixar o calor. Calor que ainda estava presente desde quando ele esteve deitado na cama com ela.

Bethany hesitou por um momento, olhando para o banheiro, esperando o sinal de vapor do chuveiro. Depois de alguns minutos, ouviu a água ser ligada e calmamente fez seu caminho até a porta.

Seu chuveiro era enorme. Grande o suficiente para dois. Ou mesmo três. Completamente envidraçado com várias duchas, uma acima e dois jatos montados na parede. Sua silhueta era visível através do vidro embaçado e Bethany podia vê-lo se lavar, com as mãos à deriva, baixando mais e mais...

Ela abriu a porta do box e entrou antes que perdesse a coragem. Os olhos dele se abriram, sua mão circulou ao redor de seu pênis. Jace piscou em surpresa, mas a surpresa logo se transformou em desejo tórrido. Os olhos dele ficaram líquidos e sua mão acariciou o comprimento de seu pênis.

Ele passou de uma fase semi-flácida para ereto e tenso em dois segundos. Se havia alguma dúvida na mente de Bethany de que o homem a receberia bem em seu chuveiro, não houve mais quando o corpo de Jace voltou à vida na frente de seus olhos.

– Esse trabalho é meu – ela murmurou enquanto deslizava a mão sobre sua ereção, tirando a dele no processo.

– Se você insiste.

A água escorria pelas suas costas e rolava por seu belo corpo. Seu cabelo estava molhado e ela podia ver que era mais longo do que ela pensava. Com o peso da água, não havia nenhum volume nele, sem os cachos ligeiros e incontrolláveis. Passava do pescoço e batia no topo de seus ombros.

– Você é tão lindo – ela sussurrou enquanto se aproximava para que seus corpos se tocassem.

A água a atingiu, puxando-a para dentro, o calor era uma tentação requintada.

O corpo dele ficou tenso e seus olhos ficaram mais ásperos, mais escuros. Seus braços a cercaram, moldando seus corpos juntos, enquanto Bethany continuava a acariciá-lo com a mão.

– Você que é linda, Bethany. Eu nunca me canso de simplesmente olhar para você.

Ela sorriu e se esticou nas pontas dos pés para que pudesse beijá-lo.

– Nunca fiz sexo no chuveiro antes – disse com voz rouca contra a boca dele.

– Então, com toda a certeza, precisamos mudar isso imediatamente.

Ela deslizou para baixo de seu corpo até ficar de joelhos, água caindo sobre eles. Ela olhou para cima para ver o olhar dele fixo no seu, e então desviou para a virilha de Jace, onde o

acariciou até que ficasse ainda mais duro.

Leve e silenciosa, sua boca se moveu suavemente na cabeça em formato de cogumelo, sua língua passando rapidamente para provocar o lado sensível. Gotas de água atingiram sua língua, enchendo sua boca enquanto chupava mais profundamente.

Um gemido torturado soou acima do jato de água. As mãos dele foram para seu cabelo, agora encharcado e grudado ao lado de sua cabeça. Ele emoldurou o rosto dela com as mãos e a segurou com força enquanto empurrava para dentro de sua boca.

Suas feições eram duras, formando linhas em sua boca e em suas têmporas. Ela podia ver o peito ir para cima e para baixo, sua respiração vindo em rajadas irregulares enquanto o enfiava mais profundamente, até o fundo da garganta.

Aplicando uma leve sucção, Bethany o tomou ainda mais fundo, corajosamente fazendo amor com ele. Jace atingiu o fundo de sua garganta e ela o engoliu. Desta vez, o homem emitiu um silvo, a expulsão violenta de ar sobre o som de água corrente.

Ele afagou sua cabeça, em seguida, as bochechas, acariciando levemente as linhas de seu rosto enquanto sua garganta trabalhava em torno dele. Seu toque era infinitamente gentil, tão suave que seu coração se apertou em resposta.

Ele era o seu vício. Substituindo todo o resto. Com ele, não havia necessidade dos mecanismos de enfrentamento do passado. Ele era a sua âncora. Ele era o que sexo e comprimidos costumavam ser para ela. Um lugar seguro em um mundo de incertezas.

Teria apenas trocado um vício por outro?

Esse pensamento se enraizou em sua mente, uma sombra que lhe fez dar uma pausa. Mas ela o negou, determinada a não deixar seu passado arruinar o que tinha com Jace. Aqui e agora. Tinha terminado aquela vida do passado, não tinha? Jace tinha lhe dado uma nova vida. Ele a fez acreditar que estavam começando algo novo e fresco, o que tinha sido já não importava. O que estava por vir que era o que importava.

Mesmo com tudo o que tinha dado a ela no Natal, este foi o presente mais precioso que Bethany jamais poderia esperar receber.

Ela chupou profundamente mais uma vez, despejando cada pedacinho do seu coração, seus sentimentos por ele, em seus movimentos. Esperava que ele pudesse ver, pudesse *sentir* o que ela estava lhe dando. Era a única coisa que tinha para lhe dar. Só esperava que fosse suficiente.

O aperto de Jace se intensificou no rosto dela. Então, ele deslizou bruscamente suas mãos para debaixo de seus braços. Levantou-a, puxando-a para seu corpo. Sua boca encontrou a dela em um confronto acalorado que a deixou sem fôlego.

Então, em um movimento rápido, ele se virou e a apertou contra a parede do chuveiro.

– Enrole suas pernas ao meu redor – rosnou.

O comando feroz causou arrepios na espinha de Bethany. Sua barriga se apertou e borboletas levantaram voo em seu peito. Seu pênis já havia encontrado sua abertura e, quando ela enganchou seus tornozelos na parte baixa das suas costas, ele mergulhou, colocando sua profundidade em um impulso forte.

Seus dedos cravaram nas nádegas dela, massageando e moldando, mantendo-a aberta, enquanto estocava nela de novo. Sua boca roçou provocativamente contra seu pescoço e, em seguida, ele afundou os dentes na sensível coluna, arrancando outro gemido dela.

Ele chupou sua pele enquanto enfiava repetidamente, comprimindo o corpo dela contra a parede do chuveiro. Suas mãos pareciam estar em todos os lugares, a boca de Jace a deixando louca de tesão. Ela ficaria com uma marca no pescoço mais tarde, evidências da posse e da força com que a tomou. E ainda assim queria mais. Mais força. Mais ferocidade. Nunca seria o suficiente.

– Não vou durar muito, baby – ele disse asperamente, com a voz tensa e truncada. – Quão perto você está? Quero você lá.

Ela removeu um braço que estava ao redor do pescoço dele, onde o estava segurando com força e deslizou sua mão entre seus corpos, até o seu clitóris. Assim que ela se tocou, seu corpo se enrolou em um nó apertado.

– Perto – ela engasgou.

– Bom. Chegue lá.

Jace se inclinou, prendendo a mão dele entre os dois. A mulher mal tinha espaço para acariciar o grupo de nervos tensos entre as suas pernas. Ele socou nela, batendo-a contra a parede, indo mais profundamente para dentro dela. Bethany se sentiu machucada e abalada, a força com que ele a tomava era esmagadora.

Era dele. Realmente pertencia a ele.

Suas coxas tremeram, seu corpo inteiro estremeceu. O desejo aumentou, afiado e nervoso. Avassalador. Seu clímax construído em um crescendo quase ensurdecador. O rugido em seus ouvidos. As batidas de seu coração. A mulher berrou com voz rouca e o grito de Jace, de triunfo, se juntou ao seu clamor.

Jace se inclinou sobre ela, enterrado profundamente, o peito arfando com esforço. Beijou seu pescoço. Sua mandíbula. Em seguida seus lábios, sua respiração se misturando com a dela.

Vagamente, Bethany se deu conta de que a água ainda corria sobre eles. O vapor estava sufocante, o ar tão úmido que era difícil respirar.

– Cristo – Jace murmurou. – Você acaba comigo, Bethany. Como diabos eu vou conseguir me mexer agora para terminar de tomar banho e ir trabalhar?

Ela sorriu contra seu pescoço e, em seguida, deixou o corpo deslizar para baixo pela parede até que ficou de pé sobre pernas que tremiam.

– Acho que vou ter que terminar de te lavar – ela murmurou.

– Ah não – ele resmungou. – Eu vou lavar o seu cabelo e depois vou expulsá-la do meu chuveiro. Se você colocar suas mãos em mim de novo, nós nunca vamos sair do banheiro.

Seu sorriso se ampliou e ela se inclinou para beijar a sua mandíbula firme.

– Eu não vou discutir com um homem que quer lavar o meu cabelo para mim.

capítulo 29

Quando o carro de Jace parou em frente ao seu prédio, ele agiu como se estivesse relutante em deixar Bethany sair. Ele segurou a mão dela por um longo momento antes de se inclinar para beijá-la. Feroz. Possessivo. Ela se esforçou para puxar a respiração quando ele finalmente a soltou e o seu olhar brilhava, seus olhos obscurecidos e ao mesmo tempo ardentes.

– Eu passarei aqui quando sair do trabalho.

Ela assentiu com a cabeça e, em seguida, abriu a porta.

– Tenha cuidado. A chuva está forte. Eu não quero que você se molhe.

Ela sorriu.

– Um pouco de chuva não faz mal a ninguém, Jace.

– Ainda assim, está frio. Entre logo, para não pegar uma gripe.

Ela se recostou para beijá-lo e, em seguida, saiu do carro e, como ele solicitou, correu para a entrada, desviando-se dos pingos de chuva no caminho. Uma gargalhada escapou e ela ficou maravilhada com o quão feliz e leve ela soou. Ela se virou logo após de entrar pela porta para ver o carro de Jace se afastar no trânsito e ficou olhando até que ele desaparecesse de vista.

Estava prestes a entrar e ir até seu apartamento quando ouviu seu nome.

Franzindo a testa, ela se virou e, para sua surpresa, Jack estava a poucos metros de distância. Ele estava molhado e sujo, carregando apenas sua mochila esfarrapada.

– Jack!

Seu nome saiu como um sussurro e, em seguida, ela correu para frente, adentrando novamente o ar frio.

– Jack, o que você está fazendo aqui? – ela perguntou. – Há quanto tempo você está aqui fora?

Ele lhe deu um meio sorriso.

– Não tinha certeza quando você estaria de volta. Eu pedi ao porteiro para ligar para o seu apartamento ontem, mas você não estava aqui. Então, eu fiquei por aí, esperando te encontrar.

– Ah, Jack, sinto muito. – Sua voz foi acometida. E ela foi tomada por culpa. Enquanto ela estava feliz e aquecida, celebrando o feriado com Jace e com a sua família, Jack estava aqui, esperando por ela no frio. Sem lugar para dormir ou ao alcance de maus elementos.

– Não há nada para se desculpar, Bethy. Se agora não for um bom momento, eu posso voltar...

– Não! – ela disse ferozmente. – Entra. Você precisa sair do frio. Eu não tinha ideia de que você viria. Eu esperava que você o fizesse. Se eu soubesse, eu estaria aqui.

Ela tomou-lhe o braço, arrastando-o para a entrada. Quando encontraram o porteiro, ela levantou o queixo, desafiando-o a julgar.

– Este é o Jack. Ele é meu irmão. Eu estou dando-lhe uma chave. Se eu não estiver aqui e ele precisar, você deve deixá-lo entrar.

O porteiro assentiu respeitosamente.

– Claro, senhorita Willis.

Ela apressou Jack em direção ao elevador e estremeceu quando ele pingou em todo o interior. Ele tremia e parecia ainda mais magro do que na última vez que ela o viu. Ele estava se alimentando?

Ela deveria ter cuidado melhor dele. Deveria ter feito mais esforço para se certificar de que ele estava sendo cuidado. Ela tinha tanto agora e a matava pensar em Jack ainda nas ruas. Não quando ela poderia fornecer um lugar para ele ficar e comer.

– Casa legal – Jack murmurou enquanto ela o empurrava para dentro de seu apartamento.

– É, sim. Vá até o banheiro e tome um banho quente. Vou separar algumas das roupas do Jace. Elas vão ficar grandes em você, mas pelo menos vão estar quentes e secas.

Novamente aquele sorriso torto enquanto ela o movimentava para dentro de seu quarto.

– Jace, o cara que arranjou tudo isso para você?

Bethany amoleceu, com um sorriso nos lábios.

– É. Ele é um bom homem, Jack. O melhor. Eu estou... feliz.

Jack estendeu a mão para tocar seu rosto.

– Que bom, Bethy. Você merece ser feliz.

– Assim como você – disse ela ferozmente.

Seu sorriso ficou mais triste neste momento.

– Eu sinto muito pelo que aconteceu. Eu nunca quis que você se envolvesse.

– Eu sei – ela disse em uma voz suave. – Agora vai. Toma um banho. Eu vou arranjar alguma coisa para você comer, ok?

Quando Jack desapareceu para dentro do banheiro, Bethany pegou um jeans do Jace e uma das camisetas que ele deixara em seu apartamento. Ela encontrou um par de meias que caberiam no Jack, querendo que seus pés ficassem aquecidos. Sapatos. Ela precisava comprar sapatos novos para ele. Os que ele estava usando agora estavam surrados, as solas saindo e havia buracos. Nada que seguraria o frio.

Depois de deixar a roupa onde ele as poderia encontrar, ela voltou para a cozinha.

Ela separou bacon, uma caixa de ovos e um pouco de presunto e queijo. Uma omelete seria rápida de fazer e ainda daria sustança. Ela se ocupou com a preparação e, quando Jack reapareceu, vestido com as roupas de Jace, ele encontrou seu prato pronto.

– Você quer suco ou leite? – ela perguntou, quando ele se sentou no bar.

Ele deu de ombros.

– Não importa. Eu bebo qualquer coisa.

Depois de ponderar por um momento, ela tirou dois copos e serviu um copo de cada. A alimentação extra certamente não faria mal.

– Eu não posso ficar muito tempo – disse Jack. Ele já estava comendo a omelete com entusiasmo. Bethany se encolheu ao imaginar quando sua última boa refeição tinha sido. – Eu tenho umas merdas para resolver. Eu só queria te ver e deixar minha mochila aqui, se estiver tudo bem.

– É claro que está tudo bem – disse ela. – Mas por que você não pode ficar?
– Eu vou voltar. Apenas algumas coisas que eu preciso ajeitar e eu não quero estar com minha mochila. Poderia ser roubada lá fora. Você sabe como é. Sempre há alguém querendo o que é nosso.

Ele foi vago e isso a incomodava.

– O que tem na mochila?

Ele ignorou a pergunta dela e, em seguida, enfiou a mão no bolso. Ele tirou um frasco de comprimidos e o estômago dela se apertou.

– Eu arranjei isso para você, Bethy. Eu sei que você precisa deles às vezes.

Seu coração começou a bater quando ele colocou o frasco sobre o balcão.

– Não, Jack. – Ela balançou a cabeça com firmeza. – Eu não faço mais isso. Você *sabe* disso. Eu não posso voltar para isso. *Nunca*.

– Ainda assim, eles vão estar aqui se você precisar deles.

– Como é que você arranjou isso? – ela perguntou, o medo tomando o seu peito. – Como você pôde se dar a esse luxo? Diga-me que você não pegou mais dinheiro emprestado.

Ele olhou para cima, engolindo o último pedaço da sua omelete.

– Eu não pedi dinheiro emprestado. Uma pessoa me devia um favor. Ela me arranjou.

Ela fechou os olhos.

– Jack, você não pode continuar fazendo isso. Você sabe que isso não é bom. Não é maneira de se viver. Eu não quero que você use drogas também. Você pode superar isso. Não precisa ser dessa maneira. Não mais.

O olhar dele se endureceu.

– A maneira como temos vivido não é jeito de se viver. Nós sobrevivemos, Bethy, nós não vivemos. Você sabe disso. E, às vezes, os comprimidos deixam essa sobrevivência um pouco mais fácil. Além disso, você pode ter melhorado de vida, mas eu não melhorei.

– Isso não é verdade! – ela protestou. – O que é meu é seu. Você sabe disso.

Jack balançou a cabeça.

– Você realmente acha que seu novo namorado vai me querer por aqui? Pense nisso, Bethy. Que homem iria querer o *irmão* sem-teto de sua namorada vindo no pacote? Você não pode ser tão ingênua.

Ela prendeu a respiração quando a dor explodiu em seu peito.

– Você sabe que eu não vou escolher entre vocês dois. Você sabe que eu nunca faria isso. Eu amo você, Jack. Eu devo tudo a você. Eu não vou esquecer disso. Se Jace não puder aceitar isso, então, ele e eu não temos um futuro.

Jack se esticou sobre o bar para colocar sua mão sobre a dela.

– Não seja estúpida, querida. Não jogue sua chance fora por mim. Você tem uma chance de fazer algo bom. Não estrague isso.

As lágrimas encheram os olhos dela.

– Eu não vou simplesmente me esquecer de você. Eu não sou assim. Você honestamente acha que eu poderia viver aqui, construir uma nova vida, enquanto você está lá fora, nas ruas? Se você acha isso, então você não me conhece.

Seu olhar tornou-se suave.

– Você é a única pessoa neste mundo que eu amo e que me ama. E é por isso que eu quero o melhor para você. Faça isso por mim, ok? Eu só preciso deixar minhas coisas aqui por algumas horas. Eu vou voltar. Talvez possamos jantar juntos. Eu sempre pensei que seria legal se tivéssemos um lugar onde você pudesse cozinhar e nós poderíamos fingir que éramos pessoas normais como todos os outros.

Ela assentiu com a cabeça, o pulso ainda martelando em suas veias. Ela ligaria para Jace. Ele entenderia se ela cancelasse sua noite.

– Eu posso cozinhar alguma coisa. Me diga o que você quer comer. Preciso saber se tenho todos os ingredientes.

– O que você quiser cozinhar. Eu como qualquer coisa. Me surpreenda.

Ela virou a mão para que ela pudesse apertar a de Jack.

– Estou feliz por você estar aqui. Realmente. Eu estive tão preocupada com você.

– Você não deveria se preocupar comigo, querida. Você sabe que eu posso cuidar de mim mesmo.

Ele puxou sua mão para trás e, em seguida, bebeu ambos os copos antes de colocá-los de volta na bancada.

– Eu preciso vazar. Tenho umas coisas para fazer. Vou tentar voltar antes de escurecer.

– Por favor, tenha cuidado – ela implorou.

Ele lhe deu aquele sorriso arrogante novamente.

– Sempre tenho. Obrigado pela comida e pelas roupas. Deixei minha mochila em seu quarto. Eu venho buscá-la mais tarde, ok?

Ela assentiu com a cabeça e o viu sair de seu apartamento tão rápido quanto ele tinha entrado. Então seu olhar se fixou sobre o frasco que ele deixou e ela o agarrou para guardá-lo em um dos armários.

Preocupação e ansiedade a devoraram até seu estômago revirar. No que Jack estava metido?

Ela olhou para o relógio e depois foi até a gaveta onde Jace tinha deixado dinheiro para ela gastar. Ela não tinha certeza de onde o mercado mais próximo era, mas ela poderia perguntar ao porteiro. Esperançosamente não seria uma longa caminhada. O tempo estava horrível e ela não queria gastar dinheiro com um táxi.

Ela já estava vislumbrando as possibilidades em sua cabeça. Ela iria cozinhar uma refeição fabulosa. Tudo que o Jack mais gosta. E ela faria sanduíches para ele levar consigo porque sabia que ele não iria concordar em ficar. Ela poderia comprar itens não perecíveis que ele pudesse arrumar em sua bolsa para que ele tivesse algo para comer por mais do que alguns dias.

Ela tirou várias das notas e as colocou no bolso da sua calça jeans e, em seguida, desceu para perguntar ao porteiro sobre o local mais próximo em que ela pudesse comprar mantimentos.

Bethany se abaixou para sair do taxi depois de pagar a tarifa e apressou-se, sacolas na mão, para a entrada de seu prédio. O porteiro a tinha aconselhado a tomar um táxi e ela cedeu quando viu que a chuva aumentara. Ela havia passado de uma leve garoa para uma chuva forte. Não era o que ela queria encarar no seu caminho de volta do mercado carregando mantimentos.

Quando ela abriu seu apartamento e entrou, ficou surpresa ao ver Jace na sala de estar, sua expressão escura e proibitiva. Ele avançou sobre ela antes que ela sequer tivesse tempo para depositar os sacos no bar cozinha.

– Onde diabos você estava? – ele exigia satisfações.

Seus olhos se arregalaram e ela olhou para os sacos de supermercado.

– Eu-eu fui fazer compras.

– Há algo mais que você queira me dizer?

A acusação em sua voz doía. O que diabos ele pensou? Será que ele achava que ela o estava traindo? Esgueirando-se para os braços de um amante? Em primeiro lugar, como ele sabia que ela tinha saído?

Ele arrancou os sacos das mãos dela e os deixou cair com um *baque* no bar antes de voltar seu olhar furioso para ela.

A mente dela ficou em branco. Ela deu um passo instintivo para trás e Jace xingou.

– Eu não vou te machucar, cacete.

– Por que você está tão irritado? – ela perguntou. – Eu só fui até o mercado. Eu só fiquei fora durante uma hora.

– Você acha que isso é sobre você sair para fazer compras?

Seu tom era de descrença.

– O que mais eu deveria pensar? Você está agindo de maneira ridícula, Jace. Fui comprar mantimentos, pelo amor de Deus.

– Vamos tentar outra coisa então. Eu estou no trabalho em uma reunião importante e eu recebo um telefonema de Kaden, que me informou que você tinha visita.

Sua boca aberta em choque.

– Como é que Kaden sabe quem está no meu apartamento? Ele nem deveria estar mais me protegendo. – Seus olhos se estreitaram com a compreensão despontando devagar. – Você *ainda* não confia em mim. – Quase a matou dizer essas palavras, a verdade. E era verdade. Ele estava eriçado de raiva e contratou aqueles homens para vigiá-la. – Ele não estava aqui para me proteger. Ele estava aqui para me vigiar.

– Parece que eu tenho um bom motivo – Jace soltou.

A esperança morreu dentro de Bethany. Ela voltou seu olhar doloroso para ele, magoada além das palavras. – Jack esteve aqui. Mas você já sabe disso.

– Sim. *Jack* – ele cuspiu. – O que diabos ele estava fazendo aqui?

Ela franziu a testa e desta vez ela deu um passo para a frente, a raiva apertando suas feições.

– Ele veio para me ver. Ele esteve aqui no Natal, só que eu não estava aqui, porque eu estava com você. Ele teve que passar o feriado sozinho. Sem comida. Sem um lugar quente para ficar. Sozinho, Jace. Nas ruas. Eu não preciso lhe dizer que feriado maravilhoso que deve ter sido.

– Como é que ele sabia que podia aparecer aqui? – Jace cobrava satisfações.

Ela piscou.

– Eu dei o endereço a ele.

– E quando você fez isso?

Ela corou.

– No dia em que eu fui vê-lo.

Os lábios de Jace se fílgaram em uma linha tênue, ficando quase indistinguíveis.

– Você o convidou para cá.

Ela assentiu com a cabeça.

– É claro.

Ele jurou novamente.

– Não há nenhum “claro” nisso, Bethany. Em que diabos você estava pensando?

– O que há de errado com você? – ela exigiu. – Eu não estou autorizada a convidar as pessoas para este apartamento? Será que eu entendi errado e realmente não é para o meu uso? Ou é só para usos em que eu tenho sua aprovação?

– Você convidou um homem que quase te matou. Foi ele que fez você ser atacada. Ele é a última pessoa com quem você precisa ter alguma coisa.

O sangue drenando de seu rosto.

– Ele nunca quis que eu fosse machucada. Ele nunca faria nada para me machucar.

O nojo tomou o rosto de Jace. Seus olhos ficaram cheios desse nojo.

– Realmente, Bethany? E por que você acha que ele está aqui agora?

Ela não gostava de seu tom. Sua expressão. Ela não gostava de nada sobre este confronto. Ele estava com tanta raiva. Um enjoo no fundo de seu estômago, se enrolando e se atando em uma bola dolorosa.

– Ele veio me ver – disse ela em voz baixa. – Ele estava com frio e com fome. Arranjei-lhe algo para comer. Eu saí para comprar mantimentos para que eu pudesse fazer jantar para ele.

Jace se esticou para a parte de trás do sofá e puxou mochila de Jack. Ele a balançou em seu dedo, seus olhos se esfriando com raiva.

– Essa é a única razão pela qual ele veio? Onde ele está agora?

– Eu não sei o que você está querendo dizer. Ele disse que tinha coisas para fazer. Ele queria deixar a mochila aqui porque não queria que ela fosse roubada. Você não entende como funciona lá fora. Se alguém vê alguma coisa, eles levam. Eles vão te esfaquear, te ferir, te matar para conseguirem o que for. Você pode ser assassinado por cinco dólares.

– Ah, eu não tenho dúvidas de que alguém iria matá-lo pelo que está aqui dentro – Jace proferiu.

Ele puxou a mochila e abriu a parte superior para que ela pudesse ver o interior. O vermelho de suas bochechas sumiu e ela vacilou, oscilando bamba até que teve de se segurar no bar para manter o equilíbrio.

Drogas. Muitas drogas. Pílulas. O que parecia ser maconha e outras coisas que ela não tinha ideia do que eram, mas que pareciam... ruins. Muito ruins.

– Eu encontrei isso no seu quarto – Jace soltou. – Com essa merda nela. Espero muito que você não soubesse o que estava nela quando concordou que ele a deixasse aqui.

– Eu não sabia – ela sussurrou.

– Jesus, Bethany. Por quanto tempo você vai permitir que ele te manipule? Até que alguém te mate? O que vai ser preciso para você acordar e ver a verdade que está na sua cara?

– Ele não vai me machucar! – ela gritou. – Pare com isso!

Jace jogou a mochila de volta no sofá, todo o seu corpo tremendo de raiva.

– Eu não vou aceitar. Não aqui. Não onde você está. Enquanto você usar o *meu* colar, você estará sob minha proteção. Ele não é permitido aqui, Bethany. Ou você diz isso a ele ou eu direi e, da próxima vez, não aparecerei sozinho. Vou trazer a polícia e vou mandar prendê-lo. Eu não dou a mínima se isso te tira do sério ou não. Minha *única* preocupação aqui é você. Eu não dou a mínima para um homem que te considera tão pouco a ponto de te expor a isso.

– Eu não vou escolher entre vocês dois! – ela gritou. – Eu não vou! Você não entende. Eu não posso virar as costas para ele. Eu não vou!

– Então é isso – Jace disse severamente.

– Não tem que ser! Por que você não pode simplesmente deixar que eu resolva isso com o Jack? Por que você não pode confiar em mim pra fazer isso?

– Não é que eu não confie – disse ele tão alto quanto ela. – Porra, Bethany, use a cabeça! Sabe o que aconteceria se você fosse encontrada com esta merda? Seria *você* que iria para a cadeia, não o seu precioso Jack. Você levaria a culpa por ele e você acha que faria alguma diferença?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Não! Vá embora, Jace. Eu vou cuidar disso. Vá embora.

– Você se esquece que este é o *meu* apartamento – ele grunhiu.

Ela ficou ainda mais branca, qualquer emoção se esvaindo de seu rosto. Ela ficou dormente até os dedos dos pés. Então se virou e caminhou rigidamente até a porta.

– Bethany, pare.

Era uma ordem. Uma que, pela primeira vez, ela ignorou. Quando ouviu ele ir atrás dela, ela começou a correr. Saiu pela porta em direção ao elevador. Ela entrou, ouvindo Jace correr pelo corredor gritando o nome dela. Ela apertou o botão repetidamente, rezando para que fechasse.

O elevador se fechou quando ele estava a cinquenta centímetros da porta, seus xingamentos tocando em seus ouvidos quando o elevador começou a descer.

Quando ela chegou ao lobby, o porteiro tentou impedi-la. Jace provavelmente tinha ligado para ele. Mas ela passou por ele, ignorando seus pedidos para que ela parasse. Correu para fora, para a rua, quase sendo atropelada por um táxi, que deu uma freada brusca a poucos centímetros dela.

Antes que o taxista pudesse sair do carro, ela correu para o lado do passageiro e abriu a porta.

– Você tá louca? – o taxista gritou. – Eu poderia ter te matado!

– Só dirija – ela engasgou. – Eu não me importo para onde, só me tire daqui, por favor.

Ela deve ter parecido uma maluca. Lágrimas que ela não tinha percebido agora formavam caminhos molhados por suas bochechas. O rosto do taxista suavizou antes de ele se virar e, em seguida, acelerar, acenando para motoristas irritados atrás dele que tinham sido forçados a parar quando ele freou muito bruscamente. Buzinas soavam, mas desapareciam à distância enquanto eles aceleravam pela rua.

capítulo 30

Bethany andou o último quarteirão até o seu apartamento, desnorteadada. Desnorteadada de frio. Desnorteadada pela chuva implacável que encharcava suas roupas. Ela não tinha ido muito longe de táxi. Não tinha muito dinheiro consigo depois das compras que fizera. E, assim, seguiu andando. Continuamente, seus pensamentos em um turbilhão, a dor esmagando o seu coração.

Jace tinha o direito de estar com raiva. Ela não refutava isso. Mas ele ainda não tinha dado a ela a chance de se explicar. Ele tinha ficado tão furioso. E então ele a lembrou de que ele era o dono do apartamento. Que ela estava lá devido à sua generosidade. Ele lembrou que ela não tinha nada. Nada além do desespero de sua situação.

Ele não confiava nela. Ele tinha batido nesse ponto com ela repetidamente. E ela não poderia existir em um relacionamento onde ele suspeitava do pior em cada momento. Ela nunca seria capaz de superar isso. Não importa o quanto tentasse, o quanto ela desse a ele, ela nunca chegaria a um lugar onde tivesse a confiança dele.

Ela não tinha certeza por que estava de volta. Mas precisava de suas coisas. Levaria algumas das roupas. Certamente não todas, mas sabia que precisava do casaco. E dos jeans e das camisas. Poderia levar a comida que ela tinha comprado para Jack e então esperar ele voltar. Ele já tinha voltado? Ela sentia saudades dele?

Pelo menos eles teriam algo para comer nos próximos dias. Ela poderia verificar com os abrigos que frequentava e talvez algum deles teria uma cama.

Ou talvez ela devesse simplesmente ligar para o Jace. Tentar explicar. Ele merecia pelo menos isso. Ele precisava saber *por que* ela nunca poderia virar as costas para Jack. Ela nunca tinha explicado isso totalmente. Nunca havia compartilhado essa parte de si mesma.

Será que ele entenderia? Ele poderia entender?

Mas de que adiantaria isso, se ele nunca confiaria nela?

Quando ela marchou para a entrada de seu prédio, o porteiro olhou alarmado. Ela acenou diante da sua preocupação e dirigiu-se para o elevador, só querendo estar em um lugar quente e seco, mesmo que fosse temporariamente.

Tinha que haver uma maneira de corrigir isso. Jace era a melhor coisa em sua vida. A única coisa que era boa e imaculada. Ela não queria que os problemas de Jack atingissem o Jace. Jace não merecia isso. Ele merecia alguém sem as manchas que ela carregava em sua alma. Alguém em quem ele pudesse confiar plenamente. E talvez ela nem sequer o culpasse pelas sementes de desconfiança que tinham sido plantadas. Ela queria a sua confiança, queria que ele tivesse fé nela, mas, na realidade, com tudo que ele sabia a seu respeito, será que fazia realmente sentido que ele confiasse nela assim tão facilmente?

Uma onda de tristeza a afligiu. Ela não queria ser a pessoa que ela tinha sido por tanto tempo. Queria ser alguém digno de amor e confiança. Queria que alguém acreditasse nela.

Pensou que Jace poderia ser essa pessoa. Estava errada.

Ela se deixou entrar em seu apartamento e foi para a cozinha, com a intenção de fazer um chocolate quente. Quando ela abriu o armário onde as canecas ficavam guardadas, seu olhar iluminou o frasco de comprimidos que Jack tinha deixado. Por um longo momento, ela simplesmente olhou. E, então, como se estivesse em um transe, estendeu lentamente a mão, seus dedos se fechando ao redor do frasco de plástico.

Ela o tirou do frasco e colocou sobre o balcão na sua frente. Um comprimido. Apenas um. Tornaria as coisas mais gerenciáveis. Isso a transportaria para um lugar mais quente e mais feliz. Isso lhe daria uma sensação de bem-estar. Isso lhe daria a confiança e o impulso necessários para que pudesse tomar decisões.

Iria levá-la para longe da terrível realidade que estava enfrentando. E a ajudaria a atravessar seu confronto iminente com Jace.

Antes que pudesse pensar melhor, ela abriu o frasco com as mãos trêmulas e sacudiu para cair uma pílula. Ou ela deveria tomar duas? Fazia um tempo. Para sempre, ao que parecia, desde que ela tinha tomado alguma. Uma iria, provavelmente, derrubá-la. Duas poderiam fazê-la desmaiar. Ponto.

Ela colocou a segunda pílula de volta no frasco e, em seguida, jogou a outra em sua boca. Pegou um copo d'água, levou-o aos lábios e encheu a boca com líquido suficiente para engolir a pílula. E então congelou.

Oh Deus, oh Deus. O que ela estava *fazendo*?

Ela cuspiu a água e o comprimido com força na pia, segurando as bordas enquanto soluços brotaram de seu peito. O que ela quase fizera?

Com raiva, ela pegou o frasco e jogou todas as pílulas no ralo, para que a água corrente as levasse. Então, ela arremessou o frasco agora vazio do outro lado da cozinha, ouvindo quando ele bateu no chão. Em seguida, ela escondeu o rosto entre as mãos e chorou.

Oh Deus, ela não podia fazer isso. De novo, não. *Nunca mais*.

Ela tinha que acabar com isso agora. Isso não era bom para ela. Se era isso que seu relacionamento com Jace a levou a fazer, ela tinha que acabar com isso agora. Ela não podia fazer isso com ela mesma. Não depois de ter trabalhado tão duro por tanto tempo para limpar sua vida e para curar o seu vício.

Ela poderia não ter muito, mas pelo menos sua vida *significava* alguma coisa agora.

Sem mudar de roupa, ela correu para a porta, sabendo que tinha que encontrar o Jace agora antes que perdesse a coragem. Ela tinha que terminar, lhe dizer que ela estava se mudando do apartamento. Ela tinha que enfrentá-lo e terminar cara a cara.

Não iria deixá-lo imaginando sobre o seu destino ou o que ela estava fazendo. Iria para seu apartamento lhe dizer que ela estava indo embora. E então ela voltaria para sua vida. Poderia não ser a melhor vida, mas era uma em que ela podia viver com o seu orgulho e com a sua sanidade intactos.

Lembrando que ela não tinha mais dinheiro, ela voltou para a gaveta e pegou tudo. O que sobrasse após o táxi, ela devolveria ao Jace. Ela não levaria dele nada mais do que ela precisava. Então, lembrando que a mochila de Jack ainda estava no sofá, ela a puxou sobre seu ombro antes de sair do apartamento.

Quando ela chegou ao lobby, o porteiro a olhou alarmado.

– Senhorita Willis, aonde você vai? Eu acho que seria melhor se você esperasse aqui.

Ela o ignorou e mergulhou de volta no frio para chamar um táxi.

– Onde ela está? – Jace perguntou assim que ele entrou no prédio de Bethany.

O porteiro suspirou. – Eu tentei te ligar novamente, senhor. Ela voltou. Foi quando eu te liguei pela primeira vez. Mas ela desceu de novo apenas alguns minutos mais tarde. Eu tentei impedi-la. Ela estava encharcada e não tinha trocado de roupa desde quando tinha saído antes. Ela parecia chateada.

Jace fechou os olhos e disparou xingamentos.

– Você não tem ideia de onde ela estava indo?

Ele olhou para fora, os pingos de chuva misturados com o gelo que cobria as calçadas. Seu estômago ardeu ao imaginar Bethany lá fora. Com frio. Chateada. Sozinha.

Ela provavelmente estava voltando para Jack. O precioso Jack, esse merda.

Deus, mas ele tinha estragado tudo. Ele estava irritado. Ele tinha desencadeado todo o seu medo e fúria sobre a Bethany e ela saiu correndo. Assim como ele temia que ela fizesse desde o início.

– Não, senhor. Sinto muito, mas ela não disse nada quando saiu. Ela estava carregando apenas uma mochila.

O sangue de Jace gelou. Ele mataria Jack se Bethany se machucasse por causa disso. Ela provavelmente estava voltando para Jack, mas não havia garantia alguma de que Jace conseguiria encontrá-la agora. Levava semanas da última vez. Mas e agora? Agora ela não *queria* que ele a encontrasse. Antes, ela não sabia que ele estava procurando por ela. Agora ela estaria consciente de que ele estaria. Isso se ela chegou a pensar que ele se importava o suficiente para ir atrás dela. Ele não tinha dado qualquer motivo para ela acreditar que ele se importava o suficiente para ir atrás dela. Isso era o que mais o enlouquecia.

Agora ela estava lá fora, na merda da rua, levando uma fortuna em drogas ilegais. Pessoas morriam por muito menos.

Ele fixou no porteiro um olhar cansado.

– Se ela voltar, você se senta sobre ela, se for preciso. *Não* a deixe sair de novo. Entendeu?

O porteiro assentiu.

– Sim, senhor. Farei tudo o que puder.

Seus ombros se arquearam, Jace se virou em direção à porta, perguntando-se onde diabos procurar Bethany agora. Seu celular tocou quando ele estava prestes a entrar na chuva e ele se afastou, erguendo o telefone. Ele não reconheceu o número.

– Jace Crestwell – disse ele, impaciente.

– Sr. Crestwell, ela está aqui no seu prédio.

Jace reconheceu a voz de Roger, seu porteiro. Seu pulso acelerou e ele se enfiou debaixo da chuva, apontando para o seu carro que estava estacionado a uma curta distância.

– Eu já estou indo para aí – disse Jace. – Não deixe ela ir a lugar nenhum.

– Você precisa correr, senhor – Roger disse em um tom mais calmo. – Ela se recusou quando eu tentei convencê-la a esperar em seu apartamento. Ela não quer sequer esperar

dentro da portaria. Ela está lá fora na chuva, encharcada e tremendo.

– *O quê?*

Jace não podia controlar a fúria em sua voz.

– Senhor, eu tentei. Ela não está bem. Ela está chateada com alguma coisa. Não é nada bom. Você precisa chegar aqui rápido. Vou ficar de olho nela até o senhor chegar.

Jace xingou e desligou e, em seguida, pediu ao seu motorista para voltar para seu apartamento o mais rápido possível. Durante todo o caminho, o peito de Jace se apertou com medo. Ele passou mentalmente o que ele queria dizer, repetindo-o em sua mente. Mas de alguma forma não parecia ser suficiente. Parecia idiota. Que diabos ele deveria dizer para a mulher que amava, a mulher com a qual ele tinha ferrado tudo completamente?

Ele sentou-se tenso e esperando, morrendo um pouquinho mais a cada vez que o tráfego se arrastava até parar. E se ele não chegasse a tempo? E se ele chegasse lá e, como foi o caso quando chegou ao seu apartamento, ela já tivesse ido embora? Ele ficaria condenado a perseguir para sempre um sonho distante? Ele não se permitiria pensar nisso. Bethany era dele. Ele não iria deixá-la ir sem lutar por ela. Talvez ela nunca tivesse tido alguém disposto a lutar por ela, mas isso iria mudar.

Por fim, o carro parou. Jace saltou para fora, na chuva, e caminhou em direção à entrada, com o olhar perscrutando rapidamente por Bethany. Seu coração bateu forte quando ele não a viu. Talvez o porteiro tivesse sido capaz de convencê-la a entrar. Ou talvez ela tivesse ido embora.

Ele estava quase na entrada quando a viu. Seu coração quase parou quando a viu encolhida contra o edifício. Ela estava curvada para baixo, com os joelhos contra o peito, a água escorrendo de seu cabelo e suas roupas empoçando ao redor dela no concreto.

– Bethany.

Seu nome saiu em uma longa expiração, um som sussurrante que ele não tinha certeza se ela tinha sequer ouvido. Era tudo o que podia sair diante do aperto no seu peito.

Ele se agachou e tocou em seu braço. Ela reagiu ao toque, o olhar balançando até encontrar o seu. Seus olhos estavam arregalados e cheios de medo, mas, acima de tudo, eles estavam tomados por tristeza. Emoção esmagadora brotou em suas profundezas. Era como enxergar os lugares mais sombrios de sua alma.

Ele ficou aos seus pés, estremecendo com o gelo que estavam as suas mãos, a sua pele. Ela estava branca feito um fantasma e tremia violentamente.

– Baby, vamos entrar.

Sua voz era propositadamente suave, o mais suave que ele podia alcançar uma vez que sua pulsação estava prestes a explodir em suas têmporas.

Ele tentou puxá-la na direção da porta, mas ela recuou, dando um passo para longe dele. Seus olhos feridos se fixaram nele, um brilho de lágrimas os tornou reluzentes no clarão da iluminação da rua.

– Não – ela disse em uma voz baixa. – Jace, eu não posso. Eu vim aqui porque eu devo a você dizer isso na sua cara e não apenas ir embora.

Ele ergueu a mão para detê-la, porque ele não podia suportar que ela completasse o que ele sabia que estava por vir. Ele *nunca* quis ouvir essas palavras dela. Seu coração estava prestes a sair de seu peito e seus olhos ardiam, enquanto ele olhava para o vazio nos dela.

– Baby, por favor, eu preciso que você me ouça. Mas eu tenho que tirá-la desta chuva e deste frio. Você está congelando. Você vai ficar doente.

Ela balançou a cabeça, protegendo-se com os braços. Deus, ela estava com medo dele? Ele realmente a fez pensar que ele iria machucá-la de alguma forma? Ele queria vomitar ao pensar que ela temia a violência dele. Se ao menos ele pudesse ter aqueles poucos minutos em seu apartamento de volta.

– Não, apenas escute, Jace. Por favor. Não faça disso algo ainda mais difícil. Eu tenho que fazer isso antes de me perder. Antes de eu perder o orgulho próprio que eu consegui desenvolver nos últimos anos.

Sua voz terminou em um soluço e ela engoliu sopros de ar. Ela estava tremendo com tanta força que foi preciso tudo que Jace tinha para não levá-la a força para seu apartamento. Só o conhecimento de que, neste momento, independentemente do que ela tinha a dizer a ele, era o momento mais importante de sua vida. Ele não podia se dar ao luxo de estragar tudo. Não como ele já tinha feito em seu apartamento.

– Diga-me – ele insistiu.

As lágrimas agora corriam sem parar pelas suas bochechas, misturando-se com a chuva que caía rosto. Seu cabelo estava colado aos lados de seu rosto e se agarrava molhado ao seu corpo. Pingos de chuva brilhavam em seus cílios, delineando belos olhos assombrados.

Ela era a coisa mais linda no mundo e ele estava perto de perdê-la.

– Jack trouxe um frasco de comprimidos, esta manhã, quando ele veio. Ele trouxe para mim.

A respiração de Jace assobiou com a raiva que o consumiu. Ele queria rastrear o filho da puta e bater nele como no inferno. Como ele podia ser tão descuidado, quando se tratava de Bethany? A mulher com quem ele deveria se preocupar. E Bethany não podia ver que Jack não era flor que se cheirasse. Não mesmo. A visão que ela tinha sobre ele estava presa ao passado.

– Eu disse a ele que não queria os comprimidos. Eu *nunca* quis esses comprimidos. Ele estava tentando me ajudar. No passado, eu teria tomado. Eu teria feito qualquer coisa por eles. Mas não agora. Eu sou *melhor* do que isso. Mas então você veio e tivemos aquela discussão terrível e você me lembrou de que eu não tenho nada.

– Oh Deus, baby, não foi isso que eu quis dizer – ele engasgou. – Não *mesmo*.

Ela continuou como se não tivesse sequer o escutado. Parecia tão perdida em seus pensamentos que estava divagando, tentando se livrar de tudo, como se curando-se de um veneno.

– E eu fui embora porque doía muito ficar. Mas, então, eu voltei, porque eu sabia que a maneira como eu fui embora não foi legal. Eu precisava parar de correr. Te encarar. Fazer isso logicamente. Mas lá estava eu na cozinha, sentindo que meu mundo tinha chegado ao fim. Eu estava com frio e queria uma xícara de chocolate quente e quando eu abri o armário, lá estava o frasco de comprimidos me olhando nos olhos e eu sabia que se eu tomasse só um eu me sentiria melhor, que eu conseguiria lidar melhor com a bagunça que é a minha vida.

– Oh Deus – Jace respirou. – *Baby*.

– Foi por um *pouquinho* assim – disse ela, levantando os dedos trêmulos e deixando-os a poucos centímetros entre eles. – Eu cheguei tão perto de fazer isso. Eu coloquei uma pílula na

boca. Tomei um copo d'água, para engolir. Foi ali mesmo. Quando estava no fundo da minha garganta que eu percebi que eu estava fazendo. O que eu quase permiti que acontecesse.

Ela engasgou com um soluço e, em seguida, baixou a cabeça, os dedos se fecharam em punhos apertados em seus lados.

– Mas você não fez – Jace sussurrou, adivinhando.

– Mas eu quase fiz – disse ela em uma voz cheia de desolação. – Eu queria isso. Eu precisava disso. E eu o cuspi e joguei todos os comprimidos na pia. Eu não posso voltar para lá, Jace. Temos que acabar com isso agora, antes de destruímos um ao outro. Se é isso que estar com você faz para mim, eu não posso mais fazer isso. Eu não sou boa para você. Eu não sou boa para *mim* – ela terminou em um sussurro.

O medo o tomou. Ele balançou a cabeça, incapaz de extrair as palavras de sua garganta fechada. Ele ficou arrasado com o que ela quase tinha feito – não porque ele a julgava, mas porque ele a machucou tanto que ela quase fez o impensável. E se ela não tivesse parado em um?

O restinho da compostura ao qual ela se agarrava parecia dissolver-se com a chuva. Um soluço angustiante rasgou sua garganta e, em seguida, ela se agarrou em torno de seu próprio tronco, afundando-se de joelhos enquanto balançava para trás e para frente.

Jace a seguiu imediatamente, com os braços a envolvendo, abraçando-a com força contra ele. Ele beijou seu cabelo encharcado e balançou com ela enquanto a chuva os apedrejava.

– Eu me odeio por isso – ela chorou. – Pela minha fraqueza. Por ter simplesmente tentado. Eu me odeio por ter te machucando, por ter te decepcionado. Mas eu não posso simplesmente me afastar do Jack. Eu não espero que você entenda. Eu nunca te expliquei isso.

Sua raiva por Jack, pela situação, queimou por dentro dele, quente e feroz.

– Por que você corre tanto risco para protegê-lo? Ele é um merda completo, Bethany. Por que você *continua* permitindo que ele tome a sua vida para si?

Ela se afastou dele e olhou para seus pés.

– Porque ele fez muito por mim – ela gritou, a chuva deslizando pelo seu rosto, misturando-se com as lágrimas. – Ele fez muito por mim. Coisas que eu *nunca* poderei pagar! Você não entende. Você *nunca* poderia entender tudo o que ele sofreu por mim.

A dor era tão espessa em sua voz que ela se engasgou com cada palavra. Ela estava perturbada, quase perdendo as estribeiras, e estremecia violentamente com o frio.

Havia algo em sua voz, naquelas palavras gritadas, que o fez ficar gelado de dentro para fora. O que estava em seu passado, o que a ligava ao Jack, a assombrava diariamente. E, independentemente do que fosse, ele tinha que saber. Era fundamental para compreendê-la por que ela se agarrava com tanta força ao Jack.

– Então me faça entender – disse ele calmamente. – Mas nós vamos conversar lá dentro, onde é quente, depois de você vestir umas roupas secas. Então eu vou ouvir e você vai explicar. Nós vamos resolver isso. Juntos, Bethany.

Ela começou a sacudir a cabeça, mas ele se levantou, levando-a com ele.

– Eu não vou aceitar um não como resposta – ele mordeu. – O *inferno* que eu vou deixar você sair da minha vida. Nós vamos resolver isso e você vai me dizer por que você tem essa lealdade cega pelo merda do Jack. E, por Deus, quando tudo tiver terminado, você não sairá da minha vida. Você não irá a lugar algum, além de para a cama comigo.

capítulo 31

Jace soltou um claro suspiro de alívio assim que as portas do elevador se fecharam atrás dele, em seu apartamento. Ele se certificaria a todo custo que ela não chegasse perto do elevador. Não por um bom tempo.

Ele a levou para o banheiro e, depois de sentá-la sobre a tampa do vaso sanitário, ele se esticou para ligar o chuveiro. Então, imediatamente começou a descolar a roupa encharcada de seu corpo. As mãos dele tremiam – não de frio – e ele era incapaz de fazê-las parar. Ele estava totalmente destruído pela magnitude do que ele quase tinha feito. Do que ele *fez*.

– Jace, por favor, deixe-me ir – disse ela em uma voz suave embargada pela emoção. – Não há necessidade de prolongar isso. Apenas deixe-me voltar para a minha vida e você volta para a sua.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos e olhou intensamente nos seus olhos.

– Eu não vou deixar você ir. Nunca. Isso não vai acontecer. Como diabos eu vou voltar para a minha vida, se você *é* a minha vida? Como se a minha vida significasse alguma merda sem você nela. Agora vamos entrar no chuveiro e nos aquecer. Nós dois estamos congelando nossas bundas. Você mais do que eu. Você está na porra do frio há horas. Teremos sorte se você não ficar com hipotermia.

Seus olhos se arregalaram, e então ele soltou seu rosto e a puxou para que ficasse de pé, deixando cair suas próprias roupas enquanto a empurrava para o chuveiro.

Ele não conseguia controlar o tremor que tinha invadido seus membros. Mal conseguia segurá-la no chuveiro, mas a ancorou com firmeza contra seu corpo, usando o calor da água, bem como o calor de seu próprio corpo para aquecê-la.

Ela era como um bloco de gelo, o frio cravado tão fundo que tinha gelado até o seu sangue. Matava-o que ela tinha ficado tanto tempo na chuva, desolada, desesperada, tudo porque ele lidou com as coisas de forma errada. Ele a fez acreditar que ela não era nada. Que ela não tinha nada. Quando ela era absolutamente *tudo* para ele.

Ele a amava. Se havia qualquer dúvida antes sobre isso, ela tinha ido embora agora. E você não trata alguém que você ama da maneira que ele a tinha tratado. Ele não tinha mostrado qualquer compreensão. Ele não a tinha ouvido, não havia esperado que ela se explicasse. Todo esse tempo, ele foi paciente, esperando por ela para discutir o seu passado, para compartilhar essa parte dela com ele. E quando ele teve a oportunidade, ele tinha estragado tudo.

Isso nunca aconteceria novamente. E ele estaria condenado se ele a deixasse sair de sua vida quando ele precisou esperar trinta e oito anos para ela aparecer.

O calor se adensou e os cercou e ele sentiu os tremores dela finalmente diminuírem quando ela caiu em seus braços, aquecida, entregue, tão preciosa. Tudo o que ele sempre quis, ele

agora tinha em seus braços. Ele não iria abrir mão disso. Nunca perdeu uma batalha em que ele tivesse investido com tudo e essa era a batalha mais importante de sua vida.

Ele beijou a sua testa e deslizou a boca pelo seu pescoço macio, até o queixo. Sua. Sua mulher. Sua amante. Sua *esposa*, se ele tinha algum poder de decisão sobre isso. Ele iria amarrá-la com tanta força junto a ele que ela respiraria o mesmo ar que ele.

– Você está aquecida agora? – ele murmurou contra seu ouvido.

Ela assentiu com a cabeça e ele relutantemente a puxou de seu abraço e desligou a água. Ele a apressou para sair do chuveiro e a esfregou rapidamente com uma toalha para que ela não ficasse com frio novamente. Quando chegou ao seu cabelo, ele o puxou de seu pescoço, seu olhar recaindo sobre a gargantilha que ele lhe dera para o Natal. Ela não a tinha tirado. Mesmo quando estava tão magoada. Ele traçou as linhas com o dedo e depois se inclinou para beijá-la entre a orelha e a gargantilha, onde o pulso dela tremia ao contato com seus lábios.

Ela deu um passo para trás, com os olhos ainda assombrados e resguardados.

– Jace...

– Shhh, Bethany. Me dê apenas um tempo. Você precisa ficar aquecida e seca e, em seguida, vamos conversar. Sobre tudo. E você não está indo embora. Nem pense nisso. Eu vou amarrá-la na minha cama sem sofrer um pinga de remorso, se é isso que eu preciso fazer para mantê-la aqui.

Ela mordeu o lábio, mas ficou em silêncio, permitindo que ele enrolasse o seu cabelo na toalha. Então ele pegou o roupão do gancho na parte de trás da porta e a ajudou a vesti-lo, amarrando-o firmemente em torno de sua cintura.

Ele levou apenas alguns minutos para se secar e colocar roupas secas antes que ele a levasse para a sala.

Ele acendeu o fogo e a colocou no sofá.

– Dê-me apenas mais alguns minutos para fazer uma xícara de chocolate quente e já, já estarei de volta.

Ele hesitou em deixá-la mesmo que por um curto período de tempo, mas o fato de ela estar só de roupão – algo que ele tinha premeditado – o assegurava que ela não sairia correndo para fora de seu apartamento.

Mas ainda assim, ele esperou por seu consentimento e, quando ela finalmente balançou a cabeça, o seu peito se aliviou.

Pareceu levar uma eternidade para o leite aquecer no micro-ondas. Ele apressadamente acrescentou a mistura e adoçou exatamente como ela gostava e, em seguida, voltou para a sala onde ela estava aconchegada no sofá.

Seus pés estavam escondidos debaixo dela como se ela estivesse buscando se aquecer e ela colocado a colcha do sofá sobre o seu colo. Ele não tinha certeza se ela precisava do calor extra ou se ela estava adicionando mais camadas para se proteger... para se proteger dele.

Ele não permitiria nenhuma barreira entre eles. Não mais. Mas primeiro eles tinham que colocar tudo pra fora.

Ele entregou-lhe a caneca e ela a agarrou com as duas mãos, absorvendo o calor nas suas palmas. Ele se instalou no sofá ao lado dela, se virando de modo que eles ficaram de frente um para o outro. Ele puxou seu joelho para cima e para trás de modo que ele estava tocando o

dela. Ela não se afastou, algo que ele tomou como um sinal positivo, mas ele sabia que ainda tinha um longo caminho para fazer as pazes.

– Eu lhe devo um pedido de desculpas – disse ele em voz baixa. – Sinto muito, Bethany. Eu simplesmente perdi o controle. Quando eu pensei em todas as coisas que poderiam ter acontecido com você, fiquei um pouco louco e disse coisas que eu não queria dizer. Eu nunca quis fazer você se sentir como se você fosse nada ou não tivesse nada. Se você não acredita em mais nada, acredite nisso.

A caneca balançou em suas mãos quando ela a abaixou de sua boca.

– Eu entendo. De verdade. Mas, Jace, eu te disse o que eu quase fiz.

Seu rosto era um espiral de dor e vergonha. Aquilo estava praticamente acabando com ele. Incapaz de manter qualquer distância entre eles, ele tomou a caneca das mãos dela e a colocou na mesa de centro, antes de voltar e se aproximar. Ele enrolou um braço ao longo do encosto do sofá para que seus dedos tocassem no ombro dela e ele puxou a outra mão para a sua, acariciando a palma com o polegar.

– “Quase” é a palavra-chave, baby. Você quase tomou um comprimido. Mas você não tomou. Você parou. Você não fez isso.

Ela fechou os olhos e o coração dele se apertou quando uma lágrima escorregou uma bochecha.

– Eu tinha chegado tão longe – ela sussurrou. – Até hoje. Até eu ver essas pílulas. Eu não penso sobre elas. Quer dizer, eu não pensava. Eu não as queria. Não, desde que fiquei limpa. E então hoje eu queria isso mais do que *qualquer outra coisa*. Era uma compulsão.

Ela estremeceu e inclinou a cabeça. Ele deslizou os dedos por baixo do seu queixo e suavemente o levantou até que ela foi forçada a encontrar seu olhar mais uma vez.

– Baby, *você não fez isso* – disse ele em voz baixa, com ênfase. – Não importa o que você quis na hora, o que você pensou. Você não tomou. Isso demandou força. Você venceu e isso já não te tem mais sob controle. Hoje não serviu como uma prova para você?

A esperança era tão pungente em seus olhos que o cortou em dois.

– Você acha?

– Sim, eu acho. Eu não quero que você se martirize por isso. E de agora em diante, eu vou estar aqui para ajudá-la. Você não tem que ficar sozinha. Você não vai estar sozinha. Você vai se mudar para a minha casa. Eu esperei. Eu não queria pressioná-la muito cedo. É por isso que eu te instalei no antigo apartamento da minha irmã. Mas eu não estou satisfeito com isso. Você vai ficar aqui comigo.

Seus olhos se arregalaram. Ela abriu a boca para protestar, e ele a silenciou com um beijo.

– Você é minha, Bethany. Você pertence a mim. Eu pertenço a você. Você pertence aqui. Isso não é negociável.

– Mas Jack...

Ele se afastou, parte do seu humor vindo abaixo.

– Nós temos que falar sobre Jack. Ele é perigoso para você, Bethany. Eu não vou tolerar isso. Eu não vou tolerar qualquer ameaça a você.

Sua respiração gaguejou e era óbvio que ela se esforçava para controlar as lágrimas que ameaçavam cair.

– Eu não posso simplesmente virar as costas para ele, Jace. Eu não espero que você

entenda.

– Faça-me entender. Diga-me por quê. Diga-me o que te une a ele.

Ela fechou os olhos e as lágrimas contra as quais ela lutou caíram em silêncio, correntes de prata por suas bochechas.

– Ele fez tanto por mim. Ele me protegeu. Você não pode *imaginar* o que ele fez por mim, Jace.

Seu peito ardia e um nó se formou em sua garganta. Ele sabia com certeza que ele não gostaria do que ela estava prestes a lhe dizer, mas ele iria se sentar e ouvir mesmo se isso o matasse por dentro. Este era o seu passado e ela estava finalmente dando tudo para ele. Confiando-lhe os segredos que ela tinha mantido e a escura dor em seus olhos.

– Nós vivíamos entrando e saindo dos lares adotivos. Nós não somos irmãos de sangue. Você sabe disso. Mas nós éramos próximos e os agentes do serviço social tentavam nos colocar juntos quando possível. Nem sempre era. Mas eles sabiam que, se nós fôssemos juntos, estaríamos menos propensos a causar problemas e, por isso, quando eles podiam, eles acomodavam a nossa necessidade de estar juntos. Éramos a única família que o outro tinha.

Ela fez uma pausa e inspirou profundamente.

– Vá em frente, baby – disse ele suavemente. – Eu estou ouvindo. Nada pode machucá-la agora.

– Quando eu tinha doze anos, o Jack tinha quinze. Ele era grande para sua idade. Eu sei que ele não parece agora. Ele está muito magro, mas quando ele está saudável e bem alimentado, ele é um cara grande. Alto e de ombros largos. De qualquer forma, nós estávamos em uma casa juntos e o nosso pai...

Jace ficou tenso, todo o seu corpo eriçado de raiva. Ele não gostava de onde ela estava indo com isso.

– O nosso pai costumava olhar para mim e isso preocupava o Jack. Ele nunca me deixava fora de sua vista ou me deixava sozinha com o nosso pai adotivo. Acontece que ele não ligava de serem meninas ou meninos.

Ela estremeceu de repulsa, com o rosto ficando pálido. Aflição irradiava dela em ondas. Ele a puxou em seus braços e a segurou com força, virando o seu rosto para que ela pudesse continuar falando. Ele acariciou seus cabelos, tentando lhe oferecer conforto de qualquer maneira que ele podia.

– Ele passou por isso por mim – ela sussurrou. – Ele se colocava no caminho cada vez que o nosso pai vinha atrás de mim. Jack permitiu que aquele homem abusasse dele para que eu não fosse abusada e, ah meu Deus, eu nunca vou conseguir me esquecer disso, Jace. Eu não posso esquecer disso. Ele fez isso por mim durante *meses* até que finalmente fomos capazes de fugir.

– Ah, meu bem. Sinto muito.

– Jack sempre cuidou de mim. Quando eu sofri o acidente de carro. Antes disso. Depois disso. Sempre foi ele quem se certificou de que nós tínhamos comida para comer, roupa para vestir. Quando eu não conseguia mais os remédios para dor com prescrição médica – e naquela época eu ainda estava sentindo muita dor – Jack arrumava os comprimidos para mim. E então, quando eu fiquei viciada, ele corria o risco de ser preso e Deus sabe mais o que para

se certificar de que eu tinha o que eu precisava.

Jace suspirou. Era uma situação complicada, sem dúvida. Ele passou a enxergar Jack sob um novo ponto de vista, mas isso não queria dizer que ele estava bem com aquele homem fodendo as coisas para Bethany. Jack fazia mais do que apenas ser viciado em medicamentos controlados. Ele estava comprando, se não traficando, algumas merdas pesadas. O tipo de coisa que poderia levar uma pessoa à morte ou para prisão por um tempo muito longo. Não havia nenhuma maneira no *inferno* que ele iria deixar Bethany ser exposta a isso.

– Eu entendo por que você se sente a maneira que você se sente, baby, mas me escute. Jack está além disso tudo agora. Ele está metido nisso profundamente e está colocando você em sério perigo. Eu não posso permitir isso. Eu *não vou* permitir isso. Eu nunca vou concordar com qualquer coisa que possa prejudicá-la. Você entende isso?

Ela se mexeu e levantou a cabeça para que ela pudesse olhá-lo nos olhos.

– Eu entendo, Jace. De verdade. Eu não estou inventando desculpas para ele. Eu não gosto do que ele está fazendo, mas a ideia dele estar com frio e com fome e correndo perigo... isso parte o meu coração. Eu não posso não me perguntar se ele seria como ele é, se não fosse por mim.

Jace balançou a cabeça, certificando-se de que ela percebera sua veemência.

– Você não pode levar a culpa por isso. Eu não vou deixar você fazer isso. Ele te protegeu. Eu sempre serei grato por ele ter feito isso. Mas, meu bem, mesmo ele não iria culpá-la por aquilo que ele é agora. Todos nós fazemos escolhas. Ele fez algumas escolhas ruins, e *você* não deve pagar por elas.

– Mas o que é que eu deveria fazer? Eu não posso simplesmente pular fora da vida dele. Eu não posso deixá-lo sozinho e sem nada. Não quando eu tenho todas as coisas que ele não tem.

Jace olhou nos seus olhos encharcados de lágrimas e percebeu que ela não seria a mulher que ele amava se ela pudesse simplesmente se afastar de sua família. Ele acariciou sua bochecha, enxugando a umidade, e então ele suspirou.

– Eu vou pensar em alguma coisa para Jack. Mas você tem que entender que, se eu me envolver, isso significa que você vai se afastar.

Seus olhos tornaram-se conturbados e ela baixou o olhar novamente.

– Ele poderia...

Ela mordeu o lábio e ficou em silêncio.

– Ele poderia o quê, meu bem? Você não tem que ter medo de me perguntar nada.

– Mas eu não tenho direito de pedir isso – ela disse em uma voz baixa. – Você me deu tanto e eu não te dei nada em troca.

– Você é tudo para mim. *Tudo*, Bethany. Eu não digo isso de forma leviana. Eu com certeza absoluta nunca disse isso a nenhuma outra mulher. Merda, eu nunca disse isso a mais ninguém.

Ela olhou para ele com tanta confusão e espanto que ele não podia se controlar por mais tempo. Ele a puxou em seus braços e contra o seu peito, ancorando-a tão apertado que era duvidoso se ela pudesse respirar.

– Pode perguntar, Bethany.

– Eu ia lhe perguntar se Jack pode ficar no apartamento – ela sussurrou. – Só um pouquinho. Até que ele se ajeitasse e pudesse pagar um lugar próprio.

Jace cuidadosamente livrou Bethany de seu domínio e a colocou longe o suficiente para que

ela pudesse vê-lo e ele pudesse vê-la. Sua expressão era totalmente séria quando ele olhou para ela.

– Se você morar comigo, eu vou ver o que posso fazer em relação a deixar Jack se mudar para o seu apartamento.

Ela não reagiu à chantagem sutil. Não que isso fosse realmente sutil. Mas ele não deixaria de usar todos os meios necessários para colocá-la em sua casa, em sua cama e inseri-la ainda mais em sua vida.

– Você faria isso? – ela sussurrou.

Certamente, ele o faria. E não sofreria um pinga de culpa no processo.

– Sim, eu faria isso.

Ela jogou os braços ao redor dele, quase derrubando-o para trás no sofá.

– Obrigada – disse ela ferozmente. – Eu não mereço você, Jace. Agradeço a Deus todos os dias por você, apesar de tudo.

Ele franziu o cenho para sua afirmação, mas desde que ela não tinha rejeitado a ideia de ir morar com ele, ele não forçou o assunto.

– Eu mal posso esperar para contar ao Jack – disse ela. – Ele não vai acreditar.

Jace levantou as mãos.

– Existem algumas condições, Bethany.

Ela ficou em silêncio e olhou interrogativamente para ele.

– Eu não vou aceitar drogas naquele apartamento. Eu não vou aceitá-las em qualquer lugar *perto* de você. Se Kaden ou Trevor as encontrarem, a qualquer momento, ele está fora. E se você encontrar o Jack, você vai fazê-lo com Kaden ou Trevor, ou comigo. *Disso* eu não vou abrir mão.

Bethany estava quieta. Ele podia ver as engrenagens girando em sua mente. Ele se viu prendendo a respiração, perguntando se ele tinha sido muito duro. Mas era quem ele era. Ele não podia mudar isso, não iria mudá-lo por algo tão importante quanto a sua segurança.

– Tudo bem – disse ela em voz baixa. – Eu vou explicar para Jack.

– Não.

Ela ergueu as sobrancelhas e franziu em confusão.

– *Eu* vou explicar para o Jack – Jace disse severamente. – Eu não vou colocar você em uma situação desconfortável. Deixe que eu seja o babaca. Não tenho nenhum problema em assumir esse papel quando se trata de você.

– Você não é um babaca – ela disse em uma voz forte que o fez sorrir.

– Isso significa que você vai ficar feliz em ficar comigo e não vai pensar que eu sou um grande escroto por te manipular para ir morar comigo?

Os olhos dela ficaram suaves e, em seguida, ela se inclinou para o seu abraço, seu corpo macio como cetim sobre a pele dele. Tão suave e quente. Absolutamente perfeita. As mãos dele deslizavam pelas suas costas, desejando como o inferno que seu roupão não estivesse a cobrindo.

– Eu nunca quis ir embora – disse ela baixinho. – Eu pensei que era o que você queria.

– Shhh, querida, não. Não diga isso. Nunca isso.

– E eu me preocupo, Jace. De verdade. Eu me preocupo com aonde isso está indo e por

quanto tempo você vai ser feliz... ao meu lado.

O medo não dito era tão evidente como se ela o tivesse manifestado. Ela estava preocupada que isso fosse temporário para ele e ela se preocupava com o que iria acontecer com ela quando, em sua mente, ele se cansasse dela e seguisse em frente.

– E eu ainda me preocupo que eu não seja boa o suficiente para você – ela disse em uma voz nitidamente vulnerável.

– Ah, meu bem.

Ela balançou a cabeça e continuou.

– Eu não me encaixo no seu mundo. Como eu poderia me encaixar? Eu tenho medo de que um dia você perceba isso.

Ele acariciou o rosto dela com a palma da mão, permitindo-lhe manter a cabeça aninhada em seu ombro.

– Você é o meu mundo, baby. Nós já passamos por isso.

Ele podia senti-la apertando os olhos fechados e ela tremeu. Ele a abraçou apertado e beijou seu cabelo sedoso.

– Eu quero acreditar nisso – ela sussurrou. – Porque você é meu, Jace. E isso me assusta. Você é meu mundo inteiro. Tudo que é maravilhoso. A melhor coisa que já me aconteceu. Perdi muita coisa em minha vida e sobrevivi. Mas se eu perder você, isso vai me devastar como nada jamais me devastou. Você tem tanto poder sobre mim e isso é assustador.

Ele fechou os olhos, inspirando profundamente enquanto as palavras dela caíam sobre ele. Ela não tinha dito que o amava, mas ele estava convencido de que era apenas porque para ela isso era a última ponte que faltava ser cruzada. Um sinal de sua submissão final. E talvez ela não estivesse pronta para isso ainda. Ele podia esperar. Para sempre, se levasse tanto tempo. Ele estava mais do que feliz em passar os próximos 40 anos a convencendo de que ele não iria a lugar nenhum. Eventualmente, ele também ouviria essas palavras dos lábios dela, e quando acontecesse, elas ficariam para sempre em sua memória.

– Baby, me escute.

Ela se mexeu novamente, seu olhar encontrando o dele. Ele tocou a sua boca, desenhando seus lábios.

– O tipo de poder sobre o qual você está falando não é um controle. Não se trata da sua submissão. Não é sobre o meu domínio. Trata-se de um poder emocional. Mas, baby, você tem exatamente o mesmo poder sobre mim. Quando se trata do nosso relacionamento, você tem muito mais poder do que eu.

Seus olhos se arregalaram de surpresa.

– É verdade – disse ele antes que ela pudesse colocar seu protesto em palavras. – Você tem mais poder, mais controle do que você poderia imaginar. Meu coração está em suas mãos. Isso não é besteira. Eu não estou dizendo coisas que eu acho que você esteja a fim de ouvir, a fim de manipulá-la. Eu não posso ser mais honesto do que isso. Eu sou seu, baby. Estou me abrindo. Meu coração, minha alma, tudo pertence a você.

– Jace.

O nome dele correu pelo ar enquanto ela olhava, ainda machucada, em direção a seus olhos. Sua boca se arredondou em estado de choque e suas mãos tremiam enquanto ela as levantava até o seu rosto. Quando ela o tocou, ele se aninhou na palma da sua mão e, em seguida, deu um

beijo na pele macia.

– De verdade? – ela sussurrou.

Ele sorriu.

– Você não pode pensar que tenho o hábito de dizer essa merda para todas as mulheres com quem eu durmo.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Eu não posso nem imaginar.

– Então, acredite nisso, baby. Olhe para mim. Acredite em si mesma. Em *nós dois*. Isto é real. Tão real quanto dá para ser. Nada nunca foi mais verdadeiro em minha vida.

– Tudo bem – ela disse em uma voz calma e sussurrada que enviou uma onda doce sobre sua pele.

– Você vai se mudar para cá?

Ela assentiu com a cabeça.

– Você vai me deixar lidar com as questões do Jack?

Ela assentiu com a cabeça novamente.

– Você está preparada para se submeter totalmente a mim? E não apenas no quarto, baby. Em todos os aspectos da nossa relação.

Ela hesitou brevemente antes de acenar com a cabeça uma terceira vez.

– Nunca mais vá embora dessa forma, Bethany. Não importa o que aconteça, fique e lute. Grite comigo, discuta, jogue algo em mim, o que você quiser fazer, mas nunca se afaste de mim. Você vai ficar e lutar por aquilo que temos. Você sabe que eu tenho um temperamento difícil. E você sabe que eu vou dizer merdas estúpidas que eu não quero dizer. Mas você não pode virar as costas e fugir quando as coisas ficarem difíceis. Me prometa isso.

Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço e se inclinou para ele, de forma quente e doce.

– Eu prometo.

capítulo 32

– Jace – Bethany sussurrou em seu ouvido.

– Sim, meu bem?

Bethany estava aninhada ao seu lado, com o corpo mole e saciado de tanto fazer amor. E se Jace tinha alguma dúvida quanto a se o que eles faziam antes era amor, essa dúvida desapareceu. Eles passaram horas intermináveis se beijando, se tocando, descobrindo os corpos um do outro, e ele ficou especialmente encantado com a ousadia de Bethany na cama.

Ela ainda era adoravelmente tímida e às vezes hesitante, mas sua confiança foi crescendo e Jace se deliciou diante de todas as iniciativas tomadas por ela. Não houve lugar para dominação e fantasias na redescoberta do que se deu na noite anterior. Ele simplesmente derramou cada gota de seus sentimentos no ato de fazer amor, até ambos ficarem completamente exaustos.

Ela se levantou apoiada nos cotovelos, com a cabeça deixando o seu ombro. Ele queria puxá-la de volta, não gostava dessa ausência repentina que sentia ao deixar de tê-la em seus braços, mas ela estava olhando para ele com as sobrancelhas franzidas. Tinha algo em mente e ele não queria calá-la.

Ela levantou a mão para tocar a gargantilha em volta do seu pescoço, os dedos traçando as linhas enquanto ela parecia organizar os seus pensamentos.

– O que é isso para você? – perguntou em voz baixa. – O que é isso, de verdade? Você me disse no apartamento que, enquanto eu usasse a sua *gargantilha*, eu estaria sob sua proteção. O que isso significa?

Ele suspirou, odiando a incapacidade de controlar sua língua quando estava irritado. Não era assim que ele queria explicar a ela o significado da joia.

– É um símbolo de minha propriedade – disse ele em um tom cuidadoso. – É um presente que um homem dá à sua submissa. Para uma mulher que ele preza e que está sob seus cuidados. Isso significa que você pertence a mim. Que você é submissa a mim.

Suas sobrancelhas se franziram ainda mais e ela ficou em silêncio por um longo tempo.

– Por que você não me disse isso quando me deu a gargantilha?

Ele se levantou, apoiando-se em seu cotovelo, para que se encarassem olho no olho. Estendeu a mão para tocar sua bochecha, acariciando a pele lisa. Em seguida, deixou seus dedos passearem até a gargantilha, até o diamante que descansava contra a sua garganta.

– Eu estava com medo de que fosse cedo demais. De que você não compreendesse. Eu não queria pressioná-la. Eu estava com medo de você não aceitar a gargantilha caso soubesse o que ela realmente significa.

Ela mordeu o lábio pensativamente.

– Mas, Jace, por que você iria querer que eu usasse a gargantilha sem entender o que ela

significa? Ela não tem valor até que eu saiba o seu significado. Qualquer satisfação que você sentisse por eu a estar usando foi vazia, porque eu não sabia o que estava usando.

Seus lábios se torceram com tristeza.

– Você me pegou. E você está certa. Para mim, foi o suficiente vê-la em torno de seu pescoço e *eu* saber o que significava. Mas você está certa. Ela nunca poderia significar o que ela deveria até *você* ter reconhecido e aceitado o seu verdadeiro significado.

– É importante para você – disse ela, não como uma pergunta, mas como a declaração de um fato.

Ele acenou com a cabeça.

– É. Mas talvez não pelas razões que você imagina. Não é que eu seja esse idiota que tem que te marcar como uma propriedade. A simples verdade é que eu gosto de vê-la em torno de seu pescoço, porque eu a dei para você e é um símbolo de sua entrega para *mim*.

Seus olhos se arregalaram.

– Eu não tinha considerado a partir dessa perspectiva.

Ele sorriu.

– Não, você ainda está convencida de que não me oferece nada, de que você não tem nada para oferecer. Mas isso não é verdade, querida. Você me deu o presente mais precioso que eu já recebi. Você mesma.

Lágrimas brilharam intensamente em seus olhos azuis ferozes. Então, para a sua surpresa, ela se esticou para trás para abrir a gargantilha. Deixou deslizar de seu pescoço e, em seguida, a estendeu para ele.

O pânico tomou conta dele, enquanto a olhava sem dizer nada. Ela estava rejeitando a gargantilha?

– Eu não sabia o que significava antes – disse ela, ainda oferecendo a gargantilha para ele. – Eu quero que você a coloque em mim, agora que nós *dois* sabemos o que isso significa.

Seu peito quase explodiu, enquanto se contraía e voltava a relaxar. Suas mãos tremiam quando ele a tirou de seus dedos. Ele ficou de joelhos e, em seguida disse:

– Fique de joelhos, baby. Ajoelhe-se para mim aqui na cama.

Ela se posicionou na frente dele, tão incrivelmente bela com os cabelos despenteados e os olhos sonolentos. Olhos que estavam cheios de algo que ele não esperava. Amor.

Ele segurou a gargantilha para que ela pudesse vê-la sobre suas mãos. Então, olhou nos olhos dela.

– Você usaria o meu colar, Bethany? Não é apenas um símbolo de minha posse. É um símbolo de sua entrega para mim, mas também de minha entrega a você. Eu vou te valorizar e proteger. Vou garantir que todas as suas necessidades sejam satisfeitas. Seu corpo será meu, mas o meu também será seu. Eu vou te amar e te adorar com todas as minhas forças.

– Sim. Ah, Jace, sim – ela suspirava.

Ele colocou a gargantilha mais uma vez em torno de seu pescoço. Era tudo mais doce desta vez porque, como ela havia dito, agora sabia o seu significado. Ela aceitou a gargantilha e também *ele*. Ele poderia pedir mais do que isso?

Ele a prendeu e, em seguida, correu os dedos para frente, tocando a lágrima para que ela corresse levemente. Em seguida, inclinou-se e buscou a boca de Bethany, sua língua

encontrando a dela em um quente furor que o deixou tonto.

– Eu te amo, Bethany.

– Jace!

Mas ele não permitiria que ela chorasse. Não em sua cama e não enquanto ele a segurava. Ele queria apenas a sua felicidade e, enquanto ele tivesse o poder de conter as lágrimas, ele faria isso.

– Faça amor comigo, querida. De novo e de novo. Desta vez, nós dois sabendo que você pertence a mim de corpo e alma.

Os braços dela se enrolaram em volta do seu pescoço e ela o puxou em sua direção até que se dobrou debaixo dele, caindo de volta no colchão. Ele foi com ela, empurrando-a firmemente na cama, com a boca devorando a dela, seu corpo cobrindo o dela.

– Nunca senti isso por uma mulher – murmurou contra a sua pele. – Nunca. E nunca sentirei novamente.

– Jace – ela sussurrou com a voz rouca. – Me ame. Por favor.

– Sim. Eu vou te amar. Eu te amo. Você não tem que pedir isso, baby. Já é seu. Eu sou seu. Isso nunca vai mudar.

Ele beijou seu caminho até seus seios, lambendo um mamilo até deixá-lo duro, antes de se voltar para o outro. Ele lambeu e chupou, amando o gemido que emanava dela. O corpo inteiro dela ficou tenso sob ele e ela se arqueou em sua boca.

As mãos dela se emaranharam em seus cabelos, puxando e, em seguida, segurando-o firmemente contra o seu peito.

Ele sorriu.

– Meu bebê gosta disso?

Ela gemeu.

– A única coisa que eu amo mais é quando você coloca a boca lá... embaixo.

Ainda adoravelmente tímida. Ele adorava isso nela. Como ela estava hesitante quando a questão era dizer para ele seus desejos e necessidades.

– Nunca deixe que digam que eu não faço todos os esforços para satisfazer a minha mulher – ele sussurrou enquanto se movia para debaixo de seu corpo.

Ele separou suas coxas, abrindo e olhando sua doce boceta. Passou um dedo pelas delicadas dobras, abrindo-a mais para que ele tivesse acesso à sua carne inchada e rosa. Brilhava com sua umidade e seu pau ficou ainda mais duro ao imaginar o gosto em sua língua.

Ele lambeu agressivamente, passando todo o topo de sua língua sobre sua entrada e até o seu clitóris. Ele rodou delicadamente ao redor da protuberância aveludada e, em seguida, puxou cuidadosamente entre os lábios chupando-a levemente.

Ela resistiu por baixo dele, se arqueando, os dedos mergulhando em seu cabelo para mantê-lo no lugar. Ele se deliciava nela como em um banquete. Comendo, lambendo, chupando, deslizando sua língua dentro dela, fodendo-a com golpes molhados.

Ele não conseguia parar. Ele nunca se satisfazia de seu gosto, da sensação dela, sedosa e doce contra seus lábios. Ele amava como ela tremia sob seu toque, seus pequenos suspiros e gemidos ofegantes. Nunca tinha imaginado ser tão avassalado por uma mulher. Ele não mentiu quando disse para Bethany que ela tinha um imenso poder sobre ele. Muito mais poder do que ele jamais exerceria sobre ela. Porque sem ela, ele não tinha nada.

Sem ela, o seu dinheiro, a sua riqueza, o seu prestígio, nada disso significava coisa alguma. Ela não acreditava ser digna dele, porque ele tinha as coisas materiais que ela não tinha. Mas o que dava a ele era mais doce, não tinha preço e nem medida.

– Jace – ela disse em um gemido. – Baby, por favor.

Foi a primeira vez que ela usou uma palavra de carinho e ele gostou. Ele gostou pra cacete. Ele nunca se considerou um homem que deseja que sua mulher o chame por nomes bonitinhos. Ele próprio nunca tinha usado isso com outra mulher. Mas com a Bethany, as palavras vieram tão facilmente. Termos afetuosos que escorregaram de seus lábios antes que ele sequer soubesse que eles estavam vindo.

– Diga isso de novo – disse ele com a voz rouca.

Ela levantou a cabeça, seus olhos suaves cheios de amor e carinho. – Dizer o quê?

– Você me chamou de *baby*.

Um sorriso curvou os seus lábios, e os seus olhos brilhavam enquanto esse sorriso se alargava.

– Você gostou?

– Sim – ele disse ríspidamente. – Eu gostei.

– Baby – ela sussurrou.

Ele fechou os olhos e lambeu sua doce boceta novamente, aproveitando o arrepio intenso que a sua boca causou nela.

– Diga-me como você quer isso – disse ele. – Você quer gozar na minha boca ou você quer dentro de você?

– Eu tenho escolha?

Havia diversão em sua voz, e ele levantou a cabeça para ver o brilho provocante em seus olhos. Deus, ele adorava isso. O relacionamento confortável e fácil que havia se construído entre eles. Ele poderia muito bem imaginá-los rindo e se amando desse jeito por décadas e décadas.

– Sim, baby, você tem escolha. De qualquer maneira, você vai gozar, então eu acho que é um uma situação boa de qualquer maneira para você. E é maravilhosa para mim também. Ou você goza por toda a minha língua – definitivamente nenhuma desvantagem nessa escolha – ou você goza com meu pau tão profundamente dentro da sua boceta que minhas bolas estarão se esforçando para também entrar em você. *Definitivamente* não é uma desvantagem.

Ela riu suavemente e sua cabeça caiu para trás contra o travesseiro, um suspiro de satisfação escapou de seu peito.

– Bom. É uma decisão difícil, porque você tem uma língua tão, tão maliciosa. Mas eu realmente adoro quando você está dentro de mim.

– Não diga mais nada – ele rosnou ao mover o corpo até suas bocas ficarem alinhadas.

Ele a beijou, acariciando sua língua profundamente sobre a dela, permitindo-lhe provar sua essência, o odor adocicado que ele carregava em sua língua.

– Ajude-me a entrar em você, baby. Me guie.

Ele quase se perdeu quando seus dedos se enroscaram em torno de seu pênis rígido e, em seguida, com a outra mão ela abriu os lábios de sua vagina e posicionou a cabeça do seu pênis em sua abertura.

Ela parou por um momento, acariciando-o levemente com as pontas dos dedos, deslizando para agarrar suas bolas. Ela massageou suavemente até que ele estava quase ofegante com a necessidade. Ele estava perto de se entregar completamente em cima da sua boceta antes mesmo de estar dentro dela.

Ela fazia isso com ele. Ela o deixava louco de desejo. Fazia-o perder o controle, a paciência. Ele fechou os olhos e segurou o seu peso sobre ela com os antebraços.

– Você está pronto? – ela sussurrou.

– Sua provocadora – ele sussurrou de volta.

Ela sorriu e, em seguida, arqueou-se para cima, revestindo-o em alguns centímetros. Em seguida, ela tirou a mão e colocou os braços ao redor de seus ombros, puxando-o para baixo para que ele ficasse pressionado contra o seu corpo.

– Me possua. Faça amor comigo, Jace.

Ele deslizou para dentro, lenta e suavemente, empurrando até os seus quadris encontrarem a parte de trás das coxas dela. Ela enganchou seus tornozelos em torno de suas costas, movendo-se com ele, contrariando suas investidas.

Ele beijou os seus lábios, o canto da boca e, em seguida, desenhou uma linha de beijos que descia de sua mandíbula até sua orelha. Ele mordiscou, brincando com o lóbulo e depois o chupou entre os lábios, imitando a atenção que deu aos seus seios.

Ela ficou molhada em torno de seu pênis, banhando-o com um calor instantâneo.

– Minha gata também gosta disso – ele murmurou.

– Mmmm – ela gemeu. – Meus ouvidos são tão sensíveis.

Ele lambeu o lóbulo e, em seguida, traçou a concha de sua orelha até ela tremer violentamente sob ele. Sua vagina se contraiu e, em seguida, apertou com força, sugando-o mais pra dentro.

– Ela realmente gosta disso – ele disse com risada.

Seus dentes se afundaram em seu ombro e foi sua vez de tremer e se apertar em cima dela.

– Hummm, o *meu* bebê gosta disso – disse ela presunçosamente.

– Cacete, claro que sim. Eu gosto dos seus dentes, sua boca, sua língua. Qualquer parte de você que eu possa ter, baby. Eu gosto de tudo isso.

– Nesse caso...

Ela mordeu seu caminho do pescoço até o seu ouvido e, em seguida, novamente para baixo. Suas terminações nervosas chiaram e ficaram confusas. Seu pênis avançou, penetrando nela até machucá-la. Mas ele estava fora de controle, seu corpo assumindo a necessidade e o instinto para encontrar a libertação.

– Vem comigo – ele falou entre os dentes. – Vem comigo, baby. Estou perto. Não vou durar muito mais tempo.

Ela rodeou seu pescoço, abraçando-o contra ela enquanto ela levantou o corpo contra o seu como se procurasse mais.

– Eu te amo – ela sussurrou, as palavras flutuando sobre sua orelha.

Essas palavras. Meu Deus, essas palavras. Era a única coisa que faltava. A única coisa que ela ainda não tinha dado. Era o som mais bonito que ele já tinha ouvido em sua vida.

A euforia o preencheu, espalhando-se pelos recantos mais obscuros de sua alma e brilhando

como uma luz sobre cada sombra.

– Bethany – ele engasgou. – Deus, baby, eu também te amo. Demais. Goza comigo agora.

– Eu já estou lá.

As palavras doces, o sussurro adocicado ainda ecoando em sua mente, dizendo *eu te amo*, tudo isso o lançou em uma queda livre. O sêmen irrompeu de seu pênis, jorrando profundamente em sua vagina, o calor e a fricção quase dolorosos em sua intensidade. E ainda assim ele continuava gozando e gozando, o seu orgasmo tinha uma força incomparável. Ele banhou sua boceta com sua liberação e, em seguida, empurrou fundo e se manteve grudado a ela, encravado tão profundamente quanto podia. E permaneceu lá, querendo se fixar em seu ventre.

Nesse momento, ele amaldiçoou o método contraceptivo. Ele teve uma necessidade selvagem de lhe dar um bebê, de deixá-la grávida de seu bebê. O bebê deles. Um filho ou uma filha. A imagem dela grávida de seu bebê o mantinha duro quando ele já devia estar perdendo a ereção.

Ele caiu sobre ela, sobre a sua suavidade. Deus, ele amava a sensação de tê-la debaixo dele. Ela suspirou de contentamento e beijou o canto de seu pescoço enquanto suas mãos esfregavam suas costas de cima a baixo, até a sua bunda.

– Se eu pudesse escolher, eu ficaria dentro de você para sempre.

Ele sentiu o sorriso dela contra a sua pele.

– Diga-me outra vez – ele insistiu. – Eu quero ouvir as palavras de novo, Bethany.

Ela não hesitou. Não entendeu errado o que ele lhe pedia.

– Eu te amo.

Ele fechou os olhos e respirou profundamente. Ele nunca pediria mais do que isso. Mais do que ele tinha em seus braços, aqui e agora.

– Eu também te amo, baby.

capítulo 33

Jace acordou com o som de um telefone tocando. Ele acordou e olhou para o relógio e, em seguida, soltou um palavrão. Ele nunca perdia a hora. Nem mesmo na faculdade ele nunca tinha chegado atrasado para uma aula. Já passava das nove e ele nem sequer tinha se mexido. Era a segunda vez que ele conseguia se lembrar em que ele acordara tarde sem querer. E ambas as vezes tinham sido depois de uma noite envolvente com Bethany.

Ele olhou para baixo e a cabeça de Bethany estava sobre o seu ombro. Ela também não tinha se mexido. Eles tinham feito amor inúmeras vezes até caírem em um sono exausto.

Ele estendeu a mão para pegar o seu celular, que estava na mesa de cabeceira, e viu que Kaden o estava telefonando.

– Jace Crestwell – ele respondeu.

– Sr. Crestwell, achei que você gostaria de saber que Kingston voltou para o apartamento.

– Ele está aí agora? – Jace perguntou em voz baixa.

– Sim, senhor. Veio há poucos minutos atrás. Entrou e não saiu ainda.

– Certifique-se de que ele não saia – Jace disse secamente. – Estou indo para aí.

– Sim, senhor.

Jace desligou a chamada, enquanto Bethany se agitava ao seu lado. Ela levantou a cabeça e olhou para ele com olhos sonolentos.

– Tudo bem?

Ele beijou a sua testa.

– Eu tenho que sair por um tempo. – Hesitou por um momento. – Jack voltou para o apartamento.

Seus olhos ficaram em alerta, tirando de si o véu do sono.

– Eu vou com você.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Sou eu quem vai lidar com isso, Bethany.

Ela ficou agitada e antes que pudesse tomar fôlego e se mostrar chateada, ele disse com firmeza:

– Eu não quero você envolvida nesse processo. Tínhamos um acordo sobre isso. Eu preciso que você confie em mim. Eu vou lidar com isso.

– Tudo bem – disse ela em voz baixa.

Ele a beijou novamente.

– Vai ficar tudo bem, baby. Confie em mim.

– Eu confio – ela sussurrou.

– Enquanto eu estiver lá, eu vou pedir que suas coisas sejam trazidas para cá.

Ela mordeu o lábio.

– Você está com dúvidas? – ele perguntou com cautela.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Eu quero isso. Eu quero você. E eu confio em você, Jace. Por favor, não pense que eu não confio. Isso é difícil para mim. Jack é importante para mim. Vocês dois são. Eu sei que ele não é perfeito. Eu sei que ele fez coisas que não foram... legais. Mas eu só quero que ele esteja seguro e que tenha o básico.

– Eu sei que você confia em mim, baby. Não se preocupe. Eu te ligo quando a conversa com Jack terminar, ok? O seu celular está carregado?

Ela encolheu os ombros e ele revirou os olhos.

– Eu vou ligá-lo na tomada antes de sair. Vou deixá-lo no balcão da cozinha.

Ele afastou os lençóis e deslizou para fora da cama, mas depois se inclinou, querendo beijá-la novamente, para saborear a sensação de tê-la sob os seus lábios por uma última vez antes de ir lidar com a questão de Jack.

Esta não era uma situação em que ele queria estar. Mas, por Bethany, ele faria isso, mesmo que preferisse dizer para Jack se foder e se manter fora da vida de Bethany a partir de agora. Mas Bethany nunca o perdoaria por isso e ele não iria correr o risco de perdê-la, enquanto ajudar Jack não faria muita diferença em sua vida, além do inconveniente de ter que confrontar outro homem.

Uma parte dele adorava isso. Ele queria ver por si mesmo qual era a posição de Jack em relação a Bethany. Enquanto Bethany o considerava um irmão, Jace não estava convencido de que os sentimentos de Jack em relação a ela eram muito fraternais.

Isso ele guardaria para si mesmo, porque Bethany era ingênua quando se tratava de um monte de coisas, inclusive quando se tratava de Jack, e ela nunca enxergaria essa situação como alguém que a estivesse vendo de fora. Mas, de todo modo, Jace tinha pouca perspectiva quando se tratava de coisas que a envolviam.

– Eu não quero que você se preocupe com isso, baby. Vai dar tudo certo. Jack pode te ligar e você pode ligar para ele. Eu nem me importo que você o encontre, desde que Kaden ou Trevor estejam com você, quando eu não puder estar.

– Obrigada, Jace. – Seus olhos estavam brilhantes e sérios. – Isso significa muito para mim.

– Eu te amo – disse ele com a voz rouca.

Todo o rosto dela se suavizou e a preocupação sumiu de seus olhos. Ele percebeu então a segurança que aquelas palavras lhe davam e prometeu naquele momento que não deixaria passar nem um dia sequer sem dizer isso a ela.

– Eu também te amo.

Ele entrou no banheiro antes que acabasse deixando Jack de lado e pressionasse Bethany a voltar para a cama para fazerem amor pelo resto do dia. Ele já estava muito atrasado para o trabalho, o que não era comum. No caminho, ele ligaria para Eleanor a fim de mantê-la atualizada. Apesar de mal terem passado as férias de fim de ano, os negócios já tinham voltado à rotina e eles tinham vários projetos em andamento. Projetos que necessitavam da constante atenção dele, de Gabe e de Ash.

E sendo sincero, ele sabia que tinham se passado semanas desde que pudera dar ao trabalho a sua devida atenção. Talvez ele nunca mais tomasse o trabalho como a sua maior prioridade.

Ele tinha Bethany e agora ela era a coisa mais importante de sua vida. Não mais o trabalho, não mais os negócios e nem mesmo a parceria com seus dois melhores amigos.

Quarenta e cinco minutos depois, ele entrou no prédio e foi recebido por Kaden no lobby.

– Ele ainda está aqui? – Jace perguntou brevemente.

Kaden assentiu. – Sim, senhor. Ele não desceu desde que chegou.

– Muito bom. Eu quero que você e Trevor monitorem constantemente sua presença. Mesmo quando ele sair. Eu quero saber aonde ele vai, com quem ele se encontra e o que ele faz. E eu, particularmente, quero saber caso ele entre em contato com a Bethany, encontre com ela ou combine de encontrá-la. Sob nenhuma circunstância eu quero que ele a encontre sozinho. Eu vou informá-la de que ela não deve encontrar Jack sem você, Trevor ou mesmo eu, mas se Jack tentar procurá-la, ela pode não descobrir isso até que ele esteja lá diante de seu rosto. E quero que você esteja entre eles. Você deve protegê-la a todo custo.

– Entendido – Kaden disse severamente.

Jace caminhou até o elevador e Kaden o acompanhou. Jace lançou um olhar curioso em sua direção e a mandíbula de Kaden ficou firme.

– Senhor, é lógico que, se ele é um risco em potencial para a segurança de Bethany e você vai enfrentá-lo, então ele é um risco para você também. Eu me sentiria melhor se eu estivesse presente nessa discussão. É claro, mantereí uma distância, serei discreta e preservarei em sigilo qualquer coisa que venha a escutar.

Jace abriu um sorriso quando entraram no elevador.

– Você tem um ponto.

Subiram em silêncio e, quando chegaram à porta do apartamento, Jace não bateu ou anunciou a si mesmo. Ele colocou a chave e entrou.

– Bethy, já era hora – Jack a chamou para perto, esparramado no sofá da sala de estar. – Eu estava começando a pensar que eu nunca iria ver o jantar que você me prometeu.

Em seguida, Jack levantou os olhos e seu olhar tornou-se sombrio e desconfiado quando viu Jace e Kaden.

– Onde está a Bethany? – Jack perguntou.

– Ela está segura – Jace disse secamente. – E vai continuar segura. Você e eu precisamos ter uma conversa, *Jack*.

– Você me coloca em desvantagem – Jack falou pausadamente. – Quem diabos é você?

– Eu sou o homem que vai se certificar de que você fique longe da Bethany, seu idiota arrogante.

As sobrancelhas de Jack subiram.

– Então você é o namorado. Lugar legal que você deu para a Bethy. Muito generoso de sua parte.

Os olhos de Jace se estreitaram com o sarcasmo de Jack.

– Ela não vai morar mais aqui – disse Jace.

Jack se levantou do sofá, com os olhos faiscando de raiva.

– O que você fez, seu desgraçado? Você a mandou embora? Se você a machucar, juro que te mato.

Kaden avançou, suas feições ameaçadoras. Jace levantou a mão e Kaden recuou.

– Bethany vai morar comigo, e ela fica comigo de agora em diante.

Algo brilhou nos olhos de Jack. Tristeza? Ciúme? Era difícil dizer, porque o homem olhou imediatamente para longe.

– Isso é bom – disse ele em voz baixa. – Eu disse a ela para não se preocupar comigo. Ela merece uma vida melhor.

– Nesse ponto nós estamos de acordo – Jace soltou.

– Você está aqui para me expulsar, então? – perguntou Jack, a arrogância arrastou-se de volta para a sua fala.

Jace respirou fundo. Estava na ponta de sua língua dizer que sim. Dizer a ele para dar o fora, ficar longe e nunca mais chegar perto de Bethany novamente. Seria tão fácil. Mas se Bethany descobrisse, ela nunca perdoaria Jace e ele não estava disposto a correr esse risco. Ele a queria feliz, e ela nunca estaria inteiramente feliz a menos que não tivesse mais de se preocupar com a porra do Jack.

– Não – ele disse finalmente. – Você é bem-vindo para ficar no apartamento. Eu vou mandar transferir as coisas de Bethany para o meu apartamento, mas você pode usar o resto à vontade.

Jack fispou os olhos, desconfiado.

– Qual é a pegadinha? De maneira nenhuma um cara como você simplesmente me entregaria algo assim. Você tem a Bethany. Por que você faria isso por mim?

Jace avançou, sentindo a raiva pressionar o seu peito.

– Vamos esclarecer uma coisa, Jack. Eu não estou fazendo isso por você. Estou fazendo isso pela Bethany. Ela te ama e se preocupa com você. Pegadinha? Não há nenhuma pegadinha, mas há condições.

Jack sorriu e, em seguida, caiu de volta no sofá.

– Então diga.

– Você não vai trazer drogas para esse apartamento – Jace grunhiu.

O rosto de Jack ficou branco e pela primeira vez ele parecia claramente desconfortável.

– Sim, eu sei sobre a mochila. Eu estou com ela, e você não vai tê-la de volta. Eu deveria quebrar sua cara por trazer essa merda para o apartamento da Bethany. Em que diabos você estava pensando, trazendo os analgésicos pra ela quando você sabe muito bem que ela já foi viciada neles? Que tipo de safado faz isso a alguém com quem deveria se preocupar?

Jack engoliu visivelmente e ficou ainda mais branco.

– Eu tenho que pegar a bolsa de volta. Você não entende. Eu sou um homem morto se eu não a devolver. Deixei aqui porque era mais seguro.

– Mais seguro para você, talvez, imbecil. Mas não para Bethany. Ela poderia ter levado a culpa por você.

Jack ficou de pé novamente.

– Olha, eu tenho que pegar essa mochila. Eu tenho que entregá-la. Depois disso, você nunca vai ver essa merda de novo. Eu juro. Eu não vou trazê-la aqui. Eu não vou levá-la para perto da Bethany. Vou resolver isso. Mas se eu não entregar a bolsa amanhã, a minha vida não vai valer merda nenhuma.

– Dê-me uma boa razão pela qual eu deveria dar a mínima para isso – Jace soltou.

Jack se encolheu e depois desviou o olhar.

– Porque eles sabem sobre a Bethany.

Jace voou sobre ele com raiva, agarrando a camisa esfarrapada de Jack e arregaçando-a em seus punhos. Ele o empurrou contra o sofá até ficar debruçado sobre ele, seu rosto a poucos centímetros do de Jack.

– Que merda que você fez?

Jack fechou os olhos.

– Eu tive que lhes dar algo que eles poderiam usar contra mim como garantia e Bethany é tudo que eu tenho. Ela é tudo que há de importante para mim.

Um rosnado baixo ecoou pela sala e levou um momento para Jace perceber que tinha vindo de Kaden, que estava apenas a um metro de distância, eriçado de raiva.

– Seu filho da puta estúpido – Jace xingou.

– Olha, me dê a mochila e eu saio da vida dela – disse Jack. – Você nunca mais vai ver ou ouvir falar de mim.

Jace o empurrou para trás, com força suficiente para que o pescoço de Jack estalasse contra o sofá e sua cabeça balançasse.

– Enquanto eu adoraria mais do que tudo que você desaparecesse e ficasse fora da porra da vida da Bethany, isso iria magoá-la, e ela é tudo com que eu me preocupo. Pela primeira vez, pense em alguém que não seja você mesmo – Jace disse com nojo.

– Eu *estou* pensando nela – disse Jack calmamente. – Ela tem você agora. Ela não precisa de mim. Ela nunca precisou de mim. Ela gostava de pensar que eu cuidava dela, mas isso não é verdade. Ela que sempre cuidava de mim. Ela merece mais do que uma vida nas ruas com um fodido como eu.

Jace olhou na direção de Kaden.

– Você pode dar uma passada no meu apartamento e pegar a mochila? Eu só quero que você a traga de volta aqui para ele. Depois disso, ele estará por sua conta e risco. Eu não quero você envolvido. E eu não quero que essa merda fique aqui. Se ele não sair com a mochila assim que você a entregar, então eu quero que ela seja entregue para a polícia.

Kaden concordou, e Jack empalideceu novamente.

– Considere feito – Kaden disse laconicamente. Ele olhou para Jack o tempo inteiro, nunca uma vez levantando seu olhar para Jace durante a conversa.

– Você pode ficar aqui – Jace disse a Jack. – Você pode entrar em contato com a Bethany. Você pode encontrá-la. Mas só se Kaden, Trevor ou eu estivermos presentes. Se você levar drogas para dentro do apartamento ou se você levá-las para qualquer lugar perto da Bethany, vou mandar prendê-lo tão rápido que você nem vai saber o que aconteceu. Fui claro?

Jack acenou com a cabeça.

– Além disso, se você oferecer drogas para Bethany novamente, eu vou quebrar essa sua cara de merda. Também ficou claro?

– Ok – Jack murmurou.

– Eu tenho que ir para o escritório – Jace disse para Kaden. – Eu vou lhe dar uma chave do apartamento e eu vou avisar a Bethany que você está indo. Eu não quero que ela saiba sobre nada disso. É só pegar a mochila. Ele está perto no chão da porta.

Kaden acenou com a cabeça e pegou o cartão de acesso do elevador que Jace jogou para ele.

Então Jace fixou o seu olhar em Jack, com ênfase em suas palavras.

– Você pode ficar aqui, mas essa estadia não é gratuita. Dê um jeito na sua vida e arrume um emprego. Eu não dou a mínima. As contas serão pagas e os mantimentos serão entregues duas vezes por semana. Todo o resto será contigo.

– Seja bom para ela – disse Jack calmamente.

Mais uma vez ele tinha aquela chama em seus olhos que dizia para Jace que Bethany significava mais para Jack do que uma irmã.

– Você precisa entender que isso não é uma coisa temporária entre eu e Bethany – Jace disse, sem se importar se ele estava sendo impiedoso. Jack precisava entender onde Jace estava e que Bethany nunca ia ser uma possibilidade para Jack.

– Sim, eu entendo – Jack murmurou. – Eu sempre soube que nunca tive chance com ela, mas ela sempre foi minha.

– Não mais – disse Jace. – Ela é minha e eu protejo o que é meu. Se tentar machucá-la, eu te mato.

– Apenas a faça feliz. Isso é tudo que eu lhe peço.

– *Você* pode fazê-la feliz ao ajeitar sua vida – Jace apontou.

A renúncia se mostrava com força nos olhos de Jack. Pela primeira vez, Jace teve um vislumbre dos demônios que conduziam aquele homem. Demônios que já tiveram suas garras sobre Bethany.

– Eu vou tentar – Jack disse, sem rodeios.

capítulo 34

Jace e Bethany passaram a noite de Ano Novo com Gabe, Mia e Ash. As coisas estavam menos estranhas para Bethany desta vez, mas Jace ainda mantinha uma forte vigilância sobre ela. Jack era uma preocupação constante para ela, e Jace dizia que ele era um babaca egoísta por colocá-la nisso.

No dia seguinte em que Jace devolveu o pacote para Jack, ele havia desaparecido, não retornando ao apartamento desde então. Nem tinha ligado para Bethany ou tentado entrar em contato com ela. Jace sabia disso porque, enquanto Trevor mantinha uma forte vigilância sobre o apartamento, Kaden vigiava Bethany à distância, de forma discreta.

Mesmo Jace estabelecendo que Kaden seria a sombra despercebida dos movimentos de Jack, ele devia ter percebido que estava sendo observado, porque desapareceu sem deixar rastros.

Assim, enquanto Jack estava fora fazendo qualquer merda que ele fazia, Bethany havia ficado doente de preocupação.

Jace tinha contado com a ajuda de Gabe, Mia e Ash na tentativa de dar a Bethany uma noite de Ano Novo em que ela pudesse relaxar e desfrutar. Eles haviam se reunido no apartamento de Jace – ele pensou que se eles se divertissem em um lugar em que Bethany se sentisse em casa, talvez ela se sentisse mais à vontade – e Jace havia encomendado todos os petiscos favoritos de Bethany. Ele também se certificou de que teria bastante refrigerante, sabor cereja – o favorito de Mia – à disposição, e ele descobriu rapidamente que Bethany logo no primeiro gole já tinha adorado. Ele imediatamente fez uma nota mental para estocar mais em uma base regular.

– Eu quero que todos vocês sejam os primeiros a saber disso – Gabe disse quando a conversa se acalmou.

Jace voltou sua atenção para o seu futuro cunhado. Ele e Mia estavam sentados na namoradeira, enquanto Jace e Bethany estavam abraçados no sofá. Ash ocupava a poltrona do outro lado de Jace e Bethany.

Eles tinham se empanturrado de comida e depois relaxavam na sala de estar com bebidas, a televisão ligada para assistirem às comemorações da Times Square. Mia tinha sugerido que todos eles fossem até a praça para o evento, mas Gabe e Jace vetaram a sugestão, não querendo enfrentar as multidões. Havia também o fato de que uma vez que Jace não tinha ideia de onde Jack estava ou se ele tinha esclarecido a questão das drogas, ele não queria correr nenhum risco quanto à segurança de Bethany.

Gabe olhou com ternura para Mia, que devolveu o seu sorriso, os olhos brilhando de emoção.

– Nós finalmente marcamos a data – Gabe disse depois de uma longa pausa. – Ou melhor, a

Mia marcou a data – acrescentou secamente.

Mia bateu no braço dele em reprimenda e ele riu, segurando o braço como se tivesse doído.

Bethany sorriu e se inclinou para frente, ansiosa.

– Oh, isso é maravilhoso, Mia! Quando?

– Ela está me fazendo esperar até abril – Gabe disse com um gemido. – Ela quer um casamento na primavera. Eu tentei convencê-la a fugir amanhã para que pudéssemos nos casar em Las Vegas, no dia de Ano Novo. Eu não consigo pensar em uma maneira melhor de começar o ano do que fazer a mulher que eu amo oficialmente minha.

O rosto de Mia ficou absolutamente tranquilo quando ela olhou para Gabe. Jace sentiu um aperto em seu peito e ele apertou Bethany de volta contra ele, envolvendo-a mais firmemente em seu abraço.

Isso era bom. Passar tempo com a família dele. As pessoas que mais importavam para ele neste mundo. A mulher que ele amava em seus braços. Ele vendo sua irmã com o homem que a amava e adorava acima de tudo.

A única coisa que faltava era... Ash. Não que Ash não estivesse aqui. Mas Ash estava visivelmente solteiro. O único solitário no grupo.

– Você tem um argumento muito romântico para esse casamento às pressas – Mia murmurou.

Os olhos de Gabe brilharam maliciosamente.

– Isso quer dizer que você o consideraria? Eu poderia mandar abastecerem o jato e deixarem pronto para partir em uma hora.

Ela bateu nele novamente e revirou os olhos.

– Não. Eu quero um casamento. Meu irmão me entregando no altar. A coisa toda. – Sua expressão tornou-se melancólica. – Um vestido lindo, um belo bolo e que todos possam ver eu me tornar a Sra. Gabe Hamilton.

– E eu quero que você tenha tudo o que você quiser – Gabe disse em um tom grave que exclui qualquer tom de provocação. – Tudo que eu quero com esse acordo é ter você como minha esposa. Todo o resto é apenas a cereja do lindo bolo que você deseja.

Ela se inclinou e o beijou e Jace revirou os olhos na direção de Ash. Ash sacudiu a cabeça em resposta.

– Isso significa que nós vamos ser submetidos a essa merda pelos próximos quatro meses – Ash gemeu.

Gabe riu e Mia olhou com raiva na direção de Jace e Ash. Em seguida, ela voltou sua atenção para Bethany.

– Eu gostaria que você fosse madrinha do meu casamento, Bethany – ela disse suavemente.

Bethany ficou tensa contra Jace, sua boca se abrindo em surpresa. Ela parecia genuinamente confusa e com uma falta de palavras. Jace apertou-lhe em tom tranquilizador.

– Mas você mal me conhece – disse Bethany. – Eu não quero que você se sinta obrigada a me escolher só por causa de mim e Jace...

Mia sorriu.

– Eu não me sinto. Eu quero você lá. É o meu grande dia, de acordo com Gabe, e toda mulher deve ter as coisas exatamente do seu jeito em seu grande dia. E eu quero você comigo.

As bochechas de Bethany ficaram vermelhas, mas seus olhos brilhavam com prazer diante

do pedido de Mia. Jace queria abraçar sua irmã por fazer Bethany se sentir importante e incluída.

– Então, eu adoraria – Bethany disse calmamente.

Mia sorriu para ela.

– E já que eu ainda tenho as coisas em ordem, minhas amigas e eu vamos sair esta semana para a Vibe.

Antes que ela pudesse ir mais longe, Gabe suspirou e Jace se uniu a ele.

– Shhh, vocês dois! – Mia advertiu. Então ela olhou se desculpando para Bethany. – Como eu estava dizendo. Minhas amigas e eu estamos indo para essa boate e nós adorávamos que você fosse.

Bethany olhou rapidamente para Jace como se procurasse pela sua aprovação e ele franziu a testa.

– Claro que você pode ir – ele sussurrou para que os outros não pudessem ouvir. – Você não precisa da minha permissão.

Ela lhe enviou um olhar que sugeria que ela estava aderindo às regras do relacionamento. Algo acordado entre ambos. E ele a amava por isso, por ela estar tão disposta a ceder o poder e o controle a ele. Mas não é por isso que ele seria um babaca. Ele entregaria a merda da lua a ela se ela a quisesse.

Além disso, ele já sabia que Mia tinha planejado convidar Bethany para uma noite fora com as meninas. Quando ele explicou a situação com Jack, e o quão triste e preocupada Bethany estava nos últimos dias, Mia aproveitou a oportunidade e declarou que o que Bethany precisava era de uma noite fora com as meninas.

– Eu adoraria – Bethany disse à Mia.

O rosto de Mia se iluminou de alegria.

– Ótimo! Está resolvido então. Na noite depois de amanhã, nós vamos para o clube. Vou passar e buscá-la no apartamento de Jace e depois vamos passar para buscar as outras meninas no caminho. Gabe está fornecendo um motorista para a noite.

– Com certeza – Gabe murmurou. – A última coisa que eu preciso é de um monte de garotas bêbadas tropeçando por toda a porra de Manhattan.

Ash riu.

– Nem me diga.

– Nosso apartamento, Mia – Jace corrigiu suavemente. – O apartamento é meu e da Bethany. Não apenas meu.

Mia ruborizou, seus olhos mostrando apreensão.

– Claro! Sinto muito. Eu estou tão acostumada a chamá-lo de seu apartamento. Sinto muito, Bethany. Eu não pensei quando disse isso.

Bethany parecia envergonhada e enviou a Jace uma carranca de reprimenda que o fez sorrir. Ele não estava nem um pouco arrependido de lembrar os outros sobre o lugar de Bethany em sua vida.

– Está tudo bem, Mia. Eu sei o que você quis dizer – disse Bethany.

– Oh, olhe! – exclamou Mia. – É quase meia-noite. A contagem regressiva já começou!

Seus olhares se viraram para a televisão a tempo de ver o relógio se aproximar da meia-noite.

– Feliz Ano Novo! – Mia gritou.

– Feliz Ano Novo – disse Ash, erguendo o copo para o brinde.

– Feliz Ano Novo – Gabe ecoou.

Jace se inclinou para baixo, tocando seus lábios aos de Bethany.

– Feliz Ano Novo, baby.

– Para você também – ela sussurrou enquanto o beijou de volta.

– Sabe o que eu pretendo fazer no dia de Ano Novo? – ele sussurrou.

– O quê? – ela sussurrou de volta.

– Fazer amor com você. Eles dizem que o que você faz no dia de Ano Novo, você fará pelo resto do ano.

Ela sorriu.

– De verdade?

– Assim diz o ditado.

– Nesse caso, eu voto para fazermos exatamente isso – disse ela antes de beijá-lo novamente.

– Sem discussão por mim.

– E eles dizem que nós estamos mal – Mia resmungou, implicando com Jace, antes de ele se perder completamente no beijo de Bethany e se esquecer de onde estavam.

Ele atirou um olhar para a sua irmã.

– Oh, por favor. Como se alguém fosse pior do que você e Gabe.

Gabe parecia estar se divertindo, mas se manteve calado.

– Coloque-se no meu lugar – Ash murmurou. – Jesus, isso aqui parece um retiro de casais.

– Então vá encontrar uma mulher para você – Mia disse levemente.

Ash revirou os olhos e, em seguida, esvaziou o copo de vinho.

– Sem pressa em relação a isso, querida. Além disso, quem em sã consciência iria se juntar à minha família maluca?

Mia suspirou.

– Ele acabou de nos insultar?

Jace sorriu, amando-a ainda mais naquele momento. Ash olhou estupefato por um momento e, em seguida, um sorriso iluminou todo o seu rosto e os seus olhos brilharam com carinho.

Mia tinha efetivamente o lembrado que *eles* eram a família de Ash. Não seu pai ou mãe, ou seus irmãos loucos. Aqui nesta sala estava a verdadeira família de Ash. Aqueles que o apoiavam incondicionalmente.

– Eu nunca faria isso – disse Ash. – E obrigado pela lembrança, docinho.

Bethany estava olhando para os outros com algo semelhante à confusão. Seu sorriso estava dolorosamente cheio de saudade. Pelo que os outros compartilhavam. Esse vínculo inquebrável. Um que se estendia para ela agora, mesmo que ela não tivesse entendido completamente isso.

– Eles são a sua família também – ele murmurou em seu ouvido.

Ela se virou para ele, com os olhos brilhando de felicidade, pela primeira vez em dias. Eles agora eram um céu aberto e não um tempo nublado de tristeza e preocupação.

– Sim – ela suspirou. – Eu acho que eles são, não são?

Ele a beijou demoradamente, abraçando-a com força contra o peito.

– É uma sensação boa, não é?

– É a melhor – disse ela ferozmente. – É algo que eu nunca imaginei ter. Eu ainda não consigo acreditar. Ainda acordo e tenho de me lembrar que isso realmente está acontecendo e não é um sonho louco que eu inventei.

Ele sorriu suavemente, com o peito doendo com o amor que ele sentia por ela.

– Acredite, baby. É real e é seu.

capítulo 35

– Eu me sinto tão culpada – Bethany disse.

Mia olhou de relance, sentada ao lado de Bethany na limusine, sua sobancelha arqueada em tom de questionamento.

Bethany suspirou.

– Não tenho ideia de onde Jack esteja. Se está vivo ou morto, com fome ou com frio. Nada. E ainda assim sigo com a minha vida, saindo com as amigas. Parece tão... frio e cruel.

Mia pegou a mão de Bethany e apertou-a.

– Querida, você não é nem um pouco fria ou cruel. Dê-se um descanso. Jack é um homem crescido. Ele tomou suas decisões, ruins ou boas, e você deve aceitá-las. Você não pode viver a vida dele. Não pode obrigá-lo a fazer a coisa certa. O que você *pode* fazer é viver a *sua* vida, ser feliz e tomar suas próprias decisões, livre de culpa.

Bethany piscou para a amiga, impressionada com o quão sensata Mia se mostrara.

– Sou uma idiota.

Mia riu.

– Primeiro você é fria e cruel, agora é uma idiota?

Bethany respirou fundo.

– Você está certa. Eu sei que você está certa. Jace me fala a mesma coisa, só que eu não escuto. E agora você me diz isso e de repente tudo faz sentido.

– É porque sou mais esperta que Jace – Mia disse presunçosamente.

Bethany sorriu, se sentindo mais leve do que se sentira durante toda a semana.

– Obrigada por me convidar hoje – ela disse, se curvando impulsivamente para abraçar Mia.

Mia a abraçou fortemente de volta.

– Obrigada por fazer meu irmão feliz.

Bethany se afastou, seus lábios se curvando em tristeza. – Espero que possa continuar fazendo-o feliz. Eu o amo.

– E ele ama você – Mia disse com naturalidade. – É tão claro. Nunca o vi tão louco por uma mulher. Tenho que lhe dizer, é impressionante testemunhar algo assim.

O carro parou em frente a outro prédio, onde quatro mulheres esperavam em pé. Mia saltou para fora, puxando Bethany consigo.

– Serei rápida. Está congelando aqui fora! – Mia disse. – Bethany, quero lhe apresentar minhas melhores amigas de todos os tempos, Caroline, Chessy, Gina e Trish. Meninas, essa é a namorada do Jace, Bethany.

– Ai, Mia, parte logo meu coração, vai – Chessy disse teatralmente.

Bethany olhou confusa para aquela mulher.

Mia riu.

– Ela sempre teve uma quedinha por Jace. Ficou acabada de saber que ele não está mais disponível no mercado.

Bethany desatou a rir.

– Lamento muito. Quer dizer, não muito.

As outras riram com ela.

– Eu também não lamentaria – Trish disse. – Jace é um tipo raro de homem. Você é uma mulher de sorte, Bethany.

– E o Ash? – Gina perguntou esperançosa. – Ele também está fora do mercado?

Os olhos de Mia se arregalaram.

– Ai, droga. Não, não! Bethany só está com *Jace*.

As bochechas de Bethany esquentaram enquanto ela rapidamente corou. Obviamente todas sabiam da propensão de Jace e Ash de fazer *ménages*. Agora elas achavam que Bethany estava envolvida com ambos. De maneira alguma ela admitiria que transou com os dois.

As outras meninas arregalaram os olhos.

– Caramba – Caroline disse. – Jace está em carreira solo agora. Uau, Bethany. Você realmente deve ter abalado aquele homem.

– Ok, ok, chega de atormentar Bethany com as proezas sexuais do meu irmão – Mia pranteou. – Vamos entrar no carro e se jogar na noite!

– Estou definitivamente dentro – Chessy disse. – Carol, Brandon está trabalhando hoje à noite?

O rosto inteiro de Caroline se iluminou.

– Sim, ele disse que tomaria conta de nós.

As outras bufavam enquanto se amontoavam na limusine.

– O namorado de Caroline é segurança na Vibe – Mia explicou. – Eles agora moram juntos e ele é superprotetor em relação a ela e, enfim, a nós quando saímos juntas. Nós não precisamos nos preocupar com ninguém mexendo com a gente. Brandon manda um papo para os outros rapazes que trabalham lá e nós entramos como VIPs. Tudo que queremos, nós conseguimos, e todos tomam conta de nós. Gabe teve que discutir isso com o Brandon antes de nos deixar voltar para lá.

Ela disse a última frase virando os olhos, e as outras mergulharam em risadinhas.

– Eu queria um desses homens insanamente protetores – Chessy soltou. – Eles são ótimos de se ter em um tipo homem das cavernas que te arrasta pelos cabelos. E são animais na cama, pelo que Mia e Caroline contam.

Ela se curvou para frente para cutucar Bethany.

– E agora nós temos você para nos presentear com os detalhes de Jace na cama. Você não faz ideia de quanto tempo passamos fantasiando sobre esse inexplorado aspecto dele.

– Por favor, só não nos diga que ele é todo sem sal e entediante – Gina disse estremecendo.
– Se ele for assim, minta para que possamos viver em nosso mundo de sonhos por mais algum tempo.

Bethany desatou a rir novamente.

– Meninas! – Mia sibilou. – Deixem a Bethany em paz. Vocês vão assustá-la antes de

chegarmos à boate e se ela for para casa e contar para o Jace toda essa besteira, ele nunca mais permitirá que ela saia com a gente!

– Jogue uma migalha pra gente, garota – Trish disse a Bethany.

Ela sorriu.

– Ele não é sem sal ou entediante.

As garotas soltaram gemidinhos.

– Que maldade. Provocando a gente com algo que nunca teremos – Gina resmungou.

Bethany relaxou, curtindo algo que nunca havia experienciado na vida. Amigas. Amizade. Sempre fora ela e Jack. Nunca havia ficado íntima de mais ninguém e agora era justamente o que queria. Camaradagem. Uma noite com as garotas. Era *divertido*.

Quando elas pararam o carro em frente à boate, a porta se abriu e um lindo homem, estilo latino, de cavanhaque e brinco esticou a mão para ajudar Caroline a desembarcar. Ele imediatamente a envolveu em seus braços musculosos e ergueu-a deixando as outras em suspiros.

– Droga – Chessy murmurou. – Sou uma vaca invejosa, agora.

– Ele deve ser o namorado dela – Bethany sussurrou para Mia.

Mia sorriu.

– Sim, é o Brandon. Ele está caidinho pela Carol, e ela por ele.

– Senhoritas – Brandon disse, oferecendo sua mão ao deixar Caroline na calçada. – Vamos entrando para onde está quente. Vocês têm uma mesa à sua espera e uma garçonete exclusiva para esta noite. Os rapazes tomarão conta de vocês, e qualquer problema que vocês tiverem, me chamem. Cuidarei de tudo.

– Puta merda – Bethany sussurrou. – Ele me deixa arrepiada!

– Como se você não tivesse isso em casa – Gina resmungou enquanto segurava a mão de Brandon.

As meninas saíram da limusine e Brandon as acompanhou até o interior da boate.

A música fazia as paredes vibrarem, e a cascata de neon e as luzes piscando faziam os olhos de Bethany arderem. Não era sua primeira vez em uma boate. Ela havia saído com vários homens em seus dias de sexo sem compromisso. Por um momento, essa memória lhe tirou o fôlego quando dor e vergonha lhe invadiram o corpo.

As boates que ela frequentou não eram tão refinadas quanto aquela. Eram mais como bares de quinta e lugares em que mulheres como ela entravam a fim de arrumar algum homem para a noite.

– Ei, o que houve? – Mia gritou próximo ao seu ouvido.

Bethany sorriu.

– Nada. Nada mesmo.

Ela afastou o passado de sua cabeça, determinada a não permitir que ele interferisse na diversão daquela noite. Ela era uma pessoa diferente agora. Ela tinha o Jace. Jace, que sabia de seu passado e o aceitava mesmo assim. Ela não precisava mais ser aquela pessoa. Podia ser quem sempre quis.

Quando chegaram à mesa, uma sorridente garçonete imediatamente apareceu, e Bethany percebeu que dois seguranças se posicionaram perto delas. Brandon não mentiu quando disse que seriam muito bem cuidadas.

Quando a garçonete se aproximou de Bethany e Mia, Bethany agarrou o braço da amiga.

– Vamos tomar um drinque. Eu sei que você pretendia beber só água comigo, mas por que não se divertir?

A cara de Mia ganhou um ar confuso.

– Você tem certeza? Não me incomode de tomar só água com gás com você.

– Eu nunca tive problemas com alcoolismo – Bethany disse suavemente. – Eu sei que Jace se preocupa, mas não é necessário. Não sou mais aquela pessoa. Estou tão feliz por você ter me convidado para sair com suas amigas. Vamos nos divertir. Você disse que alguém nos deixaria em casa, certo?

Mia sorriu.

– Ah, sem dúvida. Espere Gabe fazer sua aparição em algumas horas. O homem ainda está puto com a vez em que eu saí com as meninas e peguei um taxi sozinha, bêbada de cair. Ele não se importa que eu beba, desde que ele esteja por perto para me levar para casa depois.

– Então vamos nessa! – Bethany disse.

Mia virou-se para a garçonete.

– Eu quero um Cosmo. O que você quer, Bethany?

– *Amaretto sour*, por favor.

Alguns minutos depois, a garçonete voltou com uma bandeja de drinks e Mia ergueu seu copo em um brinde.

– Bebam, garotas. Esta noite a gente vai se divertir!

– E se acabar! – Chessy exclamou.

– Um brinde a isso – Gina disse, levantando seu copo.

Bethany se juntou a elas, fazendo seu copo tilintar com os outros. As garotas riram e entornaram suas bebidas garganta abaixo.

A bebida doce atingiu a língua de Bethany e traçou um morno trajeto até seu estômago. Descartou o copo vazio na mesa, surpresa com a garçonete que imediatamente lhe entregava a segunda rodada.

Mia riu.

– Ela sempre atende nossa mesa quando estamos aqui e ela sabe que sempre brindamos e entornamos a primeira dose imediatamente, por isso traz sempre duas rodadas. Ela já nos conhece.

– Por mim, tudo bem – Bethany disse alcançado o segundo drinque.

– Vamos dançar! – Chessy gritou. – A noite é uma criança, e tem homens esperando.

– Você pode ser minha parceira de dança – Mia gritou para Bethany. – Bom, eu, você e Carol vamos nos revezar. Brandon teria um ataque se a visse dançando com outro cara. As outras estão por conta própria.

– Parece ótimo! – Bethany respondeu.

Elas chegaram à pista de dança e Bethany deixou a música guiá-la. Por um espaço de tempo, ela se esqueceu de Jack e de suas preocupações. Ela abraçou a ideia de ter amigas e se divertir com elas, e de ter um homem maravilhoso para o qual voltar no fim da noite.

Ela, Mia e Caroline dançaram em um círculo fechado, rindo e relaxando. Elas deslizavam uma perto da outra, provocando a multidão que se debatia, girando no frenético ritmo da

música.

Depois de dançarem quatro músicas, elas voltaram à mesa, onde novos drinques as esperavam. Brandon estava parado, o entusiasmo brilhando em seus olhos escuros.

Ele envolveu Caroline em seus braços, puxando-a para perto de si.

– Gata, tenho que dizer, se você e suas amigas não pararem com essa dancinha sexy, nós teremos muito trabalho para tirar os caras de perto de vocês.

Caroline riu e virou o rosto para beijar o namorado.

– Tenho rondas para fazer. Volto mais tarde para checar se está tudo ok.

Depois disso, ele a beijou, e não foi um simples beijinho. Foi um beijo de língua sexy, marcando território. Bethany não era boba. Ele fez aquilo para deixar os espectadores cientes de que Caroline era sua e que era melhor manterem suas mãos longe dela. Ajudou bastante o fato de o homem ser enorme. Ninguém em sã consciência ia querer entrar numa briga de bar com ele.

Caroline suspirou, os olhos ligeiramente vidrados – o álcool não tendo nada a ver com o seu olhar embriagado.

– Ele é incrível – ela gritou para Mia e Bethany.

– Nós percebemos – Mia provocou.

– Bebam! – Caroline disse. – Tina está chegando com mais. Nem uma gota de álcool será desperdiçada aqui!

Mia e Bethany riram e rapidamente entornaram seus drinques.

Umás duas horas mais tarde, Bethany já estava mais solta e rindo ridiculamente de tudo que as garotas diziam. Elas dançaram mais, ficando mais ousadas em suas travessuras, de vez em quando voltando à mesa para beber mais.

Na terceira vez que foram para a pista de dança, Bethany estava definitivamente bêbada. Mia não estava muito melhor pelo que Bethany pôde avaliar, e elas riam loucamente enquanto reboavam, com movimentos cada vez mais provocantes.

– Estou tão feliz que Jace não está aqui para ver isso – Bethany gritou. – Acho que ele me mataria!

Mia sorriu e logo em seguida revirou os olhos.

– Ai, droga.

– O quê?

– Eu estava prestes a dizer que estava feliz por Gabe ainda não ter chegado aqui, mas, droga, ele já está ali.

Bethany virou-se e quase caiu quando o lugar continuou girando depois que ela parou. Os saltos que usava, que até então pareciam uma boa ideia, pois eram sexys e altos o suficiente para que suas pernas parecessem maravilhosas, de repente não soavam mais como uma boa investida já que ela quase tropeçou e torceu o tornozelo.

Foi bom se arrumar toda ainda que ela não fosse sair com Jace. Ela havia escolhido um exuberante vestido de noite, que caía como uma luva nela, deixando sua silhueta curvilínea. Ainda estava magra – magra demais pelas refeições esquecidas e pela vida que levava –, mas desde que encontrara Jace, engordou pelo menos uns quatro quilos, sendo que dois deles se instalaram em seus seios. Não que Jace reclamasse da nova fartura.

Ela se maquiou cuidadosamente, prendeu o cabelo em um coque frouxo que deixava algumas

mechas adornando o seu pescoço e colocou brincos grandes, acreditando que ficaria extremamente sensual.

Muito diferente do jeans rasgado e das camisetas surradas que usara por tanto tempo. Ela se sentia bonita. Na verdade, ela se sentia... maravilhosa. Como alguém que merece a atenção de um homem como Jace.

– Ai, opa – Mia disse, segurando seu braço para ela que não desse de cara com o chão. Então as duas caíram na gargalhada quando os olhos de Gabe perceberam o quão bêbadas estavam.

– Eu voto para que a gente não vá até lá agora – Bethany disse. – Ele, hum, bom... ele parece um tanto intenso.

– De jeito nenhum – Mia disse com ar beligerante. – Daremos a ele um show.

Os olhos de Bethany se arregalaram enquanto ela as afastava de Gabe.

– Você acha que é uma boa ideia?

Mia riu.

– Ah sim. Por que depois? Quando ele nos arrastar para casa? Ele estará tão louco por mim que nem alcançaremos a porta do apartamento e ele estará arrancando meu vestido. Embora ele vá me deixar com os saltos, o homem me ama de saltos.

Bethany ficou boquiaberta ao olhar o sorriso malicioso de Mia.

Mia piscou para ela.

– Sexo bêbado é a melhor coisa. Aposto que é a mesma coisa com você e Jace. Uma mulher sexy e bêbada com esses saltos e esse vestido? Ele ficará louco no minuto que você pisar no apartamento dele.

Um arrepio percorreu os ombros de Bethany.

– Eu planejei estar um pouco mais sóbria quando voltasse para casa. Não queria que Jace soubesse que estive bêbada. Ele ficaria preocupado e provavelmente olharia torto. Mas se o que você diz for verdade...

Mia deu um salto para o lado de Bethany e jogou seus braços para o ar.

– Ah, é verdade, sim – Mia gritou. – Ele não vai resistir!

– Nesse caso, vamos beber um pouco mais! – Bethany gritou de volta.

– Antes daremos a Gabe um show difícil de esquecer – Mia disse com uma piscada de olhos.

Bethany riu e as duas se entregaram à batida da música. Caroline se juntou a elas um pouco mais tarde, seu rosto corado e seus olhos brilhando de alegria. As três se exibiam tanto que a lembrança mortificaria Bethany mais tarde, mas era tão divertido, e ela não se lembrava da última vez que ficara tão relaxada e tivera uma noite tão incrível.

Quando a música acabou, Mia agarrou o braço de Bethany e as duas foram cambaleando até a mesa onde, naturalmente, a garçonete as esperava com mais uma rodada de bebidas.

Os lábios de Gabe se contorciam de prazer quando elas tropeçavam até a mesa. Suas sobrancelhas arquearam ao ver as duas pegarem suas bebidas e entornarem-nas em dois segundos.

– Vocês tão passando do limite hoje – ele observou. Ele lançou um olhar carinhoso a Mia. – Você vai desmaiar sobre mim hoje, querida?

Mia sorriu de orelha a orelha e se ergueu na ponta dos pés para beijá-lo. Então sua boca deslizou até a lateral de seu rosto e ela murmurou algo em seu ouvido que fez o corpo inteiro de Gabe estremecer. Sua mandíbula se contraiu e seus olhos escureceram.

O estômago de Bethany se agitou só de imaginar o que Mia teria dito, e ela se convenceu que devia ter sido algo realmente safado. Aparentemente, Mia estava certa em relação ao sexo bêbado.

Ela acenou para a garçonete com o copo vazio, pedindo mais uma dose.

Gabe envolveu Bethany com seu braço e puxou-a para perto de si para que ela o escutasse.

– Você está bem, querida? Quanto você bebeu?

Ela lançou um sorriso para ele.

– Estou bem! E Mia me disse que você nos levaria em casa e que não me preocupasse com o quão bêbada eu ficaria.

Gabe apertou seu braço na cintura de Bethany.

– Isso mesmo. Eu a levarei para a casa do Jace, então faça o que quiser. Só quero me assegurar de que você ficará bem.

Ela sorriu mais uma vez.

– Você é fofo.

Ele revirou os olhos.

– Fofo não é uma palavra que eu usaria para me descrever.

Não, ela imaginou que não. Ele emanava poder assim como Jace. Havia um brilho em seus olhos, sobretudo quando olhava para Mia, o que a arrepiou dos pés à cabeça. Até agora, enquanto tinha Bethany em seus braços, ele mantinha-se segurando o pulso de Mia, garantindo que ela não fosse muito longe.

– Só não passe mal – ele disse. – Quero que vocês se divirtam e não se preocupem com mais nada. Quando quiserem voltar, levarei vocês para casa.

– Obrigada!

– Vamos dançar mais, Bethany! – Mia gritou.

Gabe gemeu.

– Preciso falar, gata, sobre essa dança de vocês? Devia ser ilegal. Terei de socar cada maldito homem que estiver olhando para as duas.

Mia riu e pegou a mão de Bethany, arrastando a amiga para a pista de dança outra vez.

Na hora que se seguiu, elas dançaram, beberam e dançaram mais. E beberam mais um pouco.

A última vez que saíram da pista e voltaram à mesa, Bethany sabia que não poderia beber mais. Ela estava confusa e envolta em uma atmosfera quente. Ela ria de tudo, independentemente de ser engraçado ou não. Gabe mantinha um perpétuo olhar de satisfação e Brandon riu quando veio checar como estavam mais uma vez.

– Acho que já bebi demais – Bethany disse sem fôlego. – Mas não quero acabar com a noite de vocês. – Ela olhou para Gabe, que segurava Mia. Ela estava se segurando na mesa, preocupada de que se largasse, cairia no chão em um grande baque.

– Não, já bebi demais também – Mia disse. – Está pronto, gato? – ela perguntou a Gabe.

– Preparado – ele rosnou.

Ela riu.

– Temos que deixar Bethany em casa antes. Aposto que Jace está pronto para a noite agora.
– Eu mandei uma mensagem para ele – Gabe disse secamente. – Ele sabe o que o espera.
– Vou chamar as outras meninas – Mia disse. – Carol ficará por aqui até o fim do expediente de Brandon.

– Vou pedir o carro – Gabe disse. – Não saiam daqui sem mim. Vocês dariam de cara com o chão.

Bethany sorriu e esperou, ainda se apoiando na mesa, enquanto Mia reunia o resto do grupo.

– Hoje foi divertido – Bethany gritou para Gabe. – Obrigada por me levar em casa. A Mia é demais.

Gabe sorriu com olhos ternos e afetuosos.

– Que bom que você se divertiu, Bethany. E, sim, Mia é a melhor. Sem problemas, quanto a levar você para casa. Jamais te deixaria voltar sozinha para casa. Jace também não permitiria. Se eu não a levasse, Jace o faria.

Mia voltou em alguns instantes com Chessy, Trish e Gina. Estavam todas tão bêbadas quanto Mia e Bethany, rindo feito loucas. Gabe revirou os olhos e acenou para Brandon em seguida.

Brandon apareceu com um dos outros seguranças e eles guiaram Chessy, Trish e Gina até a saída enquanto Gabe abraçava Mia e Bethany.

Bethany titubeou e soltou um risinho quando o braço de Gabe se apertou a sua volta.

– Meu Deus, quanto vocês duas beberam?

Mia lançou um olhar inocente e ergueu os dedos tentando contar. Após três tentativas olhando confusa para a própria mão, ela deu de ombros e respondeu:

– Muito.

– Percebi – Gabe disse com uma risadinha.

Ele guiou-as até o carro e esperou pacientemente enquanto Brandon e outro segurança embarcavam as outras garotas. Então Brandon lançou um sorriso simpático.

– Boa sorte, cara. Parece que você vai ter trabalho.

– Não brinca – Gabe murmurou.

Ele sentou Bethany e Mia, e deslizou para o lado da namorada.

– Você é incrível – Chessy disse lançando um sorriso a Gabe.

– Absolutamente – Trish e Gina concordaram.

– Nós dissemos a Mia que se ela te largar, ela é uma idiota – Trish acrescentou solenemente.

Chessy assentiu tão solenemente quanto.

– Mas fique sabendo, se ela for idiota assim, estou mais do que disposta a me candidatar.

As meninas caíram na gargalhada e Gabe olhou para os céus apelando por ajuda.

Eles pararam o carro no apartamento de cada uma das garotas e Gabe pacientemente acompanhou uma a uma certificando-se de estarem seguras antes de voltar ao carro.

– Ele é realmente maravilhoso – Bethany sussurrou para Mia enquanto o assistiam voltar ao carro depois de deixar Chessy em casa.

– Sim – Mia respondeu. – Sou muito sortuda por estar com ele.

– Nós somos umas vadias sortudas – Bethany disse. – Gabe e Jace são demais.

– Sim – Mia disse outra vez. – Mas nós também somos.

– Somos, não somos?

– Sem dúvida.

Então as duas caíram na gargalhada novamente, e continuaram rindo enquanto Gabe entrava no carro.

Ele balançou a cabeça.

– Não sei o que farei com as duas, eu juro.

Um brilho malicioso tomou os olhos de Mia.

– Bem, se você não sabe o que fará comigo...

– Não disse isso, gata – ele respondeu na mesma hora. – Tenho planos para você.

Mia lançou um sorriso para Bethany que dizia claramente:

– Eu te disse.

– Jace vai nos encontrar na entrada – Gabe disse quando se aproximavam do prédio de Bethany e Jace.

O coração de Bethany sofria com a ansiedade. Ela esperava com todas as forças que Mia estivesse certa. Repentinamente, ela ficou muito nervosa e a sua boca secou.

Mia se esticou para apertar sua mão.

– Confia em mim.

Bethany apertou a mão da amiga e Gabe lançou-lhes um olhar suspeito.

Quando o carro parou, Gabe saiu e ajudou Bethany a desembarcar do banco traseiro. Ela cambaleou ao andar em seus saltos até a entrada do prédio.

– Esses sapatos vão acabar te matando – Gabe murmurou.

– Mas eles são sexy – Bethany se defendeu. – Pelo menos eu pensei que seriam.

– Sem dúvida são, querida. Você está um arraso com eles. Jace vai engolir a própria língua. Mas se o sapatos te matarem antes de você encontrar com ele, o efeito não terá sido muito positivo.

– Mia disse que Jace vai querer transar comigo usando esses sapatos – ela disse, ficando logo em seguida mortificada com o que dissera.

Gabe riu, seus olhos brilhando de satisfação.

– Ela disse, é? Bom, Mia é profissional em ser comida com sapatos devastadores, então se ela disse, é verdade.

Bethany abriu um sorriso largo ao entrarem no prédio. Jace estava em pé, não muito longe, e seu olhar se estreitou ao notar o caminhar bêbado de Bethany.

– Gabe acha que estou sexy – ela anunciou quando Jace parou junto a eles. – E ele disse que você sem dúvida vai me comer com esses sapatos devastadores. – Ela parou e franziu a testa, os pensamentos subitamente confusos. – Ou talvez tenha sido Mia quem disse. De qualquer maneira, eu quero ser comida com esses sapatos.

Gabe balançou a cabeça com uma risada.

Os lábios de Jace esboçaram um sorrisinho.

– Vou ver o que posso fazer quanto a isso.

Ela assentiu com a cabeça. Em seguida, ergueu-se na ponta dos pés para beijar a bochecha de Gabe.

– Obrigada novamente por ter cuidado tão bem de nós essa noite.

Gabe riu.

– Disponha, querida. – Ele então se virou pra Jace. – É melhor tomar conta dela. Quando eu soltava um pouco o braço, ela se mostrava bem disposta a cair de cara no chão.

Jace riu, mas se manteve segurando firme ao braço dela enquanto Gabe se virava para sair.

– Valeu, cara. Numa próxima será a minha vez.

– Valeu nada – Gabe murmurou. – Você não tem ideia do que me sujeitei esta noite. Digamos que não havia um único homem na pista de dança que não babava pelas travessuras delas.

A sobranceira de Jace se ergueu e ele olhou para Bethany, seu olhar inquisitivo.

Ela deu um sorriso deslumbrante e ele o devolveu com uma risadinha.

– Devo dizer, os sapatos estão realmente sexys em você – ele murmurou.

– Mia estava certa – ela disse presunçosamente.

Ele conduziu-a até o elevador, quase a carregando.

– Sobre o que ela estava certa, gata?

– Ela disse que você quando você me visse bêbada, nesses saltos sexys, você teria vontade instantânea de me foder. Sem nem mesmo tirar os sapatos.

Ele riu quando o elevador alcançou seu apartamento.

– Não digo que vou discutir sobre essa previsão, embora não possa negar que ouvir isso da minha irmã não está exatamente na minha lista de prioridades.

– Ela disse que Gabe não aguentaria esperar que chegassem ao quarto e que a foderia na porta mesmo – ela disse cheia de pompa.

Jace estremeceu.

– Gata, você precisa parar. Definitivamente não quero ouvir sobre qualquer homem fazendo sexo com a minha irmã, e muito menos sobre os detalhes.

Ela riu, e em seguida cambaleou quando ele soltou o seu braço.

– Opa! – ela disse enquanto ele a tomava em seus braços novamente.

– Quanto você bebeu hoje?

– Muito – ela disse presunçosamente. – Eu queria transar bêbada com você e queria que você arrancasse meu vestido e me fodesse sem tirar o salto alto, como Gabe vai comer a Mia.

Jace gemeu.

– Gata, você precisa parar. Fico mais do que feliz em te comer do jeito que você quiser, mas, por favor, deixe Gabe e Mia fora disso?

Ela assentiu.

– Ou talvez eu te foda. – A ideia a iluminou e em seguida seus olhos se estreitaram vagamente na direção de Jace. – Posso fazer isso?

Ele riu e em seguida puxou-a para o quarto.

– Claro que pode. Gata, você pode fazer tudo que esse corpinho sexy e bêbado quiser. Estou mais do que disposto a deixar você tirar vantagem de mim nessa embriaguez.

Ela cambaleou com ele para o quarto e estremeceu com o olhar sensual que ele lançou assim que a porta se fechou atrás deles. Seus olhos estavam escurecidos de luxúria e diversão, o tipo de olhar que dizia que tudo o que Mia lhe dissera era verdade.

Bethany deslizou as mãos para afrouxar o seu vestido, mas ela não conseguia abrir o zíper e quase caiu quando ergueu os braços.

– Deixa comigo – Jace murmurou. – Você não precisa fazer nada, meu bem. Vou tirar o melhor proveito dessa sua embriaguez e, já que você planejou isso a noite inteira, não vou me arrepender nem um pouco de nada que fizer com você. Mas é melhor você se lembrar de tudo amanhã.

Ela estremeceu novamente quando as mãos dele passearam por suas costas e, em seguida, correram o zíper, abrindo o vestido.

– Eu não estou *tão* bêbada – disse ela se defendendo.

Ele riu, sua respiração chiando sobre o pescoço nu pouco antes de ele pressionar a boca contra sua nuca, dando-lhe um arrepio frio que se alastrava por sua coluna vertebral.

– Ah, você está bêbada. E você está muito linda. Eu vou foder sua boca, a sua boceta e essa bundinha. Se você desmaiar em cima de mim, eu não vou ficar nada contente.

Ela fechou os olhos, cambaleante, até que ele tomou seus ombros e puxou-a contra seu peito enquanto deixava o vestido cair no chão. De jeito nenhum ela perderia isso.

– Adorei a lingerie – ele sussurrou enquanto acariciava atrás de sua orelha. – Adorei ainda mais esses saltos. E, sim, eu vou com certeza te foder neles.

Um gemido baixo de desejo brotou em sua garganta.

– Não vejo razão para amarrar você, esta noite – disse ele, brincando. – Você está tão indefesa quanto um gatinho. Estou gostando. Estou pensando que uma noite das meninas regularmente seria uma ótima ideia.

Ele desabotoou o sutiã e abaixou as alças, antes de jogá-lo de lado. Então, virou-a para encará-lo e deitou-a lentamente na cama até que ela atingisse o colchão. Ele acomodou-a e, com uma mão, empurrou-a para que ela ficasse deitada de costas, as pernas penduradas na beira da cama.

Inclinando-se, beijou logo abaixo de seu umbigo, acima da faixa fina de sua calcinha, e então ele enfiou os polegares nas rendas e puxou, rasgando o tecido em dois, deflagrando sua boceta aos seus brilhantes olhos. Ele estendeu a mão, fechando os dedos em torno de seus tornozelos, e puxou-os para cima, dobrando seus joelhos. Então seus dedos deslizaram pelos saltos enquanto ele a abria.

– Eu fui má – ela disse com uma voz rabugenta.

Suas sobancelhas se ergueram e seus olhos brilharam de prazer.

– Ah, sim – ele falou.

Ela assentiu solenemente com a cabeça.

– Muito má – ela sussurrou como se fosse um segredo.

Em seguida, ela franziu a testa e apertou os lábios.

– Eu preciso ser punida.

Jace olhou para baixo, seus lábios se contraindo ao observar uma ampla variedade de expressões cruzarem seu rosto. Ela estava adoravelmente bonita e muito bêbada. E ele estava excitado para caramba.

– O que te faz pensar que você merece uma punição tão severa?

– Eu flertei – disse Bethany em tom abafado. Então, ela franziu a testa. – Não, espera. Eu

não flertei. – Ela balançava a cabeça com firmeza, seus seios sacudindo de maneira extremamente tentadora. Ela inclinou-se, sua expressão ficando séria. – Homens flertaram comigo, apesar de tudo. Mas Brandon e Gabe não deixaram ninguém chegar perto de mim. Mas eu e Mia fomos safadas. Nós dançamos e sensualizamos.

Ele apertou os lábios bem firmes para conter o riso.

– Isso merece punição, certo?

Ela parecia tão esperançosa que ele acabou perdendo a batalha e rindo.

Seus olhos se estreitaram e ela olhou para ele.

– Não é engraçado – ela bufou. – Eu fui uma menina muito má, e as meninas más devem ser punidas.

Ele concordou com a cabeça.

– Sem dúvidas, baby.

O rosto dela imediatamente se iluminou e ele balançou a cabeça, mais risadas ameaçando estourar para fora de sua boca.

– Você deveria me bater – disse ela, adotando um olhar de seriedade absoluta.

Ele deslizou suas mãos para o interior de suas pernas e ela estremeceu, sua pele invadida por arrepios.

– Estou um pouco confuso – disse ele, adotando um tom sério fingido para coincidir com o dela. – Você tem sido de fato uma menina muito má, mas você também tem sido muito, *muito* boa.

Os lábios dela se torceram em um biquinho e ele se inclinou, beijando aquela boca deliciosa.

– Eu acho que a solução é primeiro puni-la e depois recompensá-la.

– Ah, essa é uma ideia perfeita – ela disse em uma voz sussurrada que engatou com entusiasmo.

– De joelhos, baby – ele ordenou em um tom que ela sabia que teria de obedecer.

Suas pupilas dilataram e um calor permeou suas bochechas. Seus olhos escureceram imediatamente e os mamilos se eriçaram. Meu Deus, ele ainda nem tinha começado e só a promessa do que estava por vir já provocava reações em todo seu corpo. Ela era perfeita. Perfeita para ele. Feita para ele. Ele nunca teria uma mulher que chegasse tão perto de completá-lo inteiramente.

Ela fez força para levantar e, em seguida, um amplo e bobo sorriso dividiu seus lábios, fazendo com que ele tivesse vontade de pegar sua boca e devorá-la. Ele agarrou os pulsos dela ajudando-a a sentar-se e, em seguida, ela se virou de forma desajeitada para apoiar-se em suas mãos e joelhos. Ela caiu de cara no chão e soltou uma risadinha, o corpo inteiro tremendo. Suas nádegas trêmulas e seu pênis duro a ponto de explodir. Ah, sim, ele teria sua boca, sua vagina e sua bunda, e foderia ela até que ambos desmaiassem.

Quando ele colocou-a na posição, ela se mexia impacientemente, virando o rosto sobre os ombros para olhá-lo. E aqueles olhos brilhavam com luxúria e emoção. As mãos dele tremiam e ele se concentrou em manter o controle, no que se mostrou um árduo esforço.

– Então, qual vai ser, meu bem? – ele perguntou em um tom sedoso, provocante, que ele sabia que a deixaria louca. – Minha mão? O chicote? Ou... poderíamos tentar algo novo.

Ela ficou completamente imóvel.

– Novo? – ela suspirou ofegante.

– Eu nunca usei cinto e nunca usei madeira. Eu tenho uma palmatória de madeira flexível. Com a quantidade certa de pressão ela vai avermelhar esta bunda até que brilhe.

– Ah – ela sussurrou, a palavra saindo como um gemido.

– Sua escolha, gata – ele murmurou. – Te dou essa chance. Deixo você decidir hoje. Estou especialmente generoso hoje. Por quê? Porque quando eu terminar de bater nessa bunda, eu vou saborear essa boceta deliciosa e você vai gozar na minha língua. Mas eu não vou parar por aí. Não por muito tempo. Porque depois que eu fizer você gozar, eu vou foder a sua boca. Então vou foder a sua boceta e depois foder a sua bunda, até você gritar o meu nome.

– Oh, meu Deus.

Ele sorriu e acariciou amorosamente seu traseiro, enquanto aguardava ansiosamente a resposta.

– A p-palmatória – ela disse ofegante. – Eu quero a palmatória.

– Excelente – ele ronronou. – Muito boa escolha. Tão boa que fará sua recompensa ainda melhor. Você me satisfaz de verdade, Bethany.

Ela amoleceu sob seu toque, seu corpo inteiro relaxando enquanto seu suspiro de contentamento enchia os ouvidos. Ela se virou e olhou para ele mais uma vez, seu olhar tão doce e amoroso que o coração dele se apertou.

Ele se inclinou e beijou a covinha de suas costas.

– Já volto, amor.

Ele pegou a fina palmatória de seu armário e levou algum tempo para caminhar até o outro lado do quarto, até a cama, saboreando a visão dela de quatro, a bunda sedutoramente para o ar enquanto esperava por ele. Ele acariciou uma das nádegas e, em seguida, acariciou a outra até que ela arqueasse em seu toque e tremesse sob seus dedos.

– Dê-me dor. Dê-me prazer – ele rosnou. – Eu quero tudo isso, Bethany. Cada som. Cada reação. Eu quero tudo de você.

Ele estalou a palmatória em sua nádega e ela estremeceu, emitindo uma exclamação de surpresa. Ele sorriu. Não era um som de dor. Foi um som de descoberta. Experimentando algo novo.

Ele bateu outra vez, um pouco mais forte desta vez e, em seguida, na outra nádega. Uma vermelhidão, um brilho rosado, se espalhou pela pele. Era excitante o contraste entre as áreas claras ainda não atingidas e os pontos de vermelhidão. Ele mal podia esperar para deixar sua bunda inteira avermelhada.

Mas ele mantinha o ritmo, na expectativa de que ambos tirassem o máximo de prazer em cada momento.

– Dez – ele sussurrou. – Vou te dar dez. Isso é novo para você, gata. Eu não quero te machucar. Só um gostinho basta. Me ajude a contar. Comece do “um”, agora.

Ele estalou a madeira sobre a parte mais carnuda da bunda dela, a satisfação preenchendo-o quando o vermelho apareceu imediatamente.

– Um.

A palavra saiu como um gemido que fez suas bolas doerem.

– Dois – ela sussurrou.

Ele desacelerou ao perceber o quão rápido haviam sido o terceiro, quarto, quinto e sexto golpes. Ela estava tensa de ansiedade, esperando o sétimo, mas ele deslizou a mão sobre a pele avermelhada, acariciando-a.

– Por favor – ela implorou.

Ele deu a ela o que ela queria. Sete. Oito. Nove e dez, o último bem leve, muito mais suave do que os outros. Ela desmoronou e em seguida virou o rosto, olhando para ele com olhos sonolentos, bêbados, agora intoxicados com muito mais do que só álcool. Ela estava dominada pela luxúria, provocada por essa linha tênue entre dor e prazer. Ela saiu do aqui e do agora e ele tentava trazê-la de volta apenas para que pudesse excitá-la de uma maneira totalmente diferente da vez anterior.

– Vire, gata.

Ele estendia as mãos para guiá-la quando ela se virou oscilante, caindo de costas, um sorriso sonhador desenhado em sua deliciosa boca.

– Terei de ser má com mais frequência – ela ronronou. – Sair para me divertir e depois voltar para casa, para você. Foi a melhor noite de todas.

Seu coração amoleceu e ele se inclinou para acomodá-la em seus braços, querendo segurá-la antes de fazer qualquer outra coisa.

– Você sempre vai voltar para casa para mim.

– Sim – ela disse em contentamento.

– Adoro ouvir você dizer isso, gata.

Ela sorriu e passou a mão nos cabelos. Em seguida, inclinou a boca para beijá-lo, um convite silencioso que ele aceitou, aproveitando avidamente cada milímetro de seus lábios. Saboreando-a. Fazendo amor com sua boca como faria com sua vagina.

– Você está ficando sóbria?

Ela balançou a cabeça, abrindo os olhos para que ele pudesse ver que eles ainda estavam bêbados, de álcool e de prazer. Não havia melhor estado para uma mulher. Bêbada de prazer. Fantasiando. Olhando para ele como se fosse o único homem no mundo. Como se nunca houvesse outro.

– Vou comer sua boceta agora – ele rosnou perto de seus lábios.

– Ah!

Um suspiro excitado escapou da boca dela e ele o engoliu, inalando-a direto em seus pulmões, saboreando-a em seu íntimo.

– Coloque estes saltos sexys em cima da cama e agarre os seus joelhos. Abra as pernas e não mova as mãos. Abra-se para mim, baby. Estou guloso hoje e quero que você goze na minha língua.

Ela arqueou o corpo e desajeitadamente apoiou os pés na cama, enterrando os saltos agulha no colchão. Droga, ela provavelmente faria furos no colchão, mas ele não deu a mínima. Compraria uma cama nova no dia seguinte. A fantasia de transar com Bethany enquanto ela usava aqueles saltos, como ela tanto queria, valeria o preço de um novo colchão. Mais tarde, ele pediria que ela segurasse os saltos abrindo as pernas para que metesse em sua bunda. Ah, sim, definitivamente valeria a pena qualquer dano ao colchão.

As mãos dela seguravam os joelhos timidamente, afastando suas coxas, separando as pernas

até seus lábios vaginais se abrirem, expondo a carne brilhante. O contraste dos pelos escuros com a carne rosada, úmida com seus fluidos, deu-lhe água na boca. Ele ajoelhou-se no chão para que sua cabeça ficasse em um ângulo perfeito, e avançou, morrendo de vontade de penetrá-la com a língua.

No momento em que ele a lambeu, ela se retorceu e gritou seu nome.

– Mãos, baby – ele ordenou. – Mantenha as mãos sobre os joelhos e as pernas abertas para mim.

Ela abriu mais suas pernas e ele deu uma longa lambida, até o seu clitóris, onde brincou e provocou, fazendo círculos preguiçosos ao redor da tensa protuberância antes de acariciá-la com a ponta da língua.

Ela se contorceu e se debateu, mas manteve as mãos sobre os joelhos e as coxas abertas.

Ela ficava cada vez mais molhada enquanto ele a lambia, arrastando suavemente os dentes em sua vagina. Ele a fodia com a língua, empurrando, lambendo de dentro para fora, sugando a doçura de sua excitação.

– É delicioso, gata. Você sentiu dor, agora te darei prazer.

– Jace – ela sussurrou. – Você não sabe? O que você me dá é o maior prazer que eu já senti em minha vida. A dor é o prazer. O prazer é o prazer. Seu amor é maior do que qualquer coisa com a qual eu poderia sonhar.

Suas palavras eram honestas e tão doces que lhe roubaram o fôlego. Ele provou dela. Comeu-a. Bebeu dela e queria ainda mais. Ele queria dar isso a ela. Queria fazer aquele momento durar. Queria que ela ficasse louca de tesão e bêbada não apenas de álcool.

– Eu quero o seu pau – disse ela, as palavras grossas e desajeitadas. Ele não sabia se era o álcool que a relaxara tanto ou aquela intensa excitação.

Ele olhou para cima e, em seguida, sorriu ao perceber seu olhar desfocado. Ela olhava fixamente para ele, mas parecia fazer aquilo com dificuldade. Era tão bonitinho.

– Você vai ter o meu pau, meu bem, assim que eu fizer você gozar. Você vai ter muito do meu pau antes de terminarmos a noite.

– Ah – ela gemeu com um sorriso atrevido. – Eu quero prová-lo como você está me provando.

Ele gemeu. Álcool definitivamente a deixava menos inibida. Ela era adoravelmente tímida, mas hoje o álcool tinha lhe dado coragem líquida e ele não pôde resistir. Ele já estava prestes a gozar em suas calças, e não estava nem perto de penetrá-la ainda.

Ele tinha que se acalmar. Era algo que sempre tinha de lembrar a si mesmo, ou então tiraria logo aqueles saltos e foderia com ela na mesma hora. E se ela soubesse o que se passava em sua cabeça, estaria torcendo para que ele fizesse exatamente isso. Esta noite ela estava impaciente, gulosa, e ele estava adorando aquilo.

Abaixando a cabeça, ele começou a lamber e chupar mais vigorosamente, com mais pressão, tocando-a nos lugares que ele sabia serem particularmente mais sensíveis. Ele conhecia cada centímetro de seu corpo. Sabia que ela adorava quando ele deslizava o dedo por sua boceta e pressionava seu ponto G. Ela adorava quando ele rolava a língua ao redor de seu clitóris, mas não gostava quando sugava com muita força. E ela adorava quando ele afastava seus lábios e brincava com a língua, com os dedos ou com o pênis na abertura de sua vagina. A maneira mais rápida de levá-la à loucura era fodê-la em golpes curtos, enfiando só

um pouco da cabeça de seu pau dentro dela.

– Você é genial com a boca – disse ela, sonhadora. – Preciso contar isso a Mia. Tudo que ela disse foi que Gabe a foderia antes de entrar no apartamento, mas duvido que ela tenha tido *isso*.

Ele ergueu a cabeça, lançando um olhar fulminante em sua direção.

– Isso não foi legal, gata. Nem um pouco legal.

Seus olhos dançavam alegremente e ela riu, liberando momentaneamente um dos joelhos para cobrir a boca abafando a risada.

– Mãos – Jace grunhiu.

– Opa!

– E já que estou dando ordens à minha bela escrava, não fale da minha irmã enquanto transamos. Nunca mais.

– Sim – disse ela formalmente. – Ou talvez eu devesse dizer “sim, senhor”.

– Puta insolente – disse ele, de forma seca.

Ele amava aquela troca. Amava a diversão, o humor cheio de flerte que eles compartilhavam. Bethany havia se aproveitado um pouco hoje à noite e isso era visível. Ele estava vendo um outro lado dela. Ele a estava vendo *feliz*. Isso o feria de certa forma, pois, aqui e agora, sentia um vislumbre de futuro. De como seriam as coisas entre eles. E ele adorava cada segundo daquilo tudo. Isso fazia com que ele se sentisse faminto por mais, e ele era extremamente ganancioso, o que preocupava Bethany.

Ele lambia da vagina até o clitóris, acariciando a protuberância com a língua e, em seguida, estimulando-a repetidamente até que ela se contorcesse e enrijecesse o corpo. Ele deslizou o dedo suavemente sobre a pele inchada e úmida, e enquanto brincava com o seu clitóris, empurrou a ponta dos dedos para o interior de sua vagina.

– Jace!

– Quero que você goze – disse ele asperamente. – Vou levá-la às nuvens até que você chegue ao ápice do prazer, vou chupá-la até você gozar na minha boca.

– Oh, Deus – disse ela com a voz fraca.

Ela se contorceu em torno de seu dedo e banhou-o naquela umidade toda. Ele acariciou aquela maciez, aquele tecido aveludado, enquanto estimulava seu clitóris com a língua. Quando a respiração de Bethany ficou desesperada, como se tivesse perdido o fôlego, carente de oxigênio, ele puxou seu dedo para fora e rapidamente caiu de boca, empurrando a língua e sugando.

Ela ficou enlouquecida, seus quadris gingando, suas mãos abandonaram os joelhos e agora bagunçavam seus cabelos. Ela puxou as mexas do cabelo de Jace com tanta força que chegava a doer, e ela o pressionou firmemente contra sua boceta como se temesse que ele fosse deixá-la em meio ao orgasmo.

Ela se ergueu, se empurrando com mais força contra sua boca em movimentos frenéticos. Ele chupou e lambeu, devorando-a como um homem faminto. Quando ela começou a relaxar e sua boceta estremeceu contra sua língua, ele se aninhou mais suavemente, continuando a acariciá-la mesmo após a explosão de prazer.

Lambendo devagar e sem pressa, ele alternava golpes de sua língua com beijos carinhosos

na ainda trêmula carne.

– Posso desmaiar agora? – ela gemeu.

Ele riu contra sua vagina e, em seguida, ergueu a cabeça para encontrar seu olhar. Ela parecia ainda mais bêbada do que antes, com os olhos vidrados, bochechas rosadas e palavras saindo de lábios tensos.

– Eu ainda vou transar com você, gata. Estando você consciente ou não. Eu preferiria que você estivesse.

– Hum, eu também. Jace?

– Sim, gata.

– Estou bêbada.

Ele riu.

– Eu nunca teria adivinhado.

– Mas valeu a pena transar com esses sapatos.

– Ainda não te fodi, gata. Estou chegando nessa parte.

Ela soltou outro suspiro sonhador.

– Eu gosto desses sapatos.

Ele sorriu.

– Eu gosto deles em você, enquanto estou te fodendo.

– Você vai me foder agora?

Ele riu do tom de impaciência em suas palavras. Em seguida, deitou-se sobre ela, a respiração acelerada enquanto a olhava, o flerte suave desapareceu, sendo substituído por luxúria.

– Eu vou foder essa boca assim que me livrar das minhas roupas.

Ela lambeu os lábios e seu pau gritou para se livrar daquelas malditas calças.

– Depressa – ela sussurrou.

– Isso eu posso fazer – ele murmurou. – Enquanto eu tiro a minha roupa, quero que você deite sobre suas costas, a cabeça em minha direção, e deslize para a beirada da cama para que a parte de trás do seu pescoço fique nessa ponta. Espere por mim assim. Vou foder sua boca como se fosse a sua bunda na beirada da cama, sua boceta toda aberta para ser fodida.

Embora lhe tenha dito para se posicionar enquanto ele se despia, Jace ficou parado em pé junto à cama se certificando de que ela não cairia no chão. Ele a ajudou a posicionar sua cabeça e fez com que ela ficasse confortável antes de arrancar as roupas em tempo recorde.

Seu pau finalmente ficara livre, dolorido de tanto tempo enfiado nas malditas calças. Suas bolas doíam, e ele estava pronto para mergulhar fundo. Saber que havia planejado comê-la de três maneiras diferentes antes de gozar na sua bunda o fez acalmar seus ânimos. Os dois desfrutariam daquela noite ainda que aquilo acabasse com ele.

Ele apalpou o rosto dela, segurando-a firme enquanto seu pau balançava próximo aos seus lábios.

– Abra a boca, baby – ele ordenou. – Eu quero que você relaxe e deixe-me fazer todo o resto. Basta deitar lá enquanto eu te fodo.

Seus lábios se separaram ao seu comando e ele meteu dentro daquele calor úmido. A ponta deslizou sobre a sua língua e os olhos dele se reviraram. Meu Deus, ele estava quase se partindo em dois.

Ele curvou-se sobre ela, em posição de dominância. Flexionou e deslizou profundamente, escorregando sobre sua língua aveludada. Até o fundo da garganta, descansando um momento antes de se retirar em uma lenta e sensual provocação. Ela ergueu as mãos, se esticando para tentar enroscar seus braços ao redor de suas coxas, até que seus dedos acariciaram suas nádegas, quase como se pedisse permissão para tal. Ele gostou demais daquilo para expressar a ela que continuasse o movimento, e ela se mostrou gloriosamente desinibida, determinada a explorar e a se deliciar com sua embriaguez.

Ela sufocava sons baixos e sensuais em sua garganta, vibrando sobre o pau de Jace cada vez que ele o enterrava mais. Com seus movimentos tornando-se mais fortes, o som de sucção parecia encher o quarto. Era sexy. Tudo esta noite excitava cada parte de seu corpo. Ele nunca havia transado com uma mulher bêbada. Isso sempre foi impensável para ele, pois não queria sentir que estava se aproveitando de alguém fora de si.

Mas Bethany estava com ele. Ela queria isso. Droga, ela podia tudo, mas pediu justamente para ser fodida usando aqueles sapatos, adoravelmente embriagada, com os olhos brilhando e as bochechas coradas. E ele estava fazendo exatamente o que ela pedira.

Jace fechou os olhos, balançando-se na ponta dos pés, as palmas das mãos apertando o rosto de Bethany, e então percorrendo o emaranhado de seus cabelos enquanto a puxava para satisfazer suas estocadas. Longo, lento e profundo, ele regozijou-se, sentindo cada lambida, cada chupada, cada vez que sua boca se esvaziava e então era preenchida.

E então ele parou, a respiração entrecortada ressoando de seu peito. Ela fez um murmúrio de protesto quando suas mãos deixaram seu rosto e ele sorriu antes de se inclinar para beijar seus lábios.

– Quero foder sua boceta, gata.

Ela deu-lhe um sorriso bobo, seus olhos iluminados.

– Eu também quero. Como você me quer?

A simples pergunta liberou pura adrenalina através de seu corpo. Tão submissa. Tão ansiosa para satisfazer.

– Vire-se e dê-me suas lindas pernas. Vou enroscá-las em torno de mim e segurar esses saltos, te deixando exposta para fodê-la bem forte.

Ela estremecia incontrolavelmente, seus mamilos se enrijecendo tão deliciosamente que ele não conseguia controlar a vontade de se inclinar sobre seu corpo e sugar cada um deles. Ela gemeu e arqueou o corpo enquanto ele a lambia e provocava.

– Gostei disso, hein – disse ele com uma risada baixa.

– Mm hum.

Ele a ajudou a se virar, sorrindo para a ebriedade que lançavam seus olhos. Ela caiu de costas na cama, com as pernas afastadas uma da outra. Um de seus sapatos estava pendurado precariamente de seus dedos, ele calçou-o de volta antes de agarrar seus tornozelos e arrastá-la para a beirada da cama.

Dobrando os joelhos para trás, ele envolveu suas pernas ao redor de sua cintura e entrou nela em um golpe duro. Ela engasgou. Ele engasgou. Tão apertada, mas ela estava excitada e úmida, e ele facilmente entrou por inteiro. Ele permaneceu assim por um momento, se segurando para não gozar.

Então, como havia prometido, ele soltou suas pernas, empurrou os joelhos em direção a seu corpo, mantendo suas pernas abertas. Suas mãos deslizavam sobre aqueles caros e arrasadores sapatos, até que ele agarrou o salto de dez centímetros.

– Pronta? – ele grunhiu, sua voz cada vez mais embargada à medida que ameaçava perder o controle de si mesmo.

Ela assentiu solenemente, os olhos brilhantes e pesados pelos efeitos do álcool.

Ele começou a fodê-la. Golpes fortes e duros. Lançou-se dentro dela, seu corpo se chocando com o dela como seus punhos se apertavam ao redor dos seus sapatos. Sua vagina se apertou e, em seguida, estremeceu-se ao redor dele, sinalizando um orgasmo iminente. Mas ele não queria que ela gozasse agora. Ainda não. Não até que ele metesse em sua bunda. Se ela gozasse outra vez tão rapidamente, ela não estaria pronta para que ele fodesse sua bunda. Isso só traria desconforto para ela, e Jace queria uma noite perfeita para os dois.

– Tente se segurar, meu bem – ele sussurrou. – Vou te foder um pouco mais. Adoro esta boceta. Mas depois quero meter nessa bundinha e então você poderá gozar.

– Eu quero ficar por cima – disse ela com seus lábios carnudos e bonitos.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Você conseguiria fazer sexo anal ficando por cima?

Os lábios de Bethany se contraíam e tudo que Jace queria era beijá-los desenfreadamente, sugando-os sensualmente.

– Eu quero ficar em cima de você, e te foder usando esses sapatos. Sei que eu disse era você que me foderia enquanto eu uso estes saltos, mas acho que também posso comandar as coisas.

Ele riu e se empurrou, tirando seu fôlego.

– Você sabe que eu não posso te dizer não, especialmente quando você faz esse biquinho lindo.

Os olhos dela brilharam de excitação. Ele se inclinou sobre ela, cobrindo seu corpo e largando suas pernas. Ele acariciava e chupava seus mamilos, provando de seus seios excitados com a ponta da língua.

– Eu amo isso – ela suspirou. – Você tem uma boca incrível. Mesmo quando eu estou sóbria.

Ele riu e apertou seu corpo contra o dela.

– Obrigado, baby. Eu odeio pensar que só sou bom de cama quando você está louca de bebida.

Ela se jogou impaciente sobre ele e Jace engoliu outro sorriso. Era para ele estar no controle, mas ela estava determinada a fazer suas próprias vontades e as queria agora. Longe dele tentar impedir uma mulher linda, bêbada e louca de prazer de ter seus desejos realizados.

Ele se esquivou dela por um momento para pegar o lubrificante no criado-mudo. Arrastou-se para a cama e se curvou estendendo a mão para ajudá-la a subir nele.

Ele entregou-lhe o tubo, sua expressão ficou séria por um momento.

– Sei que você está se divertindo, querida, mas eu não quero que você se machuque. Use bastante lubrificante e vá devagar até que eu esteja dentro de você.

Ela lançou para ele um sorriso deslumbrante que fez seu estômago apertar.

– Te amo – disse ela, pronunciando a frase como se fossem uma única palavra.

Isso o suavizou.

– Eu também te amo, gata. Agora divirta-se e oriente o seu homem. Vou ficar quieto enquanto você age.

– Ai, gostei disso – ela ronronou.

Ela se concentrou intensamente ao besuntar o pênis do namorado com o lubrificante. Cobriu cada centímetro até deixá-lo louco de tesão. Se ela não se apressasse, ele não conseguiria gozar dentro dela.

Quando se deu por satisfeita com o seu trabalho, pôs o lubrificante de lado e, em seguida, colocou as mãos sobre o peito de Jace, seu olhar desfocado cruzando com o dele, que se mostrava sério.

– Não sei direito o que estou fazendo – disse ela, como se estivesse dizendo algo de grande importância. – Talvez precise de sua ajuda.

Ele segurou uma risada e, em seguida, estendeu a mão para agarrar seu pênis escorregadio.

– Apenas se segure em mim como você está fazendo. Quando eu disser, comece devagar e calmamente. Eu cuidarei de você.

Ela suspirou e deu outro sorriso deslumbrante, de tirar o fôlego.

– Eu sei que você vai. Você cuida tão bem de mim.

Ele guiou para baixo os quadris dela e, em seguida, posicionou o seu pênis. Ele estendeu a mão para separar as suas nádegas e enfiou a cabeça na abertura. Seus olhos se arregalaram ao sentir na ponta do pênis a pressão do pequeno orifício.

– Agora é com você – disse ele.

Os lábios de Bethany se apertaram e as mãos se enterraram nos ombros de Jace quando ela começou a empurrar para baixo. Felizmente, com a quantidade de lubrificante e com o fato de ele estava duro como a porra de uma pedra, ele a penetrou com facilidade. Ela fez uma pausa quando ele estava no meio do caminho, sua expressão quase cômica.

– Você é enorme – ela sussurrou.

Ele riu.

– Meu pau não aumentou, baby. Está do mesmo tamanho de sempre.

– Ok, mas parece muito maior – ela retrucou.

E então ela o empurrou para baixo, aproximando-se das bolas. Ele gemeu ao sentir a pressão ao redor de seu pênis. Ela agarrou o seu pau, apertando-o e espremendo-o como se quisesse cada gota de seu esperma.

– Ai droga – ele murmurou. – Preciso que você se movimente, gata. Senão isto será rápido.

Ela balançou a cabeça e fez uma careta.

– Não até que eu autorize.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Você não pode gozar até que eu permita – disse ela com um olhar feroz.

Ele riu novamente e agarrou seus quadris, segurando-a no lugar.

– Então é melhor você autorizar logo ou ficará cheia de porra em você e não haverá nada que eu possa fazer a respeito.

Ela parecia descontente, mas então se sentou novamente, as mãos deslizando do seu peito até o seu abdômen. Ela girou de forma a provocá-lo, girando o corpo para um lado e para o

outro até que ele estivesse prestes a implorar para que ela parasse. Ela acabaria com ele.

Então Bethany encontrou seu ritmo e começou a se mover para cima e para baixo, não permitindo que mais da metade pênis ficasse para fora antes que ela voltasse a se enterrar nele. Ele ajudou a mantê-la firme para que ela não pendesse para os lados, e levantava seus quadris para facilitar os movimentos.

– Isso é bom – ela respirava.

– Bom? – Ele teve que rir mais uma vez. – Não diria que é bom, baby. É uma maldita tortura.

Ela lhe deu um sorriso torto e perverso, as pálpebras meio fechadas e sexys para cacete enquanto o estudava.

– Posso gozar agora? – ela fez beicinho.

– Claro que sim, desde que eu goze com você.

– Eu preciso de alguma ajuda quanto a isso – disse ela. – Se eu soltar minhas mãos, eu vou cair, e eu não quero isso.

Seu corpo tremia de prazer.

– Não, eu também não quero que você caia. Você continua segurando. Eu cuido do resto, gata.

Ele tirou uma das mãos dos quadris dela e deslizou-a entre as suas pernas para que seus dedos acariciassem seu clitóris. Ela ficou imediatamente rígida sobre ele, os olhos fechados com ar sonhador.

– Ok, você pode gozar agora – declarou ela.

Se o seu pau não estivesse prestes a explodir, ele riria de novo, mas ele estava focado demais para perceber o quão graciosa ela era. Por conta disso, aumentou a pressão sobre o clitóris e começou erguer seu quadril para cima, enterrando seu pênis o máximo que conseguia.

Ela gozou primeiro, pendendo a cabeça para trás, gritando o seu nome entre os lábios. Ele teve de pegá-la enquanto ela caía para frente, todo o seu corpo ficando mole. Ele envolveu os braços ao redor dela, segurando-a firmemente, de forma a mantê-la arqueada. Ele fechou os olhos e apertou a mandíbula, e então soltou um rugido que vibrou as paredes ao explodir dentro dela.

Jato após jato bombeado para o corpo dela. Ele gozou com violência, um fluxo interminável, as bolas apertadas, o pênis forçando até quase doer. Ele levantou seus quadris mais uma vez, mantendo-se com as costas inclinadas.

– Meu Deus – ele murmurou enquanto caía de costas na cama, o corpo dela cobrindo o seu.

Ela estava quente e saciada, com o corpo mole, completamente sua. Seu pênis estremeceu dentro dela e ela acariciou o próprio rosto contra o seu peito.

– Vamos ter que fazer isso outra vez – ela balbuciou, suas palavras quase inaudíveis. – Eu gosto quando você me fode com estes meus sapatos.

Seu corpo tremia e ele a apertava ainda mais, trazendo ela para perto, abraçando-a, não a deixando sair.

– Meu bem, eu gosto de te foder de qualquer maneira, mas os sapatos são definitivamente um algo a mais. Eu te compro um par diferente para cada dia da semana se for necessário.

capítulo 36

– Ainda nenhum sinal do Kingston? – Jace perguntou severamente.

– Não, senhor – foi a resposta rápida de Kaden. – Eu coloquei o Trevor circulando por onde ele e Bethany costumavam ficar quando ela estava na rua. Não vimos nenhum sinal dele e ele não voltou ao apartamento.

Jace suspirou.

– Ok, mantenha-me informado.

Ele desligou o telefone e recostou-se na cadeira. Quando ergueu o rosto, viu que Ash estava na porta, com uma carranca no lugar do rosto.

– Problemas? – Ash perguntou enquanto andava até a cadeira.

Jace balançou a cabeça.

– Bem, sim e não.

Ele estudou a expressão de Ash atentamente, buscando a raiva habitual que ele mantinha nos olhos em vésperas de feriado. Embora a família de Ash normalmente só o perturbasse no Ano Novo, neste ano eles tinham insistido mesmo após o feriado, o que só deixava o humor de Ash ainda pior.

– Alguma coisa que você queira conversar? – perguntou Ash.

– Não há muito a ser discutido – Jace murmurou. – Kingston ainda está desaparecido. O que é ótimo, não me interprete mal. Eu ficaria feliz se ele desaparecesse da vida de Bethany para sempre. Mas ela está muito preocupada e isso a está desgastando.

– Ela não saiu com a Mia e as amigas para se divertir?

Jace não pôde evitar que um sorriso brotasse em seus lábios com a memória de Bethany bêbada e linda e completamente empenhada na sedução. Seu corpo ainda se enchia de vida ao lembrar a sensualidade exalada por ela ao fazerem sexo naquela noite.

– Sim, ela saiu com elas há uma semana. Foi ótimo. Ficou bêbada de cair e queria transar usando os saltos – Jace disse com um sorriso.

Ash sacudiu a cabeça.

– Isso não é legal, cara. Entendo que eu não tenha permissão nem de pensar nela, mas daí você me descrever ela totalmente bêbada, cambaleando pra que transassem enquanto ela usava sapatos sexys? Nada a ver.

Jace ergueu as mãos, feliz por agora poderem brincar com o fato de Ash ter dormido com ela.

– O problema é que, depois que ela dormiu até com a ressaca – nós transamos de novo – acrescentou apenas para alfinetar Ash. Ele foi tomado por um novo brilho e riu. – De qualquer forma, o problema é quando ela estava com Mia e com as suas amigas, não estava pensando em Jack. Quando estava transando comigo, não estava pensando em Jack. E, quando percebeu

que não estava pensando nele, sentiu-se culpada. E agora ela está mais preocupada do que nunca porque Jack está desaparecido.

– Isso é péssimo – Ash murmurou. – Que babaca.

– Talvez ele esteja tentando fazer a coisa certa. Cá entre nós, o que ele sentia por ela não era fraternal. Ela não sabe disso, mas, enfim, ela é tão ingênua para essas coisas. Ela o via como um irmão. Tenho certeza. Não sentia nada além por Jack. Ele, por outro lado, a via como uma mulher. A mulher que ele queria e ele não gostou nem um pouco quando ela ficou comigo, porque isso os afastou. Então eu imagino que ele esteja ou chateado e não queira encontrá-la sabendo que não poderá tê-la, ou de fato tentando fazer a coisa certa e caindo fora da vida dela, para que ela possa seguir em frente e ser feliz. O problema é que ela se preocupa com ele e ainda sente a sua falta.

– Que droga, cara – disse Ash.

– Pois é. Eu a quero feliz, e para que isso aconteça, ela precisa ter certeza de que Jack está seguro e bem cuidado.

– E o que você vai fazer?

Jace deu de ombros.

– E eu lá sei. Tenho Kaden e Trevor vigiando as coisas. O que eu não quero é que ele apareça para ver Bethany quando nenhum de nós estiver por perto. Eu não confio nele. Não depois da merda que fez.

Ash franziu as sobrancelhas.

– Que merda? Você está falando de algo em especial ou da merda habitual de ficar aparecendo e sumindo?

– Eu não te contei – Jace murmurou. – Esqueci que você não sabe o que aconteceu no dia em que tudo quase foi por água abaixo e eu achei que a havia perdido pra sempre. Deus. É uma série de merdas.

– De que diabos você está falando?

Jace suspirou e recostou-se na cadeira.

– Jack apareceu no apartamento dela quando eu a levava de lá, no caminho para o trabalho. Recebi uma chamada de Kaden dizendo que Jack estava lá. Então eu fui lá, só que ela já havia saído, e eu encontrei uma mochila dele cheia de drogas. Estou falando de várias drogas e coisas do tipo.

– Que porra é essa?

– Exato. Essa também foi a minha reação. Então Bethany voltou para casa e eu fui um idiota. Perdi o controle. Disse um monte de merdas que eu não queria dizer. Fiz ela se sentir péssima. Ela foi embora antes que eu pudesse detê-la. Passei o resto da tarde desesperado porque não conseguia encontrá-la. Então recebi um telefonema dizendo que ela havia voltado para o apartamento, mas quando cheguei lá ela já havia saído outra vez. Aí o porteiro do meu prédio me ligou para dizer que ela estava na frente da minha casa mas não queria entrar, e ficou parada na chuva congelando até a alma.

– Puta merda – Ash murmurou.

– Ah, fica ainda pior.

Ash ergueu a sobrancelha.

– Sim, ao que parece, quando decido ser um idiota, vou até o fim.

– Oh-ou.

– Sim, fui até a minha casa e fiquei aliviado quando vi que ela ainda estava lá. Só que ela estava de pé, na chuva, se acabando de chorar, me dizendo que estava tudo terminado entre nós e que eu fazia mal a ela.

Jace teve de parar e se recompor, porque a memória daquele dia ainda ardia em sua mente. O que ele quase a induziu a fazer. Isso ainda o abatia. Ele poderia ter facilmente a perdido. Tudo porque estava tão obcecado por ela que perdera totalmente a razão. Seu instinto era mais forte que ele, de estabelecer a ordem e assumir o controle.

– Ela estava tão chateada com a nossa briga – e eu não tinha me dado conta na época, mas nosso grande amigo Jack, um homem que supostamente se preocupa com ela, trouxe para o apartamento a merda na qual ela já fora viciada. Um pequeno presente, ao que parece.

– Ah não – Ash rosnou.

– Ela disse que não queria aquilo, mas ele deixou lá, e quando ela voltou para o seu apartamento, depois uma caminhada na chuva chorando de soluçar por conta das merdas que eu havia dito, ela quase tomou um comprimido. Ficou com ele na boca, prestes a engolir, até perceber o que estava fazendo e então despejar o vidro na pia.

– Melhor pra ela – Ash murmurou.

– Pois é. Ela é forte. Ela pensa que é fraca, mas ela é forte pra cacete.

– Então, o que aconteceu depois? – perguntou Ash.

– Ela ficou tão arrasada por ter quase feito aquilo que foi direto para o meu apartamento, para acabar com tudo. Ela estava pronta para voltar à vida de antes, porque ao menos nessa vida, sabia quem era. Ela não achava que era boa o suficiente para mim. E não achava que poderia suportar a tensão emocional do nosso relacionamento por mais tempo.

– Meu Deus, cara, a coisa foi barra pesada. Eu sinto muito.

– Olhando para trás, foi provavelmente a melhor coisa para nós. Me forçou a ouvi-la, e eu também aprendi sobre o seu passado e sobre as merdas pelas quais ela passou, por que ela é tão leal ao Kingston. Mas foi terrível na hora, ainda me assusto quando penso no quão perto cheguei de perdê-la.

– Você está apaixonado por ela – Ash disse calmamente.

– Claro que sim, estou apaixonado por ela. Isso não é óbvio?

– Não, digo que ela realmente significa algo para você. Admito que tinha minhas dúvidas, mas ela é *a* mulher, cara. Estou feliz por vocês dois. E eu sinto muito se eu fiz você sofrer no início. Devo a Bethany milhões de desculpas.

Jace deu um sorriso torto.

– Sim, ela é tudo para mim. Eu nunca pensei que fosse possível se apaixonar por uma mulher tão rápido quanto me apaixonei por ela, mas... Deus! Foi como ser atingido por um raio. O melhor e o pior sentimento do mundo. Não é nada divertido estar tão louco por uma mulher e viver a incerteza de que, se você não agir da maneira correta, poderá perdê-la.

– Sim, eu dispenso isso – Ash disse acidamente. – Acho que vou ser o único remanescente fiel ao lema “seja firme e se mantenha livre”.

– Babaca. Basta esperar até que isso aconteça com você, cara. Gabe e eu vamos morrer de

rir.

Ash bufou.

– Espere sentado.

– Então, o que está acontecendo com a família infernal? Por que eles ainda estão se importando com você?

Ash suspirou.

– Não quero falar sobre eles. Acaba com meu dia.

Jace continuou a olhar para ele com expectativa.

– A mesma merda de sempre. Aparentemente, meu querido avô não está se sentindo bem. Ele está convencido de que irá dessa para uma melhor a qualquer momento. Não percebe que diz isso há anos. Seu desejo é ter a querida e amorosa família ao seu lado no leito de morte. Minha mãe e meu pai estão preocupados que se eu não tomar jeito, eles serão cortados do testamento, por isso estão me enchendo o saco para ir a jantares de família e me fingir de bonzinho frente ao resto do clã. Sanguessugas interesseiros, todos eles.

Jace estremeceu.

– Sinto muito, cara. Que droga.

– Nem me fale.

– Mande-os à merda.

Ash ficou em silêncio e baixou os olhos.

Jace imediatamente se curvou para frente.

– Você os mandou à merda, certo?

Ash suspirou.

– Eu gosto do velho. Ele era o único que se importava comigo. Se fosse só minha mãe, meu pai e os meus irmãos, sim, eu os mandaria à merda.

– Meu Deus, você vai ficar quieto, não vai? Você realmente vai ser legal com eles só pelo velho?

– Eu não sei o que vou fazer ainda – ele murmurou. – Não decidi. Fui convidado para jantar com eles na semana que vem. Vovô vai estar lá. A porra da família toda vai estar lá.

– Eu vou com você – Jace disse rapidamente. – Gabe vai também. E Mia.

Ash olhou de volta para ele, um forte carinho brilhou em seus olhos verdes.

– Você sabe que eu amo vocês. Vocês sempre me ajudaram. Nunca me esquecerei disso. Mas você e Gabe têm Mia e Bethany agora. Não quero nenhuma delas – e nem você e Gabe – expostos ao meu ninho de cobras.

– Que besteira – Jace interrompeu com impaciência. – Nós somos sua família. Você é a nossa família, *de verdade*. E não se deixa a família lidar sozinha com essas merdas.

– Eu sou um menino grande agora. Sou capaz de lidar com as mentiras deles. E não quero Mia e Bethany expostas às manipulações deles. Eles são mal intencionados quando estão em um dia bom. Você pode imaginar o que eles fariam a Bethany se descobrissem sobre o passado dela? Eles a destruiriam, sem nem pestanejar. Você realmente quer isso para ela quando as coisas entre vocês ainda são tão recentes?

Jace balançou a cabeça lentamente.

– Não, não quero. Nós não precisamos levá-la. Eu posso ir com você e deixá-la em casa. Ou peço à Mia para passar a noite com ela. Só não quero que você vá sozinho.

Ash levantou.

– Eu agradeço, cara. Mais do que imagina. Mas há algumas coisas que tenho de fazer sozinho. Esta é um delas. Eu vou. Que fique claro que eles não podem mais mexer comigo como costumavam fazer. Vou aparecer lá, pelo vovô, mas o resto que se dane.

– Ok, mas se você mudar de ideia, saiba que Gabe e eu estaremos lá com você, sem sombra de dúvida.

– Sim, eu sei. Valeu.

Ash começou a caminhar para a porta e, em seguida, virou-se.

– Quer que eu verifique com a galera se Kingston tem pegado dinheiro emprestado ou se tem se metido em alguma furada? Eu posso dar uma sondada e te dar um retorno. Posso até descobrir em que buraco ele se escondeu.

Jace hesitou e então finalmente balançou a cabeça. – Não. Às vezes a ignorância é o caminho para a felicidade. Eu não quero nunca mais mentir para Bethany, e se eu descobrisse que Jack está em apuros, eu definitivamente mentiria para ela. Eu não gostaria que ela se envolvesse de maneira nenhuma. É melhor ninguém ficar sabendo de nada.

Ash assentiu.

– Ok. Me avise se mudar de ideia.

– Pode deixar. E, Ash? Me avise sobre qualquer coisa, ok? Nós nos encontramos depois do encontro com a família infernal. Você, eu, Gabe, Mia e Bethany. Vamos fazer um jantar.

– Parece bom. Vejo você por aí.

Enquanto Ash saía, Jace sentiu o coração pesar. Ele não sentia falta do sexo a três que costumavam fazer, mas ele definitivamente sentia falta da conexão que tinha com Ash. Era estranho, mas eles foram amigos que compartilharam quase tudo um com o outro, durante anos e anos, e agora, de repente, as coisas eram diferentes.

Droga, ele quase não via Ash desde que conhecera Bethany. Ele e Gabe estavam ambos focados nas mulheres que amavam, o que significava que Ash havia sido afastado do forte grupo no qual ele costumava ocupar um importante espaço.

O telefone do escritório tocou e ele atendeu. Poucos minutos depois, ele estava xingando pelo telefone e indo direto para o escritório de Gabe.

– Que diabos está acontecendo com o negócio de Paris? – disse, exigindo satisfações. – Eu só recebi um telefonema dizendo que dois dos nossos maiores investidores pularam fora.

capítulo 37

Bethany pegou o telefone assim que tocou e disse um “olá” – com certa hesitação.

– Senhorita Willis, o Sr. McIntyre está aqui. Posso deixá-lo subir?

Seu pulso acelerou. Jace não estava em casa e já passava do seu horário habitual. Talvez Ash tivesse pensado que ele já estaria lá?

– Hum, claro – ela respondeu.

Ela esfregou as mãos nervosamente no jeans e se culpou. Ash fora extremamente educado e amável desde a noite em que ela tinha feito sexo com ele e Jace. Não havia nenhuma razão para sua cabeça dar nós cada vez que ela tivesse de encontrá-lo.

Alguns minutos depois, o elevador se abriu e Ash saiu.

– Olá, Bethany – disse ele, oferecendo-lhe um sorriso caloroso.

– Oi, Ash. Jace ainda não chegou em casa.

Ash fez uma careta.

– Droga. Pensei que ele estaria aqui. Eu precisava entregar uma pasta a ele. Estamos quase perdendo um negócio. Ele pode ter ficado preso no escritório mais tempo do que imaginei, tentando resolver essa merda.

Sua testa franziu.

– Parece ruim. É isso mesmo?

Ele sorriu.

– Nada com o qual não possamos lidar. Merdas como essa acontecem o tempo todo. Apenas mais um dia no escritório.

– Entre. Não fique aí parado. Que modos, os meus. Por que você não se senta na sala de estar? Tenho certeza de que ele estará aqui em breve. Gostaria de um pouco de chocolate quente? Eu estava fazendo um.

– Claro – ele disse, entrando no apartamento. – Você toma uma xícara comigo?

Ela sorriu, relaxando quanto ao seu charme.

– Sim, sente e eu pego uma xícara pra gente.

Ela caminhou pela cozinha, aquecendo duas xícaras e misturando o chocolate. Adoçou o dela e parou, sem saber como Ash queria o dele. Ah, bem. Ela se despreocupou e fez o dele do jeito que ela preferia o dela.

Em seguida, levou as xícaras para a sala e entregou-lhe um deles.

– Obrigado, querida.

Ele olhou para ela sobre a sua caneca enquanto sentava-se na poltrona a uma boa distância de onde ele estava.

– Então, como você está? – ele perguntou em voz baixa.

– Eu estou bem – disse ela alegremente.

Ele deu-lhe um olhar claramente desconfiado.

Ela suspirou.

– Eu estou bem, de verdade. Preocupada com o Jack. O que é estúpido, mas é algo que não consigo controlar. Eu acho que me sinto culpada porque eu agora tenho muito e ele continua sem nada.

– Eu não chamaria um lugar para viver de “nada” – Ash disse secamente.

Ela deu de ombros.

– Você está certo. E eu acho que isso é o que me irrita. Jace realmente fez o que pôde para ajudá-lo. E fez isso por mim. Eu sei que Jace odeia isso. Ele tem todo o direito. Mas fez isso por mim e fez isso para Jack, porque ele sabia que ia me fazer feliz. E me irrita que Jack esteja sendo tão babaca quanto a isso.

Ela fez uma careta, ao perceber que realmente *estava* com raiva. Ela estivera tão enterrada em preocupações e ansiedade que não tinha realmente investigado o fato de que estava com raiva de Jack por ele estar sendo tão indiferente ao que Jace estava fazendo para ajudá-lo.

– Ele poderia, pelo menos, me deixar a par de como ele está, sabe? – ela continuou, ficando mais irritada a cada minuto.

– Sim, ele poderia – Ash concordou. – Mas, querida, me escute. Você tem que parar de desperdiçar tanta energia com esse cara. Ele já é um adulto. Você não pode tomar as decisões por ele e, além disso, você certamente não deveria se sentir culpada por ter acertado sua vida e ele se recusar a fazer o mesmo.

– Você está certo – ela murmurou. – Eu sei que você está certo. Mas é difícil. Realmente difícil, dar uma guinada de 180 graus, quando, nos últimos anos, ele foi tudo o que eu tive. É natural que eu me preocupe com Jack porque eu sempre tive de me preocupar com ele.

Ash pigarreou.

– Na verdade, há uma outra coisa que eu queria falar com você. Agora é um ótimo momento, já que nós estamos sozinhos. Você e eu só nos vimos duas vezes desde aquela primeira noite, e isso não é algo que eu discutiria em meio a outras pessoas.

Um calor tomou as bochechas dela. Oh, Deus. Ele iria trazer a noite do ménage à tona. Ela se mortificou, sem conseguir olhá-lo nos olhos.

– Querida, olhe para mim – Ash disse gentilmente.

Ela botou-se de pé, deixando a xícara na mesa e se virou para olhar a cidade do lado de fora da janela. Lá, as luzes brilhavam enquanto o dia desaparecia na noite.

– Bethany.

Ela pulou quando ouviu sua voz atrás dela. Ele a seguiu até a janela e agora ela não tinha escolha a não ser encará-lo.

Ele tocou o seu ombro e ela se virou lentamente para encará-lo. Havia carinho e compreensão em seus olhos.

– Eu sei que provavelmente você também não me acha boa o bastante para ele – disse ela em voz baixa. – Principalmente pela forma como nos conhecemos. Naquela noite...

Ele colocou os dedos nos lábios dela.

– Isso é mentira – disse ele, sem rodeios. – Eu lhe devo um enorme pedido de desculpas e eu vou fazer isso agora.

Seus olhos se arregalaram.

– Por que você teria algo de que se desculpar?

– Porque, no início, eu não achava que você era uma boa mulher para Jace. Sou amigo dele e estava preocupado.

Ela assentiu com a cabeça, seu coração afundando. Logicamente, ela sabia que os amigos dele não a teriam acolhido em sua vida, mas, de alguma forma, ouvir isso a machucava mais do que pensar nisso sozinha.

– Eu estava errado.

Ela piscou.

– Você estava?

– Eu estava cem por cento errado, querida. Você é a melhor coisa que já aconteceu a Jace. E eu mencionei aquela noite não para fazer você se sentir desconfortável, apesar de ser exatamente o que eu fiz, mas porque eu não quero que esse constrangimento entre nós vá adiante. Jace é como um irmão para mim. Nós somos amigos há anos. Eu não quero que isso mude. Você é importante para ele. Ele é importante para mim. O que faz de você importante para mim também.

– Sério? – ela sussurrou.

Ele sorriu.

– Sim, sério. Eu não vou dizer que eu não aproveitei aquela noite. Isso é um fato. Você é uma mulher bonita, desejável. Não se pode mudar isso. Nem queira que isso mude. Você é especial, Bethany. Mas também sei que Jace te ama demais e eu posso ver que você o ama também. O que eu gostaria é que fôssemos capazes de colocar aquela noite no passado e seguíssemos em frente. Eu gostaria que fôssemos amigos.

Ela sorriu, seu rosto inteiro se alargando com alegria.

– Eu gostaria disso também.

Ele estendeu a mão e tocou o rosto dela, traçando uma linha em sua bochecha com o polegar.

– Então está combinado.

– O que diabos está acontecendo aqui?

A voz de Jace explodiu na sala de estar e Bethany deu um pulo, a mão de Ash deslizando para fora de seu rosto enquanto os dois se viravam na direção da voz de Jace.

Os olhos de Bethany se arregalaram, enquanto os de Ash se escureceram de raiva. Jace parecia... furioso.

Jace apertara o botão do elevador e fervilhava de impaciência enquanto subia até o seu apartamento. O dia tinha rapidamente ido para o inferno com a saída de dois investidores em seu projeto do hotel em Paris.

Merda, ele tinha trabalhado duro para envolvê-los e agora eles vacilavam na última hora.

Ele e Gabe passaram a maior parte da tarde no telefone tentando descobrir o que diabos estava acontecendo e ele acabou saindo muito mais tarde do que havia planejado. Tudo o que ele queria fazer era ver Bethany, levá-la para um bom jantar e depois fazer amor o resto da noite. A manhã do dia seguinte seria péssima, pois com a saída dos dois maiores investidores,

era perfeitamente possível que outros seguissem o exemplo. Eles teriam que reparar o problema e rápido. Mesmo que isso significasse injetar mais de seu próprio capital no empreendimento.

As portas se abriram e ele foi saudado pela visão de Bethany e Ash em pé do outro lado da sala de estar na frente da janela. E ela estava sorrindo. Todo o seu rosto estava iluminado como uma maldita árvore de Natal. Foi a primeira vez que ele a viu sorrir de verdade durante toda a semana. Ela estava olhando para Ash como se ele tivesse acabado de inventar a pólvora.

E então Ash tocou seu rosto. Não foi um gesto casual, fez um alarme disparar em sua cabeça. Havia uma intimidade naquele toque. E o olhar no rosto de Ash. Tenro. Carinhoso.

Que diabos estava acontecendo?

Seu temperamento explodiu, resultado de um dia de merda se tornando ainda pior ao encontrar Ash em seu apartamento, acariciando sua mulher e ela sorrindo para ele de uma maneira que ela não lhe sorrisse em dias. Tudo o que ele conseguia pensar era naquela noite. A boca de Ash em sua pele, seu pau dentro de sua boca, sua bunda. Os suspiros de prazer que Ash tinha arrancado dela. Aquilo o deixava louco.

– O que diabos está acontecendo aqui? – ele perguntou friamente.

Ash e Bethany, ambos se viraram para olhar para ele, a mão de Ash abandonando o rosto de Bethany. Os olhos de Bethany se arregalaram alarmados enquanto Ash parecia ter se chateado imediatamente. Que se foda.

– Ash veio ver você – Bethany disse em voz baixa.

– Sim, isso eu já percebi – Jace grunhiu.

– Quer saber do que mais? Vai se foder, cara – Ash surtou. – Não posso acreditar está chegando aqui dessa forma, especialmente depois de tudo o que conversamos no escritório hoje. Além disso, não acredito que você esteja desrespeitado a Bethany dessa forma.

– Pelo que eu entendi, sou eu quem está sendo desrespeitado no meu próprio apartamento – Jace retrucou.

– Eu tô fora – Ash rosnou.

Ele fez uma pausa e mandou para Bethany um olhar de desculpas.

– Sinto muito, querida. Realmente sinto muito. Se precisar de algo, me ligue, ok?

Isso irritou Jace ainda mais. Que Ash sugerisse que Bethany poderia precisar dele, como um resultado do que estava acontecendo ali e agora, o diabo que fosse.

– Sinto muito também – Bethany sussurrou.

O rosto dela era uma máscara mortuária, um avermelhado manchando suas bochechas. Enquanto Ash era seguido por Jace, ele murmurou: “Que babaca” – e em seguida entrou no elevador.

Quando Jace olhou de volta para Bethany, preparado para exigir uma explicação, as lágrimas brilharam nos olhos dela e seus ombros caíram em derrota. Ela nem sequer olhava para ele.

O seu estômago deu um nó e ele imediatamente se arrependeu das conclusões a que chegara precipitadamente. Ele não podia nem sequer chamá-las de conclusões. Ele os atacou porque já estava irritado, frustrado e cansado. Tudo o que ele queria era uma noite tranquila e a sós com Bethany, e ele acabou chegando em casa e encontrando Ash tão próximo e íntimo dela.

Merda, ele fizera novamente. Falou sem pensar. E agora Bethany estava quase em lágrimas. Ele a tinha envergonhado e irritado o seu melhor amigo. Ele estava começando a transformar em algo regular esse lance de ser um babaca de primeira.

– Bethany – disse ele em voz baixa enquanto diminuía a distância entre eles.

Ela se afastou no momento em que ele tentou tocá-la. Ela virou a cabeça, claramente tentando esconder as lágrimas dele. E isso o irritou ainda mais. Não com ela. Com ele próprio. Porque ele tinha feito merda.

– Você ainda não confia em mim – ela sussurrou entrecortada. – Eu não sei por que estamos fazendo isso. Eu não posso fazer isso, Jace. Eu não vou ficar com um homem que insiste em pensar o pior de mim quando eu não fiz nada para merecer isso. Eu te dei tudo. Minha confiança, meu coração. Você pode ter me dado coisas materiais, mas você não me deu nada do que realmente importa.

– Meu amor não importa? – ele exigiu.

Desta vez, ela encontrou seu olhar com os olhos úmidos. Eles estavam ferozmente determinados, sua boca desenhada em uma linha fina.

– Você não pode simplesmente dizer que me ama e pensar essas coisas de mim. Você pode sentir desejo por mim, você pode estar apaixonado. Mas você *não* me ama.

– Não me diga que eu não te amo!

A pulsação dele estava rugindo em seus ouvidos e o pânico alojou-se em sua garganta. É claro que ele a amava, e o pior disso tudo era que ele confiava, sim, nela. Depois que se acalmou, ele sabia muito bem que ela e Ash não estavam fazendo merda nenhuma pelas suas costas. Ele confiava nela e certamente confiava em seu melhor amigo. Nenhum deles jamais faria qualquer coisa para traí-lo.

Mas ele reagiu emocionalmente e atacou as duas pessoas com quem ele mais se importava. Porque ele era um babaca com um temperamento impulsivo de merda e uma propensão para atacar as pessoas mais próximas a ele.

Jesus, ele precisava começar a se controlar. A partir de agora.

– Você diz que me ama, mas as suas ações mostram o contrário.

A voz dela era calma e resignada.

– Palavras são apenas palavras. A prova está na forma como você age, como você reage. O que há de errado com você? Você sequer perguntou o que Ash estava fazendo aqui. Não perguntou o motivo. A não ser quando nos perguntou o que diabos estava acontecendo com aquela voz acusatória de merda. E não era uma pergunta para a qual você realmente queria uma resposta. Estava mais para um “Ha! Peguei vocês no flagra!”

Jace fechou os olhos.

– Sinto muito, querida. Eu sei muito bem que vocês não estavam fazendo nada pelas minhas costas. Eu também já sabia naquela hora. Estou com um humor péssimo, tive um dia de merda e descontei em você e no Ash.

– Peça desculpas a *ele* – ela engasgou. – Você o insultou de um jeito horrível. É seu melhor amigo. Vocês são melhores amigos há vinte anos. Você só me conhece há algumas semanas, então eu acho que não posso exigir muito quando se trata de confiança. Mas o que você pensou dele foi péssimo, só isso.

– Eu sei. Eu sei, querida. E, sim, eu vou pedir desculpas a ele, mas primeiro eu preciso acertar as coisas com você.

– Você não pode acertar as coisas – disse ela tristemente. – Não importa quantas vezes você diga *eu te amo e eu confio em você*, isso não vai se tornar verdade.

– O que você está dizendo? – ele sussurrou, o medo o paralisando.

– Eu vou arrumar minhas coisas e vou embora. E, não, não vou fugir ou ser irracional. Mas eu não posso ficar aqui. Não mais. Vou voltar para o outro apartamento. Jack não está por lá mesmo. Depois eu penso no que fazer.

Quando ela se dirigiu para o quarto, Jace agarrou-a pelo braço e puxou-a bruscamente contra o seu peito.

– Não. Você não pode sair – disse ele com determinação feroz. – Porra nenhuma que você vai sair daqui. Nós já passamos por isso, gata. Fique e lute. Jogue alguma coisa em mim. Grite comigo. Faça o que tiver que fazer. Mas você vai ficar e lutar por nós.

Ela tinha uma expressão pesada e sem brilho quando mirou diretamente em seus olhos.

– De que me adianta lutar quando você não faz o mesmo?

Ele prendeu a respiração. Então, ele apertou as mãos nos ombros dela, fechando os dedos para dentro da mão, para evitar que tremessem.

– Você não vai a lugar nenhum hoje – ele rosnou. – Está frio e está nevando. Você vai ficar aqui, onde é seguro.

Ela fechou os olhos, desviando o rosto dele com um suspiro.

– Tudo bem. Eu vou dormir no sofá.

– De jeito nenhum.

Ele tocou seu colar, olhando para o diamante.

– Você dorme na minha cama. Isso não é negociável. De jeito nenhum que você vai dormir no sofá.

Seus ombros caíram ainda mais e ela se desvencilhou dos braços dele. Sem dizer mais nada, ela caminhou em direção ao quarto, deixando Jace se martirizando a cada instante.

Cristo. Ele precisava alcançar Ash antes que isto fosse longe demais. Ele tinha sido um completo idiota. Ele deixaria Bethany se acalmar. Encontraria Ash, pediria desculpas e, em seguida, ele voltaria para Bethany quando as emoções não estivessem falando tão alto. E então ele iria rastejar e jurar por tudo o que era sagrado que ele seguraria a droga da língua no futuro.

Ele pegou o celular e discou o número de Ash.

– O que você quer? – Ash ralhou.

Jace estremeceu com a fúria na voz de seu amigo.

– Você está longe?

– Estou entrando no carro agora.

– Não faça isso. Volte pra cá. Eu já vou descer. Me encontre aqui na frente.

– Vai se foder.

– Faz isso, Ash – Jace disse suavemente. – Você e eu sabemos que eu fui um babaca. Eu não vou deixar você ir embora puto comigo.

– Tarde demais para isso – Ash retrucou.

– Eu vou descer em dois minutos.

Ele desligou o telefone e rezou para que Ash não estivesse tão puto a ponto de não querer entrar. Ele já estava se sentindo o maior idiota do planeta.

Jace correu para o elevador e desceu. Quando saiu, ele se certificou de que se posicionara onde ele poderia ver se Bethany tentasse fugir. Quando olhou para a entrada, ficou imensamente aliviado ao ver Ash entrando de volta pela porta.

Quando Ash viu Jace, suas feições se torceram em um olhar furioso e ele caminhou até onde Jace estava.

– Qual é o seu problema, cara? – Ash exigiu. – Eu não posso acreditar nas merdas que você acabou de falar. Além do fato de que você me insultou para cacete, você sacaneou a Bethany. Uma mulher que não fez nada além de te amar e aguentar as suas babaquices desde o início. Você queria falar sobre ser um idiota, outro dia? Que porra foi essa que você tirou da cartola agora?

Jace ergueu as mãos.

– Me desculpa, cara. Eu sei que nada aconteceu. De verdade. Eu nem sequer questionei isso. Não preciso saber o que estava acontecendo, porque eu sei que o que quer que fosse era legal. Eu tive um dia ruim e tudo que eu queria era chegar em casa para estar com Bethany e quando eu entrei e vi você a tocando e a vi sorrindo... Deus, ela não sorria assim pra mim há dias. Ela estava iluminada como uma porra de uma árvore de Natal. Ela estava tão brilhante e deslumbrante que me feriu só de olhar para ela. E eu surtei. Foi estúpido. Nenhum dos dois merecia. Mas eu descontei minha raiva e frustração em vocês dois.

Ash apenas olhou para ele por um longo momento.

– Esta merda tem que parar. É a segunda vez que você surta comigo. Eu não vou aceitar uma terceira vez.

– Eu sei – Jace disse calmamente.

– Que merda, cara? Você honestamente acha que ela iria te trair? Ou isso é alguma resposta louca por eu ter dormido com ela na primeira vez em que estivemos todos juntos? Porque ela não merece isso de você. Ela aceitou algo que nós a oferecemos e você a tem punido por isso desde então. Se você quer culpar alguém, olhe para si mesmo. Se você tivesse sido honesto desde o início, aquela noite nunca teria acontecido, e você nunca teria que olhar pra ela e lembrar-se de outro homem transando com ela.

Jace estremeceu com aquela contundente análise. Mas Ash estava certo. Cem por cento certo. Era loucura, mas ele percebeu que Ash tinha acertado em algo que Jace nem ao menos tinha percebido. Ele estava, de alguma forma, punindo Bethany por algo que ela não tinha nem sequer orquestrado. Ele não podia suportar ver ela e Ash juntos porque ele se lembrava daquela noite. E mesmo que ele tivesse sido capaz de brincar com Ash sobre isso no escritório mais cedo, foi porque Bethany não estava lá.

– Não, eu não acho que ela me traiu – Jace disse calmamente. – E você está certo. Ela não merece isso. *Você* não merece isso. Eu não poderia deixar você ir embora sem pedir desculpas. Eu não quero mais isso entre nós.

– Se você não quer isso entre nós, então você precisa aprender a lidar com a situação, Jace. Porque Bethany e eu estamos bem. Estamos bem com o que aconteceu e estamos seguindo em

frente. Ela ainda está envergonhada pra cacete quanto a isso, o que transforma o que você fez em algo ainda pior. Estávamos resolvendo isso. Era o que nós estávamos discutindo quando você entrou e começou a agir como um idiota.

As sobrancelhas de Jace se aproximaram.

– O que você quer dizer com “estávamos resolvendo”?

– Quero dizer que eu falei pra ela que não queria que ela se sentisse desconfortável perto de mim e que eu queria que fôssemos amigos. Eu vejo o jeito que ela me olha quando estamos juntos e como as coisas são difíceis. Se você e ela ficarão juntos, eu pensei ser importante que nós hasteássemos a bandeira branca e que eu deveria tentar fazer das coisas o mais confortável possível entre nós. Isso é o que você viu, Jace. Certamente não me viu avançando sobre a sua mulher.

Jace esfregou as têmporas.

– Sinto muito. Eu estraguei tudo de novo. Juro por Deus, isso é tudo que eu faço.

– E por que você está aqui se desculpando quando é pra Bethany que devia estar pedindo perdão? – Ash exigiu.

Jace soltou a respiração.

– Ela está chateada.

– Compreensível.

– É. Absolutamente.

– Então, por que você não está lá em cima com ela? – Ash persistiu. – Me diz que você não está desistindo dela. Porque eu te aviso logo, se você fizer isso eu vou entrar em cena e eu não vou ser o babaca que você está sendo.

As narinas de Jace queimavam.

– Que porra é essa? Então você tem sentimentos por ela?

Ash sacudiu a cabeça.

– Tudo o que sei é que ela é uma mulher linda e desejável, infernalmente adorável. Isso já a coloca léguas acima das mulheres com quem a gente normalmente transa. Eu ficaria muito feliz de ver aonde um relacionamento nos levaria. E eu já sei que somos compatíveis na cama.

– Vá se foder – Jace grunhiu.

Ash sorriu.

– Então talvez você deva correr logo para o elevador e se certificar de que ela não vai te abandonar.

Jace desviou o olhar.

– Há algo diferente desta vez. Ela não estava muito puta, ela estava mais para... derrotada. Me assustou pra cacete. Ela ficou com os olhos marejados, mas ela tentou esconder isso de mim, então não era como se ela estivesse me manipulando com lágrimas. E ela estava tão resignada e decidida. Eu fui longe demais desta vez, Ash. A confiança foi um problema entre a gente antes. Eu já tinha falado sem pensar mais de uma vez e eu gritei com ela, falei merdas que eu não queria dizer e a machuquei. Assim como eu o machuquei alguns minutos atrás. Não tenho certeza de que ela vai me perdoar tão rápido desta vez.

– Bem, você não vai saber se não for até lá – Ash disse calmamente.

– Estamos bem? – Jace perguntou em voz baixa.

Ash deu de ombros e soltou um suspiro profundo.

– Sim, cara, estamos bem. Mas juro por Deus, você não vai ter uma terceira chance para inventar uma merda dessas comigo.

Jace balançou a cabeça e, em seguida, ergueu o punho. Ash o acertou de volta. Com força. Jace quase estremeceu quando as articulações de Ash estalaram sobre as dele.

– Vá fazer as coisas direito com sua garota – disse Ash. – Porque se você não fizer isso, eu faço.

Jace fez uma careta e Ash riu.

– Sabia que isso iria motivá-lo – disse Ash, brincando.

Jace lhe deu um soco no braço e, em seguida, voltou-se para o elevador.

– Até mais tarde, cara.

– Depois me diz como foi com Bethany – Ash disse calmamente.

– Pode deixar.

Quando Jace entrou no quarto, viu que Bethany já estava na cama. Ela estava enrolada em posição fetal, de costas para o centro da cama de maneira que olhasse para longe dele.

Também estava de pijama, e ela nunca usava nada para dormir. Era uma das regras dele, a primeira que ela quebrara descaradamente.

Ele suspirou, sabendo muito bem que ele não a puniria por não obedecer aos ditames de trajes para dormir.

Ele se despiu e então deslizou na cama para o lado dela. Ele aproximou-se dela até que suas costas estavam pressionadas em seu peito e ele enrolou um braço em torno de seu corpo, puxando-a ainda mais para perto de seu corpo.

Ela ficou rígida, a tensão fervendo em seu corpo.

– Precisamos conversar, gata.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Não esta noite. Eu não tenho nada a dizer. Eu estou muito chateada e vamos acabar dizendo coisas das quais iremos nos arrepender. Não foi isso que você disse que costuma acontecer com você? Que você diz merdas que não queria dizer? Pela primeira vez, eu quero que você diga algo que você quer dizer. Estou cansada de adivinhar. Estou cansada de ficar na ponta dos pés, sem saber como você vai encarar as coisas ou como você vai reagir ou de que maneira louca você vai interpretar algo que não significa absolutamente nada.

Ele suspirou e beijou-lhe o ombro, deixando os lábios pressionados contra a pele dela.

– Você não comeu nada. Ainda é cedo para deitar.

– Eu não estou com fome – disse ela em voz baixa. – Por favor, Jace, apenas me deixe sozinha. Eu não vou a lugar nenhum. Eu não estou fugindo. Vá comer ou fazer seja lá o que for e deixe-me resolver isso por conta própria.

Ele rolou para longe dela e olhou para o teto.

– Não gosto de ver você deitada aqui, sofrendo por minha causa, gata.

Ela não respondeu, mas ele viu a ligeira oscilação dos ombros dela e xingou em silêncio. Ela estava chorando, droga. E ela queria ser deixada sozinha. Não queria ser consolada. Não queria seus braços ao redor dela. Não queria que ele a segurasse.

Ele fechou os olhos. Sim, ele tinha ferrado as coisas pra valer. Ainda pior do que da última

vez. Quando ele iria parar de fazer essas merdas?

Como ele poderia sequer ir trabalhar amanhã, se ele estaria paralisado com o medo de que ela fosse embora no primeiro minuto em que ficasse fora de vista?

Ele não poderia viver assim. E ele sabia que ela também não podia. Ele a estava destruindo com sua desconfiança. E o pior de tudo era que ele *confiava* nela.

Talvez esse fosse um produto de seu relacionamento ter apenas algumas semanas de vida.

Estas eram questões que todos os casais precisavam resolver, não eram? Eles haviam se envolvido rapidamente. Ele sabia disso. A maioria das pessoas passava pela fase de encontros e de conhecer um ao outro por mais tempo do que eles tinham feito. Mas, então, ele sempre fora atrás do que queria com uma determinação obstinada. Bethany não seria diferente com respeito a isso.

Sabendo que ele nunca conseguiria dormir cedo, ele se levantou devagar da cama. As costas dela ainda estavam viradas pra ele, mas ele também sabia que ela ainda estava acordada. Seu corpo estava muito rigidamente posicionado para ela ter caído no sono.

– Eu vou à cozinha comer alguma coisa – disse ele em voz baixa. – Adoraria se você se juntasse a mim. Ou eu posso lhe trazer algo para comer na cama.

Ela fungou levemente e ele sentiu o coração apertado novamente. Foda-se tudo. Ela ainda estava chorando.

Ele virou-se e saiu do quarto, medo e remorso se revezando dentro dele. Ele disse que confiava nela. Dar-lhe espaço para resolver as coisas à sua maneira era parte disso. Contanto que ela o fizesse aqui em seu apartamento, em seu espaço, em sua cama, ele podia aceitar. Ele disse que confiava nela. Era hora de mostrar a ela que isso era verdade.

Ele fez um sanduíche, mais para ter algo para fazer do que por fome. Lembrou-se de que, quando Gabe ferrou as coisas com Mia, ela disse que se ele quisesse ter a mínima esperança de tê-la de volta, ele teria que rastejar aos seus pés. E Gabe o fizera. Ele se humilhou na frente de metade da cidade de Nova York, a fim de ter Mia de volta.

Jace não havia entendido isso na época. Ele pensara que Gabe estava sendo um tanto dramático, mas agora percebia o desespero que Gabe devia estar sentindo. Jace iria rastejar. Ele faria o que fosse preciso para que Bethany ficasse com ele.

Depois de horas de agitação sobre cada palavra que ele queria dizer, voltou para o quarto apenas para encontrá-lo às escuras. Ela se levantou rapidamente para apagar as luzes. Quando ele deitou na cama, pôde ouvir sua respiração suave, mas o que mais lhe doía era o fato de que, mesmo durante o sono, ela soluçava baixinho, um sinal de havia chorado por um longo tempo.

Ele virou-se para perto dela, inalando seu doce perfume. Enterrou o rosto em seus cabelos e enrolou o braço em torno de sua cintura, ancorando-a contra o seu corpo.

O sono demorou um tempo para chegar, e quando finalmente chegou, veio repleto de pesadelos sobre um mundo sem Bethany.

capítulo 38

Bethany despertou com lábios macios roçando em seus ombros. Ela estremeceu quando seus olhos se abriram e a dor bateu direto em sua cabeça. Seus olhos estavam inchados. Sua garganta estava arranhada e dolorida das lágrimas que derramara na noite anterior.

– Baby, acorde, por favor.

A voz suave de Jace flutuou pelas suas orelhas e ela fechou os olhos novamente, enquanto uma enxurrada de mágoa passava por ela novamente.

– Bethany, eu preciso que você olhe para mim.

A contragosto, ela virou a meio caminho para as costas de maneira que pudesse encontrar os olhos de Jace. Ele fez uma careta quando viu o seu rosto. Ela devia estar realmente mal, considerando essa reação.

Ele passou os dedos sobre seu rosto e em seguida se inclinou para beijá-la.

– Baby, eu sei que o que eu fiz foi errado. Não era justo com você ou Ash. Eu já acertei as coisas com ele, mas tenho de acertá-las com você.

Ele ficou em silêncio por um momento, como se estivesse dando um tempo para ela digerir suas palavras. Então continuou.

– Eu tenho que ir para o escritório esta manhã. A menos que você queira que eu fique, sendo assim, peço que me diga agora. Nada é mais importante do que você. Mas, se você precisar de mais tempo, eu vou para o escritório, faço algumas ligações, ponho as coisas em dia com Gabe e Ash, e então volto para casa pra gente resolver isso.

Ela balançou a cabeça em concordância, a garganta ainda muito seca para falar.

– Eu quero que você pare e descanse, vá com calma hoje – disse ele suavemente. – Quando eu chegar em casa, vamos conversar. Aí a gente pode comer alguma coisa. Passar a noite juntos, só você e eu.

– Tudo bem – disse ela com a voz rouca.

Ela rolou de volta para o seu lado quando ele se moveu para longe da cama. E fechou os olhos novamente, se perdendo na escuridão.

Seus pensamentos eram caóticos. Ela pensara sobre a situação durante toda a noite. Só na hora antes do amanhecer, ela tinha sido capaz de cair em um sono profundo. O problema era que não havia nada que pudesse ser feito para corrigir o problema entre ela e Jace. Ou ele confiava nela ou ele não confiava. Não havia solução mágica. Não havia nada que ela pudesse fazer para mudar isso. Era uma questão dele, e se ele não confiava nela, nada que ela fizesse ou dissesse mudaria esse fato.

Ela não tinha dúvidas de que ele estava realmente arrependido pela forma como as coisas se desenrolaram na noite anterior. Mas isso não queria dizer que ele confiava nela, e isso não queria dizer que aquilo não voltaria a acontecer.

Ela escutou enquanto ele silenciosamente se preparava para o trabalho. Quando chegou a hora de partir, Jace voltou até a cama e se inclinou para beijar sua testa. Permaneceu lá por mais um momento, como se estivesse relutante em sair.

Uma parte dela não queria que ele fosse. Queria que ele ficasse e a abraçasse para que ela pudesse fingir que aquele problema não existia entre eles. A outra parte queria que ele saísse para que ela pudesse ter tempo para si, para que pudesse botar seus sentimentos confusos em ordem.

Finalmente ele se afastou depois de tirar o cabelo do seu rosto e testa. Então seus passos soaram e foram se afastando do quarto, até que ela não pôde mais ouvi-lo.

Seus olhos arderam com mais lágrimas e ela os fechou com força, determinada a não ceder a elas novamente. Ela passara a noite inteira alternando entre a raiva e a tristeza profunda. E ela ainda não tinha certeza de quem era a vencedora. Suas emoções haviam se tornado uma bagunça recentemente. Entre Jack e Jace ela estava vivendo uma montanha-russa infernal.

Cochilou intermitentemente, verificando o relógio a cada vez que despertava. Ela finalmente percebeu que estava deixando o tempo passar, sabendo que Jace estaria em casa muito mais cedo do que o habitual.

Mesmo depois de tudo isso, ela estava ansiosa para vê-lo.

Suspirou, sabia muito bem que o perdoaria e eles seguiriam em frente. A questão era se Jace realmente iria fazer um esforço para controlar seu temperamento e segurar a língua no futuro. Alguns diriam que ela precisava ser mais dura com ele, mas para o inferno com isso. Ninguém merecia ser esfolado vivo porque alguém estava com um humor ruim. Coisas ruins acontecem com todos. Isso não era desculpa para descontar nos outros.

A raiva lhe fazia se sentia muito melhor do que o cansaço patético que ela exibira na noite anterior. Ela podia lidar com a raiva. Essa raiva fazia com que ela se sentisse mais forte, menos vulnerável. Desespero, lágrimas bobas, isso era para os frouxos.

Mas havia também o fato de que a confiança custava *tempo*. Ela estava sendo justa com Jace? Ele só a conhecia havia pouco tempo e confiança precisava ser conquistada. O que ela já realmente fizera para merecê-la?

Uma calma se instalou em sua mente. Eles poderiam resolver isso. A confiança não era automática. Às vezes, ela demorava meses, até mesmo anos, para se atingir plenamente. Nada sobre sua vida ou seu passado era exatamente propício para que ela conquistasse uma fé instantânea. E Jace estava tentando. Ela sabia disso, sem dúvida.

Seu celular tocou e ela automaticamente se esticou até ele. Olhou para a tela de LCD, prendendo a respiração quando percebeu que desejava que fosse Jace. Franziu a testa quando viu o nome de Kaden como o contato de identificação.

– Olá?

– Senhorita Willis, é o Kaden. Tentei ligar para o Sr. Crestwell, mas ele está indisponível no momento. Então, eu queria que você soubesse que o Sr. Kingston está de volta ao apartamento.

Ela se sentou na cama.

– Jack está aí?

– Sim, senhora. Voltou meia hora atrás.

Ela jogou as cobertas e pôs as pernas para o lado.

– Onde você está agora? Você ainda está aí?

– Sim, senhora.

– Estou indo. Fique aí, por favor. Jace não iria gostar se eu fosse aí sozinha. Só não deixe Jack sair antes de eu chegar, ok?

Kaden hesitou por um breve momento.

– Ok. Eu estarei aqui, subo com você. Essas são as condições.

– É claro – disse ela apressadamente. – Sairei imediatamente.

Bethany desligou o telefone e correu para fora da cama para se vestir. Ela tinha uma aparência horrível, mas não teria tempo para tomar banho e dar um jeito nisso. Jack podia não ficar lá por muito tempo. Quem sabia o que ele estava pensando?

Alguns minutos depois, ela desceu para o saguão e pediu ao porteiro para chamar-lhe um táxi. Vinte minutos depois, ela chegou ao prédio. Kaden estava esperando por ela do lado de fora da entrada principal.

– Ele ainda está aqui? – ela perguntou sem fôlego enquanto corria para a porta.

– Sim. Eu vou subir com você agora. Deixei uma mensagem com a recepcionista do Sr. Crestwell, mas me disseram que ele estará em uma reunião a portas fechadas por um tempo.

– Sim – Bethany murmurou quando eles entraram no elevador. – Ele está realmente ocupado esta manhã.

Ela usou sua chave para entrar no apartamento e Kaden veio com ela, mantendo-se próximo dela.

– Jack – ela sussurrou quando o viu em pé próximo ao bar na cozinha.

A cabeça de Jack se aproximou e seus olhos brilharam de surpresa quando a viu.

Ela voou ao redor do bar e abraçou-o ferozmente.

– Jack, eu estive tão preocupada. Onde você estava? Por que você não ligou? Por que você deixou que eu ficasse imaginando o pior?

Jack a empurrou para longe e lhe deu um sorriso torto. Ele parecia muito mal. Mais pálido e bem mais magro, esquelético. Tinha olheiras debaixo dos olhos que diziam que ele não dormia havia séculos.

– Tinha umas merdas para resolver, querida. Te falei isso.

A raiva correu o seu corpo.

– Porra nenhuma! Você tinha um bom lugar para ficar. Jace fez tudo isso por você. Tudo isso. E você nem sequer parou para pensar, me deixou muito preocupada.

Os olhos de Jack se acirraram.

– Ele não fez isso por mim, querida. Ele fez isso por você e nós dois sabemos disso.

– E importa por quem ele fez isso? – ela quase gritou.

– Sim, importa.

Ela virou-se em agitação e olhou para onde estava Kaden, sua expressão indecifrável.

– Você pode nos dar um pouco de privacidade? – Kaden não parecia muito satisfeito com essa ideia.

– Ele não vai me machucar – disse ela, exaltada. – Você pode ficar do lado de fora. Não tem como qualquer um de nós dois ir a qualquer lugar enquanto que você estiver tomando

conta da porta.

Os ombros de Kaden relaxaram e, em seguida, ele foi relutantemente até a porta, saiu e então a fechou atrás dele. Então ela virou-se para Jack.

– O que diabos está acontecendo com você, Jack? E as drogas? No que você está se metendo?

Uma expressão sombria tomou os olhos de Jack.

– Deixe-me lhe fazer uma xícara de chocolate quente. Já fiz uma pra mim. Então poderemos conversar. Você está com frio e, odeio dizer isso, querida, mas você está com uma cara horrível. Crestwell não está cuidando de você como ele prometeu?

A acusação na voz de Jack apenas a irritou ainda mais. Ele começou a fazer uma xícara de chocolate quente e pousou-a ao lado da sua para misturar o chocolate, enquanto ela se mantinha parada ali, à espera.

– Jace está tomando conta de mim muito bem. Não se trata de mim. Se trata de você. Você tem a chance de fazer algo melhor com sua vida. Por que você está tão determinado a não aceitar essa chance? Ele está disposto a deixá-lo ficar aqui pelo tempo que precisar. Você poderia conseguir um emprego de verdade. Sair dessa vida que você tem agora.

Jack terminou de mexer o chocolate e, em seguida, virou-se para a pia para jogar a colher e guardar o leite. Ela pegou uma das canecas do balcão e entrou na sala para se sentar no sofá. Estava com raiva e precisava se controlar. Mas a raiva a estava corroendo. Esse não era o Jack que ela conhecia. Parecia que ele não dava a mínima para si próprio, fosse o que fosse. Enfurecia-a que ele tivesse a chance de melhorar a sua vida e estivesse jogando essa chance no ralo.

Ela tomou um gole do chocolate, permitindo que fizesse uma trilha calorosa por sua barriga.

Jack entrou e sentou-se de frente para ela na poltrona, com sua própria caneca em suas mãos. Mas ele não bebeu. Ele só olhava com os olhos tristes.

– Você não pode se preocupar comigo agora, Bethy. Você tem uma vida. Você tem um homem que se preocupa com você. Você precisa se concentrar nisso e parar de se preocupar comigo.

Ela fez um som de irritação e bebeu metade do chocolate.

– Eu não posso simplesmente parar de me preocupar com você, Jack. Eu estive preocupada com você por muitos anos. Isso não vai deixar de acontecer só porque as minhas circunstâncias mudaram. Por que você não se preocupa mais consigo?

– Eu voltei porque eu tinha planejado te ligar do telefone aqui – ele disse calmamente. – Queria dizer adeus.

Um alarme correu-lhe a espinha.

– Adeus? Onde você está indo?

– Embora – ele disse simplesmente, sem dar mais detalhes.

Ela acabou com o chocolate quente e colocou em um baque o copo de volta à mesa de centro.

– Pra onde? – ela insistiu. – Quais são os seus planos? Não faça isso, Jack. Por favor, eu estou te implorando. Fique aqui. Eu vou ajudá-lo a encontrar um emprego. Você pode ter uma vida boa. Você pode virar esse jogo. Por favor, eu te amo.

Ele lhe deu um olhar tenro.

– Você não me ama, Bethy. Não como você o ama. Eu vejo o jeito como ele te trata. Você merece isso. Você merece mais do que eu poderia lhe dar algum dia. A sua felicidade é o suficiente para mim. Isso é tudo que eu sempre quis.

– Só porque eu amo ele, não significa que o que eu sinto por você é algo menor – ela disse enfaticamente. – É um tipo diferente de amor. Você é meu irmão, Jack. Família.

– Eu não sou seu irmão – ele disse calmamente.

Foi então que ela percebeu. A ficha caiu e ela se perguntou como podia ter sido tão cega. Ela respirou profundamente e a sala ao seu redor pareceu distante. Ela piscou os olhos para afastar uma súbita tonteira, mas o quarto continuava a oscilar ao redor dela. Franziu a testa e balançou a cabeça para clarear as ideias.

– Você gosta de mim – ela sussurrou. – Você não me vê como uma irmã.

– Agora você percebe – disse ele, com uma ponta de amargura em sua voz.

Ela abaixou a cabeça e fechou os olhos, mas depois se esforçou para abri-los novamente. Deus, o que havia de errado com ela? De repente, ela não conseguia pensar com clareza, não podia nem sequer dizer as palavras que tinha em mente.

– Eu sinto muito, Jack. – Suas palavras se arrastavam e sua língua parecia grossa demais em sua boca. – Eu nunca soube. Nunca percebi... Eu amo Jace. Eu o amo completa e absolutamente. Eu te amo inteiramente, mas não dessa forma. Sinto muito. Eu nunca quis te machucar.

A sala estava começando a apagar ao seu redor. Ela tentou se levantar, mas suas pernas não queriam cooperar. Ela cambaleou, empurrando a si mesma para cima, tentando se levantar. Ela viu o olhar fixo de Jack e, em seguida, o pânico tomou os olhos dele. Ele olhou para sua xícara de chocolate quente e depois estendeu a mão para pegar a dela, xingando quando a encontrou vazia.

– Jack?

O nome dele saiu como um gemido. Alguma coisa estava errada, terrivelmente errada com ela.

– Eu não me sinto muito bem – ela sussurrou.

A última coisa que viu foi Jack se lançando sobre ela, mas ele não chegou a tempo. Ela bateu no chão e o mundo se apagou ao seu redor.

capítulo 39

– Mr. Crestwell, desculpe interromper, mas você tem uma ligação urgente de um tal de Kaden Ginsberg. Eu disse a ele que você estava em reunião, mas ele insistiu em falar com você.

Jace saltou de sua cadeira e saiu do escritório onde ele, Gabe e Ash estavam em uma teleconferência com o grupo de investidores para o hotel em Paris. Gabe e Ash ficaram preocupados, mas Jace saiu para ir ao seu escritório sem dizer uma palavra.

– Crestwell falando – Jace gritou quando pegou o telefone.

– Mr. Crestwell, você precisa ir ao Roosevelt Hospital o mais rápido possível – disse Kaden, sem preâmbulos.

O sangue de Jace congelou e ele teve de sentar-se antes que suas pernas cedessem.

– O que diabos está acontecendo?

– É a senhorita Willis. Liguei para ela hoje de manhã para lhe dizer que o Sr. Kingston voltou ao apartamento. Eu a escoltei até o local e fiquei com ela. Deixei o apartamento para que os dois pudessem conversar a sós. Quando voltei, ela estava inconsciente no chão da sala.

– Que porra é essa? – Jace explodiu.

– Senhor, não é nada bom. Ela não está bem. Parece uma overdose – Kaden disse calmamente.

O coração de Jace desmoronou e o pânico se espalhou por seu cérebro, tornando-o incapaz de pensar ou falar. Overdose? Meu Deus. Ela teria tentado se matar? Será que ele a levava a isso?

– Overdose – ele resmungou. – Tem certeza?

– Eu não tenho certeza. Chamei uma ambulância, mas a respiração dela estava tão leve que eu mal conseguia detectar. Fiquei assustado demais. Eu fiz boca a boca. Ela continuou com o pulso muito fraco. Quando os médicos chegaram lá, eles a entubaram e a levaram o mais rápido que puderam. Estamos a caminho do hospital agora. Chegaremos em alguns minutos.

– Eu te encontro lá – Jace disse em breve.

Ele desligou o telefone e saltou de sua cadeira. Passou correndo por Gabe e Ash, que estiveram ao pé da porta escutando.

– O que diabos está acontecendo? – Ash exigiu.

– Bethany está a caminho do hospital. Não parece nada bem – Jace sufocou. – Overdose.

– Jesus – Gabe ofegou.

– Eu tenho que chegar até ela – Jace disse, tentando forçar o caminho através de seus amigos.

– Porra nenhuma. Você não está em condições de dirigir – disse Ash, segurando seu braço.

– Gabe e eu vamos te levar.

– Eu não dou a mínima para quem vai dirigir. Eu só tenho que chegar lá *agora* – Jace rugiu.
– Calma, cara – disse Gabe. – Põe a cabeça no lugar. A última coisa que você precisa é perder as estribeiras. Respira fundo. Seja forte para Bethany. A gente vai chegar lá. Ash, ligue para o motorista. O meu já está de prontidão. Eu tinha planejado levar Mia para almoçar depois de nossas reuniões e ele estava esperando. Mande-o parar aqui na frente imediatamente.

– Como eu posso me acalmar quando fui eu quem fiz essa merda com ela? – Jace perguntou com uma voz de assombro.

– Jesus – Gabe blasfemou novamente.

– Vamos lá, estamos perdendo tempo – Ash os cortou.

Eles correram para o carro que tinha acabado de encostar enquanto saíam do edifício. Gabe subiu na frente e guiou o motorista enquanto Jace e Ash entraram no banco de trás.

Sua mente estava entorpecida. Seu coração esfolado. A única coisa que ele podia sentir era um medo paralisante. Sua garganta se fechou até que ele não conseguia mais respirar. Estava absolutamente arrasado. Só conseguia pensar era na noite anterior, no olhar dela, em seus olhos devastados e em sua acusação de que ele não confiava nela, de que nunca confiaria. Ela dizendo que queria ir embora. Ela dizendo que não queria dormir ao lado dele.

Memórias o tomaram. Bethany na primeira noite em que a vira. Seus belos olhos. Seu sorriso de tirar o fôlego. Como ela respondia ao seu toque. E agora isso tudo poderia lhe ser tirado em um golpe cruel, porque ele tinha sido o pior tipo de babaca. Poderia ter evitado isso. Se ele tivesse ficado com ela esta manhã. Ele deveria ter resolvido isso. Ele deveria tê-la feito ter *certeza* que era a coisa mais importante em sua vida. Mas ele não o fizera e agora ela estava em uma maca dentro de uma ambulância lutando para sobreviver.

– Jace, cara, você tem que respirar – Ash murmurou. – Segura a onda. Você precisa ser forte para ela.

Ele ergueu o olhar para encontrar o de Ash. Frio e dormência rastejaram através de seu corpo até que bloquearam todo o resto.

– Eu fiz isso com ela. Jesus Cristo, eu a levei a isso. Você estava lá. Você sabe o que eu fiz. O que eu fiz para vocês dois.

– Você não sabe o que houve – Ash o conteve. – Segura a merda da onda até sabermos o que aconteceu.

– Kaden disse que ela estava quase sem respirar. Ele teve que fazer respiração boca a boca nela. Os médicos tiveram que a entubar. Kaden disse que parecia uma overdose. Agora me diz. Depois do que você viu ontem à noite quando eu me incendiei contra vocês dois, quão triste e devastada ela ficou porque fui um completo idiota. Você me diz que eu não tenho nada a ver com isso. Dessa vez a culpa é minha, cara. Eu a deixei esta manhã, quando deveria era ter ficado com ela para acertar as coisas. Mas eu saí porque eu queria dar-lhe algum espaço. Eu coloquei os negócios na frente dela e do que ela precisava de mim. Deixei-a pensar que eu ainda não confiava nela. Você não a viu. Olhos inchados e palpitando de tanto chorar, botou a porra de seu coração para fora na noite passada. Fomos para a cama e ela deu as costas para mim a noite inteira. Porra, ela queria ir embora ontem à noite e eu não deixei. Ela queria dormir sem mim e eu também não permiti isso. Então, ela deitou ao meu lado na cama ontem à

noite e chorou porque eu sou um idiota arrogante que perde a compostura por *porra nenhuma*.

– Cara, você precisa relaxar – Gabe disse com firmeza. Ele se virou no banco da frente para olhar para Jace, e seus olhos estavam ríspidos. – Você não sabe o que aconteceu. Nenhum de nós sabe. Até chegar lá e ela explicar, você não pode tirar conclusões precipitadas. Você não pode fazer isso com ela.

– Ela estava quase sem respirar – Jace cuspiu. – Ela pode até não estar viva até eu chegar lá. Deus, eu não posso perdê-la. Não dessa forma. Merda, eu não sou mesmo bom para ela. Ela tentou me dizer. Eu sabia que nossa relação a estava desgastando. Isso quase aconteceu outras vezes. Ela quase tomou um comprimido quando eu a aborreci da vez anterior. Mas eu não mudei, porque eu era muito egoísta para fazer qualquer outra coisa. Eu só estava percebendo os meus desejos e as minhas necessidades, e eu necessito dela mais do que eu preciso do ar que respiro.

– Pisa no freio, cara – Ash ordenou. – Até checarmos a história, você não pode ficar tirando estúpidas conclusões precipitadas. Ela precisa de você, cara. Agora ela precisa de você mais do que nunca. O que quer que tenha acontecido, não foi nada bom e ela vai precisar que você seja forte. O que quer que tenha acontecido, você pode corrigir. Mas não se você já estiver desistindo e sendo babaca ao dizer que ela está melhor sem você. Você honestamente acha que ela está melhor nas ruas com o escroto do Kingston, que, obviamente, não dá a mínima para o tipo de vida que ela leva? Porra, ele estava vendendo drogas para ela. Será que isso soa como o tipo de homem com quem ela deveria lidar?

– Eu posso dar-lhe uma vida melhor. Eu só não tenho que necessariamente participar dela – Jace disse friamente. – Eu a machuquei seguidamente. Ninguém deveria ter que aturar essa merda. Posso dar-lhe uma vida melhor e me afastar. Deixar que ela faça suas próprias escolhas. Eu vou garantir que ela sempre tenha tudo o que precisar, mas talvez a coisa de que ela menos precise seja... *eu*.

– Juro por Deus, eu vou te enfiar a porrada se você não calar a boca – Gabe rosnou. – Agora não é o momento para você amarelar. Vire homem e esteja lá para ela. Descubra o que aconteceu e, em seguida, lide com isso. Bethany é frágil, mas depois dessa? Ela vai ficar ainda mais. Nós não sabemos o que a levou a isso. Há um monte de perguntas para as quais nós não temos respostas. E até que você obtenha essas respostas, a coisa que ela mais precisa é você. Lá ao seu lado. Apoiando-a e amando-a.

Jace ficou em silêncio. Ele fechou os olhos, torturando-se com imagens do corpo de Bethany sem vida. O rosto pálido sem vida, sombras da noite anterior ainda pairando permanentemente sobre as suas bochechas. Ela morrer pensando que ele não a amava e não confiava nela. Ou o pensamento de que ela não era a única coisa que importava na vida dele. Ela morrer sem que ele pudesse dizer a ela o quanto estava arrependido e quanto ele a amava.

Ela era *tudo* para ele, e se certificaria de que ela tivesse certeza disso.

Gabe estava certo. Não importa o que aconteceu ou por que Bethany fizera isso, ela precisava dele. Ele não ia deixá-la ir, a menos que ela o convencesse que realmente não queria ele ou seu amor. E mesmo assim ele iria garantir que ela sempre tivesse tudo o que precisasse. Mesmo que não fazer parte da vida dela lhe rasgasse o coração e a alma.

– Vou me casar com ela o mais rápido possível – Jace disse com a voz rouca. – Juro por Deus, se ela sobreviver a isso, eu vou me casar com ela e passar todos os dias garantindo que

ela saiba de quem é o meu coração.

– Agora, sim, assim que se fala – disse Ash.

Jace levantou seu olhar de assombro para Ash.

– Sinto muito, cara. Estou mais arrependido do que você pode imaginar. Eu nem achei que você tivesse feito alguma coisa. Foi apenas um dia de merda e eu disparei aquelas palavras sem pensar. Só queria descontar em alguém e você e Bethany estavam lá na hora errada.

Ash fez um som de impaciência.

– Isso já passou. Você disse o que você precisava dizer na noite passada. Está feito. Não estou dizendo que toleraria essa merda novamente, mas está tudo bem. Você só tem que se desculpar com Bethany agora.

– Sim – Jace sussurrou. – Se eu tiver a chance. Deus, não a deixe morrer. Ela tem que viver. Nós temos que passar por isso. Por favor, não a deixe morrer.

A culpa era sufocante, estava lhe cortando o ar. Era um peso pressionando cada parte do seu peito até que se tornasse insuportável. Ele não podia perdê-la. Não desse jeito. Nunca desse jeito. Ele nunca sobreviveria a isto se ela morresse.

– Ela vai precisar de ajuda – Gabe disse em voz baixa. – Aconselhamento. Se ela tentou se matar, ela vai precisar de ajuda profissional.

– Ela vai ter tudo o que ela precisa – disse Jace. – Não importa o tempo que for preciso. Mas eu vou estar lá com ela em todos os momentos. Ela nunca ficará sozinha outra vez.

O motorista entrou com pressa em uma vaga na entrada da sala de emergência e Jace saltou para fora, correndo para dentro, onde foi imediatamente recebido por Kaden. Jace agarrou o homem muito maior que ele pela camisa, aproximando seus rostos.

– Onde ela está?

– Eles estão trabalhando nela nesse momento – Kaden disse severamente. – O doutor saiu brevemente para perguntar sobre a família. Eu disse a ele que estavam a caminho. Disse que era definitivamente uma overdose, mas eles não conseguiram despertá-la para perguntar o que tomou ou quanto.

– Merda! – Jace explodiu.

Ele largou sua pegada em Kaden e, em seguida, caminhou em direção à mesa e à recepcionista de olhos desconfiados.

– Bethany Willis – ele brandiu. – Eu quero vê-la agora.

Ela se levantou e caminhou ao redor da mesa enquanto Gabe e Ash vieram por trás de Jace.

– Senhor, eles estão tratando dela agora. Você vai ter que esperar aqui fora.

– Porra nenhuma que vou esperar! Me leve até ela agora. Eu tenho que vê-la. Ela não vai morrer sozinha. Eu tenho que vê-la.

Ela olhou impotentemente para Gabe e Ash como se pedindo ajuda para acalmá-lo. Nenhum dos dois fez alguma coisa ou disse nada, e ambos encararam a mulher para mostrar a ela que Jace tinha o total apoio deles.

– Belinda, deixe ele passar – um médico mais velho disse a alguns metros de distância.

Jace imediatamente virou-se para o médico.

– Ela está bem? – Seu coração batia e ele cambaleava, lutando para permanecer na posição vertical. Um medo gélido se apoderou dele. E se o médico tinha saído para lhe dizer que ela

tinha partido?

– Venha comigo – disse o médico em voz baixa.

Jace o seguiu, cada passo repleto de medo aterrorizante. Ele foi levado para uma sala onde Bethany estava pálida e quieta sobre uma cama. Em torno dela havia um bando de médicos e enfermeiros. Ela tinha um tubo em sua garganta, e outro descendo pelo nariz. Eles estavam injetando alguma coisa de aparência desagradável pelo tubo em seu nariz.

– Ela ainda... ela ainda está viva? – Jace sufocou.

– Nós conseguimos estabilizá-la, mas ela ainda não recuperou a consciência – disse o médico. – Nós não sabemos o que ela ingeriu ou o quanto, então estamos tratando-a às cegas. Tentamos fazê-la despertar para que ela pudesse nos dizer o que aconteceu, mas até agora não tivemos sorte. Talvez você possa tentar conseguir uma resposta dela.

Jace aproximou-se da cama e uma das enfermeiras saiu do seu caminho para que ele pudesse chegar ao lado de Bethany.

Ele pegou a mão mole e a apertou com ambas as mãos. Levou-a aos lábios, pressionando sua boca contra ela. Lágrimas queimaram seus olhos e ele engoliu em seco, sugando respirações profundas para que não perdesse a compostura.

– Bethany, baby, você precisa acordar – disse ele em voz baixa.

– Você precisa falar mais alto – o médico aconselhou. – Eu sei que seu intuito é ser gentil, mas ela precisa recuperar a consciência.

Jace se inclinou e beijou-lhe a testa enquanto corria uma das mãos por seu cabelo desgrenhado.

– Bethany, baby, você pode me ouvir? Você precisa acordar e falar conosco. Estamos preocupados, querida. Volte para mim. Por favor, volte para mim.

Ele parou quando um soluço brotou em sua garganta. Ela estava imóvel, aqueles tubos malditos correndo por toda parte.

– E esse tubo na garganta dela? – Jace exigiu. – Se ela acordar, ela vai entrar em pânico. Ela não pode falar com essa merda na boca.

– No momento, essa é a única maneira de ela respirar – disse a enfermeira gentilmente. – Se ela começar a tomar consciência, podemos removê-lo. Mas precisamos descobrir o que ela ingeriu e quanto.

Jace fechou os olhos enquanto as lágrimas corriam pelo seu rosto.

– Baby, por favor – ele engasgou. – Acorde e fale comigo. Você tem que voltar para mim, Bethany. Eu estou perdido sem você.

Ele pressionou a testa na dela e suas lágrimas se misturaram à pele dela.

– Por favor, volte para mim. Eu te amo. Podemos resolver isso, baby. Apenas abra seus olhos para mim. Eu estou te implorando. Não me deixe. Pelo amor de Deus, não me deixe.

Quando ele se afastou, as pálpebras dela balançaram lentamente. Ele pôde perceber o quão difícil era para ela simplesmente abrir os olhos. E então ele viu o azul brilhante e as pupilas contraídas ao máximo. Ela estava claramente desorientada e o pânico surgiu em seus olhos.

Uma alegria inundou Jace e ele se voltou com entusiasmo para dizer à enfermeira, mas elas já estavam se movendo, monitorando seus sinais vitais antes de tirar o tubo. Bethany lutou, entrando em pânico e se engasgando. Jace agarrou sua mão e a apertou o quanto sabia que não a machucaria.

– Não lute contra isso, baby. Apenas dê-lhes alguns minutos. Vai acabar logo, eu juro. Eles tinham que colocar um tubo para ajudá-la a respirar.

As lágrimas encheram os olhos dela, que se arregalaram e então se concentraram em Jace.

– É isso aí, baby. Apenas se concentre em mim. Olhe para mim e respire. Apenas respire, por mim – disse ele, com a voz entrecortada.

Poucos minutos depois, quando o tubo foi removido, Jace teve de se afastar por algum tempo para que eles pudessem garantir que Bethany conseguia respirar por conta própria. Eles colocaram uma cânula de oxigênio em suas narinas para substituir a máscara de oxigênio que tinha acompanhado o tubo em seu tórax. E, então, finalmente, eles se afastaram para permitir o acesso de Jace mais uma vez.

Bethany lutava para manter os olhos abertos. Ele podia ver a tensão que causava a ela. Diversas vezes ela piscou vagarosamente, como se tivesse escorregado de volta à realidade, mas ele avançou, exigindo que ela ficasse acordada e ficasse com ele.

– Jace – ela sussurrou, sua voz quase desaparecendo.

– Sim, querida, eu estou aqui.

Ele pegou sua mão e colocou o rosto perto dela, para que ela pudesse vê-lo e senti-lo.

Ela levantou uma mão sem força, tocando seu rosto úmido, onde havia pouco corriam lágrimas, e franziu a testa.

– Eu não entendo. O que aconteceu? – ela sussurrou. A confusão pesava em seus olhos e ela procurou rapidamente ao redor, digerindo aquele ambiente hospitalar e toda a equipe médica no quarto dela.

– Baby, você teve uma overdose – Jace disse gentilmente. – Precisamos saber o que você tomou e a quantidade para que eles possam ajudá-la. Você tem que lutar, Bethany. Eu não posso – não vou – desistir de você ou de nós dois. O que aconteceu pode ser corrigido. Eu te amo. Podemos passar por isso, eu juro. Não importa para mim. O que aconteceu, por que você fez isso, isso não importa. Você é a única coisa que importa.

Seus olhos se arregalaram e ela lutou contra a lentidão de suas pálpebras. Sua boca se abriu e ela tentou falar. Ela fechou os lábios e, em seguida, estendeu a mão para ele, urgente, frenética.

– Jace...

– O que, baby? Fala comigo. Luta contra isso. Por favor, por mim. Por nós.

– Eu não fiz isso – disse ela ferozmente. – Eu não tomei nada. Eu não o faria. Você tem que acreditar em mim.

Ele olhou para ela em estado de choque.

– Baby, você desmaiou. Você quase morreu. Você tem que nos dizer o que aconteceu.

– Eu não sei o que aconteceu!

Sua voz se elevou, histérica. Ela ficou agitada e um alarme disparou, fazendo com que uma das enfermeiras corresse para frente.

– Senhor, você precisa sair agora – disse a enfermeira rapidamente. – Ela não está recebendo oxigênio suficiente e seus sinais vitais estão caindo.

Ele foi deixado de lado enquanto a equipe médica se agrupava em torno dela. Eles colocaram uma máscara sobre o rosto de Bethany, mas ela lutou contra a máscara e contra o

grupo.

– Jace!

– Estou aqui, baby. Eu estou aqui!

– Eu não fiz isso! Por favor, você tem que acreditar em mim – ela soluçou. Em seguida, ele foi empurrado com mais firmeza para fora do quarto. Gabe e Ash estavam lá para tentar empurrá-lo de volta no momento em que ele foi forçado a sair.

A porta foi fechada bruscamente na cara dele e ele se virou, esmurrando a parede.

Gabe e Ash o agarraram antes que ele pudesse socar a parede novamente. Eles forçaram as costas dele contra a parede que ele tinha acabado de socar e Gabe ficou frente a frente com o seu rosto.

– Calma, cara. Você tem que manter a calma.

Jace se desvencilhou e andou de volta para a sala de espera, onde Kaden ainda estava de pé.

– Onde está o Kingston? – Jace grunhiu.

Os olhos de Kaden enegreceram.

– Eu não sei. Eu não dei a mínima pra ele quando eu vi Bethany no chão. Minha única preocupação era ela. Nós a carregamos na ambulância e saímos. Ele ainda estava no apartamento.

– Trate de encontrá-lo e o traga até aqui – Jace rugiu. – Eu não dou a mínima para o que você tiver que fazer. Traga-o pra cá *agora*.

– Pode deixar. Vou ligar para o Trevor. Ele estava a caminho depois que eu liguei. Vou me certificar de que ele segure o Kingston até chegar lá.

– Faça isso – disse Jace, de forma sucinta.

Kaden caminhou a passos largos para longe e Jace se virou para ver Gabe e Ash ali, a confusão em seus olhos.

– Que diabos foi isso, cara? – Ash perguntou.

Jace estava fervendo de raiva. Seus dedos se enroscavam e desenrolavam enquanto ele tentava retomar o controle.

– Bethany diz que ela não fez isso. Ela não tomou nada.

As sobrancelhas de Gabe franziram.

– Você acredita?

– Claro que sim, eu acredito nela! – Jace explodiu. – Você não a viu. Quando ela ficou consciente, ela estava com medo e confusa pra cacete. Você devia ter visto a cara dela quando eu disse a ela que teve uma overdose. Ela ficou histérica. Os sinais vitais despencaram. Eles me empurraram para fora. Mas ela disse que não tomou coisa alguma. Não sabia de que diabos eu estava falando. Ela *me* perguntou o que aconteceu.

– Então que porra é essa? – Ash exigiu.

Jace expirou e depois inspirou profundamente, acalmando a respiração. Ele precisava se controlar. Ele tinha que ser forte para Bethany.

– Significa que, se ela não tomou essa merda, então alguém deu a ela. E Kingston era a única pessoa além dela naquele apartamento.

capítulo 40

Jace caminhava na sala de espera em agonia, sem saber como Bethany estaria passando. Eles impediram que ele entrasse no quarto dela enquanto eles trabalharam para livrar seu sistema das drogas que ela tinha ingerido. Ele não sabia como ou por que Jack tinha forçado ela a tomar essas drogas e ele não saberia até que o filho da puta aparecesse. Seria um milagre se Jace não o matasse antes que ele pudesse arrancar uma explicação dele.

E aí as coisas iriam ficar sérias. Ele não iria mais permitir que isso continuasse. Ele não dava a mínima do quão chateada Bethany ficaria, Jack estava fora. Fora de sua vida. Se Jack tinha lhe dado as drogas, Jace iria prestar queixa e mandar prendê-lo. Ele poderia apodrecer na cadeia na opinião de Jace.

Mia tinha ido às pressas para o hospital no momento em que Gabe ligou para ela e estava mantendo vigília com os outros. Ela se preocupava o tempo todo com o estado emocional de Jace, mas recuou quando Gabe murmurou para ela deixar seu irmão na dele. Ele enviou a Gabe um olhar agradecido. A última coisa que ele queria era atacar a sua irmã quando ela estava apenas tentando ajudar. E ele apreciou todos eles estarem aqui. Apreciou o seu apoio inabalável, embora só Deus soubesse o quanto ele não merecia isso depois da maneira como tratou a todos. Sobretudo Ash. Mas Ash não tinha se movido da sala de espera o tempo todo. Ele sentou-se tão preocupado quanto o resto, se preocupando interminavelmente com a condição de Bethany.

E então Kaden entrou pela porta, empurrando Jack na frente dele. Kaden ergueu a mão quando Jace se lançou para frente e empurrou Jack em uma das salas de espera familiar privada. Jace seguiu atrás, com Ash e Gabe em seus calcanhares. Eles provavelmente queriam ter certeza de que ele não ia cometer um assassinato em um local público.

Assim que a porta se fechou atrás deles, Jace bateu Jack contra a parede e chegou perto de seu rosto.

– Que merda que você fez com ela, seu filho da puta?

O rosto de Jack estava retorcido de tristeza. Ele estava abatido. Completamente desgastado. Seus olhos estavam vermelhos e ele nem sequer tentou se defender.

– O que você deu a ela? – Jace grunhiu. – Ela está lá dentro lutando por sua vida e precisamos saber o que diabos ela ingeriu para que eles possam ajudá-la.

– Anestésicos – Jack disse em uma voz trêmula. – Um frasco inteiro. Eu acho que foram mais ou menos uns quarenta. Eu não sei exatamente.

– Eu vou avisá-los – Gabe disse em voz baixa.

– Por que você deu isso para ela? Como diabos você deu isso a ela sem ela saber? Ela nunca teria tomado essa merda.

– Não era para ser ela – Jack sufocou. – Não deveria ser ela. Ela pegou a xícara errada. Era

chocolate quente. Ela bebeu a errada.

– Que porra é essa? – Jace grunhiu.

– Era para ser eu – Jack disse em uma voz resignada. – Eu não esperava que ela aparecesse. Ela não devia ter aparecido. Eu não fazia ideia de que vocês estavam vigiando o apartamento.

– Que diabos você está dizendo? Que ia se suicidar?

– Sim, isso é o que eu estou dizendo. Eu coloquei os comprimidos no chocolate quente. Eu ia deixar um bilhete para ela e então eu iria fazê-lo silenciosamente.

– Seu imbecil de merda. Você diz que se preocupa com ela e você a coloca nessa merda? Você acha que não teria destruído ela se tivesse tomado esse caminho covarde e se matado? Isso é tão incrivelmente egoísta. Você ao menos parou para pensar no que aconteceria com ela se você fosse embora desse jeito?

– Olha, eu estava fazendo um favor a você – Jack disse com raiva. – Você deveria estar feliz que eu estava saindo da história.

– Você me dá nojo – Jace fervia. – Inacreditável. Isto não é sobre mim. Eu não tenho que gostar de você, mas Bethany te ama e eu a amo. Eu quero que ela fique feliz. Isso é tudo o que me interessa. E você morto não iria fazê-la feliz.

Dor e tristeza encheram os olhos de Jack.

– Eu não queria que isso acontecesse. Você tem que saber que eu nunca faria nada para machucá-la.

– Você já lhe deu drogas antes!

– Isso foi diferente. Ela não teria uma overdose com elas. Ela nunca teve. Ela só tomou quando ela precisava deles. Eu só queria ter certeza de que ela tinha o que precisava.

– Ela não precisa dessa merda. Nunca – Jace rangeu os dentes.

– Ela vai sobreviver? – Jack perguntou com medo.

– Jace, cara, você precisa vir – Gabe disse da porta. – Ela teve uma parada cardiorrespiratória, cara. Eles estão tentando reanimá-la agora.

Jace caiu de joelhos, uma dor esmagadora através de seu coração.

– Não! – ele rugiu. – Não! Eu não posso perdê-la! Porra, *não*!

Ash parecia aflito e pálido. Mia foi lá de repente, com os braços em torno de Jace, mas ele estava entorpecido. Não conseguia sentir nada além de devastação avassaladora. Jack cambaleou para trás, Kaden empurrando-o para uma cadeira próxima, com um comando firme para não se mover. Gabe avançou, seu rosto como uma máscara de pesar e solidariedade.

– Não – Jace sussurrou, sua voz embargada em um soluço.

Então ele se pôs de pé, apenas sabendo que ele tinha que chegar até ela. Ele não iria deixá-la ir dessa forma. Ela tinha que lutar! Por ela. Por ele. Por ambos.

Ele se afastou da retenção cautelar de Mia. Quando ele chegou à porta, tanto Ash e Gabe tentaram segurá-lo. Ele os tirou violentamente de seu caminho, desesperado para chegar à Bethany. Ela não podia morrer. Não morreria sozinha cercada por uma equipe médica. Em torno de pessoas que não a amavam do jeito que ele a amava.

Ele correu para o quarto dela e se empurrou para dentro da porta, ignorando os comandos urgentes dos enfermeiros para ele ir embora.

– Bethany! – ele gritou, o sangue deixando seu rosto quando ele os viu tentando ressuscitá-

la. – Não desista! – disse ele ferozmente. – Não ouse desistir, baby. Lute, porra! Lute!

Seu olhar estava fixado no tubo que eles tinham reinserido em seus pulmões. O médico fazendo compressões torácicas. O oxigênio sendo bombeado para o seu corpo. A medicação sendo inserida em sua veia.

Mas a única coisa em que ele se concentrou para a exclusão de todo o resto era a linha reta que atravessava o monitor cardíaco, saltando somente com as compressões sendo realizadas.

– Não me deixe – disse ele intermitentemente. – Baby, por favor, não me deixe.

– Senhor, você tem que se retirar – uma das enfermeiras disse em uma voz baixa cheia de simpatia e compreensão. – Eu sei que você quer ficar com ela, mas você tem nos deixar recuperá-la. Você está no meio do caminho aqui.

– Eu não vou deixá-la sozinha – Jace disse ferozmente. – Eu preciso estar com ela, para que ela entenda. Para que ela saiba o quanto eu a amo. Eu não vou deixá-la morrer sozinha. Eu não vou deixá-la morrer, ponto final!

– Se você quer que ela viva, então dê o fora, para que possamos trazê-la de volta – um dos médicos estalou. – Isso é o que você pode fazer por ela. Nos deixar fazer o nosso trabalho.

– Cara, vamos lá, os deixe trabalhar – Ash disse calmamente. – Eles vão trazê-la de volta. Você tem que acreditar nisso. A melhor coisa que você pode fazer é sair do caminho deles.

Ambos, Ash e Gabe, agarraram Jace e forçosamente o empurraram para fora da sala.

– Bethany! – Jace gritou enquanto a porta estava se fechando. – Não desista, cacete! Eu te amo, porra. Lute!

A tensão na pequena área de espera estava muito alta. Jace sentou-se, a cabeça entre as mãos, os ombros caídos. Ele tinha repassado cada memória de Bethany em sua mente. A partir do momento em que ele a tinha visto do outro lado do salão na festa de noivado de Mia. Cada sorriso. Cada risada. Todas as vezes em que eles fizeram amor. Quando ele colocou o colar em volta do seu pescoço pela segunda vez. A noite em que ela ficou bêbada e tão bonitinha e da forma como ela fez amor com ele luxuriosamente. E a dor e a tristeza em seus olhos na noite anterior, quando ele a machucou imperdoavelmente.

– Jace.

Ele olhou para cima para ver Mia sentada ao lado dele. Ela colocou os braços ao redor dele e o abraçou com força.

– Ela vai ficar bem. Ela é forte. Ela transpôs dificuldades insuperáveis. De jeito nenhum que ela vai cair por causa disso.

Jace a esmagou contra ele, segurando firmemente. Ele enterrou o rosto em seu cabelo e apenas ficou lá. Ele estava perdendo o controle sobre sua sanidade. Ele estava quebrando lentamente. A cada minuto que passava sem nenhuma palavra, ele morria um pouco mais por dentro.

– Eu não posso perdê-la, Mia. Eu não posso perdê-la.

– Você não vai – Mia disse ferozmente. – Ela é mais forte do que isso, Jace. Ela vai sobreviver.

Jace levantou a cabeça e, sobre os ombros de Mia, seu olhar se fixou em Jack, que estava sentado no canto, o rosto enterrado nas mãos. Raiva o esmagou mais uma vez. Precisou de

toda a sua restrição para não ir lá e quebrá-lo com as próprias mãos. Ele estava furioso por Jack ter sido tão descuidado com Bethany. Não importa que Jack não tivesse a intenção de machucá-la. Isso havia acontecido e agora ele poderia perdê-la. Se isso acontecesse, Jace não descansaria até que Jack pagasse pelo que ele tinha feito.

– Amo você, menina – Jace sussurrou contra o cabelo de Mia. – Obrigado por estar aqui e por ter acreditado em Bethany.

– Eu também te amo, Jace. – Sua voz estava cheia de tristeza. – Eu amo a Bethany. Ela é perfeita para você e você é perfeito para ela.

– Não sou perfeito para ela – disse ele com uma voz abafada. – Eu fiz tanta coisa errada, Mia. Estou destruído por tudo que eu fiz de errado com ela. Se ela sobreviver a isso, eu só rezo para que ela me perdoe.

– Querido, me ouça – Mia disse, afastando-se. Ela colocou a mão em seu rosto e segurou seu queixo. Seus olhos estavam tão cheios de amor e compreensão. – Todos nós cometemos erros. Olhe para os erros que Gabe cometeu. Eu estava tão furiosa com ele. Fiquei arrasada quando ele me afastou. Eu nunca tinha ficado magoada daquele jeito na minha vida. Você sabe disso. Você me viu. Você e Ash viajaram comigo no feriado de Ação de Graças e você viu como eu estava o tempo inteiro. Mas sabe do quê mais? Ele fez a coisa certa. E não importa o que ele tenha feito, não mudou o fato de que eu o amava. Talvez eu tenha sido ferida e estivesse com raiva, mas isso não significa que eu não o amava. Ela te ama – Mia disse suavemente. – E isso não mudou porque você a machucou. Você vai ter a chance de fazer a coisa certa, Jace. Você tem que acreditar nisso. É o que ela precisa agora mais do que qualquer coisa. Fé. Temos que acreditar que ela vai sobreviver a isso, e você precisa acreditar em seu amor.

– Obrigado – Jace respirou. – Você está certa. Eu sei que você está certa. Ela vai sobreviver. Ela é uma lutadora. Ela com certeza não é de desistir, ou teria desistido muito antes de agora. E eu vou estar lá com ela em todos os seus passos ao longo do caminho. Eu não vou desistir, assim como ela não vai desistir.

Mia sorriu e se inclinou para beijar sua bochecha.

– Eu gosto de você apaixonado, Jace. Ela é boa para você. Fico feliz que você tenha encontrado alguém especial. Você merece por todos os anos que você sacrificou para cuidar de mim.

Jace pegou sua mão e a segurou entre eles, se ancorando em um amor familiar e incondicional ao seu redor.

– Isso nunca foi um sacrifício, Mia. Eu não tenho nenhum arrependimento. Eu estava esperando a minha vida inteira por ela e agora eu a encontrei. Estou satisfeito que nós dois estamos felizes agora e temos um futuro maravilhoso à nossa frente. Mal posso esperar para você me dar sobrinhos e sobrinhas para eu os mimar descaradamente. Mal posso esperar para fazer o mesmo com os meus próprios filhos.

O sorriso de Mia era de tirar o fôlego, iluminando todo o seu rosto.

– Essa é uma ideia maravilhosa, não é? Nós construindo nossas famílias juntos. Uma grande família.

– É, sim – Jace respondeu suavemente.

– Sr. Crestwell?

Jace virou-se para ver um médico em pé na porta.

– Você pode voltar e ficar com ela agora, se quiser.

Jace ficou de pé, temendo a resposta para a pergunta seguinte.

– Ela está bem? Ela... sobreviveu?

A expressão do médico estava aliviada, mas triste.

– Nós a trouxemos de volta e conseguimos tirar a maioria das drogas de seu sistema. Ela está descansando confortavelmente agora. Ela provavelmente não acordará por um tempo, mas você pode se sentar com ela, se quiser.

Não havia dúvida. Ele ficaria com ela até que ela acordasse e ele nunca mais sairia do seu lado.

Antes de sair, ele deu um olhar duro para Kaden e depois acenou com a cabeça na direção de Jack.

– Se certifique de que ele não vai a lugar nenhum. Eu ainda não decidi o que será feito com ele.

– Sim, senhor.

Jace correu de volta para o quarto de Bethany. Estava muito mais tranquilo do que antes. Sua respiração ficou presa na garganta quando ele entrou pela porta e a viu na cama, deitada tão pálida e quieta.

Ele se sentou ao lado da cama, puxando a cadeira para que ele ficasse bem ao lado de sua cabeça. Ela parecia extremamente frágil, como uma boneca de porcelana, tão calma e quieta. Ele estendeu a mão para tirar uma mecha de cabelo do seu rosto e deixou seus dedos se arrastarem pela sua pele.

O único som era o monitor cardíaco e o ritmo constante de seu coração. Ela ainda usava uma cânula, que transportava oxigênio para suas narinas. Fora isso, ela não se mexia. Sua respiração era tão leve que ele se inclinou para frente para se assegurar de que ela ainda estava respirando.

Ele apertou os lábios em sua testa, fechando os olhos enquanto saboreava o som reconfortante do monitor cardíaco. Ela estava viva. Ela estava respirando. Seu coração batia. Era o suficiente. Não importava o que acontecesse a partir de agora, seria sempre o suficiente que ela estivesse viva e em sua vida.

– Volte para mim, Bethany – ele sussurrou. – Eu te amo tanto.

capítulo 41

Os sonhos de Bethany foram tempestuosos. Ou talvez ela estivesse acordada sem conseguir abrir os olhos. Ela teve um sonho pavoroso em que ela estava em um hospital e Jace estava olhando para ela, o medo brilhando em seus olhos. E então ele disse a ela que ela teve uma overdose. Que ela tinha tomado drogas e tentado se matar!

Seu coração doía. Será que ele realmente achava que ela poderia fazer algo assim? E por que ela parecia não poder acordar para que o sonho horrível fosse embora?

Ela queria o Jace. Queria que ele a abraçasse e aliviasse a dor horrível no seu peito. Que lhe dissesse que ele nunca pensaria em algo tão terrível sobre ela. Mas ele ainda não confiava nela. A outra noite tinha lhe ensinado isso.

Ela tentou abrir os olhos novamente e agitar o véu pesado que caía por cima dela. Doía. Deus, parecia como se alguém tivesse enfiado uma estaca em sua cabeça. Mas ela lutou, determinada a libertar-se da névoa ao seu redor.

Suas pálpebras lentamente se agitaram, cada piscadela batendo como um martelo. Ela arrastou as pálpebras para cima e, por um momento, o pânico total a tomou. Estava escuro e desconhecido e o cheiro – era tão estéril. Como um... hospital.

Ela olhou freneticamente ao redor, tentando dar sentido aos seus arredores. Ela estava em uma cama estranha. Não era muito confortável também. Um *bip-bip* ritmado soava alto em seu ouvido, fazendo-a estremecer.

– Jace?

Soou mais em pânico do que ela gostaria, mas ela estava com medo e sozinha e queria o Jace.

Em seguida, o movimento ao lado dela, alarmando-a em um sobressalto, e então, de repente, Jace estava pairando sobre ela, seus olhos se encheram de angústia e alívio.

– Bethany, baby, você está acordada. Graças a Deus, você está acordada.

Sua voz estava entupida de emoção. Parecia que ele estava chorando. Havia tanto alívio e preocupação embalados nessas palavras simples que ela ficou surpresa e mais confusa do que nunca. O que tinha acontecido? O que estava errado?

Ela lambeu os lábios secos e engoliu. Sua língua era grossa e como serragem na sua boca.

– Eu tive um sonho horroroso – ela sussurrou. – O que há de errado comigo, Jace? Onde eu estou?

Ele deu um beijo em sua testa e ela podia sentir o tremor dele contra sua pele. Quase como se ele estivesse tentando desesperadamente manter a compostura. Então, ele pegou a mão dela, apertando-a na sua. Foi então que ela percebeu que havia uma intravenosa em seu braço.

– Você ficou muito doente, baby. Eu quase perdi você. Graças a Deus você voltou para mim.

Talvez não tivesse sido um sonho. Oh, Deus, isso significava que ele pensou que ela tinha tentado se matar? Uma histeria lhe subiu a garganta e ela emitiu um som sufocado. Ela começou a tremer violentamente e Jace a envolveu em seus braços, segurando-a firmemente contra ele.

– Shhh, baby, vai ficar tudo bem agora.

– Eu não fiz isso, Jace – disse ela, com veemência. – Por favor, você tem que acreditar em mim. Eu não tomei nada! Eu não faria isso!

Ele correu a mão por seu cabelo, e a balançou para frente e para trás em seus braços.

– Eu sei que você não fez, baby. Eu *sei*.

Ela ficou imóvel e, em seguida, se afastou para que ela pudesse ver seu rosto.

– Você sabe?

– Claro. Você me disse que não, então eu soube que você não tinha feito.

Ela caiu, ficando mole contra o travesseiro. Um alívio, doce e inebriante, correu por suas veias. Ele acreditava nela.

– Você acredita em mim – ela sussurrou, o alívio a deixando tonta. Em seguida, ela franziu a testa, fisingando os lábios de maneira confusa. – Mas como, então? Eu não entendo.

– De quanto você se lembra? – Jace perguntou gentilmente.

Ela franziu a testa e tentou se concentrar, mas sua cabeça doía muito.

– Eu não sei. Fui para a casa do Jack. Kaden me ligou. Disse que ele estava de volta. Eu fui, mas tenho a certeza de que Kaden estava comigo – apressou-se em dizer.

A mão de Jace se apertou ao redor dela.

– Eu sei, querida. Você fez muito bem. Você fez tudo certo.

– Eu estava tão furiosa com o Jack. Eu estava gritando com ele. Perguntando por que ele estava tão determinado a foder com as coisas. Ele disse que queria se despedir e quando eu perguntei para onde ele estava indo, ele apenas disse: “embora”.

Uma carranca escureceu o rosto de Jace.

– Ele me fez chocolate quente. Isso é tudo que eu me lembro – disse ela baixinho.

– Está tudo bem, baby. Você vai ficar bem. Isso é tudo que importa.

Ela olhou para ele, enrolando a dor em seu peito. Lágrimas obstruíam a sua garganta e ela mal podia respirar.

– Jack – ela sussurrou. – Ele fez isso, não fez?

Lágrimas deslizaram por suas bochechas e um soluço brotou em sua garganta.

Jace parecia atormentado, seus olhos torturados enquanto ele olhava para ela.

– Temo que sim, querida. Sinto muito.

Ela fechou os olhos.

– *Por quê?*

Jace respirou fundo e acariciou sua bochecha, enxugando as lágrimas.

– Ele não queria te machucar, querida. Ele é um idiota, mas ele não queria te machucar. – Ele hesitou por um longo momento, seu rosto como uma máscara de arrependimento. – Ele queria se matar.

– O quê?

A dor explodiu em seu peito. Não. Ele não faria isso. Mas, então, as memórias passaram

através de sua mente. Jack tão calmo e resignado. Dizendo para ela que ele estava indo embora e quando ela perguntou aonde estava indo ele simplesmente disse “embora”.

– Por que ele faria uma coisa dessas?

Jace balançou sua cabeça.

– Eu não tenho uma resposta para isso, baby. Desculpe. Eu não sei no que ele estava pensando. Eu mesmo queria estrangulá-lo por isso. Eu quis matá-lo pelo que ele fez com você. Você quase morreu. Você *morreu*. Graças a Deus eles conseguiram te trazer de volta. Eu *nunca* vou perdoá-lo por isso.

Ela ficou em silêncio, tristeza sobrecarregando-a. Desta vez, Jack tinha ido longe demais. Ele tinha feito algo que ele nunca poderia consertar. Jace nunca iria perdoá-lo e ela não tinha certeza se poderia também. Ele cruzou uma linha da qual nunca mais poderia voltar.

– Onde ele está agora? – ela perguntou em voz baixa.

– Ele está aqui. Na sala de espera. Kaden está de olho nele.

– Não deixe que ele faça isso – ela sussurrou. – Não deixe que ele tente novamente.

Jace deslizou sobre a cama ao lado dela, seu quadril descansando contra seu lado.

– Agora eu estou mais focado em você e na sua melhora. Como você se sente? Tem algo que eu possa fazer por você?

– Só grogue – ela respondeu. – Tonta. Como se a minha cabeça estivesse balançando. Com uma certa dificuldade de me concentrar.

– Isso já era de se esperar – disse ele suavemente. – Você pode me perdoar, Bethany? Você está disposta a me dar uma chance para acertar as coisas entre nós?

Ela olhou para cima, surpresa.

– O que você quer dizer?

Ele fechou os olhos e, quando os abriu, houve um enxame de emoções. Alívio. Tristeza. Preocupação. Medo.

– Você tem alguma ideia de como me mata que você tenha que me perguntar isso? Ou o alívio que sinto ao mesmo tempo? Você age como se eu não tivesse feito nada de errado. Como se eu não tivesse te ferido tão profundamente que você chorou até dormir enquanto eu estava ao seu lado, sem poder fazer nada sobre isso.

Ele respirou fundo e ela podia ver como ele estava realmente abalado. Ele parecia abatido, completamente desgastado. Como se ele não tivesse dormido por dias.

– Baby, você não tem ideia do quanto você me assustou. Eu pensei que tinha te perdido. Eu nunca vou ser mais grato do que eu sou a essa equipe de médicos e enfermeiros que se recusaram a deixá-la ir embora e te trouxeram de volta para mim.

Para seu espanto, uma lágrima escorreu pelo rosto dele e ele rapidamente a limpou enquanto respirou profundamente pelo nariz.

– Quanto tempo eu fiquei desacordada? – ela sussurrou.

Ele sorriu, trêmulo, o alívio ainda latente naqueles olhos escuros.

– Mais de 24 horas, meu bem. Eles te trouxeram ontem de manhã.

Sua boca se abriu.

– Tudo isso?

– Tudo isso – ele sussurrou. – As 24 horas mais longas da minha vida.

– Me desculpe – disse ela com a voz rouca, ainda atordoada que ela tenha ficado

inconsciente por tanto tempo.

– Desculpa? – Ele parou em uma risada falsa. – Baby, você não tem nada que se desculpar.

– Eu sinto muito que você tenha ficado tão preocupado – disse ela, ansiosa.

– Valeu a pena, porque eu tenho você de volta. Nunca me deixe, Bethany. Fique comigo. Seja minha. Me ame.

– Eu te amo, Jace. Sinto muito...

Ele levantou os dedos até a boca dela, silenciando-a suavemente com o seu toque.

– Não se desculpe por outra coisa. Você vai ficar aí e ouvir o *meu* pedido de desculpas.

Ele se virou, posicionando-se na cama estreita para que ele pudesse se deitar ao lado dela. Estava bem apertado, os dois mal cabiam, mas ele fez dar certo, deslizando os braços em torno dela e ancorando-a firmemente ao seu corpo. Ele colocou um braço debaixo de sua cabeça, de modo que ficou apoiada contra seu ombro. Então ele soltou um longo suspiro, o corpo relaxando. Por um momento, ele ficou em silêncio, mas ainda tremia contra ela. Ele a tocou, sua mão deslizando para cima e para baixo de seu corpo, parando sobre o coração, os dedos espalmados amplamente como se estivesse assegurando o seu batimento cardíaco.

Em seguida, ele deslizou os dedos mais para o alto, até o pescoço, sentindo o baque de seu pulso.

– Nunca senti uma coisa mais doce, baby – ele sussurrou. – Seu coração batendo. Você respirando. Eu nunca mais vou tomar isso como garantido. Vou acordar todos os dias sabendo que vai ser o melhor, porque você ainda está aqui, na minha vida, me amando, acordando ao meu lado.

Lágrimas se juntaram nos olhos dela e escorreram pelo rosto. Seu peito subia com um soluço quieto e ela virou o rosto para o seu pescoço, suas expirações reverberando sobre a pele dele.

– Sinto muito, querida. Sinto para cacete por aquela noite. Eu não tinha o direito de dizer aquelas coisas. Você não merecia isso. Ash não merecia isso. Eu ataquei vocês quando vocês são as últimas pessoas na Terra que eu queria magoar.

– Está tudo bem – disse ela, suas palavras abafadas contra o seu pescoço.

– Não, não está tudo bem, baby. Não está. Mas posso lhe garantir que nunca vai acontecer de novo. Não isso. Eu tenho certeza de que vou dizer merda que vai te machucar. Eu não vou nem jurar que isso nunca vai acontecer. Mas eu nunca vou fazer você se sentir como você se sentiu naquela noite novamente. Você nunca vai passar mais um dia sem a minha confiança. Eu confio em você, com toda a certeza.

– Eu sei – disse ela em voz baixa. – Eu sei, Jace.

Ele ficou imóvel.

– Como você poderia saber disso? Eu certamente não lhe dei nenhuma prova.

– Você acreditou em mim quando eu disse que não tomei essas pílulas.

Seu aperto se intensificou em torno dela.

– Não, querida. No começo eu acreditei, porque foi o que me disseram. Mas você me disse antes. Quando você estava tão fora de si. A única vez que você recuperou brevemente a consciência. Você me disse e eu sabia que você não tinha tomado.

Uma onda nova de lágrimas brotou de seus olhos e derramou sobre seu pescoço.

– Obrigada por isso. Você não sabe o que isso significa para mim.

– Eu sei – disse ele calmamente. – E eu sinto muito que eu tenha levado tanto tempo para lhe dar isso. Eu nunca vou usar isso contra você novamente.

Ele se virou para que pudesse dar um beijo em sua testa e deixou seus lábios ali, quentes e doces contra sua pele. Ela fechou os olhos e saboreou o acerto de estar em seus braços. Ela estava viva. Ele estava aqui. Ela não poderia pedir mais nada.

– Você pode me perdoar? – ele perguntou de novo.

– Oh, Jace, eu já te perdooi. Na manhã em que você saiu para o trabalho. Eu sei que a confiança leva tempo. Somos tão novos. Nós nos apaixonamos um pelo outro tão forte e rapidamente, e as coisas foram tão intensas. E a confiança leva tempo para se construir. Nós nos conhecemos há tão pouco tempo e ainda estamos aprendendo um sobre o outro.

– Você é tão doce e tolerante – disse ele em uma voz dolorida. – Eu não te mereço, mas eu te quero mais do que eu quero respirar. E eu nunca vou deixar você ir, baby.

– Então, não deixe – ela sussurrou em seu pescoço. – Não me deixe ir, Jace. Eu fico perdida sem você.

– Você nunca vai estar perdida, meu amor. Nunca mais. Eu sempre vou te encontrar. Não importa aonde você for, eu sempre estarei lá para trazê-la para casa.

– Estou com fome – ela murmurou. – Será que vão me deixar comer alguma coisa? Quando vou poder ir para casa? Tem alguma coisa... errada... comigo? Será que vou ficar bem depois disso?

Ela não conseguia tirar a ansiedade de sua voz.

– Não tenho certeza de quando você vai poder ir para casa. O médico disse que você vai ter uma recuperação completa. Eles farão testes para se certificarem de que não há qualquer dano hepático, mas ele não espera que exista quaisquer consequências permanentes. Quanto à comida, eu vou verificar com a enfermeira agora. Se eles disserem que você pode comer, eu vou pedir a refeição mais fantástica do mundo. Sem comida de hospital para você.

Ela sorriu, um alívio preenchendo o seu peito.

– Eu preciso avisar aos outros que você está acordada e bem – disse ele. – Mia, Gabe e Ash estão acampados na sala de espera todo o tempo que você esteve aqui. Eles ficaram muito preocupados com você.

– Jace?

Ele se sentou, sentindo a preocupação na voz dela. Ele olhou para ela, a angústia queimando intensamente em seus olhos.

– O que foi, querida?

– O que vai acontecer com o Jack?

A expressão de Jace ficou sombria.

– Disso eu não tenho certeza. Isso precisou ser denunciado à polícia. Primeiramente, foi relatado como uma tentativa de suicídio.

Ela empalideceu com isso, mortificada pela ideia de que qualquer pessoa viesse a pensar que ela fez isso a si mesma. O constrangimento tomou conta dela, pesado e sufocante. Ela tinha ido além de seu passado. E agora ela estava de volta para o ponto de onde tinha saído.

– Não fique assim, baby – Jace disse com uma voz suave. – Eu falei com o policial que

investigou. Ele sabe sobre Jack e seu envolvimento. Ele também sabe que não foi intencional. Não sei o que isso vai significar para ele, mas é sério. Ele terá que enfrentar as consequências do que fez.

Uma tristeza penetrou o coração dela, aumentando até que se tornar uma dor lancinante.

– Eu vou ver o que pode ser feito, baby. Deixe que eu me preocupo com Jack, ok? Tudo o que eu quero que você faça é se concentrar em sentir-se melhor para que você possa voltar para casa comigo. Você confia em mim para cuidar disso?

Ela balançou a cabeça lentamente. Ela sabia que isso estava fora de seu alcance agora. Já não podia proteger o Jack. Ele tinha ido longe demais desta vez e ela estava impotente para protegê-lo das consequências. Mas ainda a entristecia que ele tenha optado por acabar com sua vida, em vez de abraçar as coisas que Jace tinha feito para ele. A vida era doce. Mesmo quando era ruim, havia sempre a esperança de melhorar. O futuro. E Jack poderia ter feito um futuro melhor para si mesmo. Essa era a sua escolha e Bethany não poderia fazer essa escolha por ele.

Ela não podia viver sua vida para Jack. Ela tinha sua própria vida para viver. Com Jace. Ela queria um futuro melhor.

Era hora de deixar Jack fazer o seu próprio caminho.

– Eu sei que isso te machuca, baby – Jace disse com uma voz suave. – E eu sinto muito. Vou fazer o meu melhor pelo Jack, mas você tem que saber que eu estou irritado para cacete com ele. Ele poderia tê-la matado. Ele poderia ter levado você de mim. Ele quase o fez.

– Eu sei – disse ela em voz baixa.

Ele se inclinou para beijá-la e, em seguida, saiu de novo da cama.

– Você vai ficar bem por alguns minutos, enquanto eu vou dizer aos outros que você está acordada e tentar arranjar um pouco de comida para você?

– Sim, eu vou ficar bem.

Ele caminhou até a porta e, em seguida, parou e a olhou por um longo momento, como se memorizando cada característica dela. Seus olhos tinham um brilho caloroso de amor e alívio. Tanto amor que ela não poderia confundi-lo com qualquer outra coisa.

Ela sorriu, depositando tanto amor quanto pôde em seu olhar. Ele percebeu. Reconheceu esse amor. Então, sorriu de volta antes de virar e sair pela porta.

capítulo 42

Jace entrou na sala de espera, a tempo de ver um oficial de polícia algemar as mãos de Jack em suas costas. Ele se aproximou, esquecendo-se por um momento que ele estava ali para informar Mia, Gabe e Ash que Bethany estava acordada.

– Posso falar com ele apenas por momento? – Jace perguntou ao policial.

O policial hesitou e depois disse:

– Dois minutos. Eu tenho que levá-lo sob custódia.

Jace balançou a cabeça e o policial deu um passo para trás, mas manteve-se bem próximo, olhos em Jack.

– Queria que você soubesse que a Bethany está acordada e está bem – Jace disse, em voz baixa. – Ela também sabe sobre o que aconteceu e como.

O rosto de Jack ficou triste e o arrependimento assombrou os seus olhos. Então, ele olhou diretamente nos olhos de Jace.

– Cuide dela para mim.

– Eu vou – Jace disse brevemente.

– E diga a ela que eu sinto muito – acrescentou ele em voz baixa. – Diga a ela que eu a amo. Eu sempre vou amá-la.

– Se você a ama, você vai aproveitar esta oportunidade para endireitar a sua vida – disse Jace. – Se você levar isso adiante, eu contratarei um advogado para você. Tentarei arranjar um acordo onde você vá para a reabilitação e obtenha liberdade condicional ao invés de uma pena de prisão. Não posso garantir nada. Eu não quero você em qualquer lugar perto da Bethany. Ela se machucou bastante. Se as coisas derem certo, eu não irei me opor a você manter contato com ela.

Jack olhou para Jace por um longo momento.

– Você faria isso por mim?

– Eu estou fazendo isso pela Bethany – Jace disse rigidamente. – Só por ela.

Jack acenou com a cabeça.

– Obrigado, então. Eu vou fazer isso. É hora de fazer alguma coisa... diferente. Melhor. Eu quase matei a pessoa mais importante para mim. Não posso nem dizer o que isso faz a um homem. Eu não vou tocar nessa merda de novo. Nunca mais.

– Eu espero que você esteja dizendo a verdade. Eu espero que você se endireite e fique limpo.

– O tempo acabou – o oficial disse, avançando para levar Jack para fora.

– Eu vou arrumar um advogado para ir vê-lo – disse Jace.

La contra todos os seus instintos não deixar que Jack apodrecesse na cadeia. Jack provavelmente terminaria preso, de todo modo. Mas ele estava fazendo isso pela Bethany,

pois seria ela quem ficaria magoada sabendo que Jack tinha ido para a cadeia por suas ações insensatas. E ele faria qualquer coisa para poupá-la de mais dor. Mesmo que isso significasse ajudar o homem que quase acabou com a sua vida.

Era confuso e estranho em todos os sentidos. Seu interior gritava por vingança. Fazer com que Jack sofresse pelo que ele tinha feito. Mas Bethany sofreria ainda mais e Jace não suportaria isso.

– Você é um bom homem – disse Jack. – Você vai ser bom para a minha Bethy. Eu quero que ela seja feliz.

– Ela é minha – Jace o corrigiu.

– Mas ela foi minha antes – disse Jack suavemente.

E, em seguida, o oficial levou-o para longe e Jace ficou olhando para ele enquanto era arrastado como um homem de muito mais idade do que seus vinte e poucos anos.

– Jace?

Ele se virou para ver Mia de pé a uma curta distância, ladeada por Gabe e Ash.

– Isso é verdade? Ela está acordada? Eu ouvi você falar com Jack.

Jace relaxou e depois sorriu para sua família.

– Sim, ela acordou um tempo atrás. Nós conversamos. Ela estava desorientada. Não fazia ideia do que tinha acontecido. – Seu sorriso desapareceu. – Tive que contar a ela sobre Jack.

Os olhos de Mia se encheram de simpatia.

– Como ela reagiu? – Gabe perguntou ríspidamente.

– Não muito bem. Ela está chateada – Jace disse com um suspiro. – Mas ela é forte e percebe que tem feito tudo o que poderia fazer por ele.

– Podemos vê-la? – perguntou Mia.

– Sim, menina. Mas, primeiro, eu preciso ver se eles vão deixar ela comer alguma coisa. Ela está com fome e eu lhe prometi uma boa refeição se eles deixassem. Nada dessa merda de hospital.

– Vou dar um pulo lá fora e arranjar alguma coisa para a gente – Ash ofereceu.

– Isso seria ótimo. Obrigado. Tenho certeza de que vocês estão todos morrendo de fome. Vocês ficaram aqui a noite toda. Todos vocês deviam ir para casa e descansar um pouco.

– Nós só vamos voltar para casa depois de termos visto a Bethany. Eu quero que ela saiba que tem pessoas aqui que a amam – disse Mia.

Jace a puxou para um abraço.

– Obrigado, garota.

Ela o apertou de volta, em seguida, o empurrou.

– Vá ver se eles vão deixá-la comer. Eu pelo menos estou morrendo de fome e adoraria participar dessa maravilhosa refeição que você prometeu a ela.

Bethany olhou para cima quando a porta se abriu e Gabe, Mia e Ash entraram, sorrisos aliviados em seus rostos quando a viram sentada na cama. Jace apertou sua mão e sorriu.

– Parece que o jantar chegou.

Ash andou para frente, várias embalagens para viagem e caixas em suas mãos. Ele os espalhou ao longo do final da cama e, em seguida, caminhou até o outro lado da cama e se

inclinou para lhe dar um beijo.

– Você nos deu um baita susto, querida.

Ela sorriu para ele e então ele a envolveu em um abraço feroz. Assim que Ash a soltou, Gabe a pressionou com um abraço feroz e, em seguida, Mia a agarrou, abraçando e balbuciando um fluxo ininterrupto que fez a cabeça de Bethany girar.

– Trouxemos o seu jantar. Bem, trouxemos para todos nós. Não tivemos muito o que comer durante a nossa vigília – disse Ash.

– Obrigada a todos vocês por estarem aqui – disse ela em voz baixa. – Significa muito ter pessoas que se importam. Eu nunca tive isso antes.

Jace estreitou o aperto em sua mão, dando-lhe uma espremida feroz. O olhar de Ash se suavizou, enquanto que Mia parecia que ia chorar. Gabe deu outro abraço e beijou o topo de sua cabeça.

– Você é da família – declarou Gabe. – Talvez esta não seja a família mais normal do mundo, mas você está presa à gente agora.

Ela sorriu.

– Não consigo pensar em uma família melhor para fazer parte.

Ash trouxe um recipiente de isopor cheio de comida com um cheiro maravilhoso. Ela espiou para ver que ele o tinha carregado com petiscos. Queijo frito, pasteizinhos de caranguejo, costelinhas com molho de churrasco, batata frita, macarrão asiático e um bolinho empanado. Era tão incrivelmente perfeito que ela só podia olhar enquanto seu estômago protestava contra o fato de que ela não tinha começado ainda.

Quando ele apareceu com uma garrafa de suco de laranja, no entanto, ela não conseguiu mais segurar e explodiu em lágrimas.

Ash olhou sem saber o que fazer. Mia e Gabe trocaram olhares apavorados e Jace se inclinou, a preocupação faiscando em seus olhos.

– Baby, qual é o problema? Não era isso que você queria? Eu vou te dar o que você quiser comer.

– É perfeito – ela disse com uma fungada. – É tudo o que eu mais gosto e ele ainda se lembrou do suco de laranja.

Ash abriu um sorriso e Jace se recostou, com um grande alívio tomando o seu olhar. Então Mia e Gabe caíram na gargalhada e Ash se juntou a eles. Logo Jace estava rindo e Bethany sorriu, limpando as lágrimas de suas bochechas.

– Deus, eu sou uma idiota – disse ela. – Eu tenho a melhor comida do mundo e começo a chorar como uma idiota.

– Eu estou com você – disse Mia, sentando-se com seu próprio prato de gostosuras. – Melhor comida do mundo!

Ash se sentou na extremidade da cama, sua coxa encostada nos pés dela.

– Você descobriu quando ela pode ir para casa?

Jace suspirou.

– Em um caso como este – bem, devo dizer que, quando a tentativa de suicídio realmente acontece, eles colocam o paciente sob avaliação psiquiátrica, mandam um terapeuta vir, esperam ele para assinar *etc. etc.* Mas, neste caso, dadas as circunstâncias, se todos os seus testes estiverem ok, ela pode ir para casa amanhã cedo. A polícia já tomou o depoimento de

Kaden, e os policiais provavelmente virão ver Bethany esta tarde, mas ela não se lembra de muita coisa, de modo que ela só pode fornecer informações sobre os eventos que ocorreram pouco antes de ela desmaiar.

Bethany suspirou, mastigando um pedaço de queijo quando a tristeza se instalou em seu peito. Jace apertou o seu joelho e continuou a falar com os outros sobre tudo o que o médico tinha dito.

– Ele está na prisão agora? – ela disse quando Jace terminou.

Jace lhe deu um olhar de carinho.

– Sim, meu bem. Levaram-no logo depois que eu deixei seu quarto para tentar arranjar algo para comer. Ele concordou em ir para a reabilitação. Ofereci um advogado a ele caso tope ir para a reabilitação e ande na linha. Se o advogado conseguir resolver isso com a promotoria, ele vai ficar em liberdade condicional sob a condição de que ele entre na reabilitação.

– Obrigada – disse ela. – Você não precisava fazer isso. Eu sei que você está com raiva e você tem todo o direito de estar. Mas obrigada por fazer isso por ele.

– Eu fiz isso por você, baby.

– Eu sei – ela sussurrou. – E eu te amo por isso.

Seus olhos ficaram suaves, como um chocolate derretido.

– Eu também te amo, baby.

Ela reprimiu um bocejo e enfiou um pastelzinho de caranguejo na boca, se deliciando com o sabor gostoso. Ela seguiu com uma garfada de macarrão e depois ficou com molho de churrasco nos dedos ao devorar uma costelinha. Quando ela tinha feito um estrago considerável na comida que Ash trouxera, os bocejos foram chegando mais rápido do que ela podia comer.

– Nós vamos embora agora – disse Gabe. – Bethany está cansada e estamos todos exaustos também. Vamos para casa dormir um pouco.

– Obrigada por estarem aqui – disse Bethany novamente. – Isso significa muito para mim. Obrigada pelo carinho.

Gabe sorriu e bagunçou seu cabelo antes de inclinar-se para beijar sua bochecha. Mia deu-lhe um grande abraço e, em seguida, Ash beijou sua testa e deu-lhe um grande abraço também.

– Vejo você mais tarde, querida. Descanse para que você possa ir para casa amanhã.

– Isso eu posso fazer – disse ela com um sorriso.

Todos eles saíram do quarto e Bethany caiu de volta na cama, seu recipiente de comida ainda descansando no seu colo. Jace o tirou de lá, colocando-o de lado, e então ele começou a baixar sua cama até ficar totalmente reclinada.

– Hora de você descansar um pouco, baby.

– Você vai ficar? – ela perguntou, preocupada que ele iria embora e ela ficaria sozinha.

Ele franziu a testa.

– Eu não vou a lugar nenhum. Eu vou me enfiar nesta cama com você e você vai dormir nos meus braços.

Ela suspirou contente.

– Que bom. Eu realmente não queria ficar sozinha hoje à noite. Hospitais me dão arrepios.

– Você nunca vai ficar sozinha novamente – disse ele ternamente, com os olhos cheios de

amor e promessa.

Ele subiu na cama com ela, totalmente vestido, e se posicionou ao seu lado, puxando-a imediatamente contra seu corpo, assim como tinha feito antes. Ele beijou sua fronte e depois descansou sua bochecha contra sua testa.

– Eu te amo – ela sussurrou.

– Eu também te amo, baby. Quase te perdi. Isso nunca acontecerá de novo.

Ela sorriu e se aconchegou ainda mais em seus braços, sentindo a segurança e o conforto de seu corpo forte. Ela estava exatamente onde ela pertencia.

capítulo 43

– Jace, onde diabos você está me levando?

Ele riu e levou Bethany pelo braço enquanto caminhavam mais adiante para o desconhecido.

– Você vai descobrir em breve. A venda está bem firme nos olhos, né? Eu não quero estragar a surpresa.

– Sim, está – ela disse, empolgada. – Eu não enxergo nada! E vou acabar me matando com esses sapatos!

– Isso não vai acontecer, baby. Eu não vou deixar você cair. Além disso, você fica sexy nesses saltos. Mais tarde, eu vou te comer enquanto você usa esses sapatos e apenas eles.

Uma onda de calor percorreu-a da cabeça aos pés. Seus mamilos se endureceram e seu clitóris vibrou com antecipação. Jace tinha lhe comprado os mais incríveis pares de sapatos de todos os tempos. Cheios de brilho e com um salto tão alto que ela não tinha nem certeza se conseguiria andar neles. Mas ela soube imediatamente que se tratavam de sapatos com os quais ela seria fodida mais tarde, o que significava que estava andando com eles, nada mais importava.

– Gosta dessa ideia, não é? – Jace murmurou.

– Tão injusto – ela reclamou. – Você está me torturando!

Ele riu de novo e então parou. Ela tentou entreouvir qualquer indício da localização deles, mas só havia silêncio. Ele tinha vendado os olhos dela antes de deixarem o apartamento, levou-a até o carro, que os esperava, colocou-a pra dentro e a fez usar a venda durante todo o caminho para onde quer que a estivesse levando.

As últimas semanas haviam sido dignas de suspiros de tranquilidade. Desde que ela tinha sido liberada do hospital, ele a tratava como a coisa mais preciosa do mundo. Tinha tirado uma semana inteira de folga do trabalho, deixando Gabe e Ash resolvendo o acordo de Paris, que, felizmente, conseguiram salvar graças a um investidor que Gabe localizara. E ele passou cada minuto de cada dia a enchendo de regalias. Alimentando-a. Fazendo amor com ela. Mimando-a completamente. Ela não estava reclamando nem um pouco. As últimas semanas haviam sido um pedaço do céu.

A única coisa que pesou durante aquele tempo fora Jack. Mas mesmo isso teve pontos positivos. Fiel à sua palavra, Jace garantiu um advogado para Jack e ele conseguiu um acordo judicial com a promotoria. Um programa de reabilitação de noventa dias e, em seguida, liberdade condicional. Jace tinha garantido um trabalho para Jack quando ele saísse, e seria responsabilidade de Jack mudar a sua vida.

Bethany não tinha ideia se Jack seguiria firme até o fim, mas ele era o único que poderia mudar sua vida. Ninguém mais faria isso por ele.

– Pronta para ver sua surpresa? – perguntou Jace.

– Sim!

Ele estendeu a mão para remover a venda dos olhos e no minuto em que a venda caiu, ela foi recebida pela visão de Mia, Chessy, Trish, Gina, Caroline, Brandon, Gabe e Ash, todos de pé em torno de uma mesa que continha um gigantesco bolo de quatro andares.

– Surpresa! – todos eles gritaram. – Feliz aniversário, Bethany!

Sua boca se escancarou e ela olhou para eles em choque absoluto. Então, se virou para Jace enquanto todos eles começaram a cantar uma versão fora do tom de “Feliz Aniversário”.

– Como você sabia? – ela sussurrou. – Eu nem me lembrava que era meu aniversário.

– Eu tenho os meus truques – ele respondeu presunçosamente. – Não poderia deixar seu aniversário passar despercebido, baby.

Então, ele inclinou-se e puxou-a para um beijo escaldante, de apertar os dedos. Completo, com língua, buzinadas e gritos dos outros.

Quando ele finalmente a soltou, ela estava atordoada e com um sorriso estúpido. Ela se virou para os outros com aquele sorriso pateta, a alegria preenchendo cada parte do seu coração.

– Vocês, hein! Eu não posso acreditar nisso! – ela exclamou.

– Feliz aniversário, querida – disse Ash, avançando para abraçá-la.

Um por um, todos os outros vieram lhe desejar feliz aniversário, abraçando-a e beijando-a até que ela estava brilhando de felicidade.

Jace pegou a mão dela e puxou-a para a mesa.

– Há algo mais para celebrarmos nesta festa, mas primeiro você tem que abrir o meu presente para que possamos chegar a essa parte – Jace disse, com um sorriso enorme.

Havia um brilho malicioso em seus olhos e ele parecia animado e... feliz. Então ele entregou-lhe um presente embrulhado num quadrado com uma fita linda e arranjo em arco.

– Abra-o! – Chessy gritou. – Oh, meu Deus, eu mal posso esperar para ver o que você ganhou!

Os outros contribuíram com encorajamento, e Bethany rasgou a bela embalagem, mais animada do que uma criança no Natal. Quando ela abriu a caixa e encontrou uma pequena caixa de joalheiro dentro, seu coração começou a bater. Com dedos trêmulos, ela abriu a caixa menor e então engasgou quando viu o anel de brilhante lá dentro.

Quando ela olhou para o lado para ver Jace, ele estava apoiado em um joelho, a mão dele já alcançando a dela. Ele pegou a caixa, retirando o anel.

– Eu te amo, Bethany. Mais do que eu jamais poderia ter imaginado amar uma mulher. Você é a minha alma e coração e eu quero passar o resto da minha vida com você. Quer se casar comigo?

Ela olhou boquiaberta para ele, com o coração prestes a bater para fora de seu peito. As lágrimas lhe encheram os olhos, lágrimas de felicidade neste momento, que por tanto tempo costumaram sinalizar tristeza. Ela queria que esse momento durasse para sempre. Estaria pra sempre marcado a fogo em sua memória.

– Oh, Jace – ela respirava. – Eu também te amo. Tanto. E, sim, eu vou me casar com você. Absolutamente!

A sala irrompeu em aplausos enquanto ele deslizava o anel em seu dedo. As mãos dele

tremiam. A mão dela tremia. Foi um feito e tanto conseguir colocar o anel sem deixá-lo cair. Então ele se levantou e puxou-a para ele, envolvendo os braços em volta dela. Ele a ergueu e a rodopiou diversas vezes ao seu redor até que finalmente parou e permitiu que ela deslizesse para baixo por seu corpo até os seus lábios se encontrarem em um ímpeto caloroso.

– Eu te amo tanto – ele sussurrou. – Eu sempre vou te amar, Bethany.

– Eu também te amo – ela sussurrou de volta. Então ela colocou os braços firmemente em torno de seu pescoço e o apertou com toda força que tinha.

Ele riu e a rodopiou em torno dele novamente.

– Vamos cortar o bolo! – alguém gritou.

Lá, cercada por amigos e pela sua família recém-encontrada, Bethany comemorou seu vigésimo quarto aniversário. O melhor aniversário que já teve.

Assim que o bolo foi cortado e devorado, o bar no salão de baile do Hotel Bentley foi aberto e uma banda contratada começou a tocar.

Após duas horas de festividades, Bethany estava alta de *amaretto sour* e sorria tanto que suas bochechas doíam. Ela dançou com todos. Gabe, Ash, Mia, Chessy, Brandon, Gina, Trish e Caroline. Até mesmo Kaden e Trevor vieram para lhe desejar um feliz aniversário e para reivindicar suas danças também.

Mas então Jace reivindicou sua dança e varreu-a em seus braços, enquanto a música tornava-se mais lenta e sensual.

Eles balançavam no meio da pista, sem se importar com os outros ao redor deles enquanto olhavam nos olhos um do outro.

– Posso pedir mais um presente de aniversário? – ela perguntou hesitante.

Jace olhou curiosamente para ela.

– Baby, você pode pedir o que quiser. Se estiver ao meu alcance, considere seu.

Ela abaixou a cabeça timidamente, mas ele ergueu seu queixo de volta com a ponta dos dedos.

– Baby, o que é? – ele perguntou em voz baixa.

Ela respirou fundo e falou de uma vez.

– Eu quero ir para a escola. Faculdade. Conseguir um diploma. Eu sempre quis isso, mas nunca pude sonhar em bancar isso. Eu quero fazer alguma coisa da minha vida. Eu sei que você sempre vai tomar conta de mim, sempre vai me proteger e me dar o que meu coração desejar. Mas eu quero fazer mais do que apenas ficar em casa e ser a Sra. Jace Crestwell. Eu quero fazer alguma coisa. Eu quero fazer alguma diferença.

Os olhos de Jace se enterneceram e ele deu-lhe um olhar tão cheio de amor que ela derreteu instantaneamente.

– Eu acho que é uma ideia absolutamente maravilhosa – ele sussurrou. – Você pode ser o que você quiser, baby. Apenas me prometa que será sempre minha, não importa o que mais você se torne.

– Sempre – ela sussurrou.

Suas bocas se encontraram e ele a beijou com tanta ternura que lágrimas de felicidade brilharam em seus cílios mais uma vez.

Contos de fadas *existiam* para meninas como ela. E ela encontrou o seu próprio Príncipe Encantado. Ela baixou os olhos para ver os *stiletto*s sensuais e brilhantes nos pés enquanto

Jace a girava pela pista de dança. Ela tinha até os sapatos para provar isso.

=====

Conteúdo disponibilizado gratuitamente por Le Livros

=====